

- CONSCIÊNCIA -



EILEEN GARRETT

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

CONSCIÊNCIA

EILEEN GARRETT

ÍNDICE

Prefácio
Capítulo I. Consciência
Capítulo II. Sono e sonhos
Capítulo III. Hipnose e sugestão
Capítulo IV. Dissociação e consciência
Capítulo V. A respiração e a cor
Capítulo VI. Cura
Capítulo VII. Morte e sobrevivência
Capítulo VIII. Simbolismo
Capítulo IX. Percepção e comunicação
Capítulo X. O caminho para dentro
Capítulo XI. Transe e os controladores
Conclusão

PREFÁCIO

Decidi publicar este livro este ano porque a pressão dos acontecimentos mundiais e a tensão dos tempos criaram uma sensibilidade extraordinária na consciência de milhões de homens e mulheres, e porque essa sensibilidade se vem expressando cada vez mais em várias formas de indagação. Essas indagações dizem respeito à natureza e à qualidade das forças subtis que operam no mundo e afetam os destinos de indivíduos e nações; dizem respeito às causas e aos significados de episódios «psíquicos» que estão a ser vividos tanto nas concentrações impessoais da batalha, por homens nas forças armadas, como pelas populações civis no seu longo e abnegado esperar pelo desenrolar dos acontecimentos.

Vivemos tempos de grande mudança, e muitas pessoas observam a sequência veloz de reajustamentos numa tentativa, por vezes apressada, de descobrir a origem, a natureza e o significado da

convulsão mundial. No entanto, nos longos e lentos processos da evolução, a única coisa que mudou de forma perceptível foi a civilização; o conflito atual é uma condição criada pelo homem; e a nossa compreensão do seu significado só será esclarecida através de uma consciência renovada e mais plena das nossas próprias potencialidades e dos efeitos que criamos ao usá-las ou ao não as usar. O clímax presente é uma tensão que foi gerada pela consciência humana. E enfrentamos a perspectiva de um novo mundo porque a humanidade se preparou para uma forma de viver mais ampla, para uma vida mais abundante. As sementes desta nova amplitude não estão plantadas em parte alguma do mundo fora de nós, mas profundamente na natureza e na consciência da humanidade.

Do meu ponto de vista pessoal, o livro tem um duplo propósito. Em primeiro lugar, é o resultado da reavaliação do campo da minha própria fé. Como muitas pessoas já sabem, esta fé não é simplesmente uma estrutura teórica ou filosófica, mas o efeito cumulativo, até à data, da minha experiência de vida. Tem sido por mim examinada de forma crítica e, como ficará claro nas páginas que se seguem, foi submetida a testes no campo científico. Mas a ciência, com todos os seus inegáveis esplendores de realização, está limitada, pelas restrições que a si própria impõe, ao campo do «depois do facto».

Lida com o «dado», mas exclui a fonte do dom. Contudo, é apenas nas capacidades psicológicas da humanidade que o significado efetivo dos acontecimentos pode ser concebido, aceite e vivido; e é desse mesmo âmbito que emergem as capacidades da ciência — a sua curiosidade, a sua persistência, o seu juízo e a sua inspiração. A humanidade é, em si mesma, o laboratório e o terreno de prova de todos os possíveis acontecimentos no universo; e estamos agora a viver uma fase importante da nossa interminável experiência de testagem. Neste livro convido a sua atenção para lá do domínio do «dado», para as áreas onde ocorre o dar; e procurei indicar, sem dogmatismo, alguns aspetos da minha própria experiência na subtil prova perceptiva dessa esfera.

O segundo propósito do livro é fornecer uma resposta — alguma medida de segurança — à ampla sensibilidade a que me referi. Visa encorajar, sem pressão, e justificar, na medida do possível, o sentido

de realidade nas experiências intuitivas e supersensoriais destes tempos. A educação da maioria de nós tem sido dominada pela ênfase moderna sobre a substância, a «realidade» e os sentidos. Mas, profundamente na estrutura e na qualidade da natureza humana, residem capacidades supersensoriais, conhecidas desde há muito mas temporariamente negligenciadas, por meio das quais o ser humano é capaz de alcançar conhecimento do mundo imaterial, capaz de perceber acontecimentos que ocorrem no espaço-tempo muito para além do alcance que a ciência reclama para os sentidos.

Este campo imaterial da percepção humana é tão factual para a consciência e tão real para a vida como o campo da substância, e tocamos constantemente nas bordas da sua realidade nas nossas intuições, nos nossos devaneios e nas nossas inspirações criativas. Tudo isto constitui as franjas da percepção supersensorial, embora, na sua maioria, ocorra fora das áreas da nossa consciência. Não fomos adequadamente ensinados a agarrar esses filamentos gossamers do futuro que, amanhã, serão o presente; não obstante, a consciência humana está a tornar-se consciente de si própria e das suas afinidades por todo o universo. As visões, aparições, premonições e outras manifestações supersensoriais do ser, que homens e mulheres experimentam em tempos de tensão e exaltação impessoais, são factual e verdadeiras em consciência — ecos que nos chegam das férteis colinas do céu quando nós próprios estamos, de algum modo, universalizados, luzes refletidas de ondas no mar misterioso do todo da vida.

Estou profundamente impressionada por este momento presente na evolução. É um tempo de regresso do homem a si próprio, de reconcentração da atenção da humanidade sobre si mesma. De forma algo abrupta, vemo-nos a reconhecer que todas as angústias que têm atormentado a natureza humana no século corrente são de feitura do próprio homem. Num campo franco de possibilidades em que éramos livres de fazer o que quiséssemos, falhámos em cumprir o desejo do coração humano; e todos enfrentamos, inevitavelmente, o facto de que o que fizemos não é suficiente para satisfazer a natureza humana na sua presente fase de desenvolvimento.

A natureza humana torna-se, assim, a crítica de todas as formas correntes de civilização. E, vendo como, por todo o lado, a natureza continua a girar através dos seus ciclos estabelecidos sem sofrer as dores que nós suportamos, voltamo-nos uma vez mais para escutar a voz da nossa própria natureza — que, de entre todas as coisas criadas sobre esta Terra, é a única que conhece a diferença entre as agonias do conflito, da dor e da carência e a alegria do seu cumprimento normal.

Todos procuramos tais cumprimentos naturais, consciente e inconscientemente. E há incontáveis indícios que apontam que a raça humana se encontra agora no limiar de uma iluminação nova e universalista. Mas, para ser adequadamente eficaz na vida humana, esta luz fresca tem de ser livremente aceite pela consciência da humanidade. Temos de nos tornar dela cientes como verdadeira e real, ainda que brilhe em regiões que ficam para além do alcance dos sentidos. Deve ser percecionada e reconhecida como a única luz universal, e temos de saber, individual e coletivamente, que todas as suas aparentes diferenciações ocorrem apenas pela nossa incapacidade de a percecionar com clareza, ou pela nossa resistência voluntária à sua penetração.

Ao compreendermos — como é de esperar que inevitavelmente venhamos a compreender — que a escuridão que tão profundamente envolve a humanidade não é causada por qualquer falha da luz, mas é uma sombra projetada pelo próprio homem e que impede a irradiação vital, avançaremos para permitir que a luz dissipe essa sombra e alimente livremente os frutos da paz, da justiça e da liberdade por todo o mundo civilizado.

Foi sugerido que este livro assume um tom algo «religioso». Ao meu sentir, porém, essa sugestão exprime a própria essência da dificuldade destes tempos. Certamente, o livro não é «religioso» em nenhum sentido dogmático ou sectário. A energia primordial que opera em todo o universo é um poder único e unificado, e todas as nossas concentrações nas inúmeras formas diferentes em que a percecionamos são, de facto, tentativas de penetrar até à realização da sua unidade.

A religião não é um compartimento separado da vida humana, não é algo de misterioso e incognoscível e cortado das experiências «práticas» do nosso trabalho quotidiano e da experimentação científica. Um dos factos mais significativos da nossa era é que a psicologia ousou entrar no rol das ciências. Com este acontecimento, ciência e religião e arte e as atividades do dia a dia de todos nós convergem ao nível dos valores básicos. A psicologia tornar-se-á a lente através da qual as luzes difusas e multicolores da vida serão de novo fundidas, para a nossa percepção e compreensão, numa unidade primordial. Haverá sempre um campo religioso, pois é da natureza do homem aspirar, e as áreas do desconhecido são infinitas. Mas as áreas do desconhecido são também o campo da ciência, tal como são os pequenos domínios em que a nossa curiosidade individual encontra os seus problemas, e as nossas pequenas experiências encontram soluções e significado.

Toda a vida humana é a busca da consciência por se identificar consigo própria, através da compreensão. A consciência humana é sempre pioneira; religião e ciência são ambas fases da sua interminável busca — fases da aventura espiritual do homem entre todas as manifestações de vitalidade que ocorrem no universo.

Curiosidade, coragem, experiência, compreensão — estes são os degraus no desenvolvimento sempre ascendente das vidas individuais e da consciência humana como um todo. A ciência procura descobrir o estabelecido, o repetidamente demonstrável, e a religião procura servir e sustentar as leis e as verdades básicas do ser, mesmo aquelas que são incompreensíveis às nossas capacidades finitas. E, entre estas duas largas estradas da raça, o indivíduo segue um caminho do meio, cada um segundo a sua capacidade e o seu talento, procurando e encontrando a sua própria medida de verdade, recebendo e refletindo a luz da vida segundo a sua capacidade e a sua necessidade.

O meu destino, a minha vida, consistiram em grande parte em experienciar o ténue, o raro, o acontecimento único na consciência. De livre vontade, tenho pressionado a consciência para os limites da sua fase presente. Conforme a minha capacidade para tal, bati a portas da casa supersensorial da vida, e elas abriram-se-me responsivamente. A minha fé no «incognoscível» foi estabelecida pela minha experiência

no «desconhecido»; e registo esta fé e esta experiência como um ato de serviço a um mundo angustiado, para que aqueles que estão prontos — e são muitos — possam ser encorajados a aceitar no seu campo de consciência essas sementes de intuição e de percepção supersensorial que são agora tão comumente deixadas cair no solo árido da desatenção ou nos lugares pedregosos do racionalismo.

Sei muito bem, por conhecimento próprio e para mim própria, que para além das portas que se me abriram há incontáveis outras portas a que ainda não cheguei. Tenho uma fé profunda e duradoura no futuro da humanidade; mas a consciência humana só pode conhecer aquilo que percebe, e só compreendendo adequadamente o que já experienciámos poderemos progredir. Não há limites conhecidos para o campo da consciência humana; as suas capacidades transcendem tanto a fase da substância como o alcance dos sentidos; tem afinidades com o universal.

Sempre e para sempre, a consciência humana possui os seus próprios padrões e medidas de realidade, e dei a este livro o título Consciência porque a consciência (awareness) é a estranha e subtil ponte que conduz a mente da fé ao conhecimento, da insinuação à compreensão. Sobre esta ponte avançamos rumo a toda a criatividade individual, através de uma identificação cada vez mais plena das partes com o todo.

Para mim, o livro é um episódio em serviço, um dom para o futuro. É um símbolo da minha fé em mim própria, na humanidade como um todo e nas bases espirituais do universo. É uma declaração em favor da unidade indivisível da vida, de que trata; pois vi como o conhecimento dos campos imateriais do ser, percecionados de modo supersensorial e traduzidos para a consciência, foi desenvolvido em substância, forma e ação no mundo físico. Sei que, para além das áreas restritas dos nossos interesses comuns, somos todos potencialmente capazes de uma grandeza relativa; e, aprendendo, como aprendo, sobre a coragem, a fortaleza e a resistência de milhões de seres humanos por toda a parte, e sobre as realizações supraconscientes e heroicas dos homens nos seus momentos de atividade despersonalizada sob o esforço da batalha ou de qualquer desastre, sinto-me movida a oferecer as garantias destas poucas

páginas, para que os homens sejam encorajados a aceitar as suas intimações de imortalidade e os seus sonhos de uma vida mais abundante.

Estas atividades na consciência não são ilusões, mas prenúncios do futuro para o qual nos movemos tão rapidamente — que já estamos, de facto, a experienciar nas nossas sensibilidades mais subtis. No nosso próprio campo, e em virtude da nossa própria natureza, somos colaboradores ativos com o princípio criativo no universo; e, à medida que com ele nos identificamos, expandimos tanto a nossa natureza como o nosso campo de vida.

A minha própria vida assenta e opera nestes planos de fé e de prática. Embora composta de muitas partes, é unificada através da fé e da compreensão. Sei que a consciência individual, cultivada e desenvolvida para além do campo sensorial, aumenta a capacidade percetiva dos sentidos; que todas as fases do finito dependem do universal; que as fontes de inspiração existem para além da materialidade e do individualismo. Continuarei a bater às portas ainda ocultas do infinito à medida que as for conseguindo descobrir; e, o melhor que puder, continuarei — como no passado — a libertar a consciência nos campos supersensoriais e superpessoais da consciência, e a mover-me com imparcialidade nas relações detalhadas do trabalho prático e também do viver.

EILEEN J. GARRETT
Cidade de Nova Iorque
Setembro de 1948

CONSCIÊNCIA

Há uma filosofia que sustenta que a consciência, tal como a energia, é ubíqua, e que cada unidade individual de ser existente participa da consciência universal como participa da energia universal, segundo a sua natureza e constituição particulares.

A natureza e a consciência de uma coisa são inseparáveis, sendo as capacidades da sua consciência a medida da sua natureza. Assim, no esquema das coisas tal como são, as relações de qualquer unidade de vida dada são precisamente limitadas pela sua natureza, enquanto a sua natureza é revelada pela sua capacidade de relações — o campo possível de atividade da sua consciência.

Um bloco de granito, uma flor silvestre, um carvalho, uma abelha, um cão ou um homem têm cada um a sua natureza individual e a sua capacidade particular de relações com outras coisas no mundo, estando cada uma dessas outras coisas igualmente dotada de uma natureza particular, de uma medida de consciência e de capacidade para relações.

Quando passamos a considerar a natureza humana e a consciência humana, entramos num campo tão subtil, tão complexo e tão extenso que a psicologia moderna está apenas a começar a apreender alguns dos seus aspetos mais óbvios e dá por si completamente confusa perante certas atividades relacionais que são possíveis à consciência do homem. Entre essas atividades contam-se a telepatia, a clarividência, o transe e todos os fenómenos mediúnicos. Mas também não é compreendido pela psicologia o que acontece à consciência no sono normal de todos os homens e mulheres.

Ao empreender escrever sobre a consciência humana, portanto, entra-se num campo que é ao mesmo tempo confuso e misterioso. Contudo, se alguém possui capacidades que de facto operam nas áreas mais misteriosas desse campo, o registo do conhecimento direto adquirido nas atividades dessas capacidades pode ajudar a clarificar a confusão.

A minha própria convicção é que todo o campo em que a consciência humana opera pode ser dividido em três partes principais que correspondem àquelas três divisões do tempo a que chamamos

passado, presente e futuro. Mas esta divisão da consciência é arbitrária. É simplesmente um método conveniente de análise que adotamos para auxiliar a nossa ulterior compreensão do problema, relacionando-o com aquilo que já entendemos. Na realidade, o campo em que a consciência humana opera é um todo completo e indivisível, como o contínuo espaço-tempo que a ciência veio recentemente a reconhecer. Com efeito, o contínuo espaço-tempo é o próprio campo em que a consciência humana se move e percebe. Esse campo consiste em espaço infinito e indivisível desposado com tempo eterno e indivisível; e, nesse campo ilimitado e unificado — esse contínuo que é a quarta dimensão de tudo quanto sucede no universo — a consciência da humanidade é livre (pelo menos potencialmente) para operar, perceber e registrar as suas impressões. O contínuo espaço-tempo representa a nossa concepção de eternidade, e estamos a viver na eternidade agora.

Se a consciência é assim livre no espaço-tempo, por que razão não vagueamos todos à vontade por longínquos campos do tempo passado e futuro? Por que é que áreas tão vastas do espaço, perante as quais o entendimento humano hesita em assombro e confusão, continuam a permanecer misteriosas?

Responder a tais questões é dar mais passos na análise da consciência; e talvez uma forma interessante de o fazer seja recordar como o Professor Einstein aperfeiçoou a sua equação matemática do universo.

Quando a teoria da relatividade foi publicada e os cientistas começaram a estudá-la, alguns colocaram perguntas que as equações de Einstein não conseguiam responder de um modo completamente satisfatório. A ciência reconhecia um mundo em fluxo à nossa volta; as relatividades das relações entre as coisas, todas em movimento, constituíam um caos de movimento, e não havia base de estabilidade em parte alguma. Ao mesmo tempo, muitas leis fiáveis pareciam operar no universo, como a lei da gravidade e as leis dos ciclos rítmicos, e os cientistas estavam convictos de que algures devia existir uma força estabilizadora, ainda por descobrir, que de algum modo conferia sistema e organização ao fluxo.

Para resolver o problema, e por meio de um gesto matemático, o Dr. Einstein acabou por dar forma ao universo informe, declarando que, embora infinito na sua extensão, era ainda assim uma unidade, e que a sua unidade infinita era a força estabilizadora que dominava todo o fluxo finito. A influência do todo unitário e tudo-abrangente mantinha um equilíbrio perene entre todos os movimentos que ocorriam no seu interior. Chamou à circunferência estabilizadora do universo o «átomo macroscópico», e declarou que a sua natureza era o oposto direto dos átomos microscópicos, de que todas as coisas finitas e flutuantes do mundo são compostas.

Neste desempenho corajoso, o Dr. Einstein deu-nos uma chave nova para os segredos da consciência humana. A sua solução do problema desconcertante do fluxo finito foi alcançada por uma excursão criativa da própria consciência — uma excursão que abraçou o universo inteiro. A humanidade sempre estivera intuitivamente consciente de uma lei suprema controladora e pensara nela vagamente como Deidade ou Deus; mas a transformação de Einstein da ideia metafísica numa fórmula que a ciência podia entender e aceitar foi um ato único, livre e independente da mente humana. Nenhum cientista ou filósofo alcançara previamente uma completude dialética equivalente. A declaração do átomo macroscópico constituiu uma expansão definida e dramática da consciência humana rumo a uma unidade última.

Cada ser humano é uma parte finita deste todo conceptual. Mas a maioria de nós está bastante ocupada, consciente e ativamente, com as nossas relações imediatas mais do que com as remotas; e é simplesmente por causa do imediatismo dos nossos interesses habituais que o campo da nossa atividade-consciência fica limitado e cerceado. Pessoas e acontecimentos que nos são remotos no tempo e no espaço permanecem-nos também remotos no interesse, e habituamo-nos a campos limitados de atenção.

Podemos não recordar com frequência a imagem da Torre Eiffel, da Catedral de Reims ou do Taj Mahal, mas podemos fazê-lo à vontade. E, se por acaso se acende o nosso interesse pela Lua ou pelos anéis de Saturno, podemos projetar a nossa consciência rumo a essas relações mais distantes. Ou, ainda, se planeamos construir uma casa, é

possível criar todo o projeto, em detalhe, na mente, na intenção e no papel — não importa onde se situe o terreno da estrutura projetada — antes mesmo de ser retirada uma única pá de terra para os alicerces.

Estes e incontáveis outros factos (incluindo o facto de a mente humana poder e de facto alcançar conceitos tão abrangentes como o átomo macroscópico) provam que a consciência humana não está necessariamente agrilhoadada às áreas de tempo e acontecimento diversos que jazem dentro do campo limitado da nossa percepção sensorial e da nossa experiência consciente ordinária. Não vamos mais livremente ao estrangeiro no contínuo espaço-tempo simplesmente porque não desejamos com intensidade suficiente fazê-lo. Mas podemos fazê-lo se o escolhermos.

Todas as coisas finitas que, em conjunto, constituem o tremendo fluxo da vida no mundo tal como o conhecemos são entidades individualizadas. Cada uma tem a sua natureza particular e o seu quantum de consciência. O seu lugar preciso em relação ao todo fica fixado por estes factos inatos e não pode ser contrariado. Mas em parte alguma dos três reinos da natureza abaixo do reino humano existe qualquer tipo de capacidade que seja comparável à consciência do homem.

O reino mineral é inorgânico na sua estrutura, e a sua consciência é limitada na extensão e puramente automática na espécie. Reage de modo limitado a certos efeitos vindos de fora, mas não possui volições. O reino vegetal também existe e se desenvolve automaticamente, na sua maior parte; mas possui certas diferenciações estruturais que podem ser consideradas «orgânicas», e exhibe certas respostas às condições envolventes que indicam sensibilidades que o reino mineral não possui. Mas também é não-volitivo; suporta o que quer que lhe suceda sem protesto ou meios de fuga.

No reino animal existem grandes variedades de desenvolvimento físico em diferentes direcções — patas, asas e barbatanas — com capacidades de mobilidade em numerosas condições de tempo e espaço. Estas capacidades de mobilidade assinalam uma libertação tremenda do campo restrito do automatismo, uma expansão tremenda do potencial de consciência, pois envolvem vastas possibilidades de

experiência variada pelo simples facto de mudar o ambiente. Muitos tipos animais possuem uma estrutura orgânica complexa, e o animal também sente de um modo que os reinos mineral e vegetal não sentem. Pode dizer-se, em termos amplos, que toda a existência do reino animal está intimamente vinculada às suas capacidades de sentir, «sentir» que se baseia completamente na autorreferência individual. No reino animal, o instinto de sobrevivência é verdadeiramente a primeira lei da vida. O instinto, que é a operação desse sentir sempre autodeclarado, é a lei e regra normal do reino animal no seu estado natural.

Disse-se que o instinto de sobrevivência é também a lei primária da vida humana. No entanto, a história, e especialmente a história destes anos dilacerados pela guerra, revela não apenas que «o direito é mais precioso do que a paz», mas que é mais precioso do que a própria vida.

Em todo o mundo, enquanto estas palavras são escritas, milhões de homens e mulheres arriscam e dão a vida por causas coletivas que lhes são mais ou menos impessoais, mas que reconhecem como maiores do que eles próprios. Depois desta demonstração de heroísmo abnegado numa escala mundial sem precedentes, nunca mais precisamos de nos deixar enganar pela ilusão de que o instinto de sobrevivência individual é a primeira lei da vida humana. Essa distinção pertence ao reino animal. A consciência e a natureza da humanidade não se concentram a um nível tão baixo nem numa escala tão pequena.

Aliada a essa velha falácia do instinto de sobrevivência, há outra ilusão que precisa de ser eliminada da nossa aceitação comum. É a ideia de que a faculdade que torna o ser humano superior aos outros três reinos da natureza é a sua autoconsciência, o seu sentido da própria existência individual. *Cogito ergo sum*. Mas a autoconsciência egotista já não é a coroa da singularidade do homem — se é que alguma vez o foi. Pelo contrário, um homem cuja consciência está centrada principalmente em si mesmo fica limitado a um campo que se situa muito perto dos níveis do instinto.

A verdadeira coroa da singularidade humana reside na sua capacidade de percepção objetiva impessoal; reside na sua aptidão inata para perceber, julgar e compreender os factos da realidade objetiva independentemente de qualquer pensamento sobre a sua relação direta consigo mesmo. A coroa da singularidade do homem está na capacidade que a sua consciência tem de transcender o seu próprio individualismo.

Esta capacidade de percepção e apreciação objetiva e impessoal, que reside apenas na consciência da humanidade, pode ser entendida como uma capacidade de abstração da consciência. Para que uma coisa seja abstrata, tem de ser abstraída de algo. E nas operações abstratas da consciência humana, a própria consciência é abstraída dos campos finitos da percepção sensorial imediata e move-se para fora, em direção a medidas mais amplas de unidade com o Todo universal.

Um conceito como o átomo macroscópico de Einstein, ou o conceito de uma Divindade onnipotente, onnipresente e onnisciente que rege o fluxo das atividades do mundo, só pode ser trazido à percepção consciente do homem por meio de uma deslocação das atividades sensoriais habituais da nossa consciência e por uma concentração da atenção nas imagens que surgem no campo da nossa percepção enquanto procuramos compreender a forma, a substância e a natureza — o significado — de tais ideias abstratas.

Imaginemos uma pessoa que desperta de um sono profundo, torna-se brevemente consciente de si e do seu ambiente, e depois projeta a sua consciência para fora, a fim de apreender a realidade do átomo macroscópico. Assim, observamos as três fases principais da consciência humana, que correspondem às três divisões do tempo que normalmente designamos por “passado, presente e futuro”; e podemos chamar a estes três aspetos principais da consciência como um todo o Subconsciente, o Consciente e o Supraconsciente.

O subconsciente está relacionado com o passado — o passado herdado e experienciado do indivíduo. O consciente opera sempre no presente — em cada “aqui” e “agora” do indivíduo, nas relatividades constantemente mutáveis do tempo e do espaço. O supraconsciente é o campo do futuro e do desconhecido individualmente, o campo total do

universal que se encontra fora dos campos subconsciente e consciente do indivíduo, quer os dados deste campo supraconsciente existam nas áreas do passado, do presente ou do futuro da nossa concepção dividida do tempo. Este é o campo supra sensorial, um campo em que a percepção não depende dos cinco sentidos. É para este campo supra sensorial que a consciência abstrata do ser humano é capaz de se expandir.

Esta é uma afirmação drástica, pois geralmente se supõe que os cinco sentidos do homem são os mensageiros e agentes da consciência humana nas suas relações com o mundo exterior. E de facto são. Através da audição, visão, paladar, olfato e tato de incontáveis coisas do mundo exterior, tornamo-nos conscientes das suas várias naturezas e qualidades. Mas a ciência sustentou que os sentidos são os únicos meios pelos quais a consciência humana pode tomar conhecimento do mundo objetivo. Contudo, a mente humana, em virtude das suas capacidades inatas, descobriu um mundo que é vastamente diferente e imensamente maior do que o mundo que conhecemos por meio dos cinco sentidos.

Por exemplo, a ciência descobriu que, tanto acima como abaixo do alcance da audição humana, existem áreas de vibração sonora que o ouvido humano não ouve. Do mesmo modo, tanto acima como abaixo do alcance de tudo o que vemos existem áreas de vibração luminosa às quais o olho humano não reage.

Consequentemente, além das três fases principais da consciência já mencionadas, devemos também considerar a natureza peculiar da consciência vigilante. A percepção consciente — ou consciência vigilante — é uma faculdade da mente, por meio da qual a atenção pode ser dirigida, a vontade, a fases particulares do passado, do presente ou do futuro. De um modo geral, qualquer percepção presente representa uma concentração de atenção, em algum grau, sobre o conteúdo de uma das nossas três divisões de consciência. E, normalmente, isso envolve a atividade de um ou mais dos cinco sentidos.

Mas existem certas concentrações de consciência em que a percepção é retirada, tanto quanto possível, do impacto de todas as

percepções sensoriais, e em que a atenção é focada dentro do organismo como uma unidade de vida relativamente isolada, alienada tanto quanto possível dos impactos sensoriais do mundo exterior. Tais retiradas de consciência do mundo exterior são comuns a todos nós, em certa medida, nas práticas da oração, da meditação e do pensamento abstrato.

O que nos acontece nesses momentos é que, ao nos afastarmos do mundo envolvente, relegamos as atividades dos cinco sentidos para o campo do subconsciente e procuramos concentrar a percepção (na melhor medida da nossa capacidade) no campo do supraconsciente — o campo intemporal e sem espaço do ainda desconhecido.

A percepção consciente é o foco de luz da consciência. É o processo pelo qual a consciência individual, como um todo, procura e encontra as suas afinidades associativas em toda a parte do universo — gota de chuva, estrela, o tempo de Ptolemeu, o próximo dezembro, as moedas pagas numa compra, o perfume das flores, o sabor dos alimentos, o significado de um som, a natureza e o significado do átomo macroscópico.

A consciência, motivada pelo desejo e pela intenção, dirige o foco de luz da percepção para essas coisas (e para inúmeras outras) nas suas tentativas de se identificar com os vários factos e fatores que existem em áreas do universo que lhe são objetivas. E sabemos que nem o passado, nem o presente, nem o futuro são completamente alheios à consciência da humanidade.

Tais atividades exploratórias envolvem concentrações de consciência, tanto para o interior como para o exterior. E de acordo com a clareza com que tais concentrações são mantidas, estabelece-se uma união entre a consciência individual assim focada e o objeto da sua concentração. Nos tipos mais comuns dessa concentração, os sentidos ocupam posições totalmente relativas ao esforço de concentração. A percepção pode usar todos ou nenhum deles, dependendo da sua necessidade atual. Como instrumento presente, pode projetar a visão através de um telescópio focado em Orion, ou pode concentrar a audição para captar a melodia tocada por uma banda distante. E, em tais circunstâncias, qualquer um ou todos os outros

sentidos podem ser inibidos a tal ponto que as suas percepções não interferem nem perturbam a presente concentração da consciência.

A percepção é a mestre, e não a serva dos sentidos. Responde ou não aos seus sinais, conforme escolhe. Conhece campos de experiência que são objetivos em relação aos sentidos; e embora não possa inibir completamente a atividade dos sentidos, pode libertar-se das suas insistências.

Normalmente, como todos sabemos, a percepção responde às exigências dos sentidos, e todos os cinco sentidos operam em áreas que são objetivas para o indivíduo. A partir de fontes nesses campos exteriores, os sentidos recolhem inúmeros estímulos, todos os quais afetam a consciência em certa medida. Mas esses estímulos podem ser amplamente divididos em duas classes: os significativos e os casuais. Geralmente, os significativos afetam a área consciente da consciência como um todo. Os casuais podem, através de uma interrupção da percepção, afetar também a área consciente; mas normalmente afetam apenas o subconsciente.

E a todos nós já aconteceu que, ao contemplarmos o céu estrelado numa noite de inverno e nos tornarmos conscientes da beleza, da imensidão e do assombro do universo, tenhamos perdido completamente a percepção sensorial e a consciência do próprio céu. O pensamento e a emoção, juntos, moveram-se para o espaço-tempo ilimitado e contemplaram fatores de Infinito para além de todas as distâncias e dados que os sentidos poderiam alcançar.

Em tais tipos de atividade da consciência, todas as nossas ilusões de tempo presente, da nossa situação no espaço e das diferenciações na consciência são transcendidas. A percepção mantém o seu alto contacto para além do campo sensorial. Não é o subconsciente nem o consciente que sustentam tais esforços, mas a mente humana abstrata operando no campo do supraconsciente.

Não há provas que indiquem que a mente finita do homem possa abranger o contínuo espaço-tempo na sua totalidade, mas há vastas evidências que indicam que a capacidade de percepção da consciência humana é livre em campos muito mais amplos do que aqueles que os cinco sentidos são capazes de alcançar.

Tais excursões da percepção, como as que acabámos de descrever, são, portanto, “supra sensoriais” e ocorrem no campo do “supraconsciente”. Mas nada do que acontece à consciência se perde alguma vez. Tudo o que é experienciado pelo indivíduo humano — quer ele tenha estado consciente disso ou não — afeta e modifica, de algum modo, o conteúdo e a qualidade da sua consciência como um todo. As casas do seu bairro são-lhe tão familiares que ele passa por elas todos os dias sem estar consciente da sua presença; mas o seu sentido da visão regista-as, ainda assim, no subconsciente, e ele pode recordá-las em série dessa reserva quando quiser. Quando uma delas é repintada ou alterada de modo a chamar-lhe a atenção e ele se torna consciente dela, essa experiência é registada tanto no subconsciente como no consciente, e torna-se passível de recordação pela memória.

Os dados recolhidos nas nossas experiências supraconscientes são também registados no subconsciente. Não são lembrados tão facilmente como as nossas experiências sensoriais, porque, assim como, ao tentar recordar as nossas experiências sensoriais passadas, inibimos as impressões sensoriais presentes e concentramos a percepção no subconsciente (frequentemente fechando os olhos ou tapando os ouvidos para eliminar perturbações sensoriais), também, ao recuperar a nossa experiência supra sensorial passada, devemos inibir as impressões sensoriais presentes e concentrar a percepção no subconsciente.

Ora, todas as impressões sensoriais são compostas de materiais que nos são já familiares ou surpreendentemente novos; em qualquer dos casos, nenhum elemento da experiência sensorial se apresenta isolado, mas é acompanhado por uma série de dados associados. Porém, as experiências supra sensoriais de importância são relativamente raras, para a maioria de nós, e conseqüentemente têm menos associações do que as nossas experiências sensoriais conscientes; têm de ser recuperadas do subconsciente não com a ajuda de chaves associativas — como um nome pode ser lembrado ao percorrermos o alfabeto à procura da inicial correta —, mas *in toto*, por assim dizer; é preciso recuperar em boa medida o estado de espírito da própria experiência original.

E esse estado é muitas vezes tão delicado e nebuloso que é necessário reunir o subconsciente e o supraconsciente no campo consciente presente. Tal exercício da consciência é, em si mesmo, supra sensorial.

Pode dizer-se, de forma geral, que todas as atividades da consciência individual são subjetivas. O seu propósito e motivação específicos surgem dentro da própria consciência, qualquer que tenha sido o estímulo objetivo que levou a essa motivação. Por exemplo, não entro em transe sem um propósito. Muito frequentemente, esse propósito é sugerido por alguém que vem ter comigo com um pedido. Tal pedido seria o estímulo objetivo, recebido sensorialmente (geralmente através da ação dos meus cinco sentidos). Mas o processo pelo qual induzo o estado de transe é uma atividade puramente pessoal, que exige reajustamentos no meu corpo físico, uma alteração drástica do ritmo respiratório e a inibição das percepções recebidas pelos cinco sentidos.

Na prática, pelo exercício da minha vontade, adormeço. E quando saio do estado de transe, não tenho recordação nem conhecimento consciente do que ocorreu, exceto que, ao “acordar”, posso apanhar um fio de ligação entre os dois estados de consciência, como todos nós fazemos, em certa medida, naqueles sonhos momentâneos que se apinham à soleira entre o sono e a plena percepção sensorial.

Devo voltar a lembrar o leitor de que, na minha opinião, a consciência é contínua, um continuum que corresponde ao continuum espaço-tempo. Em ambas estas fases da infinitude, o homem individual está imerso. Assim imerso no universal, o homem é parte do todo, mas apenas um fragmento da energia, substância, consciência e vida inseparáveis que preenchem o universo; e as suas capacidades finitas estabelecem os contactos que podem num ambiente que é sempre mais ou menos limitado para ele individualmente, mas que é, em si mesmo, eterno e infinito, e infinitamente variado nas suas manifestações.

A consciência humana, então, é finita na sua natureza. Mas a capacidade de percepção abstrata, que em todo o reino da natureza mundana se encontra apenas na humanidade, é a faculdade única que

liga o ser humano ao universal e liberta a consciência individual no continuum espaço-tempo. No entanto, para alcançar e exercer essa liberdade, o indivíduo deve transcender o seu individualismo e associar-se, em desejo, propósito e atividade, aos reinos superindividualistas da consciência que transcendem o seu campo sensorial limitado.

E, por mais estranho que pareça, o ser humano avança para o exterior neste sentido voltando-se para dentro de si mesmo. Nas várias atividades não sensoriais da consciência, ocorre um foco da percepção em novas áreas objetivas de experiência. E deve notar-se que o material com que a percepção se ocupa nesses reinos supra sensoriais não está então de modo algum disponível à percepção sensorial.

Recordar a data da Batalha de Hastings ou o nome do sétimo presidente dos Estados Unidos não é um feito da percepção sensorial, mas da memória; e é alcançado ao concentrar a percepção nas áreas subjetivas do subconsciente, esse repositório do passado em que os dados da nossa experiência individual se acumulam, mais ou menos sujeitos a recuperação.

Ou, se assim se desejar, pode criar-se uma concepção mental do amanhã ou de algum evento esperado que venha a ocorrer no futuro — o próprio casamento, por exemplo. Tal processo também consiste na retirada da percepção do campo sensorial e na concentração subjetiva da atenção em áreas de tempo futuro e espaço distante que se encontram completamente fora do alcance presente dos cinco sentidos.

A competência da percepção para realizar tais fugas ao campo da percepção sensorial insistente, e para encontrar o seu caminho nestes campos comuns da consciência, difere de pessoa para pessoa. Algumas pessoas têm habitualmente boa memória ou boa imaginação, enquanto as imaginações e memórias de outras são relativamente pobres. E o que estas diferenças significam é que, entre os três campos da nossa percepção presente, a massa armazenada do nosso subconsciente e as áreas misteriosas do supraconsciente, existem — ou não existem, conforme o caso — divisões, separações, uma falta de fácil interligação. Se a imaginação ou a memória de alguém é “boa”

ou “má” depende da natureza das inter-relações que efetivamente operam entre as três fases da sua consciência como um todo.

As experiências supra sensoriais de clarividência, transe, telepatia, e assim por diante, dependem de uma deslocação fundamental da percepção. O campo de estímulo altera-se. Em vez de responder a percepções sensoriais da forma, cor, textura, temperatura, som, sabor e odor das coisas do mundo físico, o organismo responde agora a estímulos que surgem das condições ambientais que a percepção descobre nas áreas não físicas do continuum espaço-tempo.

Pode-se desviar a atenção perceptiva para o campo da experiência passada e da memória, ou para o campo do futuro antecipado, ou para as áreas intemporais da percepção telepática ou clarividente; e, em cada uma destas áreas não sensoriais, a consciência encontra condições e factos não físicos que estimulam na pessoa que percebe os mesmos tipos de reações emocionais e físicas que são habitualmente provocadas pela percepção sensorial comum no campo físico exterior.

Nas práticas da memória, da antecipação e da telepatia, encontra-se igualmente a presença de fatores não físicos que não apenas despertam o pensamento e a emoção, mas também estimulam no organismo físico reações semelhantes às que assinalam a resposta do organismo às percepções no campo sensorial habitual.

Segundo o meu entendimento, esta mudança de resposta sensorial do campo físico para o campo de estímulo não físico é de importância primordial, pois atinge diretamente os ditames básicos das ciências físicas e estabelece uma diferença drástica entre a natureza da percepção sensorial humana e a natureza do mundo da substância.

Tenho frequentemente expressado a minha convicção, nascida da minha própria experiência, de que, em certo sentido, nenhuma das faculdades parapsicológicas é verdadeiramente “supra sensorial”, porque nestas atividades as respostas sensoriais finais operam amplamente. Ouvem-se, veem-se, cheiram-se, saboreiam-se e sentem-se as coisas como em experiências sensoriais comuns — apenas de modo muito mais claro e agudo. Mas, noutro sentido — como estou aqui a indicar — considero que as faculdades parapsicológicas são supra sensoriais, porque operam em áreas diferentes e distintas do

mundo físico, o mundo que a ciência sustenta ser o único campo da percepção sensorial.

Tudo isto conduz-nos diretamente ao campo significativo da imagem psicológica e tende a estabelecer as concepções fundamentais do homem acerca do mundo em que vive, baseadas não na substância física, mas nas capacidades percetivas humanas que se associam à natureza insubstancial do continuum espaço-tempo.

Quando a nossa ciência e a nossa mecânica atingiram um grau de desenvolvimento tão elevado como o atual, por que razão deveríamos hesitar em concentrar a atenção científica nas áreas da capacidade humana de onde essas realizações foram criadas? O pensamento é energia em forma insubstancial, e a imagem e o propósito insubstanciais são as fundações de tudo o que o homem construiu — estruturas físicas e crenças éticas igualmente.

Ao concentrar todas as nossas brilhantes capacidades científicas nos produtos substanciais da ideia, do pensamento e do propósito insubstanciais, limitámos indevidamente o nosso campo de percepção e a nossa compreensão da vida humana.

Os próprios cientistas levaram a substancialidade às suas fontes, tendo-a analisado até ao átomo químico básico — um minúsculo campo magnético. Este campo magnético diminuto, que é absolutamente impossível de perceber pelos sentidos humanos como substância, é, contudo, prontamente compreendido e aceite pelas capacidades da mente. E isto acontece porque a imagem mental do átomo é mais realista, mais factual e mais verdadeira para a percepção do que, por exemplo, qualquer modelo material dele que possa ser construído para fins ilustrativos. Para a consciência, tal modelo é sempre apenas um símbolo grosseiro; mas a nossa concepção mental do átomo participa da própria natureza e mistério do átomo.

A natureza da consciência não é substancial. Primeiro, por último e sempre, existe a forma insubstancial por detrás das formas substanciais das coisas.

O que procuramos, nas nossas tentativas de analisar a telepatia, a clarividência e outras atividades supra sensoriais, é uma compreensão da consciência humana como um todo. Todos os fenómenos psíquicos

que ocorrem no mundo — na medida em que o homem deles tem consciência — ocorrem simplesmente como expansões ou extensões da consciência humana para além dos campos geralmente aceites.

Creio que algumas fases desta expansão ocorrem com bastante frequência à maioria das pessoas. As nossas mentes estão constantemente cheias de fantasia, pensamento secundário, imaginação e memória, e estas não estão relacionadas de modo directo com o jogo exterior dos sentidos. Mas, na maior parte das vezes, essa atividade constante e subterrânea da mente não é volitiva, nem geralmente atinge o nível da percepção consciente.

Normalmente, o fluxo de imagens, impressões e dados directamente sentidos segue o seu próprio caminho no campo da percepção, separado deste fluxo subsensorial. Com um ligeiro ato de vontade, pode deslocar-se a percepção do fluxo sensorial para o fluxo subsensorial dentro da própria consciência. E se alguém nos oferece uma moeda pelos nossos pensamentos, tornamo-nos imediatamente conscientes de que não sabíamos realmente em que estávamos a pensar.

Na célebre experiência realizada por Sir Hubert Wilkins, no Ártico, e pelo Sr. Harold M. Sherman, sentado no seu gabinete em Nova Iorque, o acordo entre ambos era o de que Wilkins procuraria a solidão e abriria o seu subconsciente. Sherman devia esvaziar a mente de todo o pensamento consciente e tentar captar as impressões que Wilkins lhe enviava.

Este parágrafo ilustra de forma muito vívida as três fases principais da consciência que as pessoas utilizam constantemente, com ou sem propósito e direcção volitivos. Wilkins devia abrir o seu subconsciente — o que só pode significar que devia suspender, tanto quanto possível, as atividades da sua mente consciente e da sua percepção sensorial —, de modo a que Sherman pudesse contactar as áreas vitais da consciência interior de Wilkins, sem ser impedido ou bloqueado pelos pensamentos imediatos e impressões sensoriais presentes no campo de percepção de Wilkins.

Ao mesmo tempo, Sherman devia esvaziar a sua própria mente de todo o pensamento consciente e tentar captar as impressões que

Wilkins lhe enviava — o que só pode significar que devia transferir a faculdade de percepção da sua consciência para áreas de tempo, espaço e experiência completamente alheias a si e ao seu ambiente imediato. Por outras palavras, Sherman devia concentrar as suas capacidades de percepção em áreas distantes de tempo e espaço desconhecidos — o campo supraconsciente.

• *Ver Thoughts Through Space, Creative Age Press, 1942.*

Temos aqui um plano duplo para negar as atividades habituais do pensamento consciente e da percepção sensorial. Do lado de Wilkins, haveria uma transferência do potencial de consciência para o subconsciente, o passado, o já experienciado; e do lado de Sherman, haveria uma transferência do potencial de consciência para o supraconsciente, o vazio fervilhante do impessoal e do não experienciado. Em ambos os casos, as atividades do consciente — o efeito imediato na consciência da percepção sensorial — deveriam ser inibidas.

É bem sabido que Wilkins, devido à pressão das circunstâncias, não cumpriu a sua parte do trabalho segundo o plano e o calendário. Mas Sherman sentou-se fielmente e levou a cabo a sua parte do projeto. E, sem saber, durante semanas, que grau de êxito poderia estar a alcançar, continuou a registar as suas “impressões”, que acabaram por revelar um número surpreendente de “acertos” corretos.

O que torna a experiência mais importante, do ponto de vista que aqui nos interessa, é o facto de ela ir longe no sentido de provar a validade do que estou a designar por supraconsciente. Pois Sherman seleccionou, daquilo que para ele era essencialmente um vazio, ou um caos, um número considerável de dados relativos a pessoas, lugares, circunstâncias e acontecimentos que mais tarde se provaram corresponder a coisas que estavam de facto a acontecer ao próprio Wilkins e à sua expedição, a mais de três mil milhas de distância da situação física de Sherman, em Nova Iorque.

Devido ao facto de Wilkins não ter cumprido a sua parte do plano, não ter “aberto o seu subconsciente”, a questão da atividade subconsciente não parece pertinente à experiência nem à nossa compreensão dela. Nem a atividade suprassensorial de Sherman foi

telepática. O Dr. Rhine, da Universidade de Duke, distinguiu a telepatia da clarividência com definições que me parecem úteis. O Dr. Rhine considera que a telepatia consiste na percepção supra sensorial, por uma mente, do que se passa noutra mente, ou algures no campo do pensamento. Mas a clarividência, ele considera-a a percepção extrassensorial de objetos físicos reais. É até aqui que o Dr. Rhine está disposto a ir na sua diferenciação das capacidades humanas no campo supra sensorial. Mas, se alguém pode perceber clarivamente objetos distantes, não parece haver razão para que não possa também perceber clarivamente acontecimentos e circunstâncias distantes, e eu, pessoalmente, sei que estas coisas andam juntas.

Como Sherman não estava a ler a mente de ninguém, a sua experiência foi clarividente. Projetou a sua consciência, volitiva e propositadamente, em áreas do continuum espaço-tempo que lhe eram desconhecidas, e trouxe dessa imensidão determinados dados verídicos diretamente relacionados com o propósito da sua busca. Nem sempre foi exato, nem sempre foi pontual; por vezes, a sua percepção seguia os acontecimentos reais; outras vezes, antevia o que ainda estava para acontecer no Ártico.

E, como o próprio Wilkins não tinha conhecimento de alguns desses acontecimentos que ainda o aguardavam no tempo e no espaço, não foi da consciência de Wilkins, por qualquer espécie de acaso, que Sherman colheu os seus dados. Recolheu-os em áreas do continuum espaço-tempo que normalmente não se incluem nem no nosso campo subconsciente do passado, nem no campo da nossa percepção sensorial consciente do mundo físico. A sua experiência foi um exercício de percepção clarividente “supra sensorial”.

Existe uma afinidade entre o homem individual e o universo de natureza tão estranha e subtil que, agora, na maior parte dos casos, só conseguimos apreender uma impressão vaga dela descendo profundamente ao subconsciente. Mas, à medida que estes anos presentes passam, o conteúdo antigo do subconsciente está a ser rapidamente enterrado cada vez mais fundo sob uma aglomeração de símbolos artificiais da civilização. A menos que a psicologia se apresse a cumprir a tarefa a que se propôs — descobrir a verdadeira natureza psíquica da humanidade —, poderemos ter uma cisão efetiva

na raça humana, com um novo tipo racial a seguir um caminho de desenvolvimento de liberdade para a mente, nos campos supra sensoriais, enquanto o resto da humanidade permanece a aperfeiçoar o campo físico da substância e dos sentidos.

Na verdade, há indícios que sugerem que tal divisão está na própria raiz do conflito mundial atual. Mas, quando esta guerra terminar e a humanidade voltar a ser muito pobre, segundo os seus próprios padrões de pobreza e riqueza (tendo desperdiçado a sua substância física numa destruição generalizada), poderemos descobrir que, através da dor, do sofrimento e da morte, chegámos a uma percepção mais clara das fontes super-físicas da humanidade no passado e do destino super-físico da humanidade no futuro.

Se isto vier a ser assim em qualquer sentido imediato, os alicerces de um futuro mais nobre já terão sido lançados — caso em que teremos sido conduzidos para uma compreensão mais ampla do continuum espaço-tempo e também da unidade e continuidade do continuum da consciência. E estes fatores objetivos, que transcendem a nossa dependência dos cinco sentidos, tal como são agora concebidos, poderão muito bem revelar-se o início de uma nova liberdade nos vastos campos da consciência, para a humanidade como um todo.

Entre todas as nossas faculdades psicológicas, a percepção é a capacidade de cognição. Enquanto tal, transcende as limitações que o tempo e o espaço impõem aos sentidos e é capaz de colher experiência em áreas do ser a que os sentidos nunca podem chegar. A sua natureza é pairar, como um falcão de caça, pronto a ser lançado em qualquer direção, a cravar no alvo o facto, a ideia ou o acontecimento atrativo, e a trazer de volta à consciência o troféu do seu voo. Pode mover-se em todas e quaisquer das três dimensões da consciência representadas pela memória, pelos sentidos e pela imaginação; e, quando controlada pela vontade, a sua eficiência pode tornar-se uma força criativa na vida do indivíduo.

Se, brevemente, fecharmos a porta a todas as intrusões sensoriais e concentrarmos a percepção nos nossos mundos interiores, adquiriremos a sensação da vitalidade escura e sem traços que se

move nos nossos corpos. E se, então, nos perguntarmos: “O que mais quero neste mundo e nesta vida?”, experimentaremos o voo do falcão — sensações criadas pela percepção que se move para encontrar a resposta. Esse movimento pode fazer-se numa de duas direções, mas não na terceira. Se já pensámos construtivamente nesta ideia, a percepção pode mover-se para a memória para encontrar a resposta; mas, se a pergunta não for repetitiva, a percepção fará o seu voo para os espaços abertos da inspiração. Pode não trazer a resposta, pois a pergunta é profunda e subtil; mas, se continuarmos a manter a nossa resistência às intrusões sensoriais e mantivermos a percepção centrada no falcão, perceberemos pelo menos a direção em que jaz a inspiração, e, sem dúvida, os primeiros movimentos criativos de resposta.

Percepção e perceber (consciência percetiva) são irmãos. Um pode despertar o outro para uma busca. Mas ambos dormem profundamente — não porque o desejem, mas porque nós lhes pomos capucho e correias — demasiado restritivamente, falhamos em fazê-los voar e, assim, perdem a sua natureza de alcance. Precisamos de os fazer voar mais livremente — sobretudo nesta aurora de um novo dia que promete à humanidade em geral um campo mais amplo de liberdade psicológica do que a humanidade alguma vez conheceu antes...

SONO E SONHOS

É NATURAL que, relativamente a qualquer acontecimento tão comum e recorrente como o sono, a pergunta “Porquê?” tenha sido frequentemente feita. Mas ninguém parece saber com muita precisão porque é que um ser humano adormece, ou o que lhe acontece quando o faz. Muitas teorias foram sugeridas como resposta à pergunta. As filosofias orientais antigas ensinam que, no sono, a alma deixa o corpo e vai ao seu próprio lugar para aprender, para ensinar ou para curar. As teorias mais modernas da neurologia, da química e da biologia sugerem várias causas — como uma redução da eficiência dos neurónios na transmissão de impulsos nervosos, devido à fadiga; alterações químicas na composição da corrente sanguínea; e os ritmos

cíclicos de atividade e quietude que ocorrem nos processos vitais de todas as formas naturais.

Mas, independentemente das descobertas profundas que as ciências possam fazer relativamente ao sono, todos sabemos que adormecemos porque estamos “cansados” no corpo, na mente e no interesse. Esse cansaço é frequentemente, em grande parte, uma questão de tédio; mas o tédio, também, significa que tivemos um excesso daquilo que tem ocupado a nossa atenção, e muitas vezes adormecemos simplesmente para escapar, por agora, a um mundo que já não é nem imperiosamente exigente nem suficientemente interessante.

Quando adormecemos, ocorre na nossa consciência uma dissociação fundamental de faculdades. A faculdade a que, neste livro, chamo percepção — a capacidade de centralizar o interesse e a atenção de forma responsiva ou voluntária — deixa de operar. Assim despojada de percepção, parece que nos aproximamos muito da condição de morte, pois não temos meios de saber o que nos acontece durante essas horas silenciosas de relaxamento e inatividade. Ao olharmos para o adormecido, todos os sinais de vida, exceto um, estão ausentes do seu aspeto — ele respira. A respiração é a nossa garantia de vida; e, uma vez que pelo fôlego sabemos que ele não está morto, mas dorme, sabemos também que está interiormente a experienciar, ainda que inconscientemente, a recriação das forças da sua vida.

O sono está, assim, aliado à recuperação das nossas energias vitais. E, embora seja tão comum, tão “natural”, que nos deixamos cair nele sem pensar ou questionar, é-nos difícil compreender como é que todas as nossas faculdades da vigília podem desaparecer nas profundezas da inconsciência, de tal modo que ficamos completamente cortados de todo o conhecimento do mundo, e, ainda assim, nada nos acontece, tanto quanto então sabemos.

Mas há um fio que liga o nosso estado de sono à percepção. É o fio dos sonhos; e por meio desse fio, a humanidade tem podido perceber, ainda que tenuemente, que pelo menos uma das três fases em que dividimos a consciência como um todo continua a funcionar. Trata-se da fase subconsciente. E a qualidade aparentemente selvagem,

irracional e bizarra de muitos dos nossos sonhos é uma pista para a natureza do subconsciente, pois, tal como o subconsciente nos é revelado em sonhos, vemo-lo geralmente como um mundo não apenas desconhecido, mas muitas vezes absolutamente ignorado.

Segue-se um relatório de Havelock Ellis que indica a estranheza geral de muitos dos nossos sonhos:

Uma senhora sonhou que uma conhecida queria enviar uma pequena quantia de dinheiro a uma pessoa na Irlanda. Imprudentemente, ofereceu-se para a levar até à Irlanda. Ao chegar a casa, começou a arrepender-se da promessa, pois o tempo estava extremamente agreste e frio. Ainda assim, avançou com os preparativos para se vestir de forma quente e foi consultar uma amiga irlandesa, que disse que teria de ser levada até à Irlanda, bem apertada, dentro de um cesto para caranguejos. Ao regressar a casa, discutiu plenamente o assunto com o marido, que achou que seria uma loucura empreender tal viagem, e acabou por desistir dela, com grande alívio.*

**The World of Dreams.*

Este sonho dá indicações muito claras do nível sub-racional a que a mente opera durante o sono. Aparentemente, o mundo moderno imediato pode ou não estar incluído nos níveis subconscientes que surgem nos nossos sonhos. Não obstante, parece operar no subconsciente uma racionalidade sequencial; e, embora o sonho citado acima tenha ocorrido num nível de consciência que aparentemente não continha qualquer conhecimento dos sistemas postais modernos e das facilidades de transporte, segue um curso lógico do princípio ao fim — ao seu próprio nível.

O que nos leva a sonhar?

Sob o antigo ditame científico segundo o qual nada entra na mente senão por via dos cinco sentidos, chegou a acreditar-se que qualquer sonho suficientemente intenso para afetar a percepção tem de ter um estímulo sensorial. E os estímulos sensoriais afetam as atividades que ocorrem no corpo físico durante o sono. Todos nós já fomos acordados por sentir frio ou por ouvir algum ruído no mundo exterior. E verificou-se de forma fidedigna, por teste, que o chocalhar

de uma janela, o tique-taque de um relógio ou uma luz indireta têm um efeito mais ou menos perturbador no repouso de um adormecido.

É, portanto, bem conhecido que os sentidos estão despertos e a operar durante o nosso sono. Na verdade, supõe-se que os cinco sentidos nunca abandonam totalmente o seu trabalho de testar o ambiente imediato do organismo a que pertencem. Por meio dessas sentinelas sempre vigilantes, a consciência individual está sempre unida ao mundo exterior, e nunca isolada dele — e isto apesar do facto de, no sono, fecharmos os olhos e relaxarmos todas as tensões do corpo, das emoções e da mente, entregando a percepção.

Assim, os estímulos sensoriais afetam o subconsciente durante o sono, suscitando ali imagens irracionais que são compostas de qualidades emocionais e mentais, matéria essa de experiências passadas vividas consciente ou subconscientemente pelo adormecido, ou herdadas por ele do passado racial.

Para obtermos uma concepção operativa do subconsciente, podemos isolá-lo, imaginativamente, pensando nele como o repositório de todas as nossas experiências passadas, permanentemente aberto ao efeito do universo para além de si próprio, no qual um processo criativo de vida está constantemente em operação. Esse processo criativo de vida é, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da natureza interior do indivíduo e o desenvolvimento do seu ambiente também, na medida em que ele atua eficazmente nesse ambiente.

Não há registos que indiquem como ou quando começou esta relação íntima entre o mundo exterior e as formas individuais da vida humana. Tudo o que sabemos do passado antigo da humanidade leva-nos a crer que a vida se desenvolveu num processo evolutivo contínuo, através de uma longa procissão de formas vivas que exprimiram as energias da vida, e que esse processo evolutivo se desenvolveu para cima através de uma complexidade progressiva de partes físicas, uma multiplicidade de capacidades de ação e um aumento de faculdades para relações mais amplas. Sustenta-se também que, no seu desenvolvimento inicial, o embrião humano passa por várias fases de forma sub-humana — peixe, réptil, ave — e assim

“re-experiencia” simbolicamente, ou recapitula, todo o passado evolutivo através do qual a vida forjou o seu caminho lento mas constante até ao nosso atual nível humano.

Assim, supomos que, nas profundezas do subconsciente de cada ser humano, reside uma soma acumulada de potencial de consciência que resume toda a história evolutiva da humanidade e que está agora preparada para receber e exprimir as fases presentes do desenvolvimento humano, à medida que o indivíduo experiencia o mundo atual — sempre, é claro, de acordo com a qualidade e a natureza particulares das suas capacidades. Mas também aqui é preciso lembrar que grande parte da nossa experiência atual é de natureza mundial e racial.

A partir de tais começos básicos, cada indivíduo humano passa, desde o nascimento, a desenvolver as suas relações correntes e a acumular experiência; e a sua perceção e interpretação de cada acontecimento da sua vida, por mais importante ou trivial que pareça, alteram a qualidade básica da sua natureza e modificam a soma do seu conteúdo subconsciente.

É essa massa de experiência passada, racial e pessoal, que constitui a fase de consciência em que mergulhamos durante o sono. É também essa massa que produz os sonhos e aquele fluxo secundário de fantasia, imaginação errante e estranha ideação que, como uma segunda mente dentro de nós, opera constantemente por detrás do jogo primário do nosso pensamento e da nossa perceção em vigília. Esta “mente” do subconsciente nunca está quieta. Ao contrário da perceção e da mente consciente, o subconsciente nunca dorme. Desenvolveu-se a partir daquela semente que foi também o início da forma física individual; e a forma física e o subconsciente estão, consequentemente, tão estreitamente ligados que são inseparáveis. E, tal como, em vida, o organismo físico de um homem continua a funcionar sem cessar, também o seu gémeo, o subconsciente, funciona sem cessar.

É desta relação inseparável entre o corpo físico e o subconsciente que nascem os nossos sonhos. Durante o sono, as mensagens trazidas do mundo exterior pelos cinco sentidos afetam o subconsciente, e o

subconsciente, assim afetado, reage. Mas reage ao seu próprio nível de sensibilidade e interpretação; e esse nível situa-se abaixo do nível da mente racional, pelo que os nossos sonhos são geralmente irrealistas, incoerentes ou bizarros.

No entanto, quando o sono é normal, todo este processo é completamente natural. Fundamentalmente, não há nada de estranho nisso. Toda a percepção sensorial suscita resposta emocional dentro do organismo; em todos os casos de percepção sensorial, a consciência reage, revestindo a percepção de imagens; durante o sono, o subconsciente reveste a percepção de imagens que não são racionalizadas. Em cada caso, essas imagens estão relacionadas com alguma fase particular de todo o passado do indivíduo, herdado e pessoal, e a natureza de um sonho depende da profundidade particular a que um impulso emocional presente afeta o conteúdo subconsciente.

Assim, no sonho que foi citado, só podemos supor que o subconsciente da sonhadora foi estimulado a um nível mais antigo do que moderno. O seu sentido moral funcionou, pois, embora não gostasse da perspectiva de ser levada até à Irlanda, bem apertada, dentro de um cesto para caranguejos, em tempo selvagem e frio, avançou e preparou-se para a viagem, como prometera. No entanto, por conselho do marido, abandonou todo o plano, e o problema, nos seus aspetos morais e práticos, evaporou na sua própria inconsequência.

Podemos supor que, nessa solução do problema, a sonhadora já começara a acordar; e logo emergiu para a plena vigília e tomou consciência do presente, a partir do qual, sem dúvida, olhou para o sonho como estranho e extravagante. Se, porém, como a ciência acredita, o nosso conteúdo subconsciente se estende infinitamente para trás, no passado, não há razão para nos surpreendermos — embora frequentemente nos surpreendamos — com o aparecimento, nos nossos sonhos, de lugares, pessoas, condições e acontecimentos de que não tivemos qualquer experiência consciente.

Tanto no sono como na vigília, diferentes indivíduos exibem vários graus de percepção e apreciação psíquicas. O segredo de um tipo de tal facilidade parece residir na consanguinidade. Não é sem

fundamento que a criação de linhagens de sangue tem sido, há muito, uma ocupação principal da mente humana.

Mas as sensibilidades que a consanguinidade pode dar à consciência não são exclusivas. Podem ser praticamente duplicadas na relação estabelecida entre cônjuges e entre amigos cuja relação seja íntima, sincera e profunda. Em todos esses casos ocorre uma identificação psíquica de cada consciência com a outra, e cria-se assim uma nova síntese de consciência — uma síntese em que as partes integrantes se fundem e se transcendem a si mesmas numa nova capacidade de consciência que transcende todas as qualidades e valores aparentes dos seus componentes.

Tais identificações mútuas de personalidades diversas, através do sangue e através do desenvolvimento de uma estreita simpatia emocional, são os alicerces mais facilmente apreensíveis de um jogo psíquico que se estende a amplas áreas de significado. Mas as atividades suprassensoriais não dependem da consanguinidade ou da afinidade emocional. Existem registados, tanto em tempos antigos como recentes, muitos sonhos de um tipo que difere radicalmente dos nossos habituais, vagos e fantasiosos, e que, em vez de se ocuparem do passado subconsciente, participam no presente imediato e incluem a percepção de acontecimentos que ocorrem no mundo atual, mas para além do alcance independente dos sentidos.

Dober und Pause, Silésia, 12 de dezembro de 1889.

Há cerca de um ano morreu, numa aldeia vizinha, um cervejeiro chamado Wünscher, com quem mantinha relações de amizade. A sua morte ocorreu após uma breve doença e, como raramente tinha oportunidade de o visitar, nada soube nem da sua doença nem da sua morte. No dia da sua morte, deitei-me às nove horas, cansado dos labores que a minha ocupação de agricultor me exige. Cumpre-me observar aqui que a minha dieta é frugal; cerveja e vinho são raridades em minha casa, e água, como de costume, tinha sido a minha bebida naquela noite. Sendo de constituição muito saudável, adormeci assim que me deitei. Em sonho, ouvi o falecido clamar em voz alta:

“Rapaz, despacha-te e dá-me as minhas botas.” Isto acordou-me, e reparei que, por causa do nosso filho, a minha mulher tinha deixado

a luz acesa. Meditei, satisfeito, sobre o meu sonho, pensando como o Wünscher, que era um homem bondoso e bem-humorado, se riria quando eu lhe contasse este sonho. Ainda a pensar nisso, ouço a voz de Wünscher a ralar lá fora, mesmo sob a minha janela. Sento-me de imediato na cama e escuto, mas não consigo entender as suas palavras. O que quererá o cervejeiro? — pensei, e sei com certeza que me aborreci muito com ele por fazer barulho durante a noite, pois estava convencido de que os seus assuntos podiam seguramente esperar até à manhã seguinte. De repente, entra no quarto por detrás do guarda-roupa de linho, passa a grandes passadas pela cama da minha mulher e pela cama da criança; gesticulando furiosamente com os braços o tempo todo, como era seu hábito, gritou: “Que diz a isto, Herr Oberamptmann? Esta tarde, às cinco horas, morri.” Sobressaltado por esta informação, exclamo: “Oh, isso não é verdade!” Ele respondeu: “É verdade, tal como lhe digo; e, que acha? Já me querem enterrar na terça-feira à tarde, às duas horas”, acentuando as suas afirmações com gesticulações. Durante este longo discurso do meu visitante, examinei-me para verificar se estava realmente acordado e não a sonhar.

Perguntei a mim mesmo: Será isto uma alucinação? A minha mente está de posse plena das suas faculdades? Sim, ali está a luz, ali o jarro, isto é o espelho, e este é o cervejeiro; e cheguei à conclusão: estou acordado. Então ocorreu-me o pensamento: O que pensará a minha mulher se acordar e vir o cervejeiro no nosso quarto? Com este receio de ela acordar, volto-me para a minha mulher e, para meu grande alívio, vejo, pelo seu rosto voltado para mim, que ainda dorme; mas está muito pálida. Digo ao cervejeiro: “Herr Wünscher, falaremos em voz baixa, para que a minha mulher não acorde; ser-lhe-ia muito desagradável encontrá-lo aqui.” Ao que Wünscher respondeu num tom mais baixo e mais calmo: “Não tenha medo, não farei mal à sua mulher.”

De facto, acontecem coisas para as quais não encontramos explicação — pensei comigo — e disse a Wünscher: “Se é verdade que morreu, lamento-o sinceramente; cuidarei dos seus filhos.” Wünscher aproximou-se de mim, estendeu os braços e moveu os lábios como se me fosse abraçar; por isso disse, em tom ameaçador, fitando-o firmemente com a testa franzida: “Não se aproxime tanto,

desagrada-me”, e levantei o braço direito para o afastar, mas, antes de o meu braço lhe tocar, a aparição desapareceu. O meu primeiro olhar foi para a minha mulher, para ver se ainda dormia. Estava. Levantei-me e olhei para o meu relógio: eram sete minutos depois da meia-noite. A minha mulher acordou e perguntou-me: “Com quem falaste tão alto agora mesmo?” “Percebeste alguma coisa?” — perguntei. “Não” — respondeu, e voltou a adormecer.

Relato esta experiência à Society for Psychical Research, na crença de que pode servir como nova prova da existência real da telepatia. Devo ainda notar que o cervejeiro tinha morrido naquela tarde, às cinco horas, e foi sepultado na terça-feira seguinte, às duas. Com o maior respeito.

Karl Dignowity
(Proprietário de Terras)

Neste caso, não parece ter havido uma relação muito próxima entre Dignowity e Wünscher. O primeiro diz simplesmente que “mantinha relações de amizade” com o cervejeiro. Ser-nos-ia impossível determinar exatamente por que razão ou de que modo ocorreu esta experiência em particular. É, no entanto, a minha opinião pessoal que a sensibilidade suprasensorial é muito mais comum nas pessoas do que geralmente supomos, e que muitos dos nossos sonhos e “intuições” são, na realidade, germes de verdadeira experiência suprasensorial.

Evidentemente, a maioria dos sonhos é um processo subconsciente, mas há sonhos que ocorrem no campo suprasensorial, sonhos clarividentes e telepáticos — estados de sono em que a percepção sai do seu lugar de centralização individualista e estabelece contacto com mentes, formas, circunstâncias e acontecimentos distantes, cujo conhecimento traz de volta para apresentar antes de a consciência propriamente dita despertar. Muito frequentemente, estas imagens são difíceis de compreender, porque são precisas e definidas no conteúdo, não simbólicas. Não estão, portanto, abertas à interpretação, mas constituem, em si mesmas, uma mensagem significativa, cuja relação com o resto da vida e da ação não é clara. Contudo, acabará por se lhes revelar o valor — o seu significado e realidade — através da associação subsequente com pessoas e

condições. A compreensão surge quando se encaixam no padrão de vida a que pertencem.

Na prática, em vigília, da telepatia e da clarividência, tem-se, habitualmente, um objetivo específico para o foco da concentração, e não é difícil conceber que se estabeleçam linhas de força magnética (ou como se queira chamar ao fenómeno) entre duas fases de consciência, de modo que se crie entre elas uma relação e um rapport mais ou menos diretos. Ao prosseguir tipos semelhantes de atividade suprasensorial no estado de sono, porém, é preciso depositar a intenção no subconsciente e confiar-lhe a execução do projeto.

Supõe-se que os sonhos no estado de sono são motivados no subconsciente em resposta a estímulos sensoriais. Mas creio que podemos acrescentar-lhes os estímulos de intenções propositadas da mente consciente. Tais intenções, depositadas no subconsciente, trouxeram-me frequentemente sonhos que eram realizações amplas, se não completas, da experiência que eu procurava. Um dos aspetos mais interessantes de tais experiências é o facto de aquilo que eu procurava dizer geralmente respeito a outra pessoa, totalmente impessoal para mim, de modo que o material onírico acabava por depender, em todo o seu valor, da aceitação e compreensão de outrem. Em tais circunstâncias, encontrei, ao despertar, espalhados perante a percepção nomes estranhos e íntimos de pessoas, lugares e coisas, datas dissociadas, frases crípticas e palavras de ordem — coisas de que nunca ouvira falar, coisas que nada significavam para mim. Mas, ao relatá-las à pessoa em nome de quem as tinha procurado, mostravam-se coerentes e significativas para essa outra consciência.

Pode ser algo confuso ampliar assim o campo dos sonhos, incluindo nele as intenções propositadas da mente consciente, bem como a clarividência e a telepatia. Mas, num capítulo posterior, indicarei como o meu próprio trabalho, em vigília, de telepatia e clarividência começa com um sopro que desce até à região do plexo solar, que considero ser, em certo sentido, a sede do subconsciente; e descobri, na minha prática, que, quando confio ao subconsciente o trabalho telepático ou clarividente, para ser executado enquanto durmo, tais incumbências são acompanhadas, a nível físico, por uma respiração do plexo solar.

Esta passagem do fôlego para a zona do plexo solar, e da consciência para o subconsciente, é apenas um passo num processo em que esforços ulteriores, tanto físicos como psíquicos, prosseguem até se desenvolverem em atividade supraconsciente. Não duvido de que este processo se desenvolve no sono como nos nossos estados de vigília — em consequência do que temos sonhos telepáticos e clarividentes, induzidos volitivamente e sem intervenção sensorial.

O que colhi para mim próprio destas e de outras experiências é a convicção de que, comumente, concebemos os sentidos como muito mais físicos na sua natureza do que realmente são. Os aspetos físicos do olho e do ouvido possuem, sem dúvida, os seus profundos e subtis contrapartes psíquicos, sensíveis e capazes de reagir a estímulos misteriosos que são verdadeiramente “sensoriais”, embora não no significado comumente entendido desse termo. Pode alguém ser acordado de um sono profundo pela necessidade silenciosa de uma consciência distante, e pode trazer do sono, para a percepção em vigília, dados factuais relativos a pessoas, lugares e acontecimentos distantes e desconhecidos. A meu ver, o que precisamos, para compreender tais ocorrências, é, antes de mais, uma nova conceção das capacidades sensoriais. Mas, por ora, não temos pistas adequadas para tal extensão, embora todo o processo percetivo esteja a aumentar rapidamente as evidências destas atividades mais subtis.

Como a experiência de Dignowity indica, pode ocorrer sensação auditiva definida no sono, assim como nos nossos estados recetivos de vigília. E estou pessoalmente convencido de que o estímulo da necessidade de alguém falar comigo pode produzir efeitos subjetivos semelhantes aos que se seguem à receção consciente da fala verbal. Acreditamos que a memória é a função de recordar, reproduzir, identificar e coordenar o que já foi aprendido ou experienciado. Por outro lado, a telepatia poderá ser a nossa até agora insuspeitada capacidade de absorver estímulo e significado tanto da nossa herança instintiva como do nosso ambiente simpático — de todo o vasto repositório do passado, do presente e do futuro universais.

Inclino-me a dar crédito sincero a este pensamento, por várias razões: quando procuro trabalhar clarividentemente por “regras”, ou “adivinhar” um certo número de símbolos, não tenho qualquer

percepção interior de estímulo em ação. Mas, se me ocorre a ideia de que os símbolos ou fórmulas estão contidos na mente de outra pessoa, isso dá vigor ao empreendimento. Nenhuma experiência, em que eu conheça de antemão a natureza do experimento, consegue produzir a sensação de alerta e de expectativa de que uma mensagem significativa está a chegar do desconhecido. Essa experiência descreve-se melhor como um saber positivo.

Além disso, como indiquei acima, dirigi-me frequentemente, antes de adormecer, a procurar determinados resultados a partir do material onírico, que eu lembraria no estado de vigília. Induzi o eu, no momento de ir dormir, a partir em certas direções e a encontrar respostas para certas perguntas, ou a solução de problemas específicos que não eram meus, as quais eu deveria reter claramente e recordar ao acordar. Por outras palavras, apliquei simplesmente os processos da resposta aprendida ao subconsciente.

Ninguém que tenha cuidado de uma criança doente e amada, e tenha de acordar para atender às suas necessidades sem o auxílio de avisos sensoriais, pode duvidar da vigilância sempre presente da mente interior. E quem, observando o lactente a despertar quando chega a hora de mamar, pode duvidar de que a mente interior está sempre vigilante? Com efeito, verifiquei que os padrões de hábito fixo podem ser superados assim que damos a conhecer ao subconsciente a mudança que desejamos. Creio, portanto, que o subconsciente é o nosso mais alerta, leal e disposto servo, capaz e pronto a obedecer e a cooperar tanto nas nossas atividades de sono como de vigília. Torna-se desajeitado e um senhor apenas quando não nos damos ao trabalho de o compreender e treinar.

Por vezes perguntaram-me se as minhas experiências suprassensoriais não seriam alucinações. A isto só posso responder que, uma vez que trazem à consciência as suas próprias respostas, experiências e significados emocionais, tal como os acontecimentos sensoriais da minha vida o fazem, não posso negar-lhes a realidade por causa de uma terminologia meramente negativa que não se me torna clara.

Uma vez que acredito que o sono é um estado de suspensão, para repouso das atividades motoras do corpo, é-me fácil compreender que o sono é também a condição em que a mente vive, sem perturbação, em fantasia e símbolo, aqueles aspetos das nossas vidas interiores que escondemos por limitação, falta de coragem ou medos impostos pela lei do homem. A lei do homem, infelizmente, não é da ordem universal, e é à ordem universal que somos constantemente chamados a prestar contas. A ordem universal não se limita ao campo sensorial, e treinar a consciência para perceber e estar atenta no campo suprassensorial parece-me ser uma atividade normal e progressiva na vida humana.

A imaginação ocupa-se com distâncias de tempo e espaço, com grandes áreas para além do tempo e do espaço, com o não experienciado e o suprassensorial, e é, por isso, potencialmente criativa no campo suprassensorial. Mas as experiências de estados imaginativos entram no subconsciente e alteram-no, e, se praticadas persistentemente, podem colorir de tal modo o subconsciente com dados não factuais que resulte a ilusão. Parece-me, porém, que só em vidas tão insensíveis, tão áridas e tão inexpressivas que não conseguem encontrar experiência suficiente no presente, ou em vidas vinculadas por condições que negam qualquer expressão adequada a impulsos inatos, é que a imaginação poderia tornar-se assim o material dominante de experiência que entra na consciência.

Por outro lado, a imaginação pode tornar-se um fator criativo, em ligação com o sono, desde que se baseie simultaneamente nas realidades da vida normal e nas nossas legítimas aspirações. A qualidade do subconsciente é cumulativa e, pelo menos até certo ponto, o seu conteúdo pode ser projetado de forma construtiva à medida que vamos vivendo. Eu próprio cultivei o hábito de controlar o meu subconsciente e, ao longo dos anos, desenvolvi progressivamente uma unidade entre os vários níveis da minha própria consciência. Isto parece ter-se desenvolvido como uma facilidade na própria consciência — um poder unitário em vez de dividido. Sono, sonhos, percepção sensorial, telepatia e transe tornaram-se um conjunto de instrumentalidades ou técnicas que utilizo, como um cavalete de ferramentas, para realizar o meu trabalho da forma mais eficiente.

Esta afirmação seria, contudo, inadequada se eu não sublinhasse o facto de que tal prática assenta firmemente na legitimidade altruísta dos propósitos de cada um. Há vastas diferenças morais e psicológicas entre o que os antigos chamavam de magia negra e magia branca, e nada há de mais destrutivo da vida, tanto para o indivíduo como para os fatores do seu ambiente, do que uma alta eficiência utilizada para fins egoístas, exclusivos, restritivos e repressivos.

Todas as expressões da vida humana são, de facto, mágicas, se as olharmos de perto o suficiente para o ver. O mundo civilizado que a humanidade criou a partir de substâncias naturais é a coisa mais mágica que alguma vez existiu. E a vida individual de cada um de nós é um fator nessa obra mágica total, que podemos entenebrececer através da nossa ignorância e egotismo, ou iluminar pelo honesto exercício do serviço em prol da liberdade da vida em todos os seus aspetos. A cada negação ignorante ou descuidada, vamo-nos restringindo a nós próprios, assim como aos outros; a cada libertação da vida para uma liberdade mais plena, somos nós próprios libertos.

Nunca adormeço sem pensar no amanhã. Avaliando as importâncias relativas das várias coisas que tenho de fazer, coloco a mais importante, como a mais importante, no meu subconsciente, com as outras importâncias a seguirem-se depois. E a consequência é que, dia após dia, vivo uma vida que é a minha vida. Uma vez que, assim, tenho o meu próprio trabalho a fazer, não estou sujeito a muitas incursões fortuitas do mundo exterior, e tenho muito pouco tempo para aquelas malfeitorias que Satanás encontra para mãos e mentes ociosas fazerem.

Esta antevisão do amanhã afeta o supraconsciente bem como o subconsciente; e é porque assim é que a consciência, como um todo, é reforçada na unidade. Se um trabalho necessário requer a presença de um amigo ou de um conhecido de negócios no meu escritório às onze horas de amanhã, envio palavra a essa pessoa telepaticamente e, normalmente, ela comparece como esperado, ou então recebo notícias suas.

Mas, em tudo isto, tem de haver uma pureza fundamental de altruísmo. Não chamo o homem porque quero que ele venha, mas

porque uma situação construtiva requer a sua presença para o seu ulterior desenvolvimento. E, embora seja eu quem o chama e quem assume a responsabilidade pelo acontecimento, não me importo de o fazer, uma vez que nunca tomo tal ação senão em termos de boa-fé consciente e boa vontade desinteressada.

Nunca utilizaria estas capacidades cultivadas para comandar alguém contra a sua vontade; e, como não me rendi às forças da ignorância ou da mera curiosidade, acredito que a minha capacidade continuada de operar desta maneira depende da pureza dos meus motivos. Em tal atividade, não se devem permitir ilusões nem cometer erros.

Ao viver habitualmente deste modo, passa-se a conhecer e a compreender as próprias impulsões e propósitos, e os efeitos dos fatores ambientais na própria vida. Desenvolve-se um ponto de vista suprasensorial, a partir do qual se torna conscientemente crítico tanto do efeito sensorial como da natureza da própria resposta; e, por fim, o efeito de tudo isto é a despersonalização da vida, a transcendência do egotismo e o desempenho dos deveres com uma alegria mais ampla do que a que o centramento no eu alguma vez poderá conhecer.

HIPNOSE E SUGESTÃO

COMO NO SONO e na anestesia, existem vários níveis ou profundidades em que é possível a consciência estar ativa também sob hipnose. Os valores de recuperação que nos advêm durante o sono são de importância primária para as nossas vidas; aqueles que tiveram qualquer espécie de experiência “psíquica” sob anestesia sabem que essa experiência consistiu numa percepção inesquecível de relance de um mundo — uma condição de consciência — que era vastamente diferente das condições do nosso viver habitual aos níveis da percepção sensorial. Do mesmo modo, em estados hipnóticos, as nossas vidas não só podem ser, como efetivamente são, afetadas por meios que estão muito afastados dos níveis da percepção sensorial.

No século XIX — os primeiros dias da era vitoriana —, travou-se uma acesa rivalidade entre a hipnose e o éter como agentes anestésicos. Mas agora ficaram suficientemente separados nos campos

do respetivo melhor uso: o mais materialista éter tornou-se o agente para a indução física de dissociação temporária, e a sugestão hipnótica tornou-se uma técnica de tratamento para a correção de dissociações de tipos psicológicos anómalos.

A sugestão não é apenas um método de tratamento de anomalias psicológicas, porém; é, ao mesmo tempo, a causa e a cura delas. É a fonte das nossas mais altas aspirações e das nossas melhores realizações; é uma semente de todas as atividades claras e sombrias dos seres humanos neste mundo. Encontramos o nosso caminho pela vida seguindo sugestões que estão constantemente a ser feitas à consciência, quer por nós próprios, quer por pessoas e acontecimentos do mundo exterior. A sugestão é a chave de toda a educação e a raiz de valor em toda a experiência.

Em certo sentido, toda a sugestão é hipnótica e todas as nossas atividades são resultados de sugestão. Para a hipnose, não é necessário recorrer aos serviços de um hipnotizador treinado e perito, a não ser para algum tipo invulgar de tratamento especial, pois estamos continuamente a hipnotizar-nos a nós próprios e uns aos outros. Quando alguém se levanta da cama de manhã, sentindo-se insuficientemente repousado devido ao desgaste de uma época de trabalho árduo, o corpo pode clamar por mais descanso, e pode desejar intensamente voltar para a cama.

Estas são expressões naturais da necessidade do organismo. Mas a consciência sabe que o trabalho a fazer está à espera, e transcende o cansaço do corpo com alguma frase hipnótica como “Tenho de ir trabalhar”, e, na consciência, a ideia de cansaço corporal é substituída por um sentido — e provavelmente uma imagem — do trabalho que o aguarda. Assim, vai para o seu local de trabalho, seja ele qual for, e continua com a tarefa; e a exaustão que sentia tão agudamente há uma ou duas horas desvanece-se completamente da sua consciência — é esquecida. Hipnotizou-se a si mesmo para fazer mais um dia de trabalho.

Tenho um amigo que está plenamente convencido de que o único estado de espírito correto para manter um compromisso social — jantar, cartas ou teatro — é o de rebelião, ressentimento e repulsa.

Tendo-se auto-hipnotizado nesse estado, cumpre o compromisso, certo no íntimo de que terá uma noite agradável; pois, tendo-se preparado para suportar o pior em matéria de tédio e enfado, verificou, sem exceção, que nenhuma festa é tão má assim, e diverte-se sempre mais do que antecipara.

Inversamente, muitos jovens sofrem as suas maiores desilusões por se terem auto-hipnotizado para esperar demasiado do baile ou do fim de semana — muitas vezes mais do que era humanamente possível. Na verdade, fabricamos a maioria dos nossos próprios êxitos e dissabores pela maneira como antecipamos e preparamos a nossa abordagem aos vários acontecimentos da vida. Temos de aprender, observando as nossas próprias aceitações e rejeições da experiência, o que realmente queremos da vida e do mundo. E só ao vermo-nos ao espelho da resposta do mundo às nossas investidas é que tomamos consciência de ambos os lados da nossa própria imagem. À medida que avançamos neste salutar treino da consciência, aprendemos de facto a conhecer-nos, e também os defeitos e os valores dos nossos poderes hipnóticos: o brilho ilusório e a ilusão da nossa ignorância esbatem-se gradualmente, e as motivações da nossa vida assentam cada vez mais firmemente na realidade. Mas essa “realidade” é sempre uma criação estritamente privada e pessoal — o resultado da experiência da consciência individual no negócio de viver, e o resultado das suas interpretações dessa experiência.

Muitos de nós somos demasiado crédulos perante o tratamento duro que o mundo dispensa às nossas primeiras ilusões; aceitamos as reações do mundo às nossas ambições e esperanças como mais importantes e mais realistas do que nós próprios. Se somos sensíveis, é provável que resvalem para uma negatividade relativa sob o tratamento que recebemos dos sofisticados, e muitas vezes hesitemos em dar expressão às intuições e aspirações que se movem em nós. Assim, ficamos hipnotizados em timidez, que é uma forma de medo — o mais vil dos conselheiros —, e vivemos, ao longo dos anos, uma espécie de vida de rebanho, nunca chegando a tornar-nos o nosso eu individual em medida adequada, e morrendo finalmente, tendo mal sentido ou insinuado o brilho e a beleza que jazem escondidos nas profundezas diamantinas das nossas almas individuais.

Cada um de nós, consciente ou inconscientemente, cria e alimenta a qualidade do seu próprio subconsciente. O subconsciente é o repositório do nosso individualismo, no qual tudo o que nos acontece se torna parte do que somos. Mas, sempre, a nossa interpretação de uma experiência particular, e a nossa reação a ela, são psicologicamente mais importantes do que a própria experiência. Se, olhando para fora em certas direções, nos descobrimos com medo do que possamos encontrar, estamos geralmente a padecer de algumas ilusões hipnóticas. Mas tais condições podem ser compensadas por auto-hipnose de tipo mais construtivo e, se quisermos, podemos sair corajosamente, com alegria, ou em espírito de aceitação, ao encontro da experiência para a qual estamos interiormente motivados.

São poucos os que não tiveram, alguma vez, o privilégio de enfrentar com grande *savoir-faire* alguma situação mesquinha ou potencialmente destrutiva que lhes foi imposta. E quem não teve a experiência de responder à tragédia ou ao perigo com maior dignidade, calma e coragem do que sabia possuir? Quando a exigência de divindade se torna imperativa, a divindade nativa que há em nós emerge. Nas horas de maior necessidade, invocamo-la, consciente ou inconscientemente, e por ela somos salvos. Essa divindade não nos é objetiva. Estamos imersos nela e por ela infundidos. Mas, para a deixarmos operar, temos de limpar dos canais da própria consciência os pequenos e pessoais entraves da nossa vida e aproximar-nos da unidade com o Universal divino.

Isto é um facto da natureza; e, embora “religioso” no sentido de se ocupar do mistério da Unidade divina da Vida, existe para além de todos os credos e dogmas. Lembro-me da aventura do Capitão E. V. Rickenbacker que, com outros militares, esteve perdido nas águas vazias do Pacífico Sul durante vinte e três dias, num minúsculo bote de borracha. Esses homens sofreram tudo, de sede, fome e exposição; mas, quando foram finalmente resgatados, conta-se que o Capitão Rickenbacker disse:

“Não sou, formalmente, um homem religioso, mas posso dizer com verdade que nunca duvidei, por um momento, de que seríamos salvos.” Este é um exemplo da fé interior que se tornou uma experiência comum dos homens na guerra atual, um exemplo entre

muitos em que a consciência tomou conhecimento das suas próprias profundezas. Ao penetrarmos para além das superfícies da experiência sensorial e do hábito, entramos nas áreas da telepatia natural; e, quando somos nós mesmos com maior simplicidade — frente a frente com a vida —, encontramos as nossas garantias básicas e sabemos o que sabemos.

Jovens e velhos, somos todos continuamente confrontados com a negação. Quando pedimos ação positiva, dizem-nos “Não se pode fazer” ou “Não posso fazer isso”, e demasiadas vezes aceitamos a negação. Isto deve-se ao modo peculiar como somos treinados desde o nascimento. Ouça-se a mãe média corrigir o filho: “Não, querido, não podes fazer isso.” “Porquê?” “Porque a mamã diz que não podes.” “Mas porquê, mamã?” Então vem, inevitável: “Queres ser castigado? Queres que eu diga ao papá que foste um menino malandro?”

Esta é uma educação sugestiva do pior tipo. Entretanto, a criança não aprende porque não deve correr na relva, pôr a mão no fogo, ou fazer as inúmeras outras coisas a que é interiormente impelida. Cresce não só confusa e condicionada à negação, mas também com um sentido de valores completamente distorcido. A educação moderna fez algo para corrigir este mal, mas esquece que a criança é um pequeno animal e deve ser ensinada à autodisciplina, bem como a factos. Ainda não é um indivíduo integrado, e dar-lhe demasiada liberdade de expressão, sem orientação adequada, é autorizá-la a agir sem responsabilidade. Ora a responsabilidade é inerente à própria natureza das relações, e não pode ser ignorada sem diminuir os valores da vida. Volto a afirmar que somos formas exteriores e visíveis da onipotência, e negar ou desconsiderar este poder universalista é desconsiderar o próprio ser.

Experimentar na experiência é o processo de individuação e de universalização. Quando neste livro falo de transcender o nosso individualismo, refiro-me, de facto, à plena e consciente individualização de nós mesmos. Estes dois processos são inseparavelmente complementares. Só podemos desenvolver o nosso individualismo por contactos com estados de ser que são objetivos ao somatório do que somos no momento presente. Em cada extensão de nós próprios a esses campos objetivos, assimilamos algo da sua

qualidade e, assim, a nossa própria qualidade é modificada por amplificação. Toda a verdadeira expressão de nós mesmos é um passo para a universalização mais plena da nossa consciência. Quando já não nos deixamos dominar e inibir pelas atitudes de rebanho, mas gastamos a vida na expressão livre do nosso próprio eu, descobrimos que o egoísmo é uma barreira que restringe a liberdade da vida, ao passo que a verdadeira liberdade é composta de serviço e alegria.

Uma das críticas mais sólidas ao nosso esquema moderno de civilização é o número crescente de casos de insanidade e perturbações nervosas e mentais que apinham os nossos asilos e os gabinetes dos psiquiatras. O confinamento demasiado restritivo dos impulsos humanos naturais; a ditadura confusa e inibidora da opinião pública; o arrear de indivíduos sensíveis e inteligentes a um trabalho rotineiro; a limitação da liberdade humana por meio de apertos financeiros — estas condições comuns da vida civilizada (e não falo aqui de condições de guerra, mas do estado “normal” das coisas em tempo de paz) estão a criar uma tensão e uma pressão progressivas na própria vida humana. Estamos a construir tremendas eficiências coletivas à custa da vida individual. Vida, liberdade e busca da felicidade são, fundamentalmente, para o ser humano apenas; e é o problema presente do indivíduo encontrar os meios para a sua autoexpressão — o que a maioria de nós consegue fazer em medida salvadora, embora limitada.

A maioria das vidas humanas no mundo é relativamente monótona porque, confinados que estamos às necessidades de ganhar a vida num mundo coletivo e económico, a nossa consciência é dominada pela percepção ao nível sensorial, e toda a massa do nosso subconsciente em desenvolvimento — a qualidade potencial efetiva da nossa individualidade — é controlada pela política coletiva. Para o indivíduo, o único escape a este domínio de massa reside na sua prática consciente da auto-hipnose. Mas tal empreendimento tem de ser motivado por impulsões que surjam no próprio indivíduo, e têm de ser criativas, altruístas e universalistas no propósito; caso contrário, acabará apenas mais profundamente incrustado nas pressões da mente de rebanho.

Em anos passados, por vezes ficava a olhar para mim próprio *eertaniee*, com uma espécie de curiosidade objetiva, a perguntar-me se seria constituído de modo diferente do resto da humanidade. Eu sabia que possuía capacidades suprassensoriais, e estas pareciam ser fenómenos muito raros no mundo. Mas não conseguia encontrar em mim marcas de anormalidade; não colhia pistas, em parte alguma das minhas relações sociais, que indicassem que eu era “esquisito” ou estranho. Após um autoexame, e aceitando todos os indícios que mostravam que a minha vida era normal, questioneei porque é que mais pessoas não estavam também a desenvolver-se e a exprimir-se no campo da experiência suprassensorial.

E acabei por chegar à conclusão de que a maioria das pessoas tem medo — medo tanto das áreas subconscientes como das supraconscientes do seu ser inato. Para a maioria de nós, há uma faixa estreita de experiência de consciência, ao nível sensorial, que constitui o campo geral da nossa perceção e do nosso conhecimento. E, como esta área estreita se ocupa principalmente das nossas relações civilizadas, e não das naturais, o conteúdo subconsciente da maioria dos homens e mulheres “civilizados” está a tornar-se rapidamente desnaturado — para não dizer desumanizado.

Naturalmente, não é minha intenção aconselhar nenhum homem, que esteja decidido a apanhar o comboio das 5:15 em vez de olhar o pôr do sol, nem nenhuma mulher, que tenha de se despachar para casa depois do jogo de *bridge* da tarde em vez de reparar nas sombras violetas que as árvores lançam sobre a neve no lusco-fusco de inverno, a abandonar essas atividades “práticas” e tentar tornar-se “psíquico”. O único propósito que tenho nestas páginas consiste em fazer afirmações claras sobre a existência humana tal como a vejo — sendo a base deste ponto de vista o meu próprio conhecimento, ganho através da experiência, do facto de que a vida humana é potencialmente muito mais rica do que, na prática, costumamos animá-la a ser. Esta realidade começa agora a ser apreendida por muitas pessoas, de forma vaga, e parece-me pertinente justapor, neste momento, certos factos e fatores da minha própria experiência e do conhecimento científico emergente num padrão que, embora pequeno, poderá revelar-se simultaneamente racional e convincente.

Ninguém que compreenda o funcionamento das atividades suprasensoriais recomendaria levianamente o empreendimento deste tipo de esforço. Em primeiro lugar, e para a maioria das pessoas, ele constitui uma mudança radical de vida — um reajustamento imediato e progressivo de todos os pontos de vista; a substituição de inúmeras incertezas por conhecimento seguro; uma alteração drástica do conteúdo do subconsciente; e um novo lote de tomadas de consciência reais acerca de quase tudo com que se entra em contacto.

É óbvio que, face a tais reajustamentos, é preciso estar pronto para fazer incontáveis renúncias nos modos e hábitos de vida. O padrão é um padrão de singularidade. Ao trabalhá-lo, emerge-se gradualmente das profundezas da participação na consciência coletiva e torna-se cada vez mais individualizado. Mas, para a pessoa que, pela pureza de propósito, desenvolve efetivamente uma elevada medida de individualização, o período de autoconsciência individual é relativamente breve. Naturalmente, durante algum tempo, contempla-se a si próprio com espanto. Mas a própria experiência que, por um lado, o diferencia como indivíduo, por outro universaliza a sua consciência ao mesmo tempo. E, mesmo enquanto reconhece o uso de novos mecanismos, aprecia também a amplitude e a importância das suas relações em expansão para além da mera personalidade.

Creio que muitas pessoas fecham a mente à experiência psíquica porque temem as suas próprias capacidades; outras receiam que, ao tornarem-se universalistas, venham de algum modo a desumanizar-se; enquanto algumas, sem dúvida, hesitam em aceitar a responsabilidade acrescida que inevitavelmente acompanha toda a expansão da consciência. Mas deixar-se controlar por tais medos e hesitações é alimentar uma falta de fé na natureza humana; é imaginar-se semelhante ao choupo da Normandia, cujo impulso para o céu é, muitas vezes, demasiado pesado para as suas raízes.

Na realidade, porém, isto não constitui um perigo prático — a menos que alguém já esteja psicologicamente tão instável que seja estimulado por motivos ilusórios e não realistas. Pois, no trabalho efetivo do desenvolvimento psíquico, a autodisciplina é o primeiro regime, e a autopurificação é a primeira lei. Não há, evidentemente, nada de estranho ou misterioso nestes factos, porque, em qualquer

empreendimento psíquico, afasta-se, por força, da percepção objetiva óbvia e volta-se a atenção para a percepção do subtil; e, dado que as nuances da própria atividade psíquica constituem o campo subtil mais imediato, este torna-se a área natural para a prática e o estabelecimento dos seus controladores psíquicos.

O primeiro objetivo do controlo do subtil consiste na penetração, pela percepção, das percepções sensoriais habituais — atravessando e indo além das primeiras impressões evidentes das coisas e discernindo os conteúdos da segunda, terceira e ulteriores profundidades no campo percetivo. Vê as flores individuais num maciço em flor? As manchas de azul e amarelo no verde de uma árvore? Já distinguiste os pequenos planos de luz ametista, azul, branca e verde que constituem a coloração “de pavão” de uma onda?

Numa paisagem que estás a olhar, consegues ver para além dos edifícios e das árvores que te escondem o resto — o prado onde as vacas pastam, o trilho que o regato segue ao descer até à lagoa, quantos salgueiros se inclinam ao longo das suas margens, se há cogumelos no prado hoje? Consegues ver toda a vasta extensão de campo em detalhe e em diferentes luzes — em diferentes horas do dia e em diferentes tipos de dias, inverno, verão, meia-noite, alvorada? Consegues sentir o orvalho na relva quando não há orvalho, ouvir o chamamento dos oriolos quando todos os oriolos estão longe, e sentir a estranha doçura do luar num campo de feno, e cheirar a doçura do feno cortado, enquanto viajas num autocarro da Fifth Avenue ou apanhas o teu comboio no Grand Central Terminal?

Tais práticas simples figuram entre as etapas iniciais do controlo dos sentidos e de outras capacidades percetivas. Alguém poderá perguntar: “Mas tem valor ouvir o oriól cantar quando ele não está lá, ou sentir o orvalho na relva quando não há orvalho?” E eu pergunto: “Não terá?” A beleza que conheci é verdadeiramente minha, guardada na qualidade subconsciente de mim próprio; porque haveria de perder tempo em vãs lamentações por não poder viajar para ir ao encontro do chamamento do oriól, quando ele está para sempre incrustado no vasto repositório da minha memória?

A qualidade da minha observação juvenil hipnotizou-me no entendimento de que as maneiras simples das outras criaturas de Deus eram boas para mim também. O crepúsculo trazia as aves a casa para arrulharem e discutirem os azares — ou a boa sorte — do dia. A noite chegava e dava-lhes sono e despertava os irmãos peludos das suas sonolentas jornadas. Todas as dores, danos e medos acabavam por se ajustar nos processos do viver; o cansaço e o terror perdiam-se na paz e no descanso. O amanhã trazia sempre outro programa de aventura.

A individuação é a porta de entrada para o universal. O segredo está em viver o Próprio, a própria vida, ser aquilo que se é. Não há lei natural que diga que me devo confinar à experiência presente dos sentidos. De facto, não estou assim confinado, porque a minha natureza conhece liberdades imensamente mais amplas. E, se descuro essas liberdades mais vastas — doces memórias e alta imaginação —, entrego ao nada grandes segmentos do meu direito de nascença.

Pousa então este livro por um momento, relaxa a mente e o corpo, e recorda uma das experiências mais belas da tua vida. Traz-lha do passado — o tempo não é barreira — e de qualquer distância — o espaço também não é barreira —, recupera-lhe as qualidades, todas as suas qualidades, com a maior vividez que consegues; e, vendo a imagem dela na mente, sentindo o frémito da resposta emocional ao seu apelo, vive de novo esse alto momento de felicidade e deleite. Sabe, dentro de ti, que tens um direito legítimo a ser libertado para a alegria que existe para além dos sentidos.

Depois de praticares o pequeno exercício que sugeri, se agora examinares, de forma plenamente racional, o episódio concreto que recuperaste do passado, terás uma pista para a tua própria qualidade e natureza interiores. Pois, se a experiência te foi bela, basta compará-la com as atividades correntes habituais da tua vida para veres se estás, ou não, a cumprir razoavelmente o teu destino e a tua natureza. Se não estás — e a maioria das pessoas não está —, então terás recebido a tua primeira lição em valores sensoriais mais profundos e, em conformidade, poderás avançar, ao menos em certa medida, para a gestão da tua vida.

Os psicólogos chamarão talvez a tais práticas “fugas à realidade”; e são fugas — não da realidade, mas para ela. É mais “real” ver hoje o automóvel, ouvir a buzina e cheirar o fedor venenoso do escape, do que visitar em imaginação uma praia ensolarada que conheço na Riviera, com o Mediterrâneo azul a estender-se à distância, e atrás de mim uma colina graciosa salpicada de jardins e vilas frescas onde pessoas — muitas delas amigas minhas — viveram outrora com beleza? Para recuperar tudo isso, tenho agora de recuar no tempo, bem como até à distante França; mas, ao fazê-lo, faço emergir para a percepção um conjunto de estímulos vastamente diferente da visão, do som e do cheiro do automóvel; e, em consequência, vivo, ao menos por alguns momentos, imerso de novo na felicidade, na fé e nas devoções que são basilares no meu próprio ser.

Todo esse passado feliz, reavivado na consciência, desperta uma tristeza presente, porque a guerra desfez aqueles modos amplos de viver; mas essa tristeza aprofunda a qualidade da memória, e o passado e o presente enriqueceram-se assim mutuamente em mim.

Porque não haveremos de praticar uma boa técnica de fuga? Os que se especializam no estudo das anomalias descobriram que os “mecanismos de fuga” são propícios a estados fixos de ilusão e a dissociações permanentes. Pessoalmente, não creio que isto seja a raiz da questão. Considero tais condições sintomas e não causas, e é de notar que psiquiatras capazes trazem diariamente pessoas de volta à normalidade, indo às raízes de tais dificuldades. Um bom mecanismo de fuga pode significar salvação das tensões nervosas da vida; e, de facto, todos nós nos entregamos a eles, mais ou menos. Alguém disse que adormecemos quando nos cansamos de nós próprios; mas tal afirmação só se pode aplicar a pessoas que não aprenderam a escapar conscientemente para as áreas suprassensoriais da sua própria existência.

Descobri por mim mesmo os valores básicos de tais fugas há anos, quando estava no British College of Psychic Science. Como as pessoas lá iam para sessões, entrava muitas vezes em transe três vezes por dia, no esforço de lhes dar alguma comunicação do “mundo do espírito”. E não raras vezes, sob o impacto da personalidade tacanha e da pieguice sentimental desses visitantes, alegrava-me por escapar

para o estado de transe — para um estado de liberdade psicológica e espiritual —, longe do peso e do arrasto que algumas pessoas impunham aos meus sentidos e às minhas sensibilidades nervosas.

Era muitas vezes evidente que, como personalidades, essas pessoas eram incapazes e indignas de uma devoção corajosa e profunda; sabia, sem margem para dúvida, que só poderiam ser um desgaste para as energias das entidades a cuja “atenção” aspiravam; e, como então nutria uma convicção crescente nos direitos dos mortos à sua paz, sofria por vezes um espasmo de rebelião e repugnância de mim próprio perante a necessidade que me fazia instrumento desses apelos insuficientes à sua atenção.

Na verdade, todos queremos apaixonadamente viver, apesar de muitos de nós termos esquecido o que viver significa. No fundamental, significa experienciar — experienciar o jogo forte e ativo das nossas próprias forças vitais — não como respostas vicárias às façanhas de outrem, como ao ler um livro, ver um jogo de futebol ou uma peça no teatro, mas em resposta direta, em identificação direta, com as circunstâncias, acontecimentos e personalidades que têm consequências imediatas e prementes para a nossa existência ou para a manutenção da nossa integridade individual.

Naturalmente, não é minha intenção aconselhar qualquer homem, que esteja determinado a apanhar o comboio das 5:15 em vez de contemplar o pôr do sol, ou qualquer mulher, que tenha de se apressar para casa após a partida de *bridge* da tarde em vez de notar as sombras violetas que as árvores projetam sobre a neve no crepúsculo de inverno, a abandonar essas atividades “práticas” e tentar tornar-se “psíquico”. O único propósito que tenho nestas páginas consiste em formular afirmações claras sobre a existência humana tal como a vejo — sendo a base deste ponto de vista o meu próprio conhecimento, conquistado pela experiência, do facto de que a vida humana é potencialmente muito mais rica do que, na prática, costumamos encorajá-la a ser. Esta realidade está agora a começar a ser apreendida por muitas pessoas, de um modo vago, e parece-me pertinente justapor, neste momento, certos factos e fatores da minha própria experiência e do conhecimento científico emergente num padrão que,

embora pequeno, poderá revelar-se simultaneamente racional e convincente.

Ninguém que compreenda o funcionamento das atividades suprassensoriais recomendaria levemente o empreendimento deste tipo de esforço. Em primeiro lugar, e para a maioria das pessoas, ele constitui uma mudança radical na forma de viver — um reajustamento imediato e em desenvolvimento de todos os pontos de vista; a substituição de inúmeras incertezas por conhecimento seguro; uma alteração drástica do conteúdo do subconsciente; e um novo lote de tomadas de consciência reais acerca de quase tudo com que se entra em contacto.

É óbvio que, perante tais reajustamentos, é preciso estar preparado para fazer incontáveis renúncias nos modos e hábitos de vida. O padrão é um padrão de singularidade. Ao trabalhá-lo, vai-se emergindo gradualmente das profundezas da participação na consciência coletiva e tornando-se cada vez mais individualizado. Mas, para a pessoa que, pela pureza de propósito, desenvolve efetivamente uma elevada medida de individualização, o período de autoconsciência individual é relativamente breve. Naturalmente, durante algum tempo, olha-se para si próprio com espanto. Mas a própria experiência que, por um lado, o diferencia como indivíduo, por outro universaliza a sua consciência em simultâneo. E, mesmo enquanto reconhece o emprego de novos mecanismos, aprecia também a amplitude e a importância das suas relações em expansão para além da mera personalidade.

Creio que muitas pessoas fecham a mente à experiência psíquica porque temem as suas próprias capacidades; outras receiam que, ao tornarem-se universalistas, venham de algum modo a desumanizar-se; enquanto algumas, sem dúvida, hesitam em aceitar a responsabilidade acrescida que inevitavelmente acompanha toda a expansão da consciência. Mas deixar-se controlar por tais medos e hesitações é alimentar uma falta de fé na natureza humana; é imaginar-se semelhante ao choupo da Normandia, cujo impulso para o céu é, muitas vezes, demasiado pesado para as suas raízes.

Na realidade, porém, isto não constitui um perigo prático — a menos que alguém já esteja psicologicamente tão instável que seja estimulado por motivos ilusórios e não realistas. Pois, no trabalho efetivo do desenvolvimento psíquico, a autodisciplina é o primeiro regime, e a autopurificação é a primeira lei. Não há, evidentemente, nada de estranho ou misterioso nestes factos, porque, em qualquer empreendimento psíquico, afasta-se, por força, da percepção objetiva óbvia e volta-se a atenção para a percepção do subtil; e, dado que as nuances da própria atividade psíquica constituem o campo subtil mais imediato, este torna-se a área natural para a prática e o estabelecimento dos seus controladores psíquicos.

O primeiro objetivo do controlo do subtil consiste na penetração, pela percepção, das percepções sensoriais habituais — atravessando e indo além das primeiras impressões evidentes das coisas e discernindo os conteúdos da segunda, terceira e ulteriores profundidades no campo percetivo. Vês as flores individuais num maciço em flor? As manchas de azul e amarelo no verde de uma árvore? Já distinguiste os pequenos planos de luz ametista, azul, branca e verde que constituem a coloração de pavão de uma onda?

Numa paisagem que estás a contemplar, consegues ver para além dos edifícios e das árvores que te ocultam o resto — o prado onde as vacas pastam, o trilho que o regato segue ao descer até à lagoa, quantos salgueiros se inclinam ao longo das suas margens, se há cogumelos no prado hoje? Consegues ver toda a vasta extensão de campo em detalhe e em diferentes luzes — em diferentes horas do dia e em diferentes tipos de dias, inverno, verão, meia-noite, alvorada? Consegues sentir o orvalho na relva quando não há orvalho, ouvir o chamamento dos oriolos quando todos os oriolos estão longe, e sentir a estranha doçura do luar num campo de feno, e cheirar a doçura do feno cortado, enquanto viajas num autocarro da Fifth Avenue ou apanhas o teu comboio no Grand Central Terminal?

Tais práticas simples figuram entre as etapas iniciais do controlo dos sentidos e de outras capacidades percetivas. Alguém poderá perguntar: “Mas tem valor ouvir o oriol cantar quando ele não está lá, ou sentir o orvalho na relva quando não há orvalho?” E eu pergunto: “Não terá?” A beleza que conheci é verdadeiramente minha, guardada

na qualidade subconsciente de mim próprio; porque haveria de perder tempo em vãs lamentações por não poder viajar para ir ao encontro do chamamento do oriól, quando ele está para sempre incrustado no vasto repositório da minha memória?

A qualidade da minha observação juvenil hipnotizou-me no entendimento de que as maneiras simples das outras criaturas de Deus eram boas para mim também. O crepúsculo levava as aves a casa para arrulharem e discutirem os azares — ou a boa sorte — do dia. A noite chegava e dava-lhes sono e despertava os irmãos peludos das suas sonolentas jornadas. Todas as dores, danos e medos acabavam por se ajustar nos processos do viver; o cansaço e o terror perdiam-se na paz e no descanso. O amanhã trazia sempre outro programa de aventura.

A individuação é a porta de entrada para o universal. O segredo está em viver o Próprio, a própria vida, ser aquilo que se é. Não há lei natural que diga que me devo confinar à experiência presente dos sentidos. De facto, não estou assim confinado, porque a minha natureza conhece liberdades imensamente mais amplas. E, se descuro essas liberdades mais vastas — doces memórias e alta imaginação —, entrego ao nada grandes segmentos do meu direito de nascença.

Pousa então este livro por um momento, relaxa a mente e o corpo, e recorda uma das experiências mais belas da tua vida. Tra-la do passado — o tempo não é barreira — e de qualquer distância — o espaço também não é barreira —, recupera-lhe as qualidades, todas as suas qualidades, com a maior vividez que consegues; e, vendo a imagem dela na mente, sentindo o frémito da resposta emocional ao seu apelo, vive de novo esse alto momento de felicidade e deleite. Sabe, dentro de ti, que tens um direito legítimo a ser libertado para a alegria que existe para além dos sentidos.

Depois de praticares o pequeno exercício que sugeri, se agora examinares, de forma plenamente racional, o episódio concreto que recuperaste do passado, terás uma pista para a tua própria qualidade e natureza interiores. Pois, se a experiência te foi bela, basta compará-la com as atividades correntes habituais da tua vida para veres se estás, ou não, a cumprir razoavelmente o teu destino e a tua natureza. Se não estás — e a maioria das pessoas não está —, então terás recebido a tua

primeira lição em valores sensoriais mais profundos e, em conformidade, poderás avançar, ao menos em certa medida, para a gestão da tua vida.

Os psicólogos chamarão talvez a tais práticas “fugas à realidade”; e são fugas — não da realidade, mas para ela. É mais “real” ver hoje o automóvel, ouvir a buzina e cheirar o fedor venenoso do escape, do que revisitar em imaginação uma praia ensolarada que conheço na Riviera, com o Mediterrâneo azul a estender-se à distância, e atrás de mim uma colina graciosa salpicada de jardins e vilas frescas onde pessoas — muitas delas amigas minhas — viveram outrora com beleza? Para recuperar tudo isso, tenho agora de recuar no tempo, bem como até à distante França; mas, ao fazê-lo, faço emergir para a percepção um conjunto de estímulos vastamente diferente da visão, do som e do cheiro do automóvel; e, em consequência, vivo, ao menos por alguns momentos, re-imerso na felicidade, na fé e nas devoções que são basilares no meu próprio ser.

Todo esse passado feliz, reavivado na consciência, desperta uma tristeza presente, porque a guerra desfez aqueles modos amplos de viver; mas essa tristeza aprofunda a qualidade da memória, e o passado e o presente enriqueceram-se assim mutuamente em mim.

Porque não haveremos de praticar uma boa técnica de fuga? Os que se especializam no estudo das anomalias descobriram que os “mecanismos de fuga” são propícios a estados fixos de ilusão e a dissociações permanentes. Pessoalmente, não creio que isto seja a raiz da questão. Considero tais condições sintomas e não causas, e é de notar que psiquiatras capazes trazem diariamente pessoas de volta à normalidade, indo às raízes de tais dificuldades. Um bom mecanismo de fuga pode significar salvação das tensões nervosas da vida; e, de facto, todos nós nos entregamos a eles, mais ou menos. Alguém disse que adormecemos quando nos cansamos de nós próprios; mas tal afirmação só se pode aplicar a pessoas que não aprenderam a escapar conscientemente para as áreas suprasensoriais da sua própria existência.

Descobri por mim próprio os valores básicos de tais fugas há anos, quando estava no British College of Psychic Science. Como as

peessoas lá iam para sessões, entrava muitas vezes em transe três vezes por dia, no esforço de lhes dar alguma comunicação do “mundo do espírito”. E não raras vezes, sob o impacto da personalidade tacanha e da pieguice sentimental desses visitantes, alegrava-me por escapar para o estado de transe — para um estado de liberdade psicológica e espiritual —, longe do peso e do arrasto que algumas pessoas impunham aos meus sentidos e às minhas sensibilidades nervosas. Era muitas vezes evidente que, como personalidades, essas pessoas eram incapazes e indignas de uma devoção corajosa e profunda; sabia, sem margem para dúvida, que só poderiam ser um desgaste para as energias das entidades a cuja “atenção” aspiravam; e, como então nutria uma convicção crescente nos direitos dos mortos à sua paz, sofria por vezes um espasmo de rebelião e repugnância de mim próprio perante a necessidade que me fazia instrumento desses apelos insuficientes à sua atenção.

Na verdade, todos queremos apaixonadamente viver, embora muitos de nós tenham esquecido o que viver significa. No fundamental, significa experienciar — experienciar o jogo forte e ativo das nossas próprias forças vitais — não como respostas vicárias às façanhas de outrem, como ao ler um livro, ver um jogo de futebol ou uma peça no teatro, mas em resposta direta, em identificação direta, com as circunstâncias, acontecimentos e personalidades que têm consequências imediatas e prementes para a nossa existência ou para a manutenção da nossa integridade individual.

Contudo, consideremos quão vicariamente a maioria de nós vive. Agarrados com segurança a um emprego como base da nossa existência, passamos a maior parte da vida em atividades habituais e rotineiras. Para escapar ao tédio de tais hábitos monótonos, procuramos matéria para o nosso interesse no jornal, na rádio ou no cinema. Regra geral, e para a maioria de nós, “entretenimento” consiste nessa fuga à planura das nossas próprias vidas que se consegue com o menor incômodo e a menor despesa.

Todos queremos apaixonadamente viver, e, no entanto, poucos vivem apaixonadamente. Porque é assim? O que falta às fórmulas das nossas vidas? Estímulo. Habitúamo-nos de tal modo a depender dos cinco sentidos para os estímulos da nossa experiência neste mundo

que quase esquecemos que dentro de nós próprios residem as fontes da nossa experiência exterior — ou da falta dela. Muitos de nós perderam-se completamente nas atividades da psique coletiva, e as únicas evidências de individualismo que sentimos ou exprimimos consistem nas nossas respostas de personalidade ao que acontece chegar à nossa atenção.

Mas podemos viver criativamente a partir dos nossos próprios centros, se realmente o quisermos. Em cada um de nós existe a longa história do nosso passado racial e pessoal. Conhecemos o conteúdo do nosso subconsciente? A maioria de nós não. E, em cada um de nós, aguardam as faculdades para sondar o futuro imensurável do tempo e do espaço. Temos consciência dessas faculdades? A maioria de nós não. Mas podemos tornar-nos ativos em ambos estes campos adicionais da consciência, se quisermos. Sendo assim, vamo-nos descobrir a viver também de forma mais realista e mais interessante — mais vital — aos níveis da experiência sensorial.

Não estou a sugerir que grandes números de pessoas tentem tornar-se “psíquicas”, mas estou a sugerir — até a recomendar — que deem alguns passos rumo a uma percepção das áreas suprassensoriais do ser humano.

Já sugeri uma incursão à felicidade da memória, e deixei entrever uma possível extensão da percepção para além do campo sensorial óbvio. Além disso, gostaria de propor, para experimentação de quem isso interessar, que pare de novo e se pergunte que conhecimento seguro possui acerca do amanhã — o amanhã da sua própria vida pessoal. Provavelmente ver-se-á a começar a manhã — pequeno-almoço, e assim por diante, como de costume, e poderá antever certo número de compromissos e atividades que preencherão a maior parte do seu dia. Mas, em cada uma dessas atividades e compromissos, tem a certeza do desfecho? Tem sequer a certeza do que quer que o desfecho seja? Após ponderação madura, sabe quais os fins e propósitos que quer servir? E, por fim, serão esses fins e propósitos seus, ou assunto de outrem?

Homens e mulheres que vivem no mundo moderno têm direito, pela qualidade dos seus dotes naturais, a alguma medida de segurança

relativa aos seus próprios destinos — não apenas para o amanhã, mas também para alcances muito mais longos do tempo futuro. Comprometidos como todos estamos em atividades coletivas, podemos, no entanto, encontrar tais garantias quanto ao nosso destino privado, se olharmos para dentro de nós — onde perguntas e problemas surgem repetidamente e são repetidamente decididos.

O que aqui escrevo não deve ser pensado superficialmente como base para alguma espécie de técnica de “sucesso”. Pelo contrário, não traz promessa de “sucesso” no sentido em que vulgarmente entendemos a palavra. Mas sugere um novo realismo tanto para pessoas “bem-sucedidas” como para as malsucedidas — para todos os que tenham a coragem de tentar tornar-se indivíduos — para todos em quem o impulso para o individualismo palpita. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua própria alma? As qualidades inatas do *self* vieram à existência com o propósito de serem amplificadas e cumpridas. Feliz o homem que encontra meios de se exprimir no seu trabalho e, no seu trabalho, alcança os meios da sua liberdade pessoal. Muitos de nós temos “grandes tarefas” a cumprir, e cumprimo-las com eficiência, mas nunca encontramos tempo para notar até que ponto, no nosso sucesso, falhámos em ser nós próprios. Há muitos “individualistas” a circular pelo mundo que perderam completamente o contacto com a sua própria individualidade. Esse fragmento único do ser universal e eterno, que foi moldado pelas eras, não se descobre nas áreas exteriores da percepção sensorial, mas pelo exercício das faculdades suprassensoriais com que todos estamos dotados.

Estas páginas pretendem apenas ser sugestivas. Podem conter certa manifestação de ação hipnótica. Mas, ao enviar este “magnetismo” para o mundo, só se pode perguntar, com leve curiosidade, qual poderá ser o seu efeito. Não é preciso sabê-lo com precisão, pois não se pretende controlar as dissociações, percepções (verdadeiras ou falsas) e atividades do leitor. Tudo o que é preciso assegurar é a clareza da honestidade da afirmação e a clareza da honestidade do propósito ao fazê-la. Quanto a estes pontos, dei-me por satisfeito. Escrevo a partir da segurança da minha própria experiência. E o propósito? O propósito é libertar, por muito ou por pouco que

seja, a consciência da humanidade, agora desnecessariamente restringida pelo medo de si mesma — medo do poder e do esplendor das capacidades inatas do próprio homem. Como esse medo é efeito da auto-hipnose do homem, induzida pelas suas relações com o mundo sensorial, a sua cura reside numa auto-hipnose de tipo diferente. E, se quisermos, podemos vencer esse medo com coragem; pois o cultivo da vontade é talvez o mais elevado processo psicológico possível à auto-hipnose.

DISSOCIAÇÃO E PERCEÇÃO

Na psicologia humana, e por detrás da percepção, movem-se inúmeras forças intangíveis, de qualidade elétrica, que resultam da transmutação, pelo organismo, de todos os fatores que entram naquela soma sintética que é o indivíduo sintético. Algumas dessas forças estão continuamente ativas, enquanto a vida habita o corpo humano — percepção sensorial, alguma medida de resposta emocional e nervosa, pensamento ou fantasia, e a operação do metabolismo no organismo. Mas a percepção não alcança, geralmente, todos os níveis em que essas forças estão em funcionamento. Embora a percepção possa, por vezes e por vontade, encher-se do conteúdo do subconsciente, ela tem relativamente pouca ocupação com essas áreas tão antigas e tão largamente automáticas. A percepção está sempre ocupada com o presente. Mesmo quando a mente alcança o passado, o futuro e as distâncias do espaço, a percepção ocorre apenas aqui e agora.

Como disse, o sono é uma condição psicológica normal em que a percepção, a coroa sintética da personalidade, se torna quedas e inativa, por efeito da dissociação. No nosso estado normal de vigília, diversos estímulos estão constantemente a afetar a consciência por via dos cinco sentidos, mantendo o cérebro num estado de leve excitação e os neurónios cerebrais mais ou menos carregados de energia nervosa. Quando adormecemos, os nossos pensamentos e a receção de estímulos sensoriais diminuem em número e vigor, a atividade cerebral abrande, a energia reflui nos neurónios cerebrais, o cérebro repousa e os estímulos sensoriais afetam apenas os níveis nervosos inferiores — o subconsciente.

Serão tais mudanças de condição suficientes para justificar que dividamos a consciência em duas partes, o subconsciente e o consciente? Creio que sim. E a separação da terceira parte da consciência, a que chamei supraconsciente, é igualmente justificada por outras diferenças que ocorrem nessas mesmas áreas de estímulos, atividade cerebral e energia dos neurónios.

Se o sono, que é uma condição subnormal, subconsciente (relativamente à nossa vida normal de vigília), ocorre pela atenuação da nossa receção de estímulos e da nossa resposta a eles, então estados que possam ser chamados supernormais ou supraconscientes (relativamente à nossa vida normal de vigília) devem ser assinalados por alguma intensificação de estímulos e de resposta nervosa e cerebral.

E assim é.

Toda a teoria do supraconsciente assenta na ideia de concentração — uma concentração de todo o *set-up* psicológico, incluindo expectativa, atenção, desejo, vontade e ação, sobre um dado propósito superpessoal. Assim como nos deixamos cair no sono para a descontração de uma condição subconsciente que pode ser pensada como negativa, assim, nas experiências supraconscientes, alcançamos um novo foco e uma nova tensão de todas as faculdades da nossa vida e, por essa concentração das forças vitais em níveis de consciência que transcendem tanto o subconsciente como o consciente, entramos em novos campos de percepção, de atenção e de conhecimento.

Sem ser demasiado técnico, talvez seja interessante oferecer aqui uma chave para o significado de dissociação. O parágrafo indicativo que se segue é citado da Enciclopédia Britânica.”

No estado normal do cérebro, quando qualquer ideia está presente à consciência, a disposição neural correspondente encontra-se num estado de excitação dominante, mas a intensidade dessa excitação é moderada, deprimida ou parcialmente inibida pela subexcitação de muitas disposições rivais ou concorrentes de outros sistemas com os quais está ligada. Suponhamos agora que todas as ligações nervosas entre as inúmeras disposições do cérebro são, por algum meio, tornadas menos eficazes, que as vias de associação se encontram

parcialmente bloqueadas ou funcionalmente deprimidas; o resultado será que, enquanto as ligações mais íntimas — as existentes entre as disposições de um mesmo sistema — permanecem funcionais e permeáveis, as ligações mais fracas e menos íntimas — as existentes entre disposições pertencentes a sistemas diferentes — serão praticamente abolidas por ora; cada sistema de disposições funcionará então mais ou menos como um sistema isolado e a sua atividade deixará de estar sujeita à influência depressiva ou inibitória de outros sistemas; portanto, cada sistema, ao ser estimulado de qualquer maneira, tenderá para o seu fim com mais do que a força normal, por estar livre de todas as interferências; isto é, cada ideia ou sistema de ideias tenderá a desenvolver-se e a realizar-se imediatamente em ação, sem sofrer a oposição de ideias antagónicas que, no estado normal do cérebro, poderiam por completo impedir a sua realização em ação.

* Encyclopædia Britânica, 1910, “Hypnotism”, p. 205.

Deste modo brevemente indicada, a dissociação é uma teoria psicológica de importância primária. No momento, a psicologia assume, em termos gerais, que a dissociação é “anormal”; mas esta atitude baseia-se, naturalmente, no estudo de casos psicológicos anómalos. A minha opinião é que, em casos anómalos, a dissociação é um sintoma e não uma causa, estando a causa muito mais profundamente enraizada na psique do indivíduo do que aquilo a que a teoria da dissociação chega. A dissociação pode ser normal ou anormal, conforme o seu valor expressivo efetivo na vida; e a chave da diferença encontra-se no facto de a dissociação ser — ou não — uma ferramenta ou um meio para a libertação propositada e criativa da psique, ou de ela dominar e limitar a vida do indivíduo. Em qualquer dos casos, a natureza psíquica está na raiz da condição factual, é o ponto de pressão quer da expressão “normal”, quer da “anormal”.

Na realidade, a dissociação é uma condição essencial para a consecução de todas as nossas melhores atividades criativas. Uma das razões pelas quais mais de nós não somos mais criativos é não sermos ainda capazes de estabelecer, em nós próprios, as condições de dissociação seletiva.

Nenhuma concentração importante sobre um dado tema se realiza sem uma dissociação temporária; a capacidade de alcançar tais dissociações seletivas é marca de alta qualidade e integração psicológicas; é fomentada por todo o nosso sistema educativo e é o objetivo de toda a nossa eficiência científica e empresarial.

O que está fundamentalmente em causa é o poder de dirigir seletivamente as forças psíquicas. Mas a psique não se deixa controlar para além de certo ponto, e as condições de dissociação anormal diferem das dissociações normais nisto: são sobreconcentrações da consciência no eu, devidas a um conflito egóico entre alguma necessidade profunda da psique e uma falha em libertar (por vezes por uma inibição forçosa) a expressão dessa necessidade.

Em tais casos, temos um regresso a um estado primitivo de consciência que se situa no longo intervalo entre o instinto animal e a mente civilizada. A chave dessa condição primitiva é a identificação do eu com todos os fenómenos objetivos — tudo o que percebe está intimamente relacionado consigo; ao passo que a marca das verdadeiras culturas civilizadas é a sua capacidade de diferenciar percepções em incontáveis graus de relação, íntima e remota.

No primeiro capítulo deste livro referi-me à capacidade humana para a percepção objetiva impessoal como a coroa da sua singularidade. Na busca e obtenção de percepções objetivas impessoais, o ser humano tem de aprender os processos de dissociação seletiva, incluindo a capacidade de transcender o campo sensorial; mas a manutenção da norma humana depende não só da capacidade do indivíduo de ser assim seletivo, como também da sua contínua habilidade para se libertar de tais concentrações seletivas e restabelecer a variedade das suas relações associativas.

DISSOCIAÇÃO E CONSCIÊNCIA

Aqui, como noutros lugares, temos um par de opostos — associação e dissociação. Estas palavras são nomes gerais para duas capacidades humanas. Entre elas, no caso individual, está a consciência, a selecionar e a rejeitar, conforme a sua qualidade presente, entre os diversos dados que a atingem percecionalmente. Grande parte da sua seletividade é inconsciente e habitual — uma atividade quase puramente subconsciente. Mas se, e quando, alguém se torna declarativo, em vez de ser meramente recetivo perante a vida, une as duas capacidades de associação e dissociação numa empresa mais ou menos positiva e independente.

Nessa altura, concentra-se, como dizemos. Grande parte dessa concentração consiste no retraimento da atenção a partir do campo sensorial e na sua centralização no conteúdo da consciência a algum outro nível psíquico. Se bem-sucedida, tal concentração no conteúdo da consciência é, como processo, verdadeiramente criativa. Mas, dado que o ser humano pode criar de modo desastroso assim como construtivo, o valor qualitativo alcançado pela concentração depende das qualidades psíquicas que dominam o processo criativo particular.

Quer “boas” quer “más”, tais realizações afetam o subconsciente, edificando aí, na sua medida, a qualidade da natureza e estatura do indivíduo. Concentrações egoístas e autocentradas podem dizer-se de tipo introjetivo; são reacionárias no sentido em que tendem a cristalizar em torno de si e, assim, inibir a liberdade da psique. Será óbvio como os medos e estranhezas de “casos” psicológicos se produzem em consequência. São divisivas e isolacionistas. Mas aquelas concentrações que são verdadeiramente “objetivas” e impessoais — que se ocupam de realidades para além do indivíduo — expandem a consciência e libertam a psique para campos mais amplos de experiência.

Equivalem ao sacrifício temporário da consciência à psique; mas a consciência é sempre recompensada.

A nossa palavra “concentração” está aliada à ideia de “concêntrico”: tendo um centro comum, como uma série de círculos, um dentro do outro, todos baseados num ponto central comum. Concebo tal figura concêntrica como símbolo da concentração

construtiva; é integrada, de facto, e, no entanto, não há limite para as áreas passíveis de inclusão dentro dela, mediante a adição de outros círculos, quer dentro quer fora da forma. Mas o centro sobre o qual toda a figura — e todo o processo — assenta, sendo o próprio núcleo do psicológico subjetivo, tem, no entanto, de ser objetivo para a consciência. Uma concentração sã é sempre a tentativa da consciência de se identificar com algo que se encontra mesmo para além do alcance da sua apreensão, percepção ou compreensão presentes. Concentração e contemplação consistem no foco da consciência sobre um centro que lhe é central e, ainda assim, objetivo — como o centro o é para a periferia de um círculo.

O segredo da diferença entre a “boa” e a “má” dissociação reside na particular centralização que se alcança. Na concentração, produz-se um misterioso duplo efeito psicológico: intensifica-se a qualidade psíquica, ao passo que a consciência adquire uma integração mais firme com esse centro. Consequentemente, faz uma enorme diferença que a concentração seja objetiva — ou não.

No capítulo sobre “Simbolismo” refiro um dos meus próprios símbolos, uma espiral luminosa, que é um sinal da minha capacidade para realizar trabalho clarividente. Observando essa espiral luminosa, sempre em movimento, curva dentro de curva, e com o seu ponto — o centro de todas as curvas e círculos — a mover-se para sempre para fora, numa distância sem espaço, senti e sei como a qualidade da consciência é modificada pela concentração no centro objetivo. Falo aqui de um símbolo que representa o facto. O ponto sempre precedente da espiral não é, ele próprio, o centro; mas a figura inteira é como uma forma em imagética elétrica, montada para focar o processo psicológico qualitativo que é, em si, totalmente imaterial. A chama da vela do contemplativo e a bola de cristal do vidente são, de modo semelhante, disposições criadas para conduzir a consciência ao abstrato.

Todos os tipos de concentração assentam na dissociação. Em certo sentido, e do ponto de vista geral presente, todas as dissociações são “anormais”. Mas, na minha opinião, esse conceito não representa uma percepção final, e não tenho dúvida de que — provavelmente num futuro próximo — a psicologia encontrará, através da teoria da

dissociação, novas chaves para as realidades da vida psíquica do ser humano. Entretanto, as diferenças entre os efeitos criados por “boas” e “más” dissociações podem ser, provisoriamente, discriminadas por um exame dos fins e propósitos das concentrações individuais da consciência.

A qualidade das nossas dissociações depende da qualidade das nossas naturezas — não da sua qualidade fundamental, mas daquela parte que é perceptiva e expressiva na condição ou estatura presente da consciência. Não há quem não possa transcender-se a si mesmo. No entanto, a maioria de nós não se transcende habitualmente, porque ainda não desenvolvemos a curiosidade nos campos subjetivos da consciência. Atividades supersensoriais envolvem dissociação; mas estas atividades são normais porque são livres e expansivas e, por conseguinte, diferem das dissociações que são dominantes e inibitórias como o dia difere da noite — e esse é um ótimo símile para resumir todo o tema.

A vida humana está cheia de fantasia. Enquanto processo vital, e considerada no seu todo, opera do mesmo modo para todos; porém, não existem duas consciências individualizadas exatamente iguais, pelo que, para cada um de nós, a fantasia é uma representação separada e especial, representada no palco do subconsciente. Nessas representações, cada um de nós ocupa o centro do palco e faz como quer ou deseja.

DISSOCIAÇÃO E CONSCIÊNCIA

Este querer e desejar representam a própria matéria da nossa existência mais privada. Para cada um de nós, a fantasia pode tornar-se uma chave das realidades do futuro, desde que tragamos a sua substância à compreensão e ação conscientes.

O que significa, então, fantasia para mim? Representa o mundo em que tenho de viver — o mundo que eu próprio, sendo o que sou, faço a partir dos factos, acontecimentos e possibilidades da vida. Para mim, pessoalmente, porque trouxe grande parte da fantasia fundamental da minha vida para as áreas da consciência, o subjetivo não me inspira medo. É, antes, a raiz de um amor pela vida, que sinto

constantemente, e é a nascente que irriga a árvore de uma grande curiosidade acerca da vida. Creio que esta curiosidade e este amor pela vida são aspetos de um dinamismo que foi desenvolvido através da integração das partes da minha consciência numa unidade operativa. Para chegar a essa unidade, sofri conscientemente, ousei invadir o subconsciente profundo e descobri certas áreas do supraconsciente. O nosso medo do desconhecido subconsciente é, na verdade, o símbolo do nosso medo da Vida. A maioria de nós teme o impacto das nossas energias inatas como poderíamos temer a pressão de uma tonelagem terrificante sobre os nossos corpos.

O que temos de aprender a fazer é estender a faculdade de consciência tanto às áreas subconscientes como às supraconscientes do universo natural. Tal como nas nossas vidas individuais, a vida universal é o efeito ou resultado presente da operação milenar das leis naturais. Nestes processos antigos ocorreram mudanças no universo e outras mudanças estão a ocorrer constantemente. É da natureza da mente humana finita fracionar este processo contínuo em partes e, assim, pensamos no passado, no presente e no futuro; mas conceber a vida e o universo como um processo contínuo e intemporal, como uma veste sem costura, é dar o primeiro passo para fora do relativo isolamento do nosso individualismo e em direção àquela universalidade de consciência que é a mais alta afinidade e capacidade do ser humano.

Pessoalmente, não considero o “psiquismo” em nenhum dos seus aspetos como um fim em si, mas como um meio para uma vida mais plena. “Aqui” e “além” — o que quer que se entenda por estas palavras — os governantes da vida são os mesmos; e é privilégio da consciência humana descobrir este facto vital. Em atividades supersensoriais estende-se uma mão ao céu; e, como na pintura simbólica de Miguel Ângelo, “A Criação do Homem”, a vida divina do Todo inunda o ser humano com nova vitalidade, élan e consciência. Vêm-se visões e sonham-se sonhos que nos levam para além dos limites de nós próprios, e os propósitos da nossa pequena vida começam a receber qualidades universalistas. Começa-se a julgar a vida e o mundo, não de forma preconceituosa, mas com um sentido crescente da realidade das coisas como elas são.

Em última análise, o valor da experiência psíquica, para o indivíduo, reside no facto de libertar a consciência humana para a sua plena afinidade com a grande Vida. Transmutar o desconhecido em forma e significado é viver, em certa medida, em unidade com a eternidade.

Parece existir a impressão geral de que, ao empreender atividades supersensoriais, alguém se ausenta misteriosamente, sozinho, para áreas de consciência e experiência que são sobre-humanas ou, pelo menos, de algum modo desumanas. Claro que não é assim. Qualquer que seja a perspectiva que se adote sobre as atividades psíquicas, o facto permanece: tudo o que o indivíduo humano experiencia e exprime é pertinente à psique humana. Em tais experiências nunca se está isolado, nunca se está só. A consciência humana só pode participar nos campos de consciência como um todo; mas não há limite conhecido para os campos de consciência, e não há limite conhecido para a participação possível da consciência humana finita nesses campos infinitos.

Entrar no campo supraconsciente corresponde, em larga medida, a entrar no campo subconsciente. Se tentarmos evocar a memória de um acontecimento passado, por exemplo, o nosso êxito depende da recuperação de imagens do “passado”. (Mas onde está o passado?) Tais imagens podem ser réplicas de pessoas, lugares, atividades, circunstâncias, eventos. E, reunindo estas imagens simbólicas, vindas do espaço-tempo para a nossa consciência presente, recriamos, conforme a nossa capacidade, um episódio totalmente imaterial, não sensorial. Além disso, a forma recriada pode ter tal força e valor que voltemos a ser emocional e mentalmente comovidos por ela, como o fomos pelo acontecimento factual de que é uma reprodução. Nessas recuperações nunca estamos sós, mas sempre acompanhados pelas pessoas e condições da memória; porém, os valores psicológicos de tal recuperação dependem do que fazemos de todo o acontecimento.

Quando se entra no campo supersensorial do desconhecido, segue-se uma técnica psicológica que corresponde, de muitas maneiras, ao funcionamento da memória. Faz-se conscientemente a aproximação; formas simbólicas surgem do espaço-tempo — e essas formas significam algo para a consciência que as percebe. O que

significam depende dessa consciência. Mas, interpretando-as segundo a sua qualidade e capacidade, a consciência evoca uma imagem imaterial na consciência desperta. E, tal como no caso da memória, também aqui os protótipos que assim se tornam significativos na nossa consciência presente afetam o organismo emocional e mentalmente, e o subconsciente fica mais enriquecido pela experiência.

A diferença entre os dois processos — recordar ou lembrar e experienciar no supraconsciente — é, naturalmente, o facto de que, ao recordar, estamos a reproduzir parcialmente, na consciência, algo anteriormente vivido, ao passo que, na clarividência, por exemplo, estamos a perceber algo que não foi anteriormente experienciado pela consciência que percebe. A chave do resultado, em ambos os casos, parece-me ser a consciência. Cada percepção supersensorial, incluindo a recordação, constitui uma coisa nova na consciência.

Para onde foi a experiência de todo o passado de todas as vidas humanas? De onde vem a experiência, em todo o mundo, deste momento presente? E para onde irá? Não estará já preparada e padronizada toda a atividade de amanhã? E não estará a nossa consciência a aproximar-se, de modo constante, desses factos e atividades à medida que o relógio marca os minutos? Tenho realmente de esperar pelo relógio? Estão a ocorrer agora coisas no universo de que nenhuma consciência humana tem conhecimento. Onde fica esse lugar onde tudo ocorre, independentemente da consciência do homem? Está em toda a parte, naturalmente, tanto no espaço como no tempo, e só o nosso treino materialista nos impede de alcançar uma percepção mais clara do Todo.

Para mim, as várias atividades de recordar o passado, pensar em algo distante no presente — a Esfinge, por exemplo, ou um quadro que está pendurado noutra divisão da minha casa e não está presente à vista —, preparar o programa das atividades de amanhã e entrar numa experiência supraconsciente — todas envolvem a atividade da consciência em várias distâncias supersensoriais do espaço-tempo. Se observarmos de perto como estas atividades ocorrem em nós, podemos descobrir, em todas elas, uma sensação de concentração no lobo frontal. E, nessa observação, descobriremos também que, como parte do processo, a respiração foi serenada.

Consciência é a identificação da consciência individual com algo que lhe é objetivo. Muitas coisas acontecem constantemente connosco e ficam devidamente registadas no subconsciente, mas não afetam a consciência. E muitas outras afetam a consciência, mas apenas de modo relativamente pouco importante. Porém, as projeções volitivas da consciência em identificações com dados objetivos são atividades criativas de tipo positivo e determinante, e tais experiências são todas semelhantes quanto ao tipo, lidem elas com o passado, o presente ou o futuro.

Tais projeções volitivas da consciência têm origem em qualquer fase psíquica que esteja dominante na personalidade nesse momento — física, emocional, mental, e assim por diante —, e o nosso desenvolvimento livre, através da experiência, consiste normalmente num processo em que a consciência vai dando, constantemente, o passo seguinte no seu desenvolvimento natural.

Deste modo, a consciência torna-se o nosso foco psíquico; e, quando ocorre como processo livre, temos um cumprimento progressivo da natureza psíquica. À nossa volta estende-se o espaço-tempo, imensurável e eterno, cheio da atividade constante de formas sem número — todas invisíveis como numa grande escuridão. Por meio da consciência, erguida como um farol na costa da consciência humana e lançando o seu feixe ao largo, discernimos fragmentos de ser e movimento na grande escuridão.

A oeste, a luz descobre o passado (recordação); a sul, revela o presente factual imediato (percepção sensorial); a leste, faz surgir coisas existentes no presente mas para além do alcance sensorial (memória); a norte, penetra no futuro (planeamento, imaginação, contemplação, percepção supraconsciente). O génio do ser humano reside no facto de possuir este holofote da consciência e de, finalmente, estar a aprender a compreender a unidade de todo o campo em que ele opera.

A RESPIRAÇÃO E A COR

Poderá porventura dizer-se que a respiração seja o elemento mais essencial para a existência humana ao nível físico. Tudo nesta terra é,

de algum modo, afetado pela atmosfera. Quando presente, a respiração faz coisas extraordinárias ao organismo humano; na sua ausência, coisas extraordinárias acontecem também ao organismo. Quando o ser humano já não pode respirar, morre, e a sua estrutura física sintética desintegra-se nos seus vários elementos.

Costumamos pensar na respiração — quando nela pensamos — como a nossa inalação e exalação da atmosfera; mas a atmosfera é uma substância composta e, ao respirar, separamos inconscientemente os seus ingredientes, absorvendo os que queremos e rejeitando outros. Há pessoas que se tornam conscientes e peritas nesta respiração seletiva. Todos conhecemos a necessidade de excluir o monóxido de carbono dos pulmões e, muitas vezes, suspendemos a respiração até conseguirmos escapar à zona de atmosfera assim envenenada. Todos conhecemos também o prazer de inalar o cheiro fresco do mar, o aroma dos pinhais e o perfume das flores. Mas, na maior parte, a nossa respiração é apenas um aspeto da nossa vida subconsciente.

Por ser basilar para a vida humana, a respiração é um instrumento de vitalidade, um veículo da própria vida. Tal como muitos outros fatores no nosso viver habitual — dieta, exercício, medicação —, é um instrumento cuja utilidade pode ser ampliada por meio de experimentação e desenvolvimento inteligentes. Para uma simples saúde física, somos ensinados a respirar profundamente; a gestão da respiração é uma parte importante de todas as técnicas de elocução e canto. Usamo-la na nossa fala corrente e, assim, ela é um dos principais instrumentos da nossa autoexpressão.

A partir da nossa experiência habitual no controlo da respiração — no canto e noutras técnicas específicas —, temos um reconhecimento básico do facto e da eficácia da manipulação da respiração. E, nas práticas iogues do Oriente, como sabemos, o controlo da respiração é um fator fundamental. As manipulações do controlo respiratório podem ser, e são, usadas para induzir dissociação. Isto é facilmente compreensível. A respiração e o ritmo respiratório afetam diretamente o fluxo sanguíneo no organismo humano; o fluxo sanguíneo, forte e puro, ou fraco e impuro, determina a qualidade vital do organismo (força vital), que afeta o sistema

nervoso e a sua eficiência e, assim, diferencia a capacidade ou tom da sua senciência (consciência).

A nossa palavra “animar” liga-se ao latim *animare*: encher de alento; e muitos dos nossos métodos conscientes de controlo respiratório consistem, precisamente, no processo de animar certas secções do nosso ser, enchendo-as de alento de certas maneiras.

Na minha própria aproximação às condições da telepatia, o controlo da respiração é o primeiro passo. Não são apenas os pulmões que intervêm nesta respiração, mas o diafragma; e, abaixo do diafragma, segue-se um efeito — como se uma essência imaterial da respiração operasse, de algum modo, no meu sistema de maneiras que não são familiares à ciência física nem aos sentidos físicos. A senciência está envolvida no processo, pois eu torno-me consciente — consciente de símbolos, do plexo solar e de movimentos subtis dentro do meu corpo, como o escoamento mais delicado de energia sobre sistemas nervosos afins; e, claro, sei, por longo e minucioso autoexame, que estes são acontecimentos factuais, não efeitos da imaginação.

O plexo solar é descrito como uma grande rede de nervos e gânglios simpáticos que fica atrás do estômago e distribui impulsos nervosos para os intestinos, o estômago e as glândulas na parte superior da cavidade abdominal. Está, assim, aliado ao subconsciente; e o facto de eu me tornar consciente do plexo solar nestes exercícios especiais de respiração parece significar que o processo respiratório transfere o foco da consciência do campo consciente para o campo subconsciente. Mas a consciência não pára nem permanece nestas fases de sensação delicada.

É apenas porque estive suficientemente interessado, em sentido científico, em examinar todo o processo com a máxima minúcia possível, que posso falar do efeito estimulante da respiração sobre a área do plexo solar. Não tenho, porém, dúvida de que um ritmo particular e controlado de respiração afeta o metabolismo habitual do organismo e de que certos efeitos subtis da mudança de que tomamos consciência não são produzidos pela imaginação, mas resultam do

desvio da consciência para regiões invulgares de sensação assim estimuladas.

Nestas circunstâncias, as sensações fluem em duas direções, para cima e para baixo, no meu corpo. Quanto desta sensação de fluxo descendente poderá ser causada por energias elétricas a deslocarem-se para a terra, não sei. Em privado, penso nesta fase como continuando a ser a operação da respiração. Mas esta sensação de movimento descendente não é causada apenas por sensação delicada; é acompanhada pela sua própria simbologia; e um dos mais comuns destes símbolos tem a forma de um lírio invertido, com o seu caule a emergir do plexo nervoso e a boca do seu sino a apontar para baixo.

Desde o meu primeiro encontro com a árvore simbólica da vida, tão vulgarmente representada em tapetes e imagens orientais, compreendi-a perfeitamente, aceitando-a do modo mais natural. Só quando adulto tive ocasião de descobrir que ela é geralmente considerada uma ideia imaginativa engenhosa de esteticismo metafísico. Na realidade, não tenho dúvida de que se originou numa percepção psíquica válida. Em todo o caso, no meu próprio espírito, há uma correspondência constante entre a árvore simbólica da vida e o meu próprio símbolo do lírio invertido, que apreendo como brotando do plexo solar.

Nunca tenho qualquer sensação do regresso da energia que flui para baixo; mas disse que a sensação flui em duas direções principais, e a que flui para cima a partir do plexo solar sobe em curvas pelas superfícies frontais do meu torso, atravessa os ombros e regressa à região do plexo solar pela coluna vertebral.

Que energia é esta que se move em sensação circular no meu corpo? Francamente, não sei. Mas o meu sentido íntimo do seu movimento é muito mais positivo do que o meu sentido do movimento do sangue nas minhas artérias e veias. É como se um novo processo de metabolismo fosse temporariamente instalado no meu corpo.

A RESPIRAÇÃO E A COR

E digo “temporariamente” porque tenho consciência da sua ocorrência apenas como efeito de respiração especial e, mesmo então, por pouco tempo, pois a consciência passa, em breve, a ocupar-se de outras coisas. Não obstante, tenho uma imagem interior límpida deste processo de movimento como um todo. É um movimento triplo algo complexo, indescritível por palavras, mas passível de indicação num padrão simbólico que tentei reproduzir.

Considerada como símbolo e reduzida aos seus termos mais simples, esta figura pode ser pensada como uma variação tridimensional sobre o tema bidimensional do caduceu de Hermes, sendo a terceira dimensão, naturalmente, no presente caso, um fator de movimento vital. Ainda assim, é interessante recordar que, no ioga Kundalini, o misterioso Fogo Serpentino, nas suas três vertentes (Ida, feminina; Pingala, masculina; Sushumna, unida), também se diz desenvolver segundo linhas que, simbolicamente, correspondem ao caduceu. São luzes laterais interessantes sobre a minha impressão das sensações que se desenvolvem como um dos efeitos da respiração especial. Menciono, de passagem, as correspondências porque, se alguém quiser considerá-las, elas sugerem que as sensações de que falei (ainda que, tanto quanto sei, sejam puramente pessoais) podem ter significados antiquíssimos e muito profundos em todo o processo de desenvolvimento psíquico.

Como disse, trata-se de um processo deliberadamente instalado. Torno-me dele consciente apenas por um momento. E no mesmo momento, como aprendi por observação cuidadosa, a consciência solta-se da sua centralização no campo sensorial e inicia-se um processo supersensorial.

Tanto quanto sei e creio, a percepção supersensorial (em telepatia ou clarividência, por exemplo) não consiste vulgarmente, como algumas pessoas parecem supor, num voo direto da consciência até algum ponto de vantagem privilegiado onde se possa ouvir, ver e saber a experiência particular que se procura. Não é um processo como a memória ou a imaginação, em que, se eu quiser, posso transferir a consciência para o Capitólio, em Washington, ou voltar a percorrer os Campos Elísios, em Paris. Sem dúvida, há muitas experiências de percepção ampla e direta de ordem psíquica, como as

registadas pelo Sr. Harold M. Sherman, em *Thoughts Through Space*, e a minha própria experiência no “Experimento da Terra Nova”, que relatei noutro lugar.” Mas estes tipos de atividade sobrenormal envolvem toda a gama das capacidades supersensoriais, incluindo clarividência, telepatia, clariaudiência e precognição.

Muita percepção supersensorial realiza-se, porém, por processos de observar e esperar na consciência. Vêm-se linhas e cores e símbolos. Eles movem-se, e a atenção está totalmente concentrada neles e no seu movimento. Digo “símbolos” por falta de palavra melhor. Vejo frequentemente linhas curvas de luz e de cor que correm para a frente em estratos, e, nestas faixas ou fitas de movimento, aparecem outras linhas de ângulo vivo que se formam, mudam e esbatem como pontas de seta, apontadas e passando em várias direções. E, nesse fluxo de energia cheio de forma e cor, estas pontas de seta acabarão por indicar a letra H. Cada traço do H será uma curva independente, e a sua combinação não permanecerá identificável por muito tempo. Mas eu tê-la-ei apanhado; e, mantendo-a suspensa na consciência, continuo a observar o processo desenvolver-se e desdobrar-se. Em breve, surge no campo de concentração um A que deriva rapidamente e depois, suponhamos, um R; e, dentro em pouco, terei reunido a palavra HARRY a partir do vazio, quer como nome próprio quer como verbo temporariamente sem sujeito nem objeto. Se é efetivamente nome ou verbo dependerá do contexto da percepção como um todo.

Este processo é infinitamente rápido. Mas alcancei uma acuidade de atenção, de consciência, de ser, que está à altura deste fluxo veloz de linha e cor imateriais e, a partir desta vigilância, postada acima do rio que corre de energia diferenciada, recolho uma mensagem com significado — uma mensagem que chegou à minha consciência a partir do mundo objetivo tão de facto como a luz refletida da longínqua Lua pode chegar à minha consciência por via do sentido da visão.

Em tais condições, ouve-se como se vê — se é que se ouve. Mas a clarividência e a clariaudiência diferenciam-se uma da outra, exatamente como a visão e o som se diferenciam no campo sensorial. E o que as diferencia para a percepção supersensorial, exatamente

como no campo sensorial, é a natureza dos estímulos que afetam alguma capacidade interior de percepção — nem olho nem ouvido — cuja sensibilidade se torna operativa por processos de dissociação.

Para mim, o plexo solar é um centro vital de primeira importância. Quase parece que o organismo fosse separado em duas partes, superior e inferior, pelo diafragma. Tornei-me consciente desta divisão subtil através de sensações de sentir e sensações de cor, sensações que, por vezes, são percecionadas sensorialmente; e o primeiro passo para a origem destas percepções e sensações é a manipulação profunda da respiração.

Concebo o plexo solar como o ventre da cor. Aquelas sensações que penso descerem deste centro, e que dão o efeito de possíveis energias elétricas a irem à terra, constituem o espectro dos cinzentos, por assim dizer — pois entre o preto puro e o branco puro há uma gama cromática de cinzentos cujos “valores” são tão variados como os valores do vermelho, do amarelo e do azul.

Só consigo conceber estes tons de cinzento como negativos, porque, à primeira vista, são discretos; e, todavia, viram-se sobre si próprios como que para produzir tons mais escuros a partir de um ser mais profundo, e são, por vezes, belos na sua pureza impressionista. Relativamente aos vermelhos que se acumulam e incandescem no próprio plexo solar, porém, esbatem-se rapidamente da impressão geral — depois de terem despertado, por assim dizer, os tons mais fundos.

Os vermelhos são vigorosos, por vezes quase violentos, e nem sempre belos. Sente-se (ainda que não emocionalmente) um poder tremendo neles. E, puxando ou conduzindo esse poder para cima, no corpo, até ao lugar sem nome onde a consciência se centra, desdobra-se dentro de nós um dilúvio caleidoscópico de cor. Dá-se isto realmente como processo, como parece, no organismo físico? Isto sei: realiza-se por meio da pressão rítmica descendente da respiração para a vizinhança do plexo solar.

Abaixo da irradiação do vermelho jaz o púrpura mais profundo, subindo até ao lavanda e às tonalidades cristalinas, sobre as quais são transportados os raios de cura. A respiração que respiramos transporta

toda a química da cor. Segundo a nossa natureza e qualidade, encontra a sua própria profundidade e nível em cada ser humano individual e ali se transforma quimicamente em força, luz curativa e energia. É minha experiência que toda a cura para os outros se realiza sobre os raios que correm dos tons mais profundos de púrpura aos lavandas e às belas tonalidades opalinas que, a seu tempo, dão lugar aos amarelos profundos da consciência espiritual. O verde é a cor da saúde. Mistura-se e irradia como dentro de um mecanismo interior, fundindo-se com a luz, até regressar, por fim, à suave radiância brilhante que é a “substância” básica de toda a experiência.

Nestas experiências de processo cromático interior, tem-se uma sensação, uma impressão, um sentimento de liberdade e expansão que só posso descrever como correspondendo ao sentimento que temos no corpo e na senciência quando estamos plenamente em unidade com a natureza — campo, sebe, céu, flores, árvores e água corrente. Cada alento que tomamos é expressão do nosso desejo inconsciente de participar nas atividades do princípio vital. Não será evidente que, numa tentativa consciente de participar mais profundamente na vida, havemos por certo de lograr? O homem que se recusa a deixar-se apanhar pela aventura ao virar da esquina do espaço-tempo não conhece o valor de respirar o alento da vida. Sei-o por mim, pois houve épocas em que clamei contra viver. A grave doença asmática que sofri, com o colapso dos pulmões, remontei-a a um medo da vida engendrado na minha primeiríssima juventude. A respiração, a meu ver, é a nossa participação mais natural e inconsciente na existência universal; é a nossa oração de unidade com a vida, um ato de fé, uma poção mágica pela qual nos aliamos à vontade de viver; e as nossas exalações, em pensamento, palavra e ação, levam a magia da nossa diminuta contribuição à qualidade do Todo. A respiração é a nossa eterna vida-de-amor com a Omnipotência.

Infelizmente, que não tenhamos todos sabido isto desde o princípio! A bailarina e o cantor tiveram de o aprender. O nosso exército de jovens está agora a aprender como a respiração decide as questões da vida e da morte. Homens conduzem navios de aço pelo céu, sobre as cidades e as montanhas, e outros mantêm-se nas entranhas de navios abaixo da superfície do mar. Não significará isso

nada para o universal, nada para o destino humano, que os exércitos do ar e das profundezas do oceano estejam a familiarizar-se com o oxigénio e com o controlo da respiração?

Sabemos que o corpo humano é composto por miríades de minúsculos organismos, cada um vivendo uma vida própria dentro do seu próprio universo — que é o ser humano individual no corpo do qual tem o seu lugar. Quantos e que “acontecimentos” afetam estas pequenas vidas? De modo correspondente, cada ser humano é um minúsculo organismo, vivendo a sua própria vida no imenso universo do espaço-tempo eterno. Todos sabemos que dependemos e somos definitivamente afetados por operações misteriosas no universo em geral e por questões como as mudanças meteorológicas da atmosfera do nosso planeta.

No frio e na escuridão do inverno, na nossa zona temperada, sofremos uma restrição e contração da liberdade das nossas vidas. E, à medida que o sol volta a mover-se para norte, e o inverno cede lugar à primavera, e a primavera ao verão, expandimo-nos, expondo os corpos ao jogo da luz do sol e das auras benignas, e estilhaçando a crisálida restritiva das nossas rotinas de inverno. Presumo que, em processos especiais de respiração, como aqueles a que me referi, criamos uma estação estival privada para muitas das incontáveis vidas que constituem os nossos corpos e libertamo-las das constrições da nossa habitual desatenção. Nesta liberdade, a sua vitalidade é reforçada e expandida, e elas emanam uma força vital que assume um aspeto fenomenal para quem a percebe.

No meu próprio trabalho psíquico, tenho repetidamente consciência de sensações de movimento dentro do meu corpo, como tentei descrever. Não são apenas sensações de movimento físico. Antes parecem movimentos no interior da vitalidade dos nervos, tão subtis quanto o fluxo sanguíneo ou o movimento do pensamento. Será demasiado sugerir que a revitalização fresca das estruturas celulares e nervosas, criando uma amplificação da força vital das miríades de células no corpo de cada um, é a fonte destas sensações “não substanciadas”?

Sabe-se que a célula é uma forma de vida individual, capaz de nutrição, reprodução e assim por diante. E não tenho dúvida de que é a partir de algum processo de fusão de tais minúsculas emanções que a essência superior e misteriosa da consciência humana é evoluída. Para apreender o realismo desta ideia, temos de recordar que estas pequenas vidas não possuem capacidades sensoriais, nem capacidades de seletividade; mas, cada uma e todas, possuem uma vitalidade fundamental e uma qualidade própria, e vivem como podem — como têm de viver.

Porém, se a soma fundida das suas emanções pudesse voltar-se sobre si mesma (como a consciência pode) e, em virtude da sua superioridade sintética, pudesse descobrir meios objetivos de estimular os elementos do seu próprio conteúdo, seguir-se-ia então para a consciência toda uma série de círculos de desenvolvimento, e as teorias da evolução tornar-se-iam problemas em técnicas particulares de atividade humana — nas quais a respiração seria, sem dúvida, fundamental.

Quanto a mim, sei que a vitalidade do organismo humano é uma síntese de energias que estão a ser constantemente recebidas, transformadas, fundidas e expressas pelo organismo. Não há duas pessoas que sejam, ou possam ser, iguais; ainda assim, as incontáveis diferenciações de qualidade que existem entre todos nós são o resultado de um único processo que é fundamental aos seres humanos, um processo no qual participamos individualmente, de modo mais ou menos profundo.

Todo este processo, à medida que se desenvolve na vida de qualquer homem, torna-se a qualidade sintética da sua vida, a qualidade da sua consciência sintética como um todo. E vi essa essência da natureza de um indivíduo retirar-se do corpo físico, tal como se vê o próprio hálito exalado numa manhã de geada.

E, contemplando a retirada desta misteriosa emanção do organismo, pensei nela como a expiração final desse ciclo de vida particular — o fim de uma fase que, ao observar o fenómeno, impressionou a minha consciência com a certeza da sua ulterior relação e continuidade na vida universal.

Na nossa civilização ocidental, centramos em grande medida a atenção no desenvolvimento da mente racional ao nível sensorial, e a nossa ciência tornou-se definitivamente materialista. A crítica comum que o Ocidente faz ao Oriente é que é demasiado “místico” — não suficientemente materialista. Mas, inversamente, o Oriente critica o Ocidente por materialismo excessivo. Provavelmente, ambos os pontos de vista são corretos. Na atual guerra mundial, apercebemo-nos de que Oriente e Ocidente podem ver olhos nos olhos em questões fundamentais, e de que nem o mal nem o bem na existência humana estão confinados a qualquer dos hemisférios.

A Índia, a China e o Japão, no Oriente, deram três manifestações radicalmente diferentes de comportamento humano nos últimos anos, tal como a França, a Grã-Bretanha e a Alemanha deram no Ocidente. É evidente que a civilização não alcançou uma norma em parte alguma. Em todas as culturas civilizadas tem existido — até ao presente — uma tendência para a cristalização. Os padrões tendem a tornar-se fixos, inibindo ulteriores expansões. Tais cristalizações, quando ocorrem, têm inevitavelmente de ser quebradas, porque, ao congelarem, tendem a tolher a liberdade da força vital, reduzindo a consciência humana a níveis de particularidades — preciosismo e minúcia.

Não está na natureza nem da força vital nem da consciência tolerar a restrição, porém, pois ambas estão qualificadas para o padrão universal. No Ocidente, temos ainda de compreender — embora já o saibamos, de facto — que a vida se move em regiões que se estendem para além do materialismo e que a consciência não está confinada ao campo sensorial.

Desenvolvemos um medo generalizado do poder inerente ao plexo solar. Este medo tem justificações, pois o plexo solar é, indubitavelmente, um importante centro de força vital. Mas, no Oriente, o plexo solar é reconhecido pelo que é e, nas práticas psíquicas orientais, as suas potências são compreendidas e usadas. Em O Segredo da Flor de Ouro, Richard Wilhelm reproduziu alguns desenhos ilustrativos de posturas e processos de meditação orientais e, num deles, as energias usadas em tais técnicas são indicadas como tendo origem e ascensão na região do umbigo.

Não pretendo sobrevalorizar estes modos ou atitudes mentais do Oriente, mas menciono-os de passagem para indicar que o psiquismo ocidental, incluindo muitas das práticas dos místicos ocidentais, não é uma ilusão psicológica única, nova ou estranha, mas tem as suas raízes e relações naturais muito atrás, nos primeiríssimos alcances do tempo histórico. Quem teve alguma experiência no campo psíquico é frequentemente levado a perguntar-se se não terá chegado o momento de o Ocidente considerar seriamente aquelas fases da consciência humana que, na sua maior parte, temos deixado adormecidas. Nestes dias, ouvem-se muitas expressões de aspiração a um mundo humano melhor. Tal desenvolvimento, se for positivo, exigirá uma expansão geral e básica da consciência, um alargamento muito positivo dos nossos campos de simpatia, compreensão e atividade desprovida de preconceitos. E o que está envolvido em tudo isso é um temperar necessário do nosso código materialista de valores, o reconhecimento e a aceitação de outros padrões de vida que são tão imateriais quanto a moral. Afinal, a chave e a base de todos os projetos humanos é a psique individual.

A psique individual pode ser pensada como uma faceta do universal, focada no seu ângulo particular e captando e refletindo a luz da vida à sua maneira única. Enquanto se manifesta no mundo físico, funciona num corpo físico. Mas o corpo físico é apenas um instrumento para uso da psique, e por detrás de toda a substância e atividade do corpo a psique é e opera. Do ventre ela sai com o corpo que vai utilizar, e o seu uso desse corpo depende da respiração, do princípio ao fim do ciclo. Todas as cores e significados da vida que percebemos dependem não dos sentidos, mas da psique; e a cor da própria vida transcende a nossa percepção dela, como a atmosfera do planeta transcende a nossa respiração individual.

Antes, neste capítulo, sugeri que o centramento temporário da consciência no plexo solar pode ser considerado como uma transferência da consciência do consciente para o subconsciente. Mas deve sublinhar-se que isto é apenas uma fase passageira num processo muito mais inclusivo. Trata-se, de facto, de um arco num duplo círculo composto de energia e consciência. O processo origina-se no controlo da respiração ao nível consciente. Com a manipulação

adequada da respiração, tanto a consciência como a energia ficam centradas no subconsciente. Mas segue-se uma transferência subtil de ambas — energia e consciência — para campos supraconscientes, pois a consciência é uma expressão da energia, e aquilo que a consciência experiencia nesse terceiro nível não é alcançado nem pelos cinco sentidos nem por evocações do passado pessoal, porquanto, em muitos casos, é impossível que a experiência particular alguma vez antes tenha ocorrido neste mundo.

A própria experiência supraconsciente pode ser pensada como o segundo arco do círculo da consciência e da energia. Segue-se um terceiro arco, no qual ambas regressam ao campo habitual do tempo e espaço mensuráveis — o consciente. E aqui desenvolve-se um quarto arco, em recordar, analisar, coordenar e interpretar a experiência. De um ponto dentro de si, parte-se assim para longe e, finalmente, descreve-se um círculo de volta ao ponto de partida, trazendo consigo os frutos da expedição.

O que é de importância absolutamente destacada em toda a aventura é o facto de se ter sido temporariamente libertado de si mesmo. A consciência não está confinada, mas livre. Fase a fase, saiu-se da própria personalidade, por assim dizer, e estabeleceram-se contactos no campo da pura consciência, para além dos limites do egotismo. Estou convencido, no meu íntimo, de que a alma é bastante objetiva porque, embora seja sem dúvida uma fase da consciência humana, a maioria de nós nunca a alcança — exceto talvez no sono e na necessidade mais profunda que vem de dentro de nós. A razão primordial para isto é que a alma participa da natureza da consciência universal, enquanto raramente escapamos aos limites do nosso individualismo limitado.

Creio que muito da cor que descrevi como surgindo em atividades supersensoriais a encontrei por acaso. Uma vez que jaz dormente e insuspeitada, é um fenómeno de imperfeição e de relativa ineficiência, e ocorre porque a luz branca pura da verdadeira universalidade transcende o melhor que consegui alcançar, nos meus esforços psíquicos, para ser totalmente impessoal.

Infelizmente, que não tenhamos todos sabido isto desde o princípio! A bailarina e o cantor tiveram de o aprender. O nosso exército de jovens está agora a aprender como a respiração decide as questões da vida e da morte. Homens conduzem navios de aço pelo céu, sobre as cidades e as montanhas, e outros mantêm-se nas entranhas de navios abaixo da superfície do mar. Não significará isso nada para o universal, nada para o destino humano, que os exércitos do ar e das profundezas do oceano estejam a familiarizar-se com o oxigénio e com o controlo da respiração?

Sabemos que o corpo humano é composto por miríades de minúsculos organismos, cada um vivendo uma vida própria dentro do seu próprio universo — que é o ser humano individual no corpo do qual tem o seu lugar. Quantos e que “acontecimentos” afetam estas pequenas vidas? De modo correspondente, cada ser humano é um minúsculo organismo, vivendo a sua própria vida no imenso universo do espaço-tempo eterno. Todos sabemos que dependemos e somos definitivamente afetados por operações misteriosas no universo em geral e por questões como as mudanças meteorológicas da atmosfera do nosso planeta. No frio e na escuridão do inverno, na nossa zona temperada, sofremos uma restrição e contração da liberdade das nossas vidas. E, à medida que o sol volta a mover-se para norte, e o inverno cede lugar à primavera, e a primavera ao verão, expandimo-nos, expondo os corpos ao jogo da luz do sol e de ares benignos, e estilhaçando a crisálida restritiva das nossas rotinas de inverno.

Presumo que, em processos especiais de respiração, como aqueles a que me referi, criamos uma estação estival privada para muitas das incontáveis vidas que constituem os nossos corpos e libertamo-las das constrições da nossa habitual desatenção. Nesta liberdade, a sua vitalidade é reforçada e expandida, e elas emanam uma força vital que assume um aspeto fenomenal para quem a percebe.

No meu próprio trabalho psíquico, tenho repetidamente consciência de sensações de movimento dentro do meu corpo, como tentei descrever. Não são apenas sensações de movimento físico. Antes parecem movimentos no interior da vitalidade dos nervos, tão subtis quanto o fluxo sanguíneo ou o movimento do pensamento. Será demasiado sugerir que a revitalização fresca das estruturas celulares e

nervosas, criando uma amplificação da força vital das miríades de células no corpo de cada um, é a fonte destas sensações “não substanciadas”?

Sabe-se que a célula é uma forma de vida individual, capaz de nutrição, reprodução e assim por diante. E não tenho dúvida de que é a partir de algum processo de fusão de tais minúsculas emanções que a essência superior e misteriosa da consciência humana é evoluída. Para apreender o realismo desta ideia, temos de recordar que estas pequenas vidas não possuem capacidades sensoriais, nem capacidades de seletividade; mas, cada uma e todas, possuem uma vitalidade fundamental e uma qualidade própria, e vivem como podem — como têm de viver.

Porém, se a soma fundida das suas emanções pudesse voltar-se sobre si mesma (como a consciência pode) e, em virtude da sua superioridade sintética, pudesse descobrir meios objetivos de estimular os elementos do seu próprio conteúdo, seguir-se-ia então para a consciência toda uma série de círculos de desenvolvimento, e as teorias da evolução tornar-se-iam problemas em técnicas particulares de atividade humana — nas quais a respiração seria, sem dúvida, fundamental.

Quanto a mim, sei que a vitalidade do organismo humano é uma síntese de energias que estão a ser constantemente recebidas, transformadas, fundidas e expressas pelo organismo. Não há duas pessoas que sejam, ou possam ser, iguais; ainda assim, as incontáveis diferenciações de qualidade que existem entre todos nós são o resultado de um único processo que é fundamental aos seres humanos, um processo no qual participamos individualmente, de modo mais ou menos profundo.

Todo este processo, à medida que se desenvolve na vida de qualquer homem, torna-se a qualidade sintética da sua vida, a qualidade da sua consciência sintética como um todo. E vi essa essência da natureza de um indivíduo retirar-se do corpo físico, tal como se vê o próprio hálito exalado numa manhã de geada.

E, contemplando a retirada desta misteriosa emanção do organismo, pensei nela como a expiração final desse ciclo de vida

particular — o fim de uma fase que, ao observar o fenómeno, impressionou a minha consciência com a certeza da sua ulterior relação e continuidade na vida universal.

Na nossa civilização ocidental, centramos em grande medida a atenção no desenvolvimento da mente racional ao nível sensorial, e a nossa ciência tornou-se definitivamente materialista. A crítica comum que o Ocidente faz ao Oriente é que é demasiado “místico” — não suficientemente materialista. Mas, inversamente, o Oriente critica o Ocidente por materialismo excessivo. Provavelmente, ambos os pontos de vista são corretos. Na atual guerra mundial, apercebemo-nos de que Oriente e Ocidente podem ver olhos nos olhos em questões fundamentais, e de que nem o mal nem o bem na existência humana estão confinados a qualquer dos hemisférios.

A Índia, a China e o Japão, no Oriente, deram três manifestações radicalmente diferentes de comportamento humano nos últimos anos, tal como a França, a Grã-Bretanha e a Alemanha deram no Ocidente. É evidente que a civilização não alcançou uma norma em parte alguma. Em todas as culturas civilizadas tem existido — até ao presente — uma tendência para a cristalização. Os padrões tendem a tornar-se fixos, inibindo ulteriores expansões. Tais cristalizações, quando ocorrem, têm inevitavelmente de ser quebradas, porque, ao congelarem, tendem a tolher a liberdade da força vital, reduzindo a consciência humana a níveis de particularidades — preciosismo e minúcia.

Não está na natureza nem da força vital nem da consciência tolerar a restrição, porém, pois ambas estão qualificadas para o padrão universal. No Ocidente, temos ainda de compreender — embora já o saibamos, de facto — que a vida se move em regiões que se estendem para além do materialismo e que a consciência não está confinada ao campo sensorial.

Desenvolvemos um medo generalizado do poder inerente ao plexo solar. Este medo tem justificações, pois o plexo solar é, indubitavelmente, um importante centro de força vital. Mas, no Oriente, o plexo solar é reconhecido pelo que é e, nas práticas psíquicas orientais, as suas potências são compreendidas e usadas. Em

O Segredo da Flor de Ouro, Richard Wilhelm reproduziu alguns desenhos ilustrativos de posturas e processos de meditação orientais e, num deles, as energias usadas em tais técnicas são indicadas como tendo origem e ascensão na região do umbigo.

Não pretendo sobrevalorizar estes modos ou atitudes mentais do Oriente, mas menciono-os de passagem para indicar que o psiquismo ocidental, incluindo muitas das práticas dos místicos ocidentais, não é uma ilusão psicológica única, nova ou estranha, mas tem as suas raízes e relações naturais muito atrás, nos primeiríssimos alcances do tempo histórico. Quem teve alguma experiência no campo psíquico é frequentemente levado a perguntar-se se não terá chegado o momento de o Ocidente considerar seriamente aquelas fases da consciência humana que, na sua maior parte, temos deixado adormecidas.

Nestes dias, ouvem-se muitas expressões de aspiração a um mundo humano melhor. Tal desenvolvimento, se for positivo, exigirá uma expansão geral e básica da consciência, um alargamento muito positivo dos nossos campos de simpatia, compreensão e atividade desprovida de preconceitos. E o que está envolvido em tudo isto é um temperar necessário do nosso código materialista de valores, o reconhecimento e a aceitação de outros padrões de vida que são tão imateriais quanto a moral. Afinal, a chave e a base de todos os projetos humanos é a psique individual.

A psique individual pode ser pensada como uma faceta do universal, focada no seu ângulo particular e captando e refletindo a luz da vida à sua maneira única. Enquanto se manifesta no mundo físico, funciona num corpo físico. Mas o corpo físico é apenas um instrumento para uso da psique, e por detrás de toda a substância e atividade do corpo a psique é e opera. Do ventre ela sai com o corpo que vai utilizar, e o seu uso desse corpo depende da respiração, do princípio ao fim do ciclo. Todas as cores e significados da vida que percebemos dependem não dos sentidos, mas da psique; e a cor da própria vida transcende a nossa percepção dela, como a atmosfera do planeta transcende a nossa respiração individual.

Antes, neste capítulo, sugeri que o centramento temporário da consciência no plexo solar pode ser considerado como uma

transferência da consciência do consciente para o subconsciente. Mas deve sublinhar-se que isto é apenas uma fase passageira num processo muito mais inclusivo. Trata-se, de facto, de um arco num duplo círculo composto de energia e consciência. O processo origina-se no controlo da respiração ao nível consciente. Com a manipulação adequada da respiração, tanto a consciência como a energia ficam centradas no subconsciente. Mas segue-se uma transferência subtil de ambas — energia e consciência — para campos supraconscientes, pois a consciência é uma expressão da energia, e aquilo que a consciência experiencia nesse terceiro nível não é alcançado nem pelos cinco sentidos nem por evocações do passado pessoal, porquanto, em muitos casos, é impossível que a experiência particular alguma vez antes tenha ocorrido neste mundo.

A própria experiência supraconsciente pode ser pensada como o segundo arco do círculo da consciência e da energia. Segue-se um terceiro arco, no qual ambas regressam ao campo habitual do tempo e espaço mensuráveis — o consciente. E aqui desenvolve-se um quarto arco, em recordar, analisar, coordenar e interpretar a experiência. De um ponto dentro de si, parte-se assim para longe e, finalmente, descreve-se um círculo de volta ao ponto de partida, trazendo consigo os frutos da expedição.

O que é de importância absolutamente destacada em toda a aventura é o facto de se ter sido temporariamente libertado de si mesmo. A consciência não está confinada, mas livre. Fase a fase, saiu-se da própria personalidade, por assim dizer, e estabeleceram-se contactos no campo da pura consciência, para além dos limites do egotismo. Estou convencido, no meu íntimo, de que a alma é bastante objetiva porque, embora seja sem dúvida uma fase da consciência humana, a maioria de nós nunca a alcança — exceto talvez no sono e na necessidade mais profunda que vem de dentro de nós. A razão primordial para isto é que a alma participa da natureza da consciência universal, enquanto raramente escapamos aos limites do nosso individualismo limitado.

Creio que muito da cor que descrevi como surgindo em atividades supersensoriais a encontrei por acaso. Uma vez que jaz dormente e insuspeitada, é um fenómeno de imperfeição e de relativa

ineficiência, e ocorre porque a luz branca pura da verdadeira universalidade transcende o melhor que consegui alcançar, nos meus esforços psíquicos, para ser totalmente impessoal.

Estou profundamente convencido de que, apesar da natureza analítica destas explicações, a consciência é, de facto, una e indivisível. Cada um de nós exprime dela tanto quanto quer; e, embora estejamos sem dúvida delimitados de alguma vez a exprimir a sua totalidade, falhamos vulgarmente em tentar sequer, minimamente, alcançar os nossos próprios níveis impessoais e suprassensoriais. Aí, a psique, com a sua capacidade de amplas relações, aguarda o despertar da nossa consciência, tão acossada pelo mundo físico, sensorial e civilizado.

Que eu tenha tido êxito em certa medida deve-se ao facto de estar pronto, por convicção e autoformação, a dar-me livremente à vida. Por isso aceitei algumas das disciplinas que são meios de desenvolvimento psíquico e que — embora de algum modo diferentes daquelas que conduzem à virtuosidade ao piano — incluem desejo, propósito, vontade e concentração da atenção — e, possivelmente, alguma boa dose de atração suprassensorial.

Se me perguntassem quais são os traços principais da respiração especial em relação às atividades suprassensoriais, eu diria que consistem em obter um “realinhamento” dos vários fatores do organismo e um desvio subtil das suas relações internas; que as operações do metabolismo são afetadas em consequência; e que um dos principais efeitos destas alterações é uma recentralização da consciência. A respiração a que me referi implica um recuo da consciência face a estímulos sensoriais; e, embora os sentidos possam continuar, separadamente, a operar ou não (por exemplo, por vezes fecham-se os olhos), a consciência passa a ocupar-se de estímulos que ocorrem num campo não sensorial.

Tenho um sentimento interior de participar, de forma muito unificada, no que observo — o que quer dizer que não tenho sentido de qualquer dualismo subjetivo-objetivo, nenhum sentido de eu e qualquer outro, mas uma estreita associação com, uma imersão nos, fenómenos. Os “fenómenos” não são, portanto, fenomenais enquanto

estão em processo; só depois do acontecimento é que a mente consciente, procurando compreender a experiência à sua maneira analítica, divide a unidade que, afinal, é a natureza do evento suprassensorial.

Mais uma vez, é como se eu ficasse infundido e ativo com um novo ritmo fluente, processo que é muito vital e muito interessante, no sentido de ser ao mesmo tempo totalmente absorvente, totalmente revelador e plenificador. O que, exatamente, está a ser absorvido, revelado e plenificado (neste sentido íntimo e profundo) não se sabe, pois não se está a olhar de um ponto de vista objetivo, mas participa-se intimamente no processo — e, no entanto, o sentimento de alta competência, bem-estar e criatividade é da essência da experiência.

Estou bastante certo, na minha mente consciente, de que estas sensações de unidade e plenitude ocorrem através de alguma expansão normal da minha consciência; e, sendo isto produzido por um fluxo predominantemente ascendente de energia a partir do plexo solar e acompanhado pela minha percepção de símbolos pessoais como a espiral luminosa e as poças azul-elétrico a que me refiro no capítulo sobre o “Simbolismo”, creio que o desvio da consciência, que é o efeito de todo o processo, ocorre especialmente no cérebro e nas glândulas da cabeça.

Por vezes, tenho uma sensação de congestão no lobo frontal e nas têmporas; às vezes, ocorre uma pulsação positiva na cabeça. Estes efeitos perturbam a minha concentração suprassensorial; e, tornando-me consciente deles, tomo-os por sinais de que estou a ir demasiado longe ou a prolongar por tempo excessivo a absorção. São avisos metabólicos do organismo como um todo de que a condição supranormal já durou o suficiente e de que ele não se responsabilizará pelos efeitos de uma continuação da dissociação.

Deve, contudo, ficar muito claro que a respiração, a dissociação e os “fenómenos” da experiência suprassensorial não são fins em si mesmos, ainda que cada experiência suprassensorial possa ser uma coisa em si. A repetição destas atividades tem o seu inevitável efeito natural no subconsciente, onde tudo quanto acontece à consciência se torna parte da qualidade de vida do indivíduo. E o que parece resultar

à medida que estas experiências se acumulam é uma universalização da vida, do ponto de vista, da atitude perante as pessoas e os acontecimentos. Desenvolve-se uma generalização de resposta. Com isto não quero dizer que a percepção dos detalhes se perca em qualquer medida; pelo contrário, os detalhes dos acontecimentos no mundo tornam-se óbvios e são rapidamente apreendidos. Mas ganha-se o hábito de somar uma vintena de pormenores no significado mais amplo que os contém a todos e de perceber a condição, o projeto ou o problema nos termos desse significado maior.

Impressiona-me especialmente a constatação de que, em toda a experiência, se perdem muitos dos medos habituais. Do mundo suprassensorial traz-se uma convicção íntima da natureza da universalidade, da intemporalidade e da continuidade do ser, e este “sentido” profundo torna-se uma chave da natureza da crítica da vida e do julgamento dos acontecimentos. Tudo redonda num horizonte alargado da consciência e, conseqüentemente, numa extensão do campo de visão, um campo em que os dados da experiência física e factual são vistos como figuras num panorama mais amplo de tempo e espaço, e são julgados nos termos de uma compreensão intensificada, impessoal, mas simpática.

Finalmente, conforme indicado no primeiro livro da Bíblia, é através da operação propositada e poderosa da consciência que as trevas e o caos se transmutam em luz e em formas específicas. O processo da mudança começa com o sopro — a palavra diz: Faça-se a luz, e a luz faz-se. Ela emerge da escuridão e rompe em cor e forma para servir e salvar o ser humano, uma vez que este aprenda a interpretar-lhes os significados. Percecionadas subjetiva ou objetivamente, as cores e as formas são todas simbólicas, e apreendemos os seus significados conforme somos capazes. Mas o poder criador na humanidade não é perceptível aos sentidos do homem; situa-se para além da manifestação, até para além da mente humana — onde a própria consciência, de algum modo sintetizada, contacta o Eterno Universal.

CURA

A terra, as águas e a atmosfera do nosso planeta são muito antigas; e, ao longo das eras, têm sido recipientes de todos os resíduos do mundo. Estão constantemente ativas nos processos de repurificação, transformando a decadência das velhas formas de vida nas substâncias recondicionadas de nova vida. As substâncias da decadência são as substâncias de que a nova vida se cria ao nível físico; e o solo, as águas e a atmosfera — três dos fatores básicos de que dependem todas as formas de vida física — estão sempre mais ou menos saturados de essências que são deletérias para a própria vida física. Cada exalação do nosso alento tende a escurecer a atmosfera do nosso entorno, e os resíduos comuns de todos os corpos são uma ameaça à existência humana.

Este é o círculo básico de toda a existência física e um dos mistérios da vida — a síntese de substâncias diversas em novas formas vitalizadas, a expressão da vida através dessas formas segundo as suas respectivas capacidades, a eventual retirada das forças vitais dessas formas, a deterioração da síntese física nos seus elementos e a repurificação destes elementos para uso, de novo e de novo, na construção de outras formas sintéticas para a ulterior expressão da força vital. Não admira que a vida permaneça um mistério para a mente do homem. A morte sobrevém à vida, e a vida emerge da morte. Todo o processo opera sob leis naturais; e não estamos à altura de compreender essas leis.

Consequentemente, o mundo está cheio de aflições para a humanidade. Este campo de aflição é um em que a humanidade difere de todas as outras categorias na natureza, porque, em virtude das nossas capacidades inatas, somos criadores dos meios e modos pelos quais a vida se exprime ao nível humano; e, como criamos, trazemos à existência condições que são simultaneamente úteis e adversas à nossa própria existência.

Os dois fatores comuns que dão origem aos problemas da cura são: os elementos que são destrutivos do bem-estar humano e que existem em cada um dos quatro reinos da natureza; e a ignorância que tantas vezes priva o nosso poder criador dos seus valores construtivos.

E permita-se-me dizer que, tal como eu vejo, a cura não está apenas — nem sequer principalmente — preocupada com as doenças e incapacidades físicas de que a nossa natureza humana padece. A raiz mestra das dificuldades humanas desce muito abaixo do nível físico das nossas vidas, e o modo como usamos o nosso equipamento físico é sempre condicionado pelas qualidades e propósitos mais profundos dos nossos “eus” psicológicos.

Muitas vezes me perguntaram quanto sei de medicina. Nada sei de medicina, ou de anatomia, ou de psicologia, no sentido técnico. Ainda assim, sou capaz de curar. Quando o faço, não sou senão o agente de uma norma que vem dissipar uma anomalia; em quaisquer circunstâncias deve existir, no interior da psique do indivíduo aflito, uma semente fértil da “vontade de viver”.

Esta vontade de viver — que uso aqui como expressão simbólica — é, fundamentalmente, um fator psicológico mais do que físico. Embora, nalguns casos, o poder de recuperação possa parecer residir nos níveis da atividade física, como na cura de carne ferida e na consolidação de ossos fraturados, não obstante, em todas as condições de doença e incapacidade, incluindo estas, a vontade de viver tem de existir (ainda que inconscientemente) como facto básico na psicologia do indivíduo. E iria ao ponto de dizer que a cura bem-sucedida consiste, muito simplesmente, no estabelecimento de um regime que liberte esta vontade de viver das condições que lhe são inconsistentes e anormais e que, em qualquer momento dado, a podem dominar.

Cometemos um erro grave quando pensamos que a “cura” se ocupa principalmente da correção e cura das incapacidades físicas. O nosso equipamento físico é da natureza de um instrumento para a expressão das nossas motivações e propósitos interiores; e as nossas qualidades psicológicas, ascendendo constantemente à necessidade de expressão, motivam e determinam as nossas atividades físicas.

Este campo psicológico parece-nos vago ou remoto à compreensão? É o campo que, como uma paisagem a emergir para a visibilidade com a aurora, se está a tornar objeto de atenção para a consciência da humanidade. Não por acaso a psicologia se desprende da filosofia e se tornou uma ciência experimental com campo próprio.

A psiquiatria já está a provar a sua tese das fontes subfísicas da anomalia e da desadaptação na vida humana. Estamos a experienciar as fases iniciais de uma nova expansão da consciência racial — expansão que será, pelo menos, tão importante e definitiva como aquela outra expansão que transformou o homem de nómada em agricultor.

É como se, tendo conquistado quatro dos antigos elementos — terra, água, fogo, ar e éter —, estivéssemos agora a avançar para nova experiência no campo do menos substancial de todos, e para a descoberta das raízes não físicas da nossa própria existência. Pois, neste novo avanço científico, o homem está a virar o holofote da consciência para as suas próprias atividades interiores e a descobrir as energias imateriais que motivam as suas operações físicas.

Quais possam ser os efeitos futuros destas novas técnicas é algo, por agora, imprevisível. Para mim, tudo isto parece ser um avanço das centralizações humanas do campo físico-emocional para as áreas da mente racional. A humanidade está a sofrer de forma tão desesperada (e tão predominantemente ao nível físico-emocional) na presente guerra mundial que parece inevitável que aprendamos algo de positivo e definido com a agonia da raça. Se tal acontecer, terá de ser na natureza de uma tomada de consciência do que causa estas guerras e aflições mundiais. O que as causa é a nossa falha em reconhecer, apreciar e aceitar as leis fundamentais da nossa natureza humana. Pela sua ignorância, pela sua atual falta de desenvolvimento, a humanidade cria o seu próprio mal-estar. Mas a cura das nações, como a cura dos indivíduos, está a aproximar-se — está a entrar — numa nova área de racionalismo psicológico.

Fundamentalmente, só existe um tipo de cura. Claro que não pretendo negar os valores inestimáveis da medicina, da química e da cirurgia. Mas as áreas físicas, em que estas técnicas são na sua maior parte úteis à vida humana, assentam na psique do indivíduo. É a este fator subtil no homem que toda a cura, de qualquer espécie, está fundamental e finalmente relacionada. Curar significa auxiliar a recuperação de um estado de saúde segundo a norma, quer essa recuperação envolva uma libertação de incapacidade física, de

desequilíbrio emocional, de ilusão mental, ou um travão do desenvolvimento psíquico.

Mas o que constitui a norma? É isso que ainda não sabemos. Pode dizer-se que a maioria das aflições humanas resulta desta falta de uma conceção de norma. A nossa investigação atual das anomalias psicológicas está, contudo, a dar-nos algumas pistas, ao passo que a medicina e a dietética encontraram, nos últimos anos, meios de melhorar extraordinariamente a condição física de homens e mulheres — tendo mesmo alargado a esperança de vida. Mas os nossos programas futuros de verdadeiro desenvolvimento situam-se em novos campos de descoberta, conhecimento e compreensão; e estamos a abrir o vasto continente da nossa própria psicologia porque é nessa área que a norma jaz oculta.

A humanidade cria as suas próprias normas, os seus próprios conceitos de bem-estar, desenvolvimento e realização. E é óbvio que esses conceitos não são moldados pelos padrões do nosso ambiente físico, pois a vida do homem transcende o seu ambiente e contém em solução todas as qualidades e talentos do universo. Temos de aprender a usar o poder que possuímos.

A cura é alcançada através da compreensão — não apenas a compreensão de uma dada aflição particular, mas também a compreensão daquela perfeição de que a aflição é um símbolo fraturado. Deve também desenvolver-se uma compreensão de como e quando a perfeição original começou a deteriorar-se até isto. Todos estes fatores têm de ser descobertos nos termos e ao nível do indivíduo em aflição; pois, em última análise, o seu próprio corpo e a sua própria psique têm de realizar a sua própria cura, têm de alcançar a recuperação segundo a sua própria conceção de “perfeição”. Na incapacidade física, o agente de cura pode dar garantias e símbolos de saúde; nas aflições psicológicas, pode dar garantias e símbolos de integração; mas, destes, só serão eficazes os que a consciência profunda da pessoa aflita puder aceitar. Na hipnose experimental, aprendeu-se que, em cada indivíduo, existe um núcleo egóico que resistirá a sugestões incompatíveis com a sua própria natureza, por muito suscetível que a pessoa seja à hipnose. Nas curas registadas

realizadas por Jesus, o estado psicológico do paciente foi sempre a chave — “A tua fé te salvou.”

Em cada indivíduo reside a forma perfeita. Para construir adequadamente uma vida sobre esse padrão insubstancial, o indivíduo tem de se tornar sensível às pressões subtis da necessidade que surgem dentro da sua própria natureza. Como o cântaro que vem à existência material em conformidade com um modelo imaterial de intenção, propósito e utilidade, a vida humana individual deve ser moldada nos termos de uma eficiência que lhe é natural. Esse padrão interior é um fragmento individualizado da natureza universal; e a vida erguida sobre este alicerce destina-se a — e deve, quanto vai — conformar-se às qualidades do Infinito.

Quando tal conformidade com o Universal é alcançada pelo indivíduo em larga medida, a vida torna-se um padrão coerente de relações bem definidas e compreendidas e, assim, deveres e responsabilidades transformam-se em fontes vivas de atividade, plenas de alegria.

Quando alguém vem ter comigo em busca de ajuda ou cura, raramente escuto a história do caso. Em vez disso, vejo a condição tal como se reflete na sua “envolvente”. A envolvente de uma pessoa envolve-a e acompanha-a como uma aura enevoadada, mudando de cor e de densidade à medida que os seus humores e condições mudam; e é na minha percepção da envolvente de uma pessoa que encontro as pistas para o seu estado e condições interiores. Se eu ouvisse a sua história, seria desviado da minha apreensão nítida da sua dificuldade e da sua necessidade. Mas, vendo e sentindo o brilho ou a cinzentidão sombreada das suas envoltentes, intuo as condições físicas e psicológicas das pessoas — e não apenas das pessoas, mas também dos habitantes dos mundos vegetal e animal.

Para mim, o único aspeto estranho desta capacidade de percepção é o facto de ela não ser comum. Que não penetremos para além dos sinais físicos óbvios de febre, depressão, dor, preocupação e medo parece-me envolver uma limitação peculiar da percepção. Muitas pessoas, sem verem qualquer envolvente, desenvolvem esta capacidade de penetração em certa medida, tal como o médico recolhe

uma compreensão interior de um “caso” a partir da temperatura do corpo, da ausência de força vital, da respiração ruidosa, ou da opacidade do olhar. O perito em qualquer área é aquele que aprendeu a resumir, de relance, a sua percepção de todos os sintomas ou indicações de uma condição e que se aproxima muito, por “intuição”, do mesmo sentir de um estado subtil de ser que eu recolho da percepção da envolvente. Em muitos casos, tanto para o perito como para mim, seria melhor que a pessoa não falasse de todo; mas aprendi a deixar as palavras das pessoas ao cuidado do meu subconsciente, enquanto eu próprio recolho uma compreensão clara da sua condição e da sua necessidade pelos meus próprios modos de percepção.

Em qualquer caso, a história da pessoa, com todos os seus pormenores positivos e negativos, raramente equivale a uma exposição clara e concisa de factos, embora revele as pistas do estado psicológico da pessoa. As que coincidirem e se fundirem com outros dados pertinentes que eu “sinta” serão aportadas pelo meu subconsciente ao somatório da minha percepção. Mas, muito frequentemente, a chave do problema é o ponto que falta à própria percepção da pessoa sobre a natureza da sua dificuldade.

O meu entendimento torna-se, em breve, clarificado e simplificado. Isto não significa, contudo, que o processo de “cura” vá também ser simples. A química da psicologia não é como a química do corpo físico; o emético que levará uma pessoa a ejetar um veneno do seu sistema psicológico é, muitas vezes, mais subtil do que qualquer emético conhecido da medicina.

Muitas vezes surpreendi — e, por vezes, desapontei — pessoas que me pediram ajuda, cortando-lhes a palavra a meio da sua história. Isto tem o efeito de ligeiro choque; e tem também o efeito de as dissociar da sua condição e desviar a atenção para mim — frequentemente com ressentimento. Há muitos casos em que a ajuda melhor se dá, ou só se dá, por meio de uma rutura abrupta do *status quo* psicológico. Mas, quando o ressentimento é já a semente da condição — como na ira, no ódio, no ciúme e na malevolência —, mais ressentimento não é, obviamente, o que é necessário, ainda que uma destruição do foco destrutivo possa ser primária.

Em qualquer caso de incapacidade física, sei que sou simplesmente o agente que responde a uma necessidade, e dou do que quer que tenha nas circunstâncias. Torno-me um auxílio à “vontade de viver” do sofredor. De facto, é a vontade de viver do sofredor que procura força adicional para se salvar.

Em todos os tipos de casos, a chave da correção é chegar à raiz da dificuldade. Na realidade, talvez, não me interessa a mínima medida dos pormenores da vida de um homem; mas é essencial que ele próprio se interesse por eles de um certo modo — um modo específico: tem de ver claramente dentro de si e encontrar aí as relações profundas com o seu dilema presente. Por isso, pergunto-lhe: “Quando sentiu esta dor pela primeira vez?” ou “Quando se apercebeu, pela primeira vez, de que as coisas estavam a mudar nas suas circunstâncias?” Para responder, ele inspira um alento; esse é um alento de memória; e, cedo ou tarde, descera até à área do seu ser psicológico que aguarda os seus efeitos revitalizadores. Pode levar tempo a fazer o seu trabalho, mas, em todo o caso, o regime corretivo começou.

Há muitos casos de aflição que são puramente psicológicos na sua natureza, nada tendo que ver com a condição física da pessoa como tal, mas afetando a totalidade da vida individual. Em tais casos, uma medida de hipnose, um jogo de ilusão, “magia”, é muitas vezes a técnica adequada. Casos de inferioridade, ineficiência financeira, hábitos destrutivos, desadaptações sociais, e por aí fora, assentam vulgarmente em alguma atitude ilusória. A questão, então, é: que atitude diferente, uma vez induzida, deixará entrar a luz corretiva?

Embora haja muitas terapias, há apenas um tipo de cura. Quer se “trate” um homem no seu organismo físico, quer nos seus estados psicológicos, visa-se a reintegração das forças da sua vida. Uma pessoa em condição psicológica adversa tem de chegar ao núcleo da sua dificuldade por uma compreensão dos seus inícios e por fé na sua própria capacidade de ajudar na sua cura. Muitas vezes, fá-lo por algum tipo de “transferência” objetiva, fixando a atenção em algum objeto fora de si. Em muitos casos, o primeiro requisito é justamente tal âncora de fé em outra pessoa; e, quando alguém vem até mim na

esperança ou na fé de que eu possa ser essa âncora, justifico-o sempre, aceitando, por momento, o papel de âncora.

Mas a atenção de tal pessoa tem, por fim, de ser retransfira para si própria. Assim, dou-lhe a sugestão que será autocorretiva do seu estado presente. Tendo centrado assim a sua atenção no problema, muitas vezes deixo-a consigo mesma durante algum tempo e deixo que o seu próprio metabolismo psicológico faça o seu trabalho. Na verdade, induzo nela uma medida de auto-hipnose. Sugeri uma nova concentração de energia e atenção, penetrei a confusão de uma atitude ilusória e dei um ancoradouro à fé da pessoa — presente, muitas vezes, de valor incalculável, como o provam os milagres de Lourdes.

Nalguns casos, é necessária uma maior medida de hipnose do que noutros. Isto consegue-se por discussão mais aprofundada, por uma concentração mais intensa da atenção da pessoa em mim como âncora e na relação entre mim e a sua dificuldade. Mas, na realidade, em tudo isto, a sua atenção nem sempre tem de ser consciente; o seu subconsciente apreenderá tudo. E o subconsciente usá-lo-á, além disso, à sua maneira misteriosa.

Precisamos de compreender que, em condições de confusão psicológica, toda a consciência de alguém se torna como a atmosfera num dia de nevoeiro. Confusão, ilusão, delusão — o nevoeiro adensou-se progressivamente ao ponto de o homem já não conseguir ver para fora, mal conseguir respirar. Ele sofre um estado de verdadeira falta de ar psicológica. E esta condição torna-se tão desesperada — o nevoeiro comprime-se tão pesadamente — que o homem fica, por fim, incapaz de limpar a sua própria atmosfera imediata. Se ao menos soprasse uma brisa psíquica, ficaria liberto do seu mais fundo desespero. Por isso, eu levanto uma brisa para ele, habilito-o a limpar a sua própria atmosfera e, em breve, ele volta a conseguir respirar e a discernir a luz.

Ninguém pede ajuda na autocura senão quando a vontade de viver ainda é fértil dentro de si. Em tais casos, o corpo conhece a sua própria necessidade, e a psique conhece também a sua própria necessidade. E, tendo recorrido à busca de ajuda, tanto o corpo como a psique — a consciência como um todo — aceitarão tal ajuda quando a

encontrarem. Ser um curador consciente é estar sempre pronto a prestar ajuda, no melhor da própria capacidade, e estar sempre sensível à percepção subtil das várias necessidades da humanidade.

Há muitos curadores inconscientes — tal como há muitas pessoas que, inconscientemente, transportam e difundem doença física e psicológica, debilidade e desespero. O antigo desafio, “Médico, cura-te a ti mesmo!”, constitui o primeiro problema do curador consciente; e o duplo dever do curador consciente é: (1) eliminar os elementos da sua própria nocividade no mundo e (2) aumentar o seu poder e capacidade de curar em todos os níveis da vida.

Existem certos tipos de aflição humana, geralmente enraizados nas emoções e na mente, mas que afetam também o corpo físico, nos quais quem pode tem de fazer mais do que limpar a atmosfera psicológica pelas vias que já sugeri. Todo o campo da vida, tanto natural como cultural, tendo sido lavrado até consumações normais e criativas, é subitamente estilhaçado por forças exteriores honrosas, e dá-se por si moído e a sofrer entre as irresistíveis mós dos deuses. Há muitas pessoas — sobretudo mulheres — que hoje suportam este tipo de dificuldade. Tendo construído honestamente as suas vidas, em condições de paz e liberdade, veem todos os significados normais das suas vidas varridos pelas condições da guerra. São patrióticas e aceitam, em princípio, as necessidades e os sacrifícios, mas não conseguem fazer uma adaptação rápida e fácil à ordem mudada das coisas que varre o mundo. Não são pessoas estúpidas — antes são geralmente simples e puras nos seus propósitos íntimos. A vida tornou-se subitamente excessiva para elas; e, como o protagonista na tragédia grega, avançam como têm de avançar pelos caminhos de um destino avassalador. E são caminhos de amargura.

Uma dessas mulheres veio ter comigo, de olhos secos, mas esticada até ao ponto de rutura. A sua tensão interior era patente no rosto e na pessoa; o sistema nervoso estava em motim e, ao controlá-lo, tornara-se rígida, tensa. Tinha a certeza de que o marido, que estava nas forças navais dos Estados Unidos, fora morto. Sabia que o navio dele fora enviado para o sudoeste do Pacífico, e todo o mundo conhecia os perigos desses mares.

A morte do marido — acontecimento inevitavelmente trágico para ela — seria a última fase da sua descida ao abismo do desespero, possivelmente da loucura; e ela corria para essa fase como que fascinada pela ideia da própria destruição. Contudo, não tivera qualquer notificação da morte do marido, quer oficial quer de outra natureza; a sua condição era inteiramente auto-criada.

Que “tratamento” se poderia oferecer a uma pessoa tão exausta e desesperada? Não era tempo de consolos trivialidades; não se podiam dar garantias com base no próprio conhecimento; a urgência do momento excluía todos os lentos processos de recuperação; mas era preciso algo de positivo, de imediato.

Assim, como frequentemente faço, deixei-a despejar toda a história. E depois, com um gesto — como se segurasse toda a condição nas mãos, qual objeto físico —, coloquei-a ao meu lado, na secretária. “Pronto”, disse, “ocuparei o meu sonho desta noite com o seu problema.”

A mulher foi-se embora. E nessa noite, no meu sonho telepático, o marido dela veio falar comigo. Assegurou-me que não estava morto. Disse-me onde ele e o navio se encontravam. Mencionou, pelo nome, pessoas e lugares de que eu nunca ouvira falar, e circunstâncias que me eram alheias. Eram referências à América do Sul, a águas profundas e a Ruby como nome próprio...

Quando, no dia seguinte, relatei toda a experiência à esposa, ela compreendeu perfeitamente o que ele quisera dizer com essas referências. E, ao receber a mensagem dele, recompôs-se quase milagrosamente, apercebendo-se de imediato de como permitira que a imaginação minasse a sua fortaleza. Esse foi o início da sua autorreabilitação. Entrou no novo ciclo de força; alcançou uma fé nova — é como se colocasse a sua confiança na existência e no destino do marido por força de uma nova compreensão; e, até ao presente, essa confiança tem sido justificada. Por ele, começa também a compreender a natureza e o significado da guerra e do papel do seu país nela. Na verdade, está a individualizar-se.

Que tipo de pessoa é o melhor curador? Considerando a questão nos termos mais amplos, o extrovertido, o homem de ação, é

potencialmente o melhor curador. Respira profundamente; o fluxo sanguíneo é uma corrente forte; a energia vital move-se nele livremente; gera um magnetismo tremendo. Embora sirva muitos ídolos, é também quebrador de atitudes cristalizadas. É poderosamente ativo nos níveis mais óbvios; e, se nele pudermos induzir — se ele próprio puder induzir — uma simpatia tão potente que modifique a sua atividade e o estimule a dar-se à causa da cura, ter-se-á alistado uma forte nova agência do lado do bem-estar humano.

Ainda assim, pode dizer-se que, de facto, é mais comum ser o introvertido contemplativo o curador. Tem uma compreensão mais justa e simpática de causas e efeitos, um sentido mais apurado dos outros. Tem o temperamento. Perscruta o campo do seu trabalho subjetivamente, mais do que por atividade experimental externa. O que lhe falta em força, comparado com o extrovertido, compensa na qualidade e prontidão do seu serviço. Possui boa dose de consciência psicológica que, sobretudo, é a grande linha essencial que divide a atividade indiscriminada da ação criativa.

O objetivo para todos nós — aqui como noutros lugares — é tornarmo-nos aquilo que somos. Em certas circunstâncias, todos tivemos evidências da nossa capacidade de curar; algures, em algum momento, todos aliviámos a aflição de alguém; logo, sabemos que o poder está em nós. O que temos de fazer, se quisermos curar as condições adversas da existência humana, é cultivar a nossa qualidade interior, expandindo o campo de circunstâncias em que ela pode operar. Isto é, primacialmente, uma questão de tomada de consciência, alcançada por consideração consciente e autoanálise. Na realidade, reduz-se a um incremento do nosso próprio ser vital.

De um modo geral, o extrovertido precisa de cultivar uma atitude mais objetiva, por paradoxal que pareça, pois as suas atividades são efeitos das fortes impulsões interiores e, sendo fortes, faz, em larga medida, o que quer. Precisa de aprender a fazer uma pausa e a pensar duas vezes antes de agir, a tomar habitualmente um segundo olhar para verificar as primeiras impressões de passagem. Precisa de aprender a compreender antes do facto e a perceber independentemente dos sentidos.

O verdadeiro introvertido, pelo contrário, tem de aprender a considerar menos, e não mais, a chegar às conclusões de modo mais direto e rápido, mais impressionista, com menos circumlocução pesada. Precisa também, de um modo geral, de amplificar a sua força vital e de ser mais arrojado em arriscar as suas conclusões e as suas boas intenções nos campos da crítica e da atividade.

Neste ponto, gostaria de inserir mais uma palavra sobre a respiração. Quaisquer que sejam as teorias que tenhamos acerca da génese espiritual ou física da própria vida, todos havemos de concordar que a respiração é a chave primária da vida humana nesta terra. O homem pode sobreviver algum tempo sem alimento, bebida ou luz solar — os outros essenciais principais da existência física; mas, como disse, cortar-lhe a respiração é roubá-lo da vida de imediato. Na respiração, temos um poderosíssimo instrumento para o desenvolvimento das forças do viver, e a maioria de nós não o aprecia suficientemente nem sabe como usá-lo.

Todos conhecemos o facto de a nossa respiração ser afetada pelos acontecimentos exteriores da vida — o medo e o choque e as excitações da contenda —, enquanto os ritmos do riso e das lágrimas, simbolizados nas máscaras cómica e trágica do teatro, se marcam, respetivamente, pela estimulação e pela depressão da nossa respiração.

No uso consciente da respiração, temos uma técnica de tremenda eficácia para o desenvolvimento de capacidades criativas. Suponho que os indicadores mais conhecidos dos efeitos alcançáveis por meio do controlo consciente da respiração são os vários iogas do Oriente. Os processos de controlo da respiração originam-se necessariamente na consciência; e isto significa que, no início, o respirador projeta deliberadamente a consciência para o subconsciente e empreende impor novos ritmos a essa região de automatismos. Há perigo nesta intrusão do consciente no subconsciente, pois, nessa empresa, assume-se responsabilidade direta pela gestão dos processos físicos profundos da própria vida — responsabilidades que são, vulgarmente, deixadas à natureza. Nenhuma prática dessas deve ser empreendida senão sob direção e supervisão competentes. Mas, quando o controlo da respiração é alcançado pela prática de regimes corretos, desenvolve-se uma nova unidade entre o passado subconsciente e o presente

consciente. Esta unidade só pode ser alcançada por meio da prática de disciplinas. Tais disciplinas têm um objetivo que, de necessidade, só pode existir no futuro.

Torna-se assim claro que o supraconsciente também entra na unificação da consciência e que esta nova unidade está qualificada e dominada por determinantes supraconscientes. Todo o processo situa-se no campo supersensorial. A atividade bem-sucedida baseada nesta nova unidade da consciência depende de um recentramento da própria consciência; as percepções sensoriais são inibidas ou especificamente intensificadas, conforme o caso requeira. No melhor da sua capacidade, induz-se ou nega-se o efeito sensorial, segundo a mira e o propósito específicos da concentração.

No meu próprio trabalho em telepatia, clarividência e transe, o controlo da respiração é um fator primordial. A manipulação precisa dele depende sempre do meu propósito supersensorial presente. Refiro-me mais especificamente a estes processos noutra parte deste livro. O que desejo sublinhar aqui é que, quando a consciência se torna unificada e criativamente ativa num grau relativamente elevado, muito do automatismo do nosso viver habitual e rotineiro é transcendido, e transpomos conscientemente as forças da vida e da natureza para novos fins particulares.

Com a unificação da consciência alcançamos também uma nova relação com o tempo. Descobre-se cada momento presente relacionado com o futuro em vez de com o passado, com os campos de vitalidade nascente e fresca em vez de com os campos da obsolescência. O precedente sobe à consciência quando é necessário à crítica de si próprio ou dos próprios projetos; mas, no conjunto, escapa-se progressivamente ao arrasto da história, com o seu cinismo, inércia e conflito, e vai-se livre pelas áreas da aspiração límpida.

Fundamentais, o tempo e a consciência são, respetivamente, indivisíveis. Unificar a consciência em si mesma é também condicioná-la a apreender a unidade do tempo. Esta é uma chave do mistério da atividade suprassensorial. A consciência é capaz de percepção em campos que estão para além do alcance dos cinco sentidos. Mas o desenvolvimento da percepção nesses campos

suprassensoriais depende do desenvolvimento, por parte da consciência, do seu próprio autocontrole. Pelo uso adequado da respiração, vitalizamos a consciência assim como o organismo físico.

Confio em que não preciso de sublinhar aqui os aspetos morais de tais atividades. Todo o campo é fundamentalmente moral. Torna-se responsável pelas próprias atividades — e pelas suas consequências — num sentido imperativo. Mas aprende-se também, salutarmente, à medida que se avança, que a lei da compensação é inescapável.

As técnicas e terapias de cura são inumeráveis — a química, o reajustamento de malformações físicas, a cirurgia, a cura espiritual, a imposição das mãos, a oração, a meditação, a hipnose, a psicanálise, a eletricidade, a dieta, o magnetismo... Contudo, a maioria das nossas curas são das mais simples. Não é sem fundamento natural que a mãe beija a mão esfolada ou o joelho magoado do filho. Ele vem até ela em lágrimas e afasta-se a rir. E, no entanto, a mãe é apenas um ser humano — por vezes um ser humano muito ignorante. Mas, tendo amor, está sempre pronta para servir e, quando surge a necessidade, dá o que tem — a si mesma. Geralmente, contribui com algum tipo de atenção direta e um apaziguador toque de admoestação e conselho; mas o amor está sempre incluído nos seus cuidados, e não há quem possa adequadamente ocupar o seu lugar.

Isto, suponho, indica o alicerce sobre o qual toda a cura assenta. É preciso amar o suficiente para ser puro, no sentido de ser inteiramente desinteressado e pronto para servir. A magia que é eficaz na imposição das mãos, ou em qualquer outro tipo de ajuda, tem de alcançar a sutil vontade de viver que jaz no âmago da existência individual; e essa vontade, não sendo passível de engano, tem de recolher a reafirmação positiva de que está plenamente relacionada com a vitalidade da própria vida.

Há apenas um tipo de cura — a reafirmação do centro vital dentro da forma física — a vontade de viver. Todos os estados de ser através dos quais a vida se expressa são, portanto, suscetíveis da necessidade de cura. Um ouvido atento, uma luz nos olhos, a pressão simpática de uma mão, uma palavra encorajadora — qualquer um destes é, muitas vezes, “medicamento” melhor do que todos os fármacos da

farmacopeia. Felizmente, estamos agora a entrar no campo das relações humanas em que estes subtis valores psicológicos começam a ser verdadeiramente compreendidos.

Há um certo sentido em que quase todos nós somos “pacientes” de um tipo ou de outro e sujeitos a cura presente. Nenhum de nós atinge a nossa norma plena. Alguns de nós vivem com um elevado grau de eficiência consciente e são agentes construtivos no mundo. Tal fase plena de vida consciente constitui frequentemente uma excelente condição para um desenvolvimento progressivo contínuo. Mas há também estados de quase total inconsciência em que não apenas ocorre cura, mas até salvação. As curas milagrosas, que de facto acontecem, são deste tipo. Sob alguma pressão de circunstâncias ou de necessidade extrema na vida de alguém, essa pessoa rende-se completamente ao Universal — o que equivale a dizer que se une inteiramente ao equilíbrio perfeitamente ajustado das forças naturais no universo; e, participando dessa perfeição, renova-se em corpo, mente e espírito. Toda a cura requer alguma medida desta transcendência dos nossos hábitos e atitudes individuais estabelecidos. Por conta disto, a vida inibe frequentemente as nossas atividades habituais de modo completo e põe o corpo na cama, para que o padrão interior, universalista, do indivíduo possa operar sem perturbação.

É por causa desta mesma necessidade interior que, sempre em tempo de guerra, ocorrem aparições milagrosas no campo de batalha, e homens são salvos, contra todas as probabilidades, nas situações mais desesperadas. Lê-se todos os dias, nos jornais, relatos de acontecimentos que transcendem todas as leis conhecidas e todas as probabilidades da vida, e que indicam que, quando o homem é reduzido aos últimos extremos exteriores da resistência física e psicológica, encontra aí um incremento não realizado do ser, no qual cada vida individual se relaciona ainda mais com a vida como um todo.

O herói em ação, completamente concentrado na sua atividade heróica, atravessa incólume um caos de fúria destrutiva; os que estão muito próximos da morte são libertados pela intervenção de aparições; homens que nada conservaram senão a fé vivem semanas em jangadas

de salvamento, sem comida nem água; milhões sofrem e morrem voluntariamente por causas que lhes são completamente impessoais...

Perante tais mistérios, e perante as inépcias do pensamento e do planeamento humanos conscientes, será demais sugerir que a humanidade, como um todo, precisa de cura, e que o caminho para essa cura não se encontra nas direções da percepção sensorial ordinária e do “bom senso”?

A doença ou desajustamento, seja de que tipo for, representa um conflito existente entre a psique e o seu ambiente. Curar consiste no reajustamento das condições em conformidade com as necessidades da psique — a vontade interior de viver. Nem sempre é o indivíduo que requer cura, porém; muito frequentemente é o ambiente que precisa de reajustamento. Considere-se a conquista da febre amarela ou as lutas atuais contra a sífilis e o cancro; estas envolvem não apenas a cura de casos individuais, mas a eliminação preventiva de fatores ambientais que são nocivos à própria vida humana. E, na guerra em curso, temos, na maior escala possível, a batalha da humanidade contra uma ameaça de condições físicas e espirituais que, se estabelecidas, seriam intoleráveis para a psique humana.

A cura ocupa-se do estabelecimento e manutenção de um equilíbrio, de uma norma de relações entre fases fragmentárias e parciais da única Vida. No seu todo, esse equilíbrio está estabelecido e é inviolável. A batalha que a humanidade trava constantemente contra os seus inimigos — incluindo muitos fatores na própria vida humana — é nada mais nada menos do que o esforço da humanidade (parcialmente racional, mas ainda principalmente irracional) para descobrir e conformar-se à sua própria norma de relações com o Universal.

MORTE E SOBREVIVÊNCIA

Todo o mundo está familiarizado com a morte. Geração após geração, ao longo dos séculos, todas as formas criadas sofreram a desintegração e o desaparecimento da terra. E, no entanto, nos recessos mais íntimos da natureza do homem, persistiu a convicção de que a morte do corpo físico não implica a aniquilação da consciência

humana. No caso de muitas pessoas, esta ideia da sobrevivência do homem à morte é uma esperança piedosa, aprendida da religião, mais do que uma convicção interior da psique, pois todas as grandes religiões que afetaram profundamente a fé humana ensinaram a realidade dessa sobrevivência.

No Oriente, o berço da humanidade, o ensinamento floresceu naquilo a que se pode chamar uma completa ciência metafísica da continuidade, culminando na doutrina da reencarnação. E, recentemente, no Ocidente, as sociedades de investigação psíquica tentaram provar a sobrevivência como um facto, registando, investigando e verificando, tanto quanto possível, os factos e a natureza de diversos tipos de fenómenos psíquicos e, especialmente, registando — sempre para análise e crítica — as mensagens que foram dadas por vários “controladores”, ostensivas entidades desencarnadas que elas próprias sobreviveram à morte mortal. Estas mensagens foram mais frequentemente comunicadas pelos controladores através de vários “sensitivos” — homens e mulheres vivos que têm a capacidade de suspender a sua consciência em transe, deixando o seu mecanismo físico livre para a entrada e uso de uma “personalidade de controlo”. Em termos gerais, o conjunto de mensagens que os controladores deram deste modo pretende provir de mortos conhecidos, incluindo os próprios controladores; mas os controladores fizeram uma grande quantidade de outro trabalho de tipos clarividentes e telepáticos. Nem sempre dependem do transe de um sensitivo, podendo por vezes comunicar de outras maneiras — por exemplo, por escrita automática, através daqueles que são treinados nesse tipo de trabalho.

À parte os ensinamentos religiosos, a discussão filosófica e o conjunto acumulado de provas das sociedades de investigação psíquica, estou pessoalmente convencida de que o espírito do homem sobrevive à morte do corpo físico. Essa convicção resulta da minha própria experiência com os vivos, os moribundos e os mortos. Sei que, por todo o universo, existem forças incontáveis em ação constante, que essas forças têm forma e que, embora na sua maioria não sejam perceptíveis aos sentidos humanos, operam ao meu lado o tempo todo. Sei que, na natureza última do universo, não há divisões no tempo e

no espaço. Psiquicamente, posso mover-me para essas áreas de relativa imaterialidade e intemporalidade e, em certa medida, experimentar as condições dos campos de ser cuja natureza difere radicalmente — não da natureza da consciência humana, mas do conjunto limitado de conceitos que constitui a fase presente na evolução da mente humana.

Está a consciência humana a evoluir? Basta lançar um olhar longo à história para se assegurar de que sim. Essa evolução é construída a partir da experiência cumulativa. A receção, pela consciência humana, dos efeitos e frutos da experiência tem sido um processo acelerado. Já a mente do homem encontrou os meios de envolver toda a Terra, penetrou em imensas distâncias de tempo e espaço e descobriu muitas das leis rítmicas de que depende a continuidade da natureza. Descobriu, por fim, modos de viver e mover-se debaixo do mar; elevou a inércia da matéria aos céus e tornou-a aí móvel. Tal como, no útero, o embrião humano recapitula e resume os estádios antigos pelos quais a vida trilhou o seu caminho no desenvolvimento da forma e da capacidade, assim agora a consciência humana recapitula e resume, nas suas atividades expressivas, toda a experiência milenar da vida. O espírito humano conquistou o ambiente objetivo, toda a fase de “encarnação” do ser.

Mas provará tudo isto que a consciência humana sobrevive à morte física? Não exatamente. Prova simplesmente que não há limitações conhecidas dentro das quais a consciência humana esteja confinada; prova que, pela concentração da sua atenção e da sua vontade em certas direções, o homem pode realizar o “impossível”, pois fê-lo repetidas vezes, incontáveis vezes e em incontáveis direções. Prova que ele pode identificar-se com aquilo que o interessa, e que o seu caminho de progresso reside sempre, e precisamente, nesse processo de identificação da sua consciência com o alheio, o “impossível”. Ele pode fazer da vida humana — da natureza humana — aquilo que escolher.

Estamos hoje sobre uma linha ténue da consciência que separa e une o individualismo e a universalidade. Deste modo, prestamos tributo a um conceito de dualidade na natureza humana que nenhuma outra espécie conhece. E, de uma forma que as nações nunca antes

experimentaram, a humanidade como um todo está a impelir-se para a unificação dessa dualidade. O que isto significa é que, pela primeira vez na história humana, à escala mundial, a consciência humana entrevê a unidade racial como uma proposição “prática”...

Não pretendo discutir esse impulso progressivo presente da consciência humana. É demasiado imediato, demasiado intimamente próximo, para que alguém possa dizer quanto poderá efetivamente realizar de pronto. As forças do passado são tremendamente fortes na constituição humana, e essas forças reacionárias não serão facilmente vencidas. Mas a fase presente do confronto — focada, neste momento, nas oposições da Guerra Mundial — é a primeira escaramuça da consciência do homem no apreender, aceitar e converter em facto e forma uma concepção operativa realista da unidade da vida humana. A humanidade é uma criação única, uma categoria cuja natureza é divina — divina no sentido óbvio de que, como nenhuma outra espécie que vive nesta Terra, é capaz de transformar criativamente a si própria e ao seu ambiente, capaz até de conceber a sua própria imortalidade, e capaz de criatividade também nesta direção.

Diz-se que, na natureza humana, existem tanto uma vontade de viver como uma vontade de morrer. Alguém duvida de que, pela concentração da atenção e da energia, o homem possa determinar qual destas tendências se tornará dominante?

A meu ver, a concepção que o homem tem da imortalidade é uma garantia sempre presente da imortalidade do homem como facto. Não é concebível que esta ideia pudesse ter-se originado em qualquer parte do seu ambiente objetivo. É uma intuição que emerge da própria natureza do homem. Sempre houve quem cultivasse esta semente da imortalidade, e o cultivo resultou no enraizamento profundo da própria imortalidade, como ingrediente criativo, na consciência humana.

A vida humana individual é uma síntese, composta por muitos fatores, a maioria dos quais subtile e imateriais. A consciência humana é, conseqüentemente, complexa. E a sua complexidade alia-a a incontáveis afinidades relacionais no universo para além de si mesma. A vida no organismo humano é a soma sintetizada de muitas

essências, e senhora do corpo; e a morte do corpo ocorre normalmente — excluindo aqui o acidente e a doença — através da expansão da qualidade de vida para além da capacidade do corpo de a conter e servir.

Mais de uma vez vi essa essência sintética humana desprender-se do corpo físico, de modo que, sem ela, o corpo estava morto. Em cada caso eu sabia — eu estava ciente — de que era a essência sintética que se retirara, deixando cada célula do corpo viva e ativa ao seu nível, mas despojada do seu universo, do seu deus, privada do supremo poder criativo que controlara o seu destino.

Pode alguém realmente imaginar-se assim privado das suas afinidades universalistas, do seu universo? É impossível. Mesmo aqueles que suspendem o juízo por não saberem alimentam a ideia da imortalidade com a esperança sustentadora, dentro de si, de que ela possa ser verdadeira...

A primeira vez que vi a essência sintética vital sair do corpo foi na morte de uma prima, na Irlanda, quando eu era uma menina pequena. Ela dormia, e a minha tia deixou-me com ela, a vigiar, com instruções para a chamar se a Ann acordasse ou se mexesse. A minha tia sabia, embora eu não soubesse, que a sua filha tuberculosa estava muito perto da morte. A Ann acabou por se mexer, numa espécie de espasmo, e depois ficou novamente quieta, por isso não chamei. E tornei-me ciente de uma névoa ténue que era exsudada do seu corpo, tecendo-se intrincadamente em si mesma num ritmo sem agitação, tensão, esforço ou pressão.

Fascinada, vi a pequena nuvem esmaecida afastar-se para o espaço. Saiu do quarto pela janela? ou penetrando pela parede? Não sei. No entanto, retirou-se, para o espaço infinito, tecendo-se em si mesma, e, numa absorção concentrada absoluta, eu observei-a, segui-a, acompanhei-a, até distâncias psíquicas sem nome, até que fui arrancada à minha absorção pela entrada da minha tia. Esta, encontrando a filha morta na sua ausência, repreendeu-me e puniu-me por não a ter chamado. Olhando retrospectivamente para o incidente, percebi que, na minha ignorância infantil, na verdade eu não sabia de modo consciente que a minha prima tinha morrido. Mas, em percepção

psíquica — que era o nível em que eu mais verdadeiramente vivia nesses anos —, eu tinha assistido intimamente ao evento vital.

Mais tarde, quando os meus dois filhos morreram com poucos meses de intervalo, voltei a aperceber-me da retirada dessa essência que é a soma da individuação humana sintética. A ténue nuvem enevoadada espiralou para fora desses pequenos corpos enquanto eu os segurava nos braços e afastou-se; e, com uma intensidade de desejo tornada pungente pelo meu sentimento emocional de perda pessoal, segui essas ténues vitalidades para lá, para lá, até distâncias sem fim, até que o latejar na minha cabeça irrompeu sobre o foco da minha concentração.

Em pequena (como contei noutro lugar*), eu afogara os patinhos da minha tia e vira a nuvem que assinalava a sua morte afastar-se dos seus corpos enquanto jaziam na relva ao meu lado. Nesse e noutros episódios precoces, vim a saber, pela primeira vez, que a morte não é uma destruição, mas uma mudança de condição, e que existe um lugar, divorciado da substância, onde a essência de vida a que chamamos “a alma” ou “o espírito” tem um destino para além da matéria.

Mais tarde, na vida, voltei a assistir à morte de um amigo, um jovem adulto, chinês, que se interessava por psiquismo e era ele próprio ligeiramente psíquico. Conhecia o ensinamento religioso do Oriente e do Ocidente e tinha uma fé razoável na sobrevivência, através da sua compreensão intelectual. Preparara-se conscientemente para a morte, tanto quanto possível. E, quando chegou finalmente o momento, percebi duas pequenas nuvens emitidas do seu corpo — uma do lado direito do torso, ao nível do baço, e outra do topo da cabeça. Tal como as ténues névoas que eu vira noutros casos de morte, estas afastavam-se para o espaço, tecendo em si mesmas um intricado padrão de vitalidade.

*Ob. cit., pp. 25 e segs.

Pode parecer que estas percepções psíquicas da passagem de senciências sintetizadas a partir das suas formas tenham muito pouco poder de convicção no que respeita à sobrevivência do espírito humano. Mas aqui, como noutros casos, a minha convicção reside

naquele saber interior que é o cerne de toda a experiência psíquica. Os acontecimentos que descrevi foram mais do que meras presenças numa série de episódios semelhantes. Em certo sentido, não havia nada de objetivo neles. Ocorriam como acontecimentos, e eu participava neles intimamente, ciente da sua natureza e do seu significado, sabendo o que envolviam e implicavam, o que eram.

É a partir destas experiências da própria morte — a travessia da linha tênue na nossa consciência — que eu sei, para mim, que a morte não é um fim. As formas em que a vida se expressa, dividida, à nossa consciência são, em conjunto, os símbolos de uma entre incontáveis fases de ser que constituem a vida como um todo. E, embora, na dissolução, os fatores de uma síntese possam dissipar-se de várias maneiras, a essência e o valor da realização sintética não se dissipam. Toda a síntese equivale a mais do que a soma das suas partes, e este incremento misterioso, este “mais”, é o fim e propósito criativos de todo o processo sintético. Assim como a bolota e a maçã são potenciais sintetizados capazes de se tornarem ingrediente em formas superiores de vida e consciência sintéticas do que as árvores que as geraram, também o “mais” sintético de cada vida humana é capaz de se tornar ingrediente em estados de ser que transcendem o processo e a manifestação puramente materialistas. Este é o caminho da evolução.

G. R. S. Mead foi um ocultista bem conhecido. Tinha sido secretário de Madame Blavatsky durante vários anos e vivia em estrita conformidade com a fé difundida nos seus numerosos livros. Eu conhecia-o muito bem, de forma muito amigável, e entre ele e a minha filha desenvolveu-se uma bela relação de intimidade e compreensão. Quando morreu, eu vi-o na noite após a sua cremação. A minha filha comprara um ramo de violetas para ele, mas, como ele morreu nesse mesmo dia, não lho apresentou. Tencionara então levá-las ao serviço fúnebre, mas, no seu sofrimento com a sua partida, tinham sido esquecidas. Estavam agora numa taça sobre uma mesa, um lembrete muito presente, para ambas, da nossa perda.

Às cinco horas da tarde, a minha filha teve a impressão de que ele pairava sobre as violetas e, embora estivesse habituada a ouvir falar dos vivos-mortos, ficou muito perturbada com esta impressão da sua

presença. Disse que ele me estava a chamar. Eu estava muito certa de que, se lhe fosse possível, ele comunicaria alguma mensagem de reafirmação ao mundo e, possivelmente, alguma revelação oculta adicional, pois tínhamos falado muitas vezes dessa possibilidade.

Com base na impressão bastante clara da minha filha, portanto, entrei em transe e foi-me permitido ver a forma de G. R. S. Mead. Ele não tinha consciência de que as circunstâncias da sua vida tinham mudado. A figura era reconhecidamente a dele, mas estava toda encolhida, as costas muito curvadas para a frente, a cabeça pendida, com o queixo a descansar no peito e a testa quase a tocar os joelhos; os olhos estavam completamente fechados e os braços, cruzados sobre o diafragma, repousavam nas coxas. A inconsciência em que havia entrado antes de morrer não terminara. Como uma pessoa em delírio, continuava a chamar por Babs. Dormia — não como um ser humano dorme, mas como um embrião dorme — um ser em processo de desenvolvimento de um estado de existência para outro. Era uma forma na qual energias vitais trabalhavam misteriosamente para algum novo cumprimento. Junto dele havia dois ou três homens idosos, bastante notáveis, pertencentes à Igreja. Durante toda a sua vida procurara comunicação com os Padres Gnósticos e eles, evidentemente, tinham estado à espera de o receber.

Procurei dar indicações claras de dois aspetos diferentes da minha experiência com a morte e a sobrevivência. Entre as duas fases existe um abismo que a nossa compreensão não transposta. Ao ver a vida a retirar-se dos corpos daqueles que me eram próximos e queridos, não senti qualquer personalidade nas essências tecedoras que partiam. Pelo que pude ver, não havia identidade nas ténues névoas luminosas. Eram tão impessoais como uma nuvem ou uma mancha de luz solar. Contudo, cada nuvem que se forma no céu é individualizada, é o que é em virtude da operação conjunta, no tempo e no espaço, de certas forças e condições. E cada uma das névoas de vida que partiam, tecendo-se enquanto se retiravam para o infinito, era também uma coisa em si mesma, com uma história passada e um futuro destinado.

Mas quando vi G. R. S. Mead (como vi muitos outros entre os mortos) ele não era vago e informe, mas reconhecidamente ele próprio, como eu o conhecera enquanto forma e pessoa vivas. A sua

figura não era substancial no sentido em que a carne e o sangue são substanciais, mas a sua aparência era nítida e nitidamente individualizada. Era ele mesmo e nenhum outro.

Como é que a relativa falta de forma da força vital na morte assume tal forma subsequente não sabemos, tal como não sabemos como o pensamento insubstancial cria imagens em si mesmo. Na realidade, é um mistério que não é maior do que o desenvolvimento do corpo humano a partir da sua semente geradora. No último caso, porém, temos conseguido seguir cientificamente todo o processo de desenvolvimento através das suas várias etapas, enquanto a nossa capacidade de o fazer no primeiro caso ainda pertence ao futuro.

Nos meus primeiros anos, ninguém percebia que aquilo a que entendiam chamar as minhas “fantasias loucas” era solidamente verdadeiro para mim — um mundo com o qual eu tinha de conviver, por outras palavras. Eu conhecia o turbilhão do vento, e os camponeses irlandeses diziam que eu devia ser aparentada com os porcos, pois eram as únicas criaturas que conseguiam ver o vento. Mas eu conhecia realmente a sua textura — como alguém que manuseia um tecido diáfano pode legitimamente afirmar que tocou a sua substância e conhece a sua natureza. Quando eu falava das lutas das árvores pela luz, que se tornavam visíveis como uma agitação na mata, e da batalha das flores até à morte se alguma mão descuidada ou ignorante as colocava em posições de desarmonia, as pessoas abanavam a cabeça, sombrias, por causa do meu estado. O meu mundo radiante e dançante, que se entrelaçava com outro mundo que parecia ser o seu próprio reflexo, nunca foi levado a sério por quem me rodeava.

Foi-me fácil, mais tarde, acreditar que poderia tornar-me uma sensitiva capaz, pois via muito do que para outros era invisível. E, nas minhas visões dos alegados mortos, havia pessoas que iam e vinham com aparente facilidade, caminhando em harmonia com os vivos como se algum vínculo intangível e ténue unisse os dois mundos. Mais tarde é que comecei a compreender que o homem transporta dentro de si um mapa abrangente do seu verdadeiro eu e da vasta rede das suas relações — um mapa que, se o pudesse ver, o tornaria rei da visão, em vez de aleijado na compreensão.

O meu passo seguinte — até aos controladores — foi dado tal como descrevi.* Eu estava pronta a acreditar nas garantias dos que afirmavam saber que os mortos queriam falar e que deveriam ser capacitados para o fazer. Mais tarde vim a saber que não estava certa destas coisas na minha própria mente, e desenvolveu-se, em consequência, um conflito dentro de mim.

Antes de me tornar sensitiva, dedicara muito tempo a refletir sobre o facto da imortalidade. Fi-lo, não porque estivesse insegura; foi antes induzido pela maneira misteriosa como os homens pensavam no além. Em toda a minha juventude eu ouvira as diferentes igrejas e congregações proclamar Deus e o Espírito aos domingos e, depois, agir, durante o resto da semana, como se estes não existissem. Muitas vezes falei com o padre católico, o Padre Ryan, sobre “visões”. Ele nunca duvidou de que as visões fossem possíveis, mas, antes de poderem ser aceites como verdadeiras, a Igreja tinha de as legitimar, caso em que o visionário se tornava santo. O bom Padre nunca mostrou quaisquer sinais de acreditar na minha eventual santidade, pois admoestou-me a rezar pela libertação das tentações do demónio que me faziam vê-las.

Para mim, as visões eram genuínas, realistas e verdadeiras. O conflito que mais tarde se desenvolveu na minha consciência não dizia respeito à visão em si, mas aos seus significados e aos usos que eu lhes dava. Estava eu a estabelecer comunicação? e, em caso afirmativo, era isso o que devia ser feito? Enquanto a investigação fosse a questão, as minhas interrogações apaziguavam-se. A investigação, com o objetivo de estabelecer o conhecimento e a compreensão na mente pública, era importante. Convencer o indivíduo era importante, mas apenas se essa convicção o aliasse aos achados últimos da verdadeira investigação objetiva.

Havia muitas facetas no problema. Percebi que, embora eu visse os aparentemente vivos-mortos, era sempre eu quem tomava a iniciativa. Notei também que o ritmo do seu ser tinha de ser consideravelmente abrandado para encontrar o meu ritmo, o qual tinha de ser consideravelmente acelerado para obter resposta deles. Da sua presença, então, quer na realidade quer numa forma de reflexo que assumia todas as aparências da realidade, eu não duvidava. Mas era

óbvio que eles se tornavam relativamente desnaturados no abaixamento do seu ritmo — como que inibidos — quando entravam na área em que as trocas entre nós se davam. Passei a acreditar que, no seu melhor e na sua própria condição, os que partiram davam de si próprio

Pode sentir-se que estas percepções psíquicas da passagem de senciências sintetizadas para fora das suas formas têm muito pouco poder de convicção relativamente à sobrevivência do espírito humano. Mas aqui, como noutros casos, a minha convicção reside naquele saber interior que é o âmago de toda a experiência psíquica. Os acontecimentos que descrevi foram mais do que meras presenças numa série de episódios semelhantes. Em certo sentido, não havia neles nada de objetivo. Ocorriam como acontecimentos, e eu participava neles intimamente, ciente da sua natureza e do seu significado, sabendo o que envolviam e implicavam, o que eram.

É a partir destas experiências da própria morte — a travessia da linha ténue na nossa consciência — que eu sei, para mim, que a morte não é um fim. As formas em que a vida se expressa, divididamente, à nossa consciência são, no seu conjunto, os símbolos de uma entre incontáveis fases do ser que constituem a vida como um todo. E, embora, na dissolução, os fatores de uma síntese possam dissipar-se de várias maneiras, a essência e o valor da realização sintética não se dissipam. Toda a síntese equivale a mais do que a soma das suas partes, e esse incremento misterioso, esse “mais”, é o fim e o propósito criativos de todo o processo sintético. Tal como a bolota e a maçã são potenciais sintetizados capazes de se tornarem ingrediente em formas superiores de vida e consciência sintéticas do que as árvores que as geraram, também o “mais” sintético de cada vida humana é capaz de se tornar ingrediente em estados de ser que transcendem o processo e a manifestação puramente materialistas. Este é o caminho da evolução.

G. R. S. Mead foi um ocultista bem conhecido. Tinha sido secretário de Madame Blavatsky durante vários anos e vivia em estrita conformidade com a fé que era difundida nos seus numerosos livros. Eu conhecia-o muito bem, de forma muito cordial, e entre ele e a minha filha desenvolveu-se uma bela relação de intimidade e

compreensão. Quando ele morreu, eu vi-o na noite após a sua cremação. A minha filha comprara um ramo de violetas para ele, mas, como ele morreu nesse mesmo dia, não lho apresentou. Ela tencionara então levá-las ao serviço fúnebre, mas, na sua aflição com a sua partida, tinham sido esquecidas. Estavam agora numa taça sobre uma mesa, um lembrete muito presente, para ambas, da nossa perda.

Às cinco horas da tarde, a minha filha teve a impressão de que ele pairava sobre as violetas e, embora estivesse habituada a ouvir falar dos vivos-mortos, ficou muito perturbada com essa impressão da sua presença. Disse que ele me estava a chamar. Eu estava muito certa de que, se lhe fosse possível, ele comunicaria alguma mensagem de reafirmação ao mundo e, possivelmente, alguma revelação oculta adicional, pois tínhamos falado muitas vezes dessa possibilidade.

Com base na impressão bastante clara da minha filha, portanto, entrei em transe e foi-me permitido ver a forma de G. R. S. Mead. Ele não tinha consciência de que as circunstâncias da sua vida tinham mudado. A figura era reconhecidamente a dele, mas estava toda encolhida, as costas muito curvadas para a frente, a cabeça pendida, com o queixo a repousar no peito e a testa quase a tocar os joelhos; os olhos estavam completamente fechados e os braços, cruzados sobre o diafragma, repousavam nas coxas. A inconsciência em que havia entrado antes de morrer não terminara.

Como uma pessoa em delírio, continuava a chamar por Babs. Dormia — não como um ser humano dorme, mas como um embrião dorme — um ser em processo de desenvolvimento de um estado de existência para outro. Era uma forma na qual energias vitais trabalhavam misteriosamente para algum novo cumprimento. Junto dele havia dois ou três homens bastante extraordinários, pertencentes à Igreja. Durante toda a sua vida procurara comunicação com os Padres Gnósticos e eles, evidentemente, tinham estado à espera de o receber.

Procurei dar indicações claras de dois aspetos diferentes da minha experiência com a morte e a sobrevivência. Entre as duas fases existe um abismo que a nossa compreensão não transposta. Ao ver a vida a retirar-se dos corpos daqueles que me eram próximos e queridos, não

senti qualquer personalidade nas essências tecedoras que partiam. Pelo que pude ver, não havia identidade nas ténues névoas luminosas.

Eram tão impessoais como uma nuvem ou uma mancha de luz solar. Contudo, cada nuvem que se forma no céu é individualizada, é o que é em virtude da operação de certas forças e condições a trabalharem em conjunto no tempo e no espaço. E cada uma das névoas de vida que partiam, tecendo-se enquanto se retiravam para o infinito, era também uma coisa em si mesma, com uma história passada e um futuro destinado.

Mas quando vi G. R. S. Mead (como vi muitos outros entre os mortos) ele não era vago e informe, mas reconhecidamente ele próprio, tal como eu o conhecera enquanto forma e pessoa vivas. A sua figura não era substancial no sentido em que a carne e o sangue são substanciais, mas a sua aparência era nítida e nitidamente individualizada. Era ele mesmo e nenhum outro.

Como é que a relativa falta de forma da força vital na morte assume tal forma subsequente não sabemos, tal como não sabemos como o pensamento insubstancial cria imagens em si mesmo. Na realidade, não é mistério maior do que o desenvolvimento do corpo humano a partir da sua semente geradora. No último caso, porém, temos conseguido seguir cientificamente todo o processo de desenvolvimento através das suas várias etapas, enquanto a nossa capacidade de o fazer no primeiro caso ainda pertence ao futuro.

Nos meus primeiros anos, ninguém percebia que aquilo a que achavam por bem chamar as minhas “fantasias loucas” era solidamente verdadeiro para mim — um mundo com o qual eu tinha de conviver, por outras palavras. Eu conhecia o redemoinho do vento, e os camponeses irlandeses diziam que eu devia ser aparentada com os porcos, pois eram as únicas criaturas que conseguiam ver o vento. Mas eu conhecia realmente a sua textura — como alguém que manuseia um tecido diáfano pode legitimamente afirmar que tocou a sua substância e conhece a sua natureza. Quando eu falava das lutas das árvores pela luz, que se tornavam visíveis como um tumulto no arvoredor, e da batalha das flores até à morte, se alguma mão descuidada ou ignorante as colocava em posições de desarmonia, as

peessoas abanavam a cabeça, sombrias, quanto ao meu estado. O meu mundo radiante e dançante, que se entrelaçava com outro mundo que parecia ser o seu próprio reflexo, nunca foi levado a sério por quem me rodeava.

Foi-me fácil, mais tarde, acreditar que poderia tornar-me uma sensitiva capaz, pois via muito do que para outros era invisível. E, nas minhas visões dos alegados mortos, havia pessoas que iam e vinham com aparente facilidade, caminhando em harmonia com os vivos como se algum vínculo intangível e ténue unisse os dois mundos. Mais tarde é que comecei a compreender que o homem transporta dentro de si um mapa abrangente do seu verdadeiro eu e da vasta rede das suas relações — um mapa que, se o pudesse ver, o tornaria rei da visão, em vez de aleijado na compreensão.

O meu passo seguinte — até aos controladores — foi dado tal como descrevi.* Eu estava pronta a acreditar nas garantias dos que afirmavam saber que os mortos queriam falar e que deveriam ser capacitados para o fazer. Mais tarde vim a saber que não estava certa destas coisas na minha própria mente e, em consequência, desenvolveu-se um conflito dentro de mim.

Antes de me tornar sensitiva, dedicara muito tempo a refletir sobre o facto da imortalidade. Fi-lo, não porque estivesse insegura; foi antes induzido pela maneira misteriosa como os homens pensavam no além. Em toda a minha juventude, eu ouvira as diferentes igrejas e congregações proclamar Deus e o Espírito aos domingos e, depois, agir, durante o resto da semana, como se estes não existissem. Muitas vezes falei com o padre católico, o Padre Ryan, sobre “visões”. Ele nunca duvidou de que as visões fossem possíveis, mas, antes de poderem ser aceites como verdadeiras, a Igreja tinha de as legitimar, caso em que o visionário se tornava santo. O bom Padre nunca mostrou quaisquer sinais de acreditar na minha eventual santidade, pois admoestou-me a rezar pela libertação das tentações do demónio que me faziam vê-las.

Para mim, as visões eram genuínas, realistas e verdadeiras. O conflito que mais tarde se desenvolveu na minha consciência não dizia respeito à visão em si, mas aos seus significados e aos usos que eu

lhês dava. Estava eu a estabelecer comunicação? e, em caso afirmativo, era isso o que devia ser feito? Enquanto a investigação fosse a questão, as minhas interrogações apaziguavam-se. A investigação, com o objetivo de estabelecer o conhecimento e a compreensão na mente pública, era importante. Convencer o indivíduo era importante, mas apenas se essa convicção o aliasse aos achados últimos da verdadeira investigação objetiva.

Havia muitas facetas no problema. Percebi que, embora eu visse os aparentemente vivos-mortos, era sempre eu quem tomava a iniciativa. Notei também que o ritmo do seu ser tinha de ser consideravelmente abrandado para encontrar o meu ritmo, o qual tinha de ser consideravelmente acelerado para obter resposta deles. Da sua presença, então, quer na realidade quer numa forma de reflexo que assumia todas as aparências da realidade, eu não duvidava.

Mas era óbvio que eles se tornavam relativamente desnaturados no abaixamento do seu ritmo — como que inibidos — quando entravam na área em que as trocas entre nós se davam. Passei a acreditar que, no seu melhor e na sua própria condição, os que partiram davam de si à humanidade, em iluminação e graça. Se isto fosse verdade, então continuar a pedir-lhes, continuar a mantê-los numa espécie de servidão devocional para fazerem o seu trabalho segundo as nossas necessidades e desejos, parecia errado. Cheguei à conclusão de que os mortos têm direito à sua liberdade e à sua paz.

Parecia haver sempre orientação, rápida e definida, se precisássemos dela — respostas à oração e muitas bênçãos decorrentes do intercâmbio entre os dois mundos; mas grande parte do nosso pedido equivalia a nada mais do que a busca de um sinal — “descrentes” hesitantes na própria coisa que procurávamos. Estávamos a pedir graça nos nossos termos, em vez de a aceitarmos das mãos mais sábias daqueles que a possuíam mais plenamente do que nós. Ocorreu-me também a possibilidade de que, a partir do meu próprio simbolismo, eu própria tivesse inconscientemente produzido alguma parte da suposta comunicação. Se, por acaso, isto fosse verdade, fiquei com uma dúvida duradoura quanto a dever continuar a levar por diante a comunicação ao nível e ao ritmo antigos.

Tudo isto acabou por se resumir na convicção de que, entre todas as minhas capacidades psíquicas, a “comunicação” era a mais fraca. Este é o meu ponto de vista presente. Posso estar enganada. Mas esta breve declaração explicará por que razão abandonei um trabalho que era considerado bom, útil e altamente comprobatório. Devo também acrescentar que constatei que, no geral, as pessoas tomavam muito facilmente a comunicação como adquirida. Ou usavam-na como meio de fuga às responsabilidades de viver. Chegava, por vezes, a ser um jogo — um artifício usado para entretenimento. Mas vi muitas pessoas prejudicarem-se progressivamente por simplesmente apresentarem os seus problemas aos que partiram e seguirem as sugestões que recebiam em resposta. Por isso senti, por fim, que a “comunicação” não era o caminho para mim. E, se eu podia ver mais longe do que aqueles que não podiam ver, então tinha de determinar o meu próprio problema — que não era o problema deles — segundo a minha própria luz.

Ninguém que tenha tido uma experiência de vida sequer parecida com a minha poderia duvidar da continuidade da consciência e da sobrevivência da entidade humana após a morte. Mas, na minha opinião — e estou certa de que é assim —, existem vastas diferenças entre as entidades que sobrevivem no além, tal como existem vastas diferenças entre as pessoas que vivem aqui e agora. Contudo, creio que, do nosso ponto de vista, todas essas diferenças individualistas podem ser divididas em duas grandes classes — os que procuram meios de comunicar com a humanidade e os que não procuram.

Estou convicta de que, nas condições usuais da vida para além da morte, o interesse no nosso mundo humano atual não é mais vivo e intenso do que o nosso interesse no além. Se nos detivermos um momento a considerar quão pouco pensamos nessa condição futura que a todos nos espera, perceberemos que, de um modo geral, os “mortos” provavelmente não anseiam de volta pelas condições desta vida com qualquer intensidade especial.

Há muitas pessoas que trazem no coração um afeto tão profundo por algum parente ou amigo falecido que uma garantia da continuidade da sobrevivência, e uma consequente capacidade de “contactar” a pessoa morta, constituem uma necessidade primária das

suas vidas. Os arquivos das sociedades de investigação psíquica estão repletos de registos do cumprimento de tais necessidades. Mas, se devo exprimir honestamente os valores que decorreram da minha própria experiência em anos de trabalho como sensitiva, devo dizer francamente que a maioria das pessoas que solicita os serviços de um médium para comunicação nem sempre pertence a esse tipo profundamente afetuoso e apegado.

Durante os meus anos desse serviço, fui muitas vezes assaltada pela percepção de que o trabalho que fazia tinha pouco ou nenhum valor ou consequência, quer para os vivos quer para os mortos. Por um lado, em muitos casos, a busca de comunicação tornava-se uma prática habitual e estabelecida. Desenvolvia-se, inconscientemente, uma dependência psicológica da informação comunicada que tendia a roubar ao inquiridor a iniciativa e a criatividade, de modo que a sua vida corria o risco de ir gradualmente resvalando para uma condição de relativa lassidão e falta de energia pessoal. Por outro lado, ao examinar muitas das comunicações que tais pessoas recebiam, tornava-se claro que a sua substância era das mais leves — geralmente nada mais do que aquilo a que a própria pessoa poderia ter chegado por si se se tivesse aplicado a isso.

Percepções como estas causaram-me, na altura, uma confusão de espírito. Ainda assim, continuei com o trabalho, porque eu própria me encontrava em estado muito semelhante ao desses inquiridores dos mortos — dependendo das garantias de pessoas vivas, em quem tinha confiança, de que o trabalho tinha valor e importância. Olhando para trás, ao longo dos anos, sou de opinião que o trabalho foi e continua a ser de valor e importância. É necessário que cada novo desenvolvimento, seja de que tipo for, se estabeleça na mente comum. Uma vez adequadamente estabelecido na consciência geral, está então destinado a ser tratado segundo os seus méritos e segundo a capacidade da opinião pública para o receber. Assim, através da prática inicial do Espiritismo, chegámos a um elevado grau de segurança quanto à sobrevivência individual para além da morte e aos primórdios da investigação científica de faculdades supassensoriais.

Tenho uma simpatia muito real pelo enlutado cuja devoção é tão profunda que a garantia da sobrevivência de um amigo falecido parece

imperativa para que ele aceite a mudança ocorrida na sua própria vida. Creio que essa garantia deve ser dada, e ajudarei pessoas aflitas desse modo sempre que puder. Mas estou firmemente convencida de que, uma vez estabelecida a comunicação e aceite a sua garantia, todo o acontecimento deve ser tratado com gravidade. Toda a comunicação deve ser erguida à luz da razão, do bom senso e da prudência. Cada comunicação tem de abrir caminho através da consciência liberta da sensitiva e penetrar a curiosidade, a necessidade e a expectativa do recetor, e algures no processo é possível que venha a adquirir cores que não são estritamente suas.

Parece-me óbvio que a mente pode, por vezes, recorrer ao enquadramento estabelecido na agência subconsciente, e é minha opinião que cada comunicação tem de ser peneirada pelas suas verdades e realidades. A comunicação não pode ser um processo fácil, nem mesmo nas melhores circunstâncias. Um juízo sobre os seus valores nunca deve ser apressado. Paciência e perseverança são necessárias se os resultados hão de ter valor sólido.

Ao mesmo tempo, acredito profundamente que há uma necessidade positiva e prática de que estas comunicações sejam estudadas e compreendidas. Precisamos de descobrir os métodos pelos quais se estabelece a comunicação entre os dois estados de ser. Faço um apelo sincero aos cientistas para que tenham paciência com “as loucuras dos investigadores psíquicos”. Muitos deles não hesitam em condenar experiências psíquicas genuínas, sem sequer considerar as possibilidades de muitas alegações legítimas que têm sido apresentadas — por vezes apresentadas até por seus irmãos mais sensíveis na ciência. Condenar em bloco a prática da comunicação é condenar as próprias fundações sobre as quais assenta toda a filosofia religiosa — uma atitude nada científica. Peço encarecidamente que os métodos científicos de inquérito e a declaração cautelosa sejam exercidos aqui como em qualquer outro domínio.

A maioria dos mortos é tão incapaz de comunicar com os vivos quanto a maioria dos vivos é incapaz de comunicar com eles. E, embora seja relativamente simples para o consulente formular aqui uma pergunta sobre algum assunto ou acontecimento que lhe seja de interesse atual, penso que vamos demasiado longe ao esperar que os

mortos respondam à indagação num nível de interesse igual. Não temos boa razão para supor que os mortos estejam sempre prontos a responder ao nosso aceno; e, se nem sempre estão prontos, poderemos culpá-los por, às vezes, responderem às nossas aproximações em termos inconsequentes?

Grande parte da crítica ao Espiritismo deveu-se ao carácter inconsequente e trivial de muito do material recebido em trabalho psíquico. Para mim, boa parte de tal crítica parece válida; mas não deve ser usada na tentativa de anular a realidade da sobrevivência da humanidade à morte. Pode, antes, ser usada de modo construtivo, para melhorar a compreensão geral da relação efetiva que existe entre vivos e mortos.

Dizendo o caso no seu mais simples, creio que os mortos devem ser deixados em paz. Eles não morreram para continuar a viver como viveram aqui. Na morte, entregaram muito do que conhecemos como as suas personalidades — corpo físico, sentidos e sensações — e agora têm um género insubstancial de trabalho a realizar. Não conhecemos muitos dos factos da condição do homem para além da morte. Pode muito bem ser, como eu acredito, que os mortos conservem algum tipo de corpo “etérico” ou “subliminal” durante algum tempo. Se assim for, esse corpo é simultaneamente fruto e semente — o fruto do passado individual e a semente do futuro individual. A partir do ensinamento que todos recebemos, a maioria das pessoas está mais ou menos disposta a acreditar (ainda que vagamente) que o que sobrevive é a alma. Como, porém, tão poucas pessoas sabem o que significa a palavra “alma”, pode indicar-se aqui, com base em textos antigos e sem elaboração, que a alma humana é o fator psíquico que existe entre o Espírito Universal e o eu individual, e é uma condição de fusão entre as qualidades interativas e a experiência tanto do todo como das partes. Por meio da alma, as hostes de indivíduos permanecem unidas ao universal. A alma é o caminho do desenvolvimento e da evolução individuais. E, como a religião, nos seus aspetos espirituais, representa um processo natural em que o indivíduo “se liga de novo à sua origem”, a alma é a via pela qual esse retorno à pureza e unidade espirituais primordiais se realiza.

A nossa educação e experiência neste mundo são predominantemente coloridas pelas qualidades da substância e dos fenómenos. No entanto, à medida que o tempo passa e a natureza humana continua a desenvolver-se em áreas de liberdade crescente, torna-se cada vez mais óbvio que as substâncias e os acontecimentos exteriores que experimentamos são eles próprios produtos de energias e forças insubstanciais que, esforçando-se por expressão, alcançam atividade em campos materialistas. Mas há isto a observar: nenhuma vida humana é alguma vez completamente expressa, nenhum projeto humano é alguma vez concluído e terminado. Ao longo dos séculos, a floração mais plena alcançada por uma época tem sido a semente de outra. Isto porque a consciência humana, participando da natureza da própria vida, é contínua e sem fim, e eternamente expansiva.

A toda a manifestação de existência que a consciência encontra, ela reage; e, nesta contínua troca entre o ambiente universal e as capacidades individuais de impressão e expressão, a consciência individualizada desenvolve-se em direção ao universalismo. O nosso egoísmo é um fragmento de um todo — o universo, a Unidade eterna. Tal como aquela forma mais simples no conteúdo químico de todas as substâncias — o átomo —, somos cada um e todos ingrediente no todo. Somos, assim, inseparáveis do universal, e o propósito da nossa experiência neste mundo é a descoberta do mistério da substância e a percepção daqueles poderes insubstanciais que todas as formas e atividades físicas manifestam. O núcleo espiritual do indivíduo é o átomo espiritual indestrutível.

*Ob. cit., Caps. XXIX e segs.

Na morte, entregamos a substância — a substância dos nossos próprios corpos físicos e das suas relações no mundo substancial. Mas a consciência não se desintegra como todas as formas atômicas verdadeiras se desintegram, mais cedo ou mais tarde. Tal como a semente que se torna a árvore da floresta e resiste às vicissitudes do desenvolvimento através de uma centena de ciclos de queda e renovação da folhagem e do fruto, a consciência humana, uma vez individualizada, é a semente de um processo cujo destino é, através de

ciclos que não compreendemos, tornar-se um fator criativo nos processos evolutivos da vida universal. Há fases de quietude neste longo processo.

Costumamos pensar a morte como uma dessas fases de quietude. Mas, assim como diariamente abandonamos o mundo no sono e, desse modo, renovamos e revitalizamos todas as nossas capacidades para viver mais, é provável que, na morte, fusionemos as diversas impressões da nossa experiência terrestre numa capacidade nova e unificada para uma vida mais abundante. Em criança — talvez uma criança demasiado fantasiosa — eu conhecia e compreendia-me relacionada com cada átomo vivo e palpitante. Via-me completa no corpo e via-me como um conjunto de energias em movimento que podiam moldar-se em mil formas. Uma vez que assim me concebia naquilo a que muitos teriam prazer em chamar os domínios da fantasia, as impressões eram absolutamente minhas, absolutamente reais e inevitavelmente iluminadoras.

Via-me relacionada com todas as constelações e com a totalidade da vida. Percebia que a verdadeira individualidade não consiste na agressividade da liderança, nem na passividade de quem quer seguir, mas consiste na concordância plena, sem agressão, com a excelência (por vezes oculta) das mentes e dos corações da maioria humana. Aprendi os usos da negação pessoal e como ela se torna a verdadeira afirmação da vida e, assim, compreendi tanto os meus direitos como as minhas responsabilidades enquanto parte de todo o mundo. E, desse modo, a minha convicção do eu indestrutível cresceu e desenvolveu-se até ser uma verdade basilar, uma realidade factual. É parte de todo o conhecimento interior tênue que todos possuem — instintivo e intuitivo. É o meu sentido natural, não racional, do Omnisciente, do qual sou parte viva.

A minha decisão de me afastar da prática da comunicação não é, de modo algum, um afastamento da minha fé na sobrevivência. Quanto à sobrevivência do espírito no homem, estou profundamente convencida. Tendo acrescentado aqui o meu conhecimento, nascido da experiência, à aurora da apreciação pela humanidade do seu próprio valor e destino, não ampliarei mais o tema. Mas, em nome do espírito humano, acrescento uma palavra estimulante do pensamento de uma

mente humana de qualidade e grandeza sintéticas, o falecido Henri Bergson:*

O grande erro da doutrina do espírito foi a ideia de que, isolando a vida espiritual de todo o resto, suspendendo-a no espaço o mais alto possível acima da terra, a colocavam para além de qualquer ataque, como se não estivessem, com isso, simplesmente a expô-la a ser tomada por efeito de miragem! Certamente que fazem bem em escutar a consciência quando a consciência afirma a liberdade humana; mas está lá o intelecto, que diz que a causa determina o seu efeito, que o semelhante produz o semelhante, que tudo se repete e que tudo está dado.

Fazem bem em acreditar na realidade absoluta da pessoa e na sua independência em relação à matéria; mas está lá a ciência, que mostra a interdependência da vida consciente e da atividade cerebral. Fazem bem em atribuir ao homem um lugar privilegiado na natureza, em sustentar que a distância é infinita entre o animal e o homem; mas está lá a história da vida, que nos faz testemunhar a gênese das espécies por transformação gradual e parece, assim, reintegrar o homem na animalidade. Quando um forte instinto assegura a probabilidade da sobrevivência pessoal, fazem bem em não fechar os ouvidos à sua voz; mas, se existem “almas” capazes de uma vida independente, de onde vêm? Onde, como e porquê entram neste corpo que vemos surgir, de modo perfeitamente natural, a partir de uma célula mista derivada dos corpos dos seus dois progenitores?

Todas estas questões permanecerão sem resposta, uma filosofia da intuição será uma negação da ciência, será mais cedo ou mais tarde varrida pela ciência, se não se decidir a ver a vida do corpo precisamente onde ela realmente está, na estrada que conduz à vida do espírito. Mas então já não terá a ver com seres vivos definidos. A vida no seu conjunto, desde a impulsão inicial que a lançou no mundo, surgirá como uma vaga que se eleva e à qual se opõe o movimento descendente da matéria. Na maior parte da sua superfície, a diferentes alturas, a corrente é convertida pela matéria num redemoinho.

Num único ponto ela passa livremente, arrastando consigo o obstáculo que pesará sobre o seu progresso, mas não o deterá. Nesse

ponto está a humanidade; é a nossa situação privilegiada. Por outro lado, essa vaga ascendente é a consciência e, como toda a consciência, inclui potencialidades sem número que se interpenetram, e às quais, conseqüentemente, nem a categoria da unidade nem a da multiplicidade convém, feitas como estão ambas para a matéria inerte. A matéria que ela transporta consigo e nos interstícios da qual se insere é a única capaz de a dividir em individualidades distintas. A corrente flui, atravessando as gerações humanas, subdividindo-se em indivíduos. Essa subdivisão estava vagamente indicada nela, mas não poderia ter sido esclarecida sem a matéria. Assim, as almas estão a ser continuamente criadas e, no entanto, em certo sentido, preexistiam.

Não são outra coisa senão os ribeirinhos em que o grande rio da vida se divide, correndo através do corpo da humanidade. O movimento da corrente é distinto do leito do rio, embora tenha de adotar o seu curso sinuoso. A consciência é distinta do organismo que anima, embora tenha de sofrer as suas vicissitudes. Como as ações possíveis que um estado de consciência indica começam, a cada instante, a realizar-se nos centros nervosos, o cérebro subjaz, a cada instante, às indicações motoras do estado de consciência; mas a interdependência da consciência e do cérebro limita-se a isto; o destino da consciência não está, por isso, ligado ao destino da matéria cerebral.

Finalmente, a consciência é essencialmente livre; é a liberdade mesma; mas não pode atravessar a matéria sem sobre ela se fixar, sem a ela se adaptar; essa adaptação é o que chamamos intelectualidade; e o intelecto, voltando-se para a consciência ativa, isto é, livre, fá-la naturalmente entrar nas formas conceptuais em que está habituado a ver caber a matéria. Perceberá, portanto, sempre a liberdade sob a forma de necessidade; negligenciará sempre a parte de novidade ou de criação inerente ao ato livre; substituirá sempre a ação mesma por uma imitação artificial, aproximativa, obtida compondo o velho com o velho e o mesmo com o mesmo. Assim, aos olhos de uma filosofia que tenta reabsorver o intelecto na intuição, muitas dificuldades desaparecem ou tornam-se ligeiras. Mas tal doutrina não só facilita a especulação; dá-nos também mais poder para agir e viver.

Pois, com ela, já não nos sentimos isolados na humanidade, a humanidade já não parece isolada na natureza que domina. Como o mais pequeno grão de pó está ligado a todo o nosso sistema solar, arrastado com ele nesse movimento indiviso de descida que é a própria materialidade, assim todos os seres organizados, do mais humilde ao mais elevado, desde as primeiras origens da vida até ao tempo em que estamos, e em todos os lugares como em todos os tempos, não fazem senão atestar uma única impulsão, inversa ao movimento da matéria e, em si, indivisível. Todos os vivos mantêm-se juntos e todos cedem à mesma tremenda pressão. O animal apoia-se na planta, o homem cavalga a animalidade, e toda a humanidade, no espaço e no tempo, é um imenso exército a galopar ao lado, à frente e atrás de cada um de nós, numa carga avassaladora capaz de derrubar toda a resistência e de franquear os obstáculos mais formidáveis, talvez até a morte.

*Creative Evolution, tradução de Arthur Mitchell, 1931, p. 268, Henry Holt & Co.

SIMBOLISMO

Cada objeto que se vê no mundo, cada som que se ouve, cada aroma e sabor e toque, é expressão de algum estado de ser que é objetivo para a consciência por ele afetada. Na maior parte, tomamos estas coisas como adquiridas; porém, se penetrássemos conscientemente na história de vida dos objetos que guarnecem, por exemplo, uma sala comum, ficaríamos envolvidos numa massa interminável de dados e dar-nos-íamos por perplexos perante os estados de ser que jazem mesmo além das superfícies familiares dos objetos que vemos e usamos todos os dias. Por detrás de tudo quanto sentimos — do aroma e sabor do nosso café da manhã ao último som que nos alcança antes de adormecermos — alargam-se vastos campos de significação de que, em geral, nunca nos apercebemos.

Em termos gerais, os nossos sentidos apresentam-nos apenas as superfícies da vida; momentos presentes em longas sequências de causa e efeito. Os momentos sentidos são símbolos fragmentários de longas linhas de vida-em-processo, e está na capacidade da

consciência humana não só descobrir os dados factuais dessas linhas de força vital, mas também medir os valores e significações relativos que elas simbolizam. O que é, então, um símbolo? É um sinal, em forma ou movimento, representando estados de ser que dele se estendem no tempo e no espaço; é um ideograma, um hieróglifo, que revela subtilezas ocultas do ser.

O perfume é o símbolo da rosa — a sua vida e natureza; a bolota é o símbolo do carvalho, que se tornou, ele próprio, símbolo de qualidades vitais de força, robustez e resistência; a página impressa é símbolo de toda a engenhosidade criativa do homem, bem como a imagem revelada de um indivíduo humano a tecer um romance ou um tratado erudito em forma a partir das áreas insubstanciais do seu conhecimento, imaginação, intuição, razão e percepção interior.

Em última análise, todos os símbolos naturais representam a aventura da força vital imaterial à medida que ela surge e desvanece, entrando e saindo das categorias das formas separadas. E todos os símbolos criados pelo homem são registos da aventura da consciência humana em áreas de descoberta e autoexpressão. Cada forma é um sinal e um apelo à simpatia e à compreensão do homem. Todas as nossas compreensões originárias nascem da percepção dos significados dos símbolos naturais; e todos sabemos, pelos nossos estudos de química, direito, negócios e arte, que a apreciação dos símbolos culturais envolve a penetração da consciência nas profundezas do seu significado.

É da natureza da mente humana percecionar por via dos meios das imagens. Pode dizer-se que a forma é o campo em que as faculdades de percepção operam; mas percepção não é compreensão. Os significados da vida do mundo, tal como ela aparece a cada observador, dependem dos valores que a sua mente subtil é capaz de ler nas formas percecionadas e de delas extrair. Em cada caso, tais interpretações dependem da qualidade vital inata do intérprete, natural e adquirida, e, conseqüentemente, o mundo em que todos vivemos é aquilo que cada um de nós faz dele para si.

Se passarmos do campo sensorial ao campo da percepção suprasensorial, verificamos que também aqui a apreensão da

realidade ocorre através do meio de imagens simbólicas. Os significados de muitos destes símbolos impressionistas foram racionalizados tanto pela religião como pela ciência. É quase impossível entendermos como uma civilização poderia ter gerido os seus assuntos matemáticos usando apenas os algarismos romanos, sem as cifras árabes e o ponto decimal; ao passo que, por outro lado, toda uma filosofia de significação cresceu em torno do símbolo cristão da Cruz.

O que pode surpreender quem chega de novo à percepção da imagética não sensorial da mente é o facto de ela ser um produto sintético, consistindo vagamente de imagens do mundo que se conhece por experiência sensorial, com algo acrescentado. Ainda assim, tanto a percepção como a interpretação de símbolos suprassensoriais hão de ser reacções puramente pessoais. E a chave, ou ponto crucial, da expressão individual daquilo que é percecionado reside num “clique” intuitivo de compreensão psicológica pelo qual o observador sabe — e sabe que sabe. Não se deve imaginar que esse “clique” ocorra por operação de algum truque mágico. É, na verdade, mágico, já que não entendemos como funciona; contudo, não é mais mágico do que o nosso reconhecimento, pela percepção sensorial, de uma determinada estrela distante. Ele simplesmente ocorre, como acontecimento psicológico, nas relações naturais das coisas.

Na mente humana há uma energia criativa contínua a interagir com a nossa vontade. As suas formas surgem, os seus sons vibram, e descrevemos essas manifestações como símbolos que revelam o Absoluto ou o Universal ao eu individualizado. Não é difícil entender que a maioria das pessoas relegue a linguagem dos símbolos para os percursos místicos e religiosos da vida, esquecendo que só conseguimos comunicar os nossos pensamentos mais comuns uns aos outros por meio de símbolos.

Creio que cada um de nós possui a sua própria linguagem interior de sinais ou símbolos que, no entanto, foi esquecida à medida que nos absorvemos na resposta aprendida. A forma é necessária à vida, se havemos de experimentar qualquer sensação. A mente abstrata em si não contém forma, como sabem aqueles que meditam profundamente; mas há uma luz e uma fulguração que estão sempre,

suprassensorialmente, disponíveis à consciência. Dessa fulguração interior irradiam linhas de luz que, por sua vez, parecem entrelaçar-se e separar-se em formas; e estas, na falta de palavra melhor, voltamos a descrevê-las como “abstratas”. Sendo a forma necessária à experiência do significado, ela dissocia (e une) as partes e o todo.

A Igreja usou símbolos para preservar e ensinar o seu credo, e identificou as suas leis e sacramentos com símbolos, para preservar os seus significados espirituais. Mas não me ocupo aqui dos símbolos que foram aceites pelos eruditos ou repetidamente revelados pelos místicos, e sim apenas daqueles que foram recolhidos através das operações da minha própria mente.

Para mim, todas as formas simbólicas estão naturalmente unidas à cor. Todas as minhas formas se relacionam com a cor. Os tons brancos, dourados, opacos e nacarados significam calma, paz, tranquilidade. Os tons vermelhos conotam vigor e força. Os bordôs e púrpuras profundos expressam crescimento e propósito que brotam da vida do ser individual em luta, sofrimento e realização. Nunca estou consciente do preto; o púrpura, nas suas sombras mais escuras, parece ocupar o seu lugar — diria quase que, na vitalidade da própria vida, não há preto, não há negação ou vazio como o preto poderia insinuar. O verde é a coloração de todo o crescimento, e é, em si, simbólico da força para desenvolver e expandir...

Quando digo que o simbolismo está relacionado com a cor, quero dizer que os símbolos efetivamente se apresentam em cor à medida que ganham força para além do seu primeiríssimo surgir a partir das linhas de luz. Quase todos os símbolos que me são familiares são símbolos de crescimento, desenvolvimento, expansão, e a maioria surge num cenário de verde fresco.

Todo o movimento subjetivo, como aquele de que falo, nasce da fulguração de luz em linhas e depois em forma. Essas formas passam a existir espontaneamente; mas tornam-se algo concretizadas à medida que nos familiarizamos com os seus significados. Não tenho dúvida de que todos têm este tênue drama simbólico a decorrer por detrás dos olhos; mas é a contemplação que nos torna conscientes dele. Também

não tenho dúvida de que os meus símbolos se relacionam com a minha natureza — o meu pensar e sentir, o meu carácter e personalidade.

Raramente são perceptíveis por mais do que os segundos necessários para deles termos consciência. Quase todos ocorrem em linhas de gracioso, fluido movimento. Plantas e animais ondulam à existência, a partir das curvas de luz. Plantas púrpura, vestidas de verdura, podem sugerir uma densa selva — e, da selva, ondas de cor vestem emblemas e figuras, tendo as próprias cores valores profundos e vitais. Plantas e animais de desenho estranho mas belo mudam e voltam a mudar da escuridão para a luz e desaparecem de novo. Nada fica imóvel, pois as formas são produtos de processos subjetivos sempre em movimento criativo.

Estou certa de que cada um de nós constrói de modo diferente as suas formas de pensamento interiores, embora os símbolos e formas básicos estejam sem dúvida relacionados, uma vez que o pensamento é universal. A imagética arquetípica da vida, eternamente a mudar e a recriar as suas formas, move-se pelo céu da nossa visão subjetiva, se dermos tempo à contemplação. A contemplação, volitiva ou inconsciente, é o estado em que a nossa percepção subjetiva se desenvolve, e os seus significados em constante movimento acabam por ser traduzidos em ação e expressão, qualificados pela natureza e capacidade do observador.

O teixo pode ser considerado como o meu símbolo vital primário, porque tem sido um companheiro constante da minha consciência desde os dias das minhas mais antigas recordações. Estou bastante certa, no meu íntimo, de que representa um dos produtos mais importantes da minha capacidade criativa; e, embora não me tenha sido possível descobrir na memória o ponto da sua génese, estou certa de que o criei a partir da substância-capacidade da minha consciência como um todo.

O teixo era uma forma familiar na paisagem do meu primeiro ambiente natural. Na Irlanda, é elemento comum de toda a cenografia dos adros de igreja. Racionalizando agora o seu simbolismo, não posso senão supor que, para a minha infelicidade geral, ele de algum modo fazia de ponte sobre o fosso que separava a minha vida tensa de

uma paz espiritual que eu podia recordar misticamente ou que conhecia intuitivamente. Em certas correntes de teoria psicológica, essa paz seria a paz pré-consciente do útero. Carecendo, como eu carecia, do amor e da presença viva da minha mãe, que são os meios principais pelos quais a consciência da maioria das crianças se aclimata aos fenômenos deste mundo, muito provavelmente voltei-me para o teixo, personalizando-o com atributos essenciais ao meu viver e que eu não encontrava em parte alguma do mundo de seres humanos à minha volta.

Muito estreitamente associados a esta necessidade vital da minha primeira infância estavam “as crianças”, aquelas jovens criaturas realistas com quem eu brincava — na falta de outra companhia juvenil. As crianças eram companheiros idealistas (e ideais). E, qualquer que fosse — ou não fosse — a sua constituição física, eram realidades absolutas na minha vida. Eu via-as e falava com elas e conhecia-as como indivíduos. Era capaz de as aceitar, de as servir e de receber o seu serviço recíproco. Eram fonte de liberdade na minha vida e de expansão para a minha consciência. Teriam sido elas produto apenas da minha imaginação? Não inteiramente. Pois, admitindo por um momento que não tivessem substância própria para além da que eu lhes dava, ainda assim, por detrás da realidade que tinham para mim existiam e moviam-se tanto a minha necessidade psicológica delas como a minha capacidade psicológica para as criar. Tanto essa necessidade como essa capacidade eram as realidades mais profundamente fundamentais da minha própria existência. Eram produtos do âmago mesmo da capacidade criativa do homem.

A meu ver, essa área que jaz entre as necessidades imperativas da psique humana e as formas que essas necessidades fazem surgir no mundo é a área em que a psicologia deveria estar primacialmente interessada. É-se plenamente solidário com a prática de psicoterapias em casos individuais “anormais” de desajustamento, psicoses e afins; mas parece-me que o campo das atividades humanas “normais” é o lugar da verdadeira iluminação. Artificializámos o nosso sentido de valores até um alto grau de insuficiência, para não dizer inutilidade; e ressinto-me, pessoalmente, quando, por exemplo, a minha própria criação “das crianças” a partir da necessidade da minha vida é

chamada “anormal”, enquanto a edificação, por um homem rico, de um prédio que “se pagará a si mesmo” é considerada um empreendimento perfeitamente “normal”. Estou bem certa, na minha mente, de qual destas duas atividades é a expressão mais direta e natural da natureza humana. Que não o vejamos todos com igual simplicidade indica precisamente o ponto que pretendo salientar.

Voltando ao teixo. Qual deusa, investi-o de atributos saídos do meu próprio desejo e vontade — atributos que não tinham sido dados, por natureza, a nenhum teixo. Em vez de o deixar escuro e sombrio, embora belo, tornei-o jovial; e libertei-o da imobilidade da sua associação com a quietude dos adros e tornei-o ativo, maleável quase ao ponto da fluidez. Pensando no meu símbolo do teixo, muitas vezes me dei conta da elevação mágica com que a árvore de Natal afeta as crianças.

Imaginação, esperança, desejo, mistério, expetição, aspiração, fé — uma centena de facetas de capacidade psíquica incidem sobre uma ideia e eis que! lá está ela na manhã de Natal, em plena realidade, um cumprimento factual para a psique. O momento do impacto desse cumprimento sobre a psique é o momento mais pleno do viver. Quaisquer desilusões ou delícias que possam resultar da efetiva medida de largueza da árvore de Natal são mais intensas — mais doces ou mais amargas — do que quaisquer outras experiências possíveis, excetuando aquelas a que nos damos com igual criatividade psíquica — como nas confusas entregas do amor.

A minha experiência com o teixo nunca foi além do momento mágico do impacto. Não esperava nada de tangível dele, consequentemente nunca me desiludiu. Cada momento da minha experiência com ele estava cheio de surpresa, cumprimento e deleite. Tornou-se um dançarino (embora eu não tenha consciência de o ter feito dançarino); floresceu — de várias maneiras; dividiu-se em vários teixos e, nessa divisão, as partes assumiram personalidades distintas.

Foi companheiro, amigo, espetáculo, surpresa, mistério e um cumprimento constante; e, se eu própria era a produtora de todo este maravilhoso encanto, como a criança e a árvore de Natal, não tinha consciência da fonte de todo o assombro. E, quando, à noite, eu me

cansava das atividades do dia, o teixo também se tornava simpaticamente quieto — suave e escurecidamente imóvel — e eu dormia sob a sua forma amiga.

Não tenho dúvida de que fui eu própria quem criou a essência do significado que o símbolo do teixo tem para mim. Se o fiz, foi uma das melhores obras criativas de toda a minha vida. Pois nunca me abandonou — o que significa, naturalmente, que continua a ser útil à minha psique.

Como no princípio, assim agora, é o símbolo de um estado de ser para o qual escapo de quaisquer tumultos, pressões ou preocupações que me molestem no mundo exterior, e encontro o lugar do meu próprio ser interior, unificado e criativo. Uso frequentemente o símbolo do teixo como meio de alcançar a minha centralização ou foco psíquico. A maioria de nós perde essa capacidade de regressar, por se entregar completamente ao mundo sensorial; mas, como indiquei noutra parte deste livro, nos nossos melhores estados criativos de consciência temos de encontrar esse centro de unidade não sensorial dentro de nós.

Se se menciona uma experiência como a do teixo aos psicólogos, é muito provável que se encontre a palavra “infantilismo”. Mas é preciso lembrar que esta palavra é apenas outro símbolo — frequentemente um símbolo de falta de compreensão; e que Alguém disse que tornar-se como uma criança pequena é o caminho para a salvação espiritual. As pessoas tendem a considerar este ensinamento do Uno como um paradoxo da religião; mas é um facto psicológico da espécie mais prática. Sem ser místico ou religioso, pode sugerir-se que — como Jung se esforçou por esclarecer — a salvação consiste, para cada um, no cumprimento da própria natureza psíquica. Observando de perto uma vida dada, consegue dizer-se num instante se o indivíduo está salvo ou perdido. E, tendo feito isto muitas vezes, com muitas pessoas, fica-se movido a enfatizar os valores da psique interior não sensorial e a recomendar a recuperação dos mementos ocultos da unidade precoce que ali se encontram.

À medida que uma pessoa progride na vida, costuma especializar-se numa determinada linha de simbolismo — as artes, a matemática, a

química, ou qualquer outra. E torna-se o que é através da identificação da sua vida, em maior ou menor medida, com os significados realistas que os símbolos representam para si. Cada um desenvolve dentro de si, consciente ou inconscientemente, uma clave tonal temperamental da sua maturidade, por assim dizer, com a qual todos os acontecimentos da sua vida têm de harmonizar ou, por ele, ser julgados adversos. Esse tom básico da vida de um homem tem o seu símbolo; e, se ele puder conscientemente descobrir esse símbolo dentro de si, achará nele um meio de libertação psíquica normal — uma libertação e expansão de toda a sua vida e consciência.

No meu caso, esse símbolo maduro, surgido mais tarde do que o teixo e não o substituindo, mas possuindo capacidades e valores diferentes, é a espiral brilhante e móvel.

Por vezes pensei nesta espiral autoevolvente como uma ferramenta, como um furador, com o qual abro caminho para o universal — embora nunca haja qualquer sentido de labor nesse processo. Como coisa em si, opera sem a minha volição, embora toda a atividade em que surge como uma fase seja geralmente induzida volitivamente. A espiral parece-me ser uma projeção para fora a partir do ponto no centro da minha testa, entre as sobrancelhas.

Por detrás do tecer da projeção circular luminosa da espiral, tenho ao mesmo tempo consciência de duas límpidas poças azuis dentro e atrás da minha testa. Parecem maiores do que os espaços ocupados pelos meus olhos e, dentro delas, há um movimento quieto constante, como de suaves energias elétricas em atividade circular. Tenho um sentido interior destas poças azuis em movimento como emocionais e criativas. Sendo a emoção um fator tão importante em toda a atividade humana, tem de ser necessariamente ingrediente nas preocupações suprassensoriais.

Mas a emoção a que aqui me refiro não é tanto sentimento, no sentido em que habitualmente entendemos a palavra, mas antes uma expectativa, uma antecipação, como a que se poderia experimentar ao observar, em concentrada atenção, o primeiro surgir do sol na aurora. Ainda assim, este símile não faz justiça ao verdadeiro equilíbrio da consciência nesta condição, porque não há sentido de espera no

tempo; olha-se para além do horizonte e sabe-se que o sol está a nascer, e apreende-se o processo como um todo. É neste estado de equilíbrio, que sabe por meio de uma extensão subjetiva da consciência, que faço o meu trabalho clarividente; para mim, a espiral brilhante e as duas poças de azul “árvore de Natal” são os símbolos da capacidade clarividente.

Há um terceiro símbolo que é comum à minha consciência — o tréflíio, uma forma trilobada, como uma folha de trevo ou um shamrock. Na realidade, trata-se de uma figura de quatro partes, com o lado do pecíolo aberto, e ele lembra-me o tratamento que Jung dá aos mandalas e a sua insistência na natureza quadripartida da completude psíquica do homem. Não obstante, eu própria penso nele, habitualmente, como uma forma tríplice. Quando aparece, sei que então estou capaz de curar. Para a minha consciência, a figura é geralmente cor-de-rosa, e concebo-a como o símbolo da minha qualidade inata no seu melhor. Este “melhor” significa que estou então livre no sentido mais pleno, completamente liberta de assuntos e sentimentos de personalidade, interiormente pronta e capaz de útil serviço objetivo. Para mim, esta figura rosada de três pétalas — uma verdadeira flor da psique — sugere o significado esotérico do amor, que é a nossa comum emoção humana elevada ao campo da unidade, o campo do ser despersonalizado.

Os símbolos a que me referi especificamente, e que considero ter significados especiais para mim, têm sido produtos de diferentes estados psicológicos — produtos de fases progressivas do meu próprio desenvolvimento psíquico. O teixo foi, em grande parte, produto da fantasia da minha infância; não obstante, foi uma criação da minha insistente vida psíquica. A espiral brilhante, com as suas poças azuis associadas, é o produto e o sinal da minha capacidade de projetar a minha consciência naquela fase da consciência como um todo que se pode considerar o grande inconsciente. No estado psíquico em que tenho consciência da presença da espiral e das poças azuis, sou capaz de clarividência e posso percecionar para além do tempo e do espaço. E, quando tenho consciência da forma de quatro partes (que sinto como um padrão de tréflíio), sei que posso trabalhar na mais alta

excelência a que toda a minha natureza chegou — estou então no “meu melhor”.

Estes três símbolos considero-os “meus”. São sinais subjetivos correspondentes às luzes verdes nas nossas vias de trânsito e dizem à minha consciência para “seguir”, cada um ao seu nível específico. O meu símbolo do teixo é uma indicação tão clara quanto alguém poderia desejar da necessidade interior da minha vida no tempo da sua origem na minha consciência. A razão por que não foi ultrapassado e há muito esquecido é que foi tão profundamente e intensamente vitalizado pelas forças psíquicas da minha vida. Mas todas as necessidades psíquicas mais profundas de uma pessoa são intensivas. Captar o símbolo que assinala a clara experiência de autorrealização é uma conquista vitalmente importante da consciência e, como no caso do meu teixo, reavivando o símbolo pode sempre encontrar-se o caminho de volta a essas profundezas verdadeiramente básicas do próprio eu.

Os três símbolos de que tenho estado a falar podem ser considerados como formas subjetivas. Ocorrem como fases diferentes dentro da minha consciência. Para além deles, em áreas de objetividade que se opõem diretamente às áreas materialistas do mundo sensorial, perceciono, em telepatia, um conjunto de outros símbolos que aparecem e desaparecem como impressões momentâneas em movimento, em estratos ondulantes de forma e cor. Individualmente, esses símbolos objetivos muitas vezes não têm significado específico próprio — ou melhor, cada um representa uma parte de um significado, que prontamente se desenvolve e se torna claro mediante a associação de vários deles. É nesta percepção de um item inteiro de significação, composto do rápido surgir sucessivo de partes diversas, que reside o misterioso “saber” do psíquico. Há neste “saber” uma segurança, uma certeza, que transcendem a equívoca ambiguidade, porque ocorre, na consciência do psíquico, uma misteriosa compreensão rápida, um sentido de criação e de perfeito cumprimento, que corresponde ao sentido de satisfação que permeia toda a pessoa quando se resolveu corretamente um problema ou se proferiu uma palavra iluminadora.

Qual é a fonte destas formas curvas insubstanciais que se movem, objetivas para a consciência, em faixas tecedeiras de cor? Tanto quanto sei e creio, não se originam na minha própria consciência, quer como memórias, quer como imaginação. Disse que ocorrem numa objetividade que não é materialista. Creio que isto é verdade. E o único reino objetivo não materialista de que temos alguma conceção é uma possível mente universal, uma possível consciência universal.

Sabemos que, filosoficamente, existe um reino mental humano em que a forma de cada coisa feita pelo homem vem à existência antes de a sua forma substancial ser construída ou de outro modo produzida. Nessas regiões da mente humana, ideias, pensamentos e imagens vêm e vão, surgem e passam, por vezes num processo prolongado. Que história imaterial jaz por detrás do primeiro cântaro? Que fatores de conhecimento, imaginação, aspiração, vontade, memória, esperança — e medo — foram sintetizados em forma na mente de Cellini antes de o seu “Perseu” se tornar um facto físico no mundo? Foi a partir dos elementos e essências do seu ser psicológico que essa coisa nova, maravilhosa e bela, foi criada — um produto da ideação mental traduzida em substância.

Os reinos da mente não estão confinados dentro dos crânios dos homens. Mas, na natureza psíquica da humanidade, existe uma afinidade com, e o meio de perceber, o fluxo fluido da fantasia interminável do universo. Alguém disse que a única porção da mente divina que podemos conhecer é o seu subconsciente. Como em nós, esse subconsciente é um fluxo, sempre presente, do experienciado — não destruído, morto e desaparecido, mas eternamente a reencenar-se em fantasia, de acordo com as leis pelas quais a natureza universal continua a existir.

Não posso dar melhor impressão do meu sentido e da minha crença do que dizendo que o fluxo de imagens que perceciono em telepatia é a fantasia cambiante que ocorre no subconsciente divino do universo. E, tal como, nos nossos sonhos, algum estímulo produz, a partir do nosso conteúdo subconsciente, um drama sequencial — embora irracional — de pessoas, circunstâncias e acontecimentos que roça a orla da nossa consciência, do nosso assombro e da nossa compreensão, assim, no grande subconsciente do universo, prossegue

o constante jogo da fantasia divina, significativo também para a percepção psíquica da humanidade.

Para mim, isto não parece ser simplesmente uma ideia metafísica, mas um facto psicológico. E sinto-me tentada a prosseguir-la um passo mais além, do ponto de vista psicológico. Se, na ausência da minha consciência desperta, como no sono, o estímulo sensorial de uma luz, de um som ou de um toque pode agitar o meu subconsciente até à profundidade onde redunda um determinado tipo de espetáculo de fantasia, de modo que eu perceciono, na orla da consciência, um incidente dramático que me pode ter acontecido muito longe e há muito tempo — mesmo no passado primitivo da *participation mystique* de Lévy-Brithl —, como posso eu negar, ou sequer pôr em causa, a realidade e a significação dos símbolos que telepaticamente perceciono no campo da mente universal que está disponível ao homem?

Concebo a experiência sensorial de cada momento como entrando no conteúdo do meu subconsciente e qualificando-o em alguma medida. Assim se acumulou a massa do meu subconsciente, e esta é a fonte da minha fantasia sem propósito. Mas, acima do subconsciente, há áreas da mente que operam com propósitos que transcendem tanto o jogo das percepções sensoriais como o fluxo da fantasia; esta é a área humana das formas criativas e sintéticas. E, para além desta fase mental — objetiva em relação a ela numa direção não sensorial —, está o mundo das relações psíquicas, o mundo em que a nossa mais elevada capacidade de consciência se torna ciente de fases do subconsciente universal.

Sendo subtis estes assuntos, qualquer tentativa de os explicar ou discutir em termos que transmitam clareza tende a dar uma impressão de pesadume no próprio tema. Na realidade, porém, as atividades suprassensoriais são experiências de leveza superior. Uma vez entrado no estado suprassensorial, fica-se singularmente concentrado, alerta, equilibrado e atento (mas sem curiosidade) — como o setter bem treinado, imóvel sobre as aves; e observa-se o fluxo simbólico de cor e forma com um interesse agudamente focado, no qual não há tensão nem esforço, mas antes um alto sentido de liberdade recém-alcançada e sem limites.

É significativo também que se regressasse ao mundo sensorial consciente sem fadiga, o que parece indicar que, nas atividades suprasensoriais, não se gastaram simplesmente as próprias energias fora de si, mas que, ao invés, se entrou em contacto com fontes de energia superiores às próprias, e delas se sorveram, para si, novas goladas de refrigério e vitalidade. A verdadeira experiência psíquica deixa a impressão, após o acontecimento, de que se participou efetivamente nas atividades de um estado de ser que transcende o nosso estado humano ordinário.

Podemos assim compreender sem dificuldade a experiência dos místicos religiosos que alcançam vários altos níveis de união com a Divindade. Todo o conjunto da consciência individual é, de uma só vez, fundido e inundado com a vitalidade transcendente da identidade com o Uno; e a descida desse estado é, efetivamente, uma descida, envolvendo uma perda tão grande que a experiência foi chamada a noite escura da alma.

Neste capítulo, como em todo o livro, esforcei-me por ser clara e convincentemente explicativa; mas referi-me ao conteúdo emocional que é necessariamente um elemento na essência da experiência suprasensorial, e esse fator emocional é qualitativamente muito mais importante do que geralmente fica indicado no que escrevi. As nossas experiências emocionais e mentais mais profundas são sempre difíceis, se não impossíveis, de traduzir em termos adequados para o olho ou o ouvido captarem. Por isso junto aqui uma ou duas páginas, lançadas sem qualquer tentativa de sequência, como uma passagem puramente impressionista, com troços de acompanhamento gráfico...

Uma grande folha, frondes rígidas e direitas, alcançando a luz — um quadro da relação da coluna vertebral com o corpo. Em tempos de doença no passado, as frondes murchavam quando eu tinha febre. Esta folha fornece numerosas imagens que armazenam uma reserva fluida...

Estou certa de que cada símbolo está especialmente relacionado com algum assento de função no corpo. Representam as linhas-guia, as clivagens de relação no trabalho subjetivo em conjunto dos corpos interiores. Se estou emocionalmente perturbada, eles perturbam-se nos

seus movimentos de livre fluxo e livre formação — como estrelas confundidas à minha vista por nuvens errantes. Em calma contemplativa, são os guardiães silenciosos e representantes de uma paz primordial.

Todos os símbolos estão no seu melhor quando há trabalho bem equilibrado a fazer. Então movem-se como crescimentos subaquáticos, em luz trémula e cor luminosa, com graça fácil e inconturbada, envolvendo-se e soltando-se repetidamente, como os movimentos finamente sincronizados de uma máquina bem oleada.

É assim que deles tenho consciência em tempos de contemplação. Enrolam-se sobre si próprios com graça e infinita subtileza, como os movimentos rápidos e flexíveis de uma dança feérica. No início do trabalho do dia, movem-se para cima e para fora, induzindo animação e sustentando-a. Nunca são perturbadores, nunca intrusivos. Eu bano-os à medida que me torno objetiva, atenta e desperta. Ainda assim, imagino que, se não soubesse que estão sempre comigo, por vezes poderia ter-me perturbado o fluxo de fantasia que produzem...

Creio que a minha vida de criança precoce, cheia de introspeção e de longos silêncios, enquanto eu esperava em suspense que o interior das coisas fosse revelado, me deu a chave dos meus próprios funcionamentos subjetivos internos. Assim descobri a minha própria chave da vida, sem compreender o seu significado. A minha linguagem de imagens conduziu-me, mais tarde, a um mundo onde sou capaz de observar a funcionar os mecanismos de mim mesma e das minhas relações. Há cinco símbolos básicos que sinto estarem fundamentalmente relacionados com os cinco sentidos. Torno-me profundamente consciente deles se e quando algum dos sentidos é convocado ou afetado de modo emocional.

Em idade precoce, aceitei o teixo e coloquei-o num lugar muito especial onde ele ficava atrás e “preenchia” com outras imagens. Posso convocá-lo e comandá-lo em humores melancólicos ou em emoção profunda. Quando estou tensa ou cansada e nele encontro a vontade de me obedecer, estou certa de que não é simplesmente uma parte da minha imagética privada.

Ele forma-se no III ou no I, como as varetas de um leque se abrem e fecham. Este III ou I, em qualquer forma, é um I básico, e expressa vontade inerente. Penso neste símbolo particular com respeito... Por vezes divide-se, tornando-se um painel (isto difere do leque) através do qual linhas de luz se enroscam. Muitas vezes oscila em longo movimento rítmico como o contorno do U ou do O, se se puder imaginar tal movimento como veloz e longo ao mesmo tempo. O O nunca se fecha completamente. Quando o teixo se junta às linhas de luz, pode tomar uma forma que sugere a suástica, SS ainda que diferente, pois enrodilha-se em si mesmo recuadamente. Esta é também uma forma maia antiga. Assume formas reminiscentes de uma concha 2 ou de um número 8.

Nenhuma destas formas está alguma vez terminada; nunca se completam por fim. Não são apenas formas, mas também movimento; é difícil indicar o fluxo sequencial... E não surgem isoladas, mas por vezes em profusão. Reúnem-se e coalescem e desaparecem de forma caleidoscópica:

Por vezes o teixo aparece de repente, como se por magia dentro da magia.

A forma do O nunca está completamente fechada, e há uma forma correspondente C que penso como um círculo mágico que abraça, mas deixa livre, o que quer que surja no seu interior. Para mim, significa associação livre, e tenho um sentido de elevação impessoal e de desenvolvimento quando ele aparece — um sentido de responsabilidade que é capaz do que quer que empreenda.

No meu campo simbólico nada está alguma vez fechado, terminado, concluído; nada permanece imóvel ou por si só. Tudo o que surge está em processo de movimento, como uma fase num ato criativo. E, embora as formas desapareçam, deixam um sentimento, um saber, de que participam noutro agir, onde quer que estejam...

O teixo é “o Vigia”. À noite, ou na calma da manhã, o Vigia é como uma chama branca, um dedo pálido erguido. Torna-se assim o centro do I, uma imagem fundamental nesta imagética fluida. Em movimento, o I primário torna-se III, como se fosse um portal. O Vigia, o I, tecendo e fiando, ganha ímpeto; e, nunca sozinho, reúne formas — e move-se em ritmos... São por vezes aparentados às letras

do alfabeto: A B L.

Tais formas, na sua mobilidade veloz, desenham imagens fluentes, rapidamente, mas com facilidade, sem pressa...

O simbolismo é então expressão de pensamento não proferido, não revelado. É o guardião do pensamento, por assim dizer, através do qual as linhas de luz derivam, tecendo-se em significação para compreensão.

Todos estes são símbolos subjetivos, claro. Como os significados das palavras mudam com as gerações sucessivas, e as línguas perdem os seus valores originais, não poderá ser que estes símbolos interiores protejam a própria forma da consciência contra o seu errático divagar e difusão?

O guardião do pensamento por vezes muda e se torna um par interior de poças, como olhos interiores, azul-azure, através dos quais se vê para as profundezas para além do eu. Associo estas poças a ver claro — clarividência. Invariavelmente, nestas poças outras imagens se conformam e assumem formas que estão relacionadas com o sol, a lua e as estrelas. Muitas vezes ocorre-me que os corpos têm uma meteorologia planetária própria, sujeita aos sóis e luas e a outros planetas e galáxias das suas várias integrações sintéticas. Noutro lugar menciono a relação do fígado com o sol, neste cosmos interno, e a relação do coração com a lua...

A mais perfeita das imagens é a espiral, eternamente a mover-se e a formar-se dentro de si e a partir de si. Vejo dentro da espiral o desenvolvimento de toda a energia; é o símbolo do crescimento no espaço. À medida que se move e cria forma dentro de si, é um símbolo duradouro, evoluindo e envolvendo formas que fluem e se moldam em outras formas — todas elas, em conjunto, a participar na criação constante de ainda outras imagens simbólicas que, ao nascerem, seguem um movimento rodopiante ao escaparem velozes dos fios luminosos da espiral, para assumirem o seu próprio movimento e significado.

Quando fui pela primeira vez à escola em pequena, tive grande dificuldade em aprender a escrever. Um grande quadro do alfabeto, letras maiúsculas e minúsculas, pendia na parede da sala de aula.

Nunca, na experiência de toda a minha vida, encontrei outra coisa tão distante do meu interesse, tão desprovida de estímulo e significado, como aquelas formas negras e antinaturais, rígidas, alinhadas em filas e colunas sobre um fundo branco. Esperava-se que eu as aprendesse — as letras — os seus nomes, “os sons que faziam”. Mas elas não faziam som nenhum, e não evocavam em mim som subtil algum.

Eu tinha também um caderno de cópias em que as cinquenta e duas formas se repetiam — ou assim me diziam. Mas, na realidade, não eram de todo as mesmas formas. Explicaram-me, com imensa paciência, que o A no quadro e o 4 no meu caderno de cópias eram a mesma letra e tinham o mesmo som — “ei”. Diziam-me também que a B no quadro e o g no meu caderno de cópias eram iguais, assim como a C, e por aí fora. Contudo, ao meu sentido, as duas metades de cada par diferiam radicalmente, e eu simplesmente não conseguia compreender a necessidade ou a arte envolvida em haver quatro formas diferentes para o som “dê”.

Ainda consigo recordar os pouquíssimos pontos de afinidade que pareciam existir entre o alfabeto e eu. Havia os B eu sabia o que era uma abelha (bee), mas não era nenhuma destas. C; eu sabia o que era o mar (sea), mas não encontrava relação entre essas letras e a água salgada, embora o som dos seus nomes fosse o mesmo. As F não eram “if” mal pronunciado. As I eram, espantosamente, eu. As J eu sabia que um jay era uma ave. As O pareciam-me belas, pois eram uma espécie de padrão, se as juntássemos. Foi através do redondo postigo da O, creio, que entrevi o meu primeiro vislumbre de sentido em toda a questão. As P — tínhamos ervilhas (peas) na horta. A U significava “You”, e a W — significava tu e mais alguém.

Enquanto me esforçava por compreender, não encontrando simpatia real para a minha dificuldade, tomei consciência de que isto era uma daquelas coisas estranhas que tinham de ser feitas, e comecei a tentar reproduzir os modelos do caderno de cópias, como se esperava de mim.

Aqui encontrei outra aflição, pois as letras que eu fazia não se assemelhavam aos modelos do caderno — nem por sombras. Eu não conseguia reduzir as minhas cópias ao âmbito restrito dos originais, nem manter a continuidade das suas belas curvas. Era quase como se, para mim, uma linha simples fosse puramente negativa, inexistente,

impossível. Eu tinha de dar volume às minhas representações, e a única maneira de o fazer era repetir cada traço da letra que eu tentava formar: E U P.

Naqueles primeiros tempos, toda a questão era um assunto de pesadelo, disciplina e reajustamento, mas desde então vim a perceber como as linhas interiores dançantes de luz, as faixas fluídas de cor, me condicionaram. As linhas de luz apareciam sempre em série, e eram tão reais — tão vitais e naturais — que era assim que as coisas deviam ser, do meu ponto de vista. Eu estava habituada a receber significados diretamente dos símbolos que via, e isto sem tensão nem esforço.

Foi através das vogais que acabei por ver para lá destes estranhos símbolos negros no papel branco, e assim encontrei o meu caminho para o inglês escrito. I e U e O — estas foram as minhas sementes de iluminação. E ocorreu-me desde então que isto é totalmente natural, pois as vogais são os sons abertos, e isso é psicologicamente significativo. São vitais, para o meu sentido, envolvendo a inalação e a exalação diretas do sopro fundamental; afetando assim diretamente os pulmões, o coração, o fluxo sanguíneo, todo o metabolismo do corpo; são básicas para todo o nosso meio de expressão.

Aprendi, é claro, a escrever o alfabeto e a realizar muitas outras técnicas aprendidas; ainda assim, o mundo interior dos símbolos, percebido e sentido, está ainda presente e é fundamentalmente significativo, sempre que para ele volto a consciência. Representa a própria essência da vitalidade — energia irrompendo em forma a um nível que, para nós, é primordial.

PERCEÇÃO E COMUNICAÇÃO

Eu era uma criança sensível, cheia de sonhos. Nos primeiros dias de que tenho qualquer recordação, eu vivia em dois mundos, dos quais um era o meu. Era definitivamente o meu mundo, porque nenhum dos outros seres humanos à minha volta tinha qualquer conceção dele ou simpatia por ele. O facto de eu poder ver o vento, apreender a individualidade interior de árvores e flores e animais, perceber os “envolventes” — aquelas névoas multicoloridas em que todos os seres vivos se moviam, que mudavam com os seus humores ou com as

condições mutáveis das suas vidas —, de eu poder por vezes prever a ocorrência de acontecimentos que mais tarde efetivamente vinham a acontecer, e de eu ter uma compreensão das pessoas que era penetrantemente intuitiva e muitas vezes desmentia as impressões que elas se esforçavam por criar com palavras ditas ou gestos e atitudes físicos — tudo isto me afastava, em grande medida, da vida de superfície do meu ambiente e repetidamente me atraía para os estados livres e luminosos de consciência onde eu podia estar com as belas visões, sons e acontecimentos naturais do meu próprio mundo infinitamente melhor.

Era um mundo totalmente natural. Os seus habitantes viviam as suas vidas, não sem conflito; mas aqui não havia fingimentos nem artificialidades enganadoras de conduta, nenhuma submissão a regras e leis que tolhessem e inibissem o processo normal da vida.

Ouvindo os vários sons do crescimento no mundo vegetal, observando as texturas do vento e da água, escutando as expressões das aves e dos animais enquanto desempenhavam as atividades das suas vidas atarefadas, eu era despreocupada, mas agudamente consciente, interessada e feliz. Repetidas vezes me rebelava contra as formas e pressões dominadoras que se esforçavam por me arrancar a essa liberdade, e ressentia-me (mas aprendi a aceitar) do raciocínio especioso usado para justificar a minha disciplina e a minha infelicidade.

A vida mudou para mim de muitas maneiras à medida que os anos passaram; mas nunca perdi o caminho para o meu próprio mundo luminoso inicial. As minhas faculdades de percepção já não são agora as que eram nesses primeiros dias. Conhecimento, compreensão e simpatia desenvolveram-se como resultados de incontáveis acontecimentos e experiências e, acima de tudo talvez, aprendi profundamente a não resistir à vida. Há um destino que molda os nossos fins. Está oculto como um padrão ou modelo bem no fundo de cada um de nós. Resistir-lhe, por qualquer razão que não o serviço, é provocar sofrimentos para os quais não há justificação. Aceitando o seu destino interior, o homem poderá também sofrer, e até mais agudamente; mas estará então a conformar-se com a natureza segundo o seu próprio destino; estará a viver plenamente na vida e a realizar-se. De passagem, creio que isto é um credencial primário para a continuidade do desenvolvimento de alguém após a morte.

Os anos que decorreram entre a minha infância e o meu casamento não foram espetaculares de modo algum. Quando, aos dezasseis anos, deixei a Irlanda, disse adeus a todos os amigos íntimos que tinha entre as árvores e flores e animais, e fi-lo com um sentimento premonitório de que nunca mais voltaria a ser tão feliz na vida como fora naquelas primeiras condições. Seguiram-se Londres e o casamento, e logo o meu marido passou a opor-se ao meu “visionar” e “sentir” pessoas e coisas à minha antiga maneira. Assegurando-me de que outras pessoas não viam nem sentiam as coisas como eu, advertiu-me de que as minhas capacidades continham muitos aspetos que eram vulgarmente considerados elementos de insanidade. Eu era muito jovem, e foi um tempo de grande ansiedade para mim; mas eu não podia negar ver e sentir as coisas como as via e sentia, mais do que o sol pode deixar de brilhar. Eu tinha o meu próprio duplo mundo para viver; e se era diferente do mundo em que outras pessoas viviam, que podia eu fazer?

Acabei por resolver o problema dividindo o meu tempo e a minha vida e a minha consciência. Conforme a ocasião exigisse, eu era uma esposa viva e cordial, conformando-me às convenções, pronta e desejosa de partilhar a vida do meu marido. Quando estava sozinha, era eu própria, feliz e livre num estado onde ninguém me podia alcançar, para magoar-me ou confundir-me. E cheguei ao ponto de me dizer que, se esta condição privada era uma fase de insanidade, então eu não temia a insanidade — era esta a condição de vida de que eu precisava e que queria.

Nos anos que se seguiram, dei à luz três filhos que morreram na infância. O nascimento destas pequenas criaturas no mundo, e a sua tão rápida saída dele, afetaram-me de várias maneiras. Tanto antes como depois do nascimento do meu primeiro filho, parecia estar unificada e completada em mim própria de uma maneira que não se repetiu com os outros filhos. Após as mortes do meu primeiro e do meu segundo rapaz com poucos meses de intervalo, fiquei profundamente abalada e doente. Eu tinha observado o fio nebuloso da vida subir e afastar-se dessas pequenas formas enquanto as segurava nos braços; e, embora já soubesse que a morte não é um fim da existência humana, fiquei abatida, deprimida e infeliz com a sua perda. Após o nascimento do meu primeiro filho, uma voz, falando atrás de mim, advertira-me de que ele não estaria neste mundo por

muito tempo e, virando-me para ver quem falara, não encontrei ninguém.

Quis intensamente seguir os meus filhos mortos, não morrendo eu, mas para descobrir e saber exatamente o que lhes acontecia, exatamente que condição estavam a experimentar para lá do interlúdio da sua breve visita aqui. E, embora não os pudesse seguir muito longe, a intensidade do meu desejo de o fazer pareceu ocasionar algum desenvolvimento adicional na minha própria natureza, pois comecei a penetrar as bainhas exteriores e a ver nas profundezas das formas densas. Já não percebia luz e cor em raios ou feixes, mas como correntes tecidas que se curvavam e rodopiavam e espiralavam infinitamente pelo espaço.

Aprendi a viajar ao longo dessas linhas, para fora, no espaço, para um mundo mental de exaltação e luz. Comecei também a pressentir e a sentir os pensamentos de outras pessoas, e aprendi que os pensamentos são coisas, possuindo a sua própria vitalidade, o seu próprio destino para o mal ou para o bem.

Foi também nesse período que tomei consciência de uma divisão que ocorria na minha própria unidade. Um dia, fui surpreendida e perturbada ao perceber uma réplica sombria de mim própria a alguma distância à minha frente. Depois de a observar por um momento, ergui-me da cadeira e tentei aproximar-me desse alter ego e, ao fazê-lo, ele perdeu contorno e recuou em direção a mim. Era o meu próprio “envolvente”. Desde então, aprendi que podia ser expandido, e descobri muitas outras coisas sobre as qualidades dos envoltivos — o meu e os das outras pessoas; mas essa foi a primeira experiência de “projeção” inconsciente que eu alguma vez tive.

Por vezes eu via (e ainda vejo) através de uma estranha sensibilidade nas pontas dos dedos e na nuca, muito mais claramente do que com os olhos. O som vinha até mim numa corrente vinda de fora, lavava-me o corpo inteiro como uma onda e vibrava na estrutura óssea da minha pessoa, de modo que eu ouvia nos pés e nos joelhos. E ainda ouço com os pés e com os dedos.

Depois ocorreram acontecimentos que marcaram o início de uma nova ordem para mim. Precisava de me afastar de mim mesma e de trabalhar porque, como sempre, havia uma tremenda necessidade

interior. E surgiu a oportunidade de entrar em negócios com uma amiga. Trabalhei arduamente, e o cansaço diário consequente do corpo trouxe-me o sono — o que significava descanso para a mente e para o meu sistema nervoso, cuja energia eu mal compreendia.

A minha tia morreu, na Irlanda, e de súbito percebi que estava livre pela primeira vez na vida. Na minha infância, essa tia fora a representante dominante de uma cultura que se cristalizara numa rigidez de convenções e que se opunha constantemente à minha necessidade de liberdade. Condenava a minha ascendência e a minha própria natureza interior; e, embora sinceramente quisesse, segundo a sua luz, salvar-me de mim mesma, fazia a tentativa sem ternura, sem beleza, sem finesse. Mesmo depois de eu escapar à sua tutela direta, sofri a sombra indelével da sua influência. Agora, por fim, a minha vida ficava libertada para sempre do seu principal incubo.

Eu estava assim livre e ocupada quando começou a Primeira Guerra Mundial. O meu marido, que pertencia à Territorial, foi destacado para serviço no estrangeiro. Durante a sua ausência, tratei da casa dele e cuidei dos meus compromissos profissionais. Mas depressa descobri que estava grávida e, a seu tempo, nasceu a minha filha. Durante vários meses após o seu nascimento, estive em perigo de vida. Os meus pulmões nunca mais foram fortes desde então. E, devido a uma acumulação de circunstâncias sobre as quais escrevi noutro lugar, decidi pôr fim ao nosso casamento quando o meu marido regressasse a Inglaterra, e assim fiz.

Sempre soubera, subjetivamente, que havia de criar um dia o meu próprio caminho e o meu próprio trabalho no mundo e, com as minhas dificuldades nervosas largamente ajustadas através do trabalho duro e da disciplina regular de uma vida plena, aguardava com avidez criar a minha filha e desenvolver a minha própria carreira.

A guerra ainda prosseguia. Eu geria o alojamento para oficiais que abrisa em Londres e, embora esse trabalho me ocupasse grande parte do tempo e da energia, ainda descobria, quando estava sozinha, que a minha visão e o meu sentir se estavam a desenvolver para outros tipos de percepção. Comecei a tomar consciência de episódios e fragmentos de incidentes que me surgiam como imagens desfocadas num ecrã. Eram imagens de pessoas que eu conhecia e de pessoas que eu não conhecia. Mais tarde encontrei algumas das pessoas que

primeiro contemplara de modo visionário. Ou podia ler no jornal do dia sobre um incêndio, uma explosão ou outro acontecimento de que eu tivera uma previsão nesse dia, ou vários dias antes. Essas novas sensibilidades eram acompanhadas por efeitos físicos correspondentes às reações que teria sofrido se tivesse estado presente no acontecimento real, e eu

“A Minha Vida como Uma Busca do Sentido da Mediunidade.”

ficava profundamente angustiada com a ideia de que a minha instabilidade nervosa do passado poderia estar a regressar.

Eu casara de novo — havia pouco mais de um mês. E, através dessa relação, tive a devastadora experiência, em Londres, de participar na morte violenta do meu marido, em França. Saí à noite para jantar e dançar com alguns amigos; e, às onze e meia, a visão do desastre do meu marido começou a desenvolver-se. Perdi o sentido de mim mesma e vi-me envolvida numa terrível explosão. Quando recuperei a noção da minha própria identidade, estava sentada sozinha no átrio do hotel e sabia, na mente consciente, que o meu marido estava morto. Dias depois chegou a confirmação do Ministério da Guerra. Tinha sido morto em Ypres.

Essa fase de desenvolvimento era uma tensão em todos os aspetos da minha vida. Eu sabia então, sem margem para dúvida, que recebia impressões de acontecimentos que ocorriam a várias distâncias de tempo e espaço. Cada um desses acontecimentos tinha um efeito profundo na minha mente e no meu sistema nervoso; e, sob esses impactos disruptivos, receava o que me estava a acontecer psicologicamente. Nunca ouvira falar de previsão psíquica e, embora na infância tivesse tido a experiência do pré-conhecimento, entretanto adquirira concepções claras do que era considerado “normal” e “anormal”. Nos primeiros anos, a minha previsão era como a percepção objetiva natural de qualquer facto, como se alguém notasse, por exemplo, uma árvore particular na paisagem. Agora, porém, eu não só percebia acontecimentos distantes e muitas vezes desastrosos, como também neles me via envolvida e a participar. Era repetidamente afetada por personalidades e eventos com os quais me relacionava de uma forma não só incompreensível e misteriosa, mas disruptiva.

Nas minhas tentativas de compreender a situação e de encontrar meios de me proteger desses efeitos disruptivos, segui duas linhas principais de auto-tratamento. Primeiro, como sempre fizera em tempos de crise, chamava deliberada e conscientemente o Sopro do Universo para me ajudar a construir alguma força, algum poder de controlo, que me permitisse fechar-me e escapar aos efeitos devastadores dessas participações visionárias. E, em segundo lugar, quando me deitava, exigia consciente e firmemente às várias divisões da minha mente — tal como aprendera a diferenciá-las — que resistissem à intrusão desses acontecimentos externos na minha consciência.

Nessa altura, tinha naturalmente consciência de que havia dois “eus” em mim, consciente e subconsciente. Percebendo profundamente as necessidades agudas da minha vida, corrigia as condições adversas instruindo conscientemente o meu subconsciente. Era uma técnica de autossugestão; e notei que, enquanto prosseguia a prática, a invasão irresistível de acontecimentos exteriores abrandava, enquanto, se a suspendia por algum tempo, a invasão voltava a ocorrer.

Tornou-se assim habitual em mim realizar todas as noites o meu ritual autoprotetor de sugestão. Ao aperceber-me do sucesso do processo, comecei a experimentá-lo para o controlo da doença e da dor, e para a gestão dos acontecimentos e das relações da minha vida diária. Em todo esse processo, fui ganhando gradualmente liberdade em relação ao domínio da minha capacidade visionária, de modo que deixei de ser apenas sua vítima. Não perdera a capacidade, mas aprendera a controlá-la. Agora podia permitir que operasse, ou podia inibi-la. Aceitei o facto de que a minha mente interior detinha uma segunda faculdade de percepção que não dependia dos sentidos; e quaisquer significados que o mundo pudesse encontrar neste facto não me podiam afetar — era esta a condição de consciência com que eu tinha de encontrar uma forma de viver.

Ainda assim, eu tinha de compreender por mim a natureza dessa capacidade extra e, ao experimentá-la com o passar do tempo, ela alargou-se em alcance. Compreendi, como facto primordial, que, controlada em vez de controladora, não tinha efeitos desastrosos sobre a minha vida. Possuía também elementos incidentais de interesse, pois podia, por vezes, tornar-me consciente de um breve excerto de

conversa pressentida que, alguns dias depois, ouviria repetido em voz alta num grupo ou reunião em que estivesse presente. Nomes de pessoas e lugares desconhecidos chamavam frequentemente a minha atenção ao passarem pela mente e, dias, semanas ou anos depois, esses nomes, pessoas e lugares entravam numa relação factual normal com a minha vida.

Aprendi também, nessa altura, que não era apenas o mundo exterior mais ou menos remoto a afetar a minha consciência, mas que eu própria afetava o mundo exterior, sem intenção direta de o fazer. Amigos escreviam por vezes a perguntar por mim porque tinham sido impressionados por um sentido tão positivo da minha presença nas suas casas que ficaram perturbados e se sentiram impelidos a comunicar comigo. Eu conseguia, em regra, coordenar esses casos com o facto de ter estado a pensar nesses amigos enquanto me encontrava num estado mental passivo; e, por fim, vim a perceber que, em tais circunstâncias, uma parte da minha mente saía e alcançava as suas subtilíssimas sensibilidades. Mais tarde, quando me familiarizei com a mecânica da telepatia e da clarividência, aprendi a projetar essa segunda parte da minha mente para lugares e pessoas, não por acaso, mas de modo direto e com propósito.

Com o tempo, passei a ter consciência de sensações atrás dos olhos, na raiz do nariz e na testa, como se se abrisse um canal físico entre um centro na testa e o cerebelo. A minha visão interior aumentou em clareza e, por fim, tomei consciência nítida de um ponto na testa, entre as sobrancelhas, como o centro onde as imagens começavam a registar-se. Esse processo de registo de imagens era um movimento de energia que parecia partir desse centro na testa e focar-se num ponto muito distante de mim — embora essa “distância” fosse um efeito na consciência mais do que no espaço.

Enquanto me esforçava por compreender esses vários desenvolvimentos na minha vida, fui elaborando uma filosofia a partir da minha própria experiência. Antes de mais, tomei consciência da infinita variedade de factos e possibilidades de consciência que existem no universo, para além do pequeno domínio da mente individual finita. Passei a saber, por mim, que as vidas humanas e as mentes humanas são partes da vida universal e da mente universal; que essa vida universal está em evolução; e que o ser humano

individual participa neste processo evolutivo de acordo com a sua capacidade e a sua vontade de o fazer.

À medida que a minha capacidade entrava em contacto com o mundo prático, fui percebendo progressivamente que o foco da consciência da maioria das pessoas está invertido. Andam continuamente a tentar remodelar o universo segundo o padrão dos seus diversos propósitos. Notei como a responsabilidade, o sucesso, o dinheiro ou o meio tendiam a alterar a liberdade e o fogo das devoções individuais. Observei como a autoridade tendia a cristalizar-se em autoimportância, deixando os propósitos vitais à espera. Ao contactar com líderes de vários movimentos, desiludi-me muitas vezes por os achar excessivamente conscientes da sua própria importância e insuficientemente preocupados com os ideais dos movimentos que representavam. Os ideais pareciam dissipar-se pelos meios instituídos para os expressar. A sombra da individualidade obliterava repetidamente a clara luminosidade da questão maior.

A guerra terminara então e, no período pós-guerra, encontrei um amigo, Edward Carpenter. Há um aforismo no Oriente que diz que, quando o estudante está pronto, o mestre aparece. Tendo chegado a certas concepções próprias em relação ao universal, evidentemente eu estava agora pronta para a ajuda do conhecimento e da sabedoria de Edward Carpenter. Ele compreendeu todas as minhas experiências passadas e lamentou que eu não tivesse tido uma pessoa compreensiva que me encorajasse e me acompanhasse nos tempos de dificuldade. Em referência a seitas e dogmas religiosos, disse: “Eu tenho o meu próprio Deus. E tu também.” Orientou o meu estudo e leitura e discutiu comigo as minhas reações a filosofias, experiências e livros.

Nos dois anos da minha amizade com Edward Carpenter, experimentei uma profunda expansão mental e espiritual da minha vida. Através dessa expansão, fiquei completamente libertada do sentido do passado e cheguei ao reconhecimento da minha própria integridade. Ele confirmou a minha percepção do que chamava a Consciência Cósmica; e fez-me compreender que o meu visionar e sentir não eram efeitos de desequilíbrio mental, mas poderes positivos, reconhecidos desde a Antiguidade, para conhecer e compreender realidades para lá do alcance da compreensão comum.

Disse que uma voz me avisara de que o meu primeiro filho não estaria muito tempo neste mundo. Agora a minha filha estava doente, com a sua primeira doença grave. Ouvira o médico dizer que nada mais podia fazer e resolvi, desesperadamente, no meu íntimo, que não desistiria da luta pela vida da minha criança. Mande a enfermeira embora e decidi positivamente que a minha filha havia de ficar boa. Tirei-a da cama quando ela arquejava por ar e apertei-a desesperadamente junto ao meu corpo, para lhe dar da minha própria força...

Uma voz atrás de mim disse: “Tem cuidado. Ela precisa de mais ar. Abre a janela e deixa entrar uma nova corrente de ar no quarto.” Abri a janela, vi a cortina agitar-se e, virando-me, vi o contorno de uma figura encostada à cama — um homem baixo e ágil, cujo rosto estava voltado para longe de mim. Embora os meus membros tremessem, aproximei-me da cama e deitei a minha filha. O homem, de vestes cinzentas, ficou ao meu lado com um sorriso compreensivo. Eu não sabia quem ele era, mas sabia que viera ajudar-me a salvar a vida da criança. Pouco depois desapareceu, sem que eu o visse partir. A minha filha acabou por recuperar. É hoje uma mulher saudável, feliz e casada.

Mais tarde tive contacto com o Espiritismo. A princípio, perturbei-me ao saber que os espíritas acreditavam que a morte implicava uma mudança de existência no tempo e no espaço, mas não uma mudança na consciência individual. Eu tinha as minhas próprias ideias acerca da continuidade da existência após a morte, mas não as conseguia definir com precisão. Num espírito de indagação e experimentação, juntei-me a uma sociedade espírita, assisti a reuniões, li livros e ouvi incontáveis “experiências” de numerosas pessoas. Integrei um grupo que se reunia para desenvolvimento psíquico e, numa das nossas reuniões, ocorreu algo inesperado. Senti-me sonolenta e adormeci. Quando acordei, os outros membros do grupo, muito agitados, disseram-me que eu dera provas da presença dos seus familiares e amigos mortos — entidades que falaram a todos eles.

Em consequência deste acontecimento, conheci o Sr. Huhnli, um suíço, que foi amável e prestável. Perguntou-me o que acontecera e, quando lho contei, sugeriu que me sentasse quieta e relaxasse. Voltei a ficar sonolenta e perdi a consciência e, quando acordei, o Sr. Huhnli disse-me que eu era uma potencial médium de transe de considerável

poder. No transe, ao que parecia, criava-se uma condição em que, enquanto eu estava inconsciente, alguma outra inteligência podia entrar e tomar controlo do meu organismo e usá-lo como meio de comunicação. Foi isso que acontecera na sessão, e o Sr. Huhnli conversara com o meu primeiro “controlo”, um oriental, que deu o nome de Uvani.

Fiquei assustada com todo este desenvolvimento e decidi esquecer todas estas experiências e partir, possivelmente para a Austrália, a fim de quebrar todo o padrão do meu passado e ter o estímulo de um novo ambiente. Mas não era para ser assim. Apesar das minhas resistências interiores, dei por mim a continuar a associar-me a pessoas interessadas no Espiritismo e, por fim, conheci Hewat McKenzie.

McKenzie fundara o British College of Psychic Science. Foi-me de grande ajuda, clarificando as minhas ideias sobre os significados das atividades psíquicas no seu conjunto, assegurando-me que não tinha de temer a invasão da minha personalidade por qualquer controlo e explicando que um dos principais valores da mediunidade residia no desenvolvimento das personalidades de controlo, para que se tornassem comunicadores adequados e úteis. Com o tempo e sob a orientação do Sr. McKenzie, construí uma reputação como médium de transe no British College of Psychic Science; e, ao fazê-lo, afastei todos os outros aspetos da experiência psíquica.

A morte de Hewat McKenzie, em 1929, retirou-me o mais elevado expoente da fé e compreensão espírita com quem eu tivera contacto. Sem o seu exemplo e o seu preceito a sustentarem-me, as minhas próprias dúvidas íntimas quanto ao valor do trabalho mediúnico que fazia — dúvidas assentes sobretudo na futilidade de grande parte do material comunicado — tornaram-se dominantes na minha vida. Sentia uma responsabilidade pessoal para com os meus “consulentes” e também pelos efeitos e consequências das comunicações para as quais eu fornecia o canal.

No meio dessas incertezas, adoeci de novo e fui sujeita a duas operações graves, ficando de cama durante meses. Foi então que comecei a aperceber-me das potências magnéticas que nos rodeiam constantemente e a experimentar com elas — e com a cor — para fins

de cura. E aprendi, em certa medida, durante esse tempo, a revitalizar-me.

Pouco antes desse longo período de doença, fora informada de que um novo controlo falara através de mim a alguns dos meus “consulentes”. Chamava-se Abdul Latif. Era um nome que eu nunca ouvira antes, embora se soubesse que comunicara através de outros médiuns. A substância das suas comunicações era muito diferente da de Uvani. Uvani passara anos a dar prova da “sobrevivência”; mas Abdul Latif era um curador e um profeta, um mestre e um filósofo em termos espirituais. Afirmou que, na sua vida na Terra, fora um astrónomo e médico persa ligado à corte de Saladino, na época das Cruzadas.

Resumi assim brevemente a minha vida, até este ponto, para dar a conhecer ao leitor algumas das fases principais do processo do meu desenvolvimento psíquico. Houve passos adicionais no processo. Mas, com o advento de um segundo controlo a usar o meu transe, fiquei profundamente preocupada com toda a técnica da comunicação e com a natureza real dos controladores.

Ao longo dos anos, submeti-me a muitos tipos de exames médicos e psicológicos na tentativa de determinar a natureza exata e a origem dos controlos, mas até agora sem resultados satisfatórios. Nos tempos em que trabalhei com Hewat McKenzie, submeti-me à sua hipnose e permiti-lhe “treinar” o controlo, que então era o Uvani; mas nunca fiquei completamente convencida, na minha própria consciência, de que Uvani fosse uma entidade separada e integrada que operava de outro plano de consciência. Hewat McKenzie sempre atribuíra grande importância à força do subconsciente; ainda assim, quando lhe falei desta incerteza na minha mente e sugeri que, em vez de ser uma personalidade distinta, Uvani pudesse simplesmente ser um desdobramento do meu próprio subconsciente, ele indignou-se. Tinha plena confiança na genuinidade da fé e da certeza privada do Sr. e da Sr.^a McKenzie; mas, para a minha própria certeza, precisava de mais provas, que não surgiam. Eu simplesmente não sabia, dentro de mim, se os controladores eram de facto aquilo que geralmente se supunha que fossem.

Quando Abdul Latif começou a falar através do meu transe, portanto, a situação tornou-se mais aguda; pois, se Uvani representava

uma possível cisão na minha mente subconsciente — condição sublinhada por analistas e outros —, este segundo controle podia representar uma segunda cisão e ambos podiam, possivelmente, ser sintomas de uma desintegração geral da minha personalidade. Para mim, o problema envolvia tanto a validade dos controladores como a integridade da minha própria natureza íntima.

Durante uma das crises mais graves da minha vida, quando estava no hospital com apendicite perfurada e um mastoide infectado, os médicos e enfermeiros no bloco operatório ouviram uma voz falar logo após eu ter ficado inconsciente sob anestesia. O que a voz disse não era conhecido, visto que aparentemente falava numa língua estranha; mas mais tarde fui informada por G. R. S. Mead, que muitas vezes comunicava com Abdul Latif através do meu transe, de que o controlador lhe dissera que ele próprio estivera na sala de operações naquele momento.

O problema da realidade das personalidades de controle não era para mim meramente pessoal ou superficial, e em breve tornou-se ainda mais agudo; pois, ao regressar ao trabalho, após a doença, descobri que não conseguia produzir resultados satisfatórios. Depois de dez anos de trabalho bem-sucedido como sensitiva, o que acontecera para dissolver essa capacidade bem treinada e perturbar as suas relações? O que quer que tivesse acontecido tinha-me acontecido a mim. Era, claro, possível que a minha própria perda de fé tivesse tido algo a ver com a alteração da situação — a ter uma convicção estabelecida sido alguma vez base segura do trabalho bem-sucedido que fizera. Mas eu nunca tivera tal convicção firme.

Havia também outro aspeto do meu estado geral de confusão e insatisfação. Embora nunca tivesse aceite plenamente os controladores como entidades individualizadas e conscientes, tinha um elevado grau de fé — nascida da experiência e da convicção — tanto na realidade como na alta natureza de alguma fonte como lugar de origem do material que era transmitido através do meu transe. No caso de Uvani, seriam “os mortos” a fonte efetiva das mensagens por ele transmitidas?

Eu estava interiormente bastante clara quanto aos dois extremos do processo da comunicação em transe — uma fonte elevada de conhecimento suprassensorial e a genuinidade do material que era

comunicado. O que me intrigava e perturbava era o termo intermédio, o processo. Já não podia submeter-me a esta atividade automaticamente, só pela fé; eu tinha de saber o que estava a fazer.

Estes problemas continuaram a perturbar-me durante vários anos, período em que a minha fé nos processos era tão incerta que, embora o meu transe voltasse a ser um canal competente para a comunicação pelos controladores, era quase impossível para mim cooperar na comunicação com “os mortos”. Só posso supor que essa incapacidade resultasse de alguma alteração inibitória ocorrida na minha própria natureza. Desde a primeira infância, tinha consciência de som, movimento, cor e vitalidade em formas que outras pessoas não percebiam. Essas faculdades iniciais desenvolveram-se e eu podia agora ver clarividemente, ouvir clariaudientemente e sentir telepaticamente; ainda assim, não sabia como operavam essas capacidades percetivas e interessava-me intensamente em descobrir.

Depois de muita experiência e muita investigação, ainda não conheço claramente a natureza do transe. Estou, porém, convicta e pronta a afirmar como conclusão definida que a clarividência e a telepatia dependem de alguma radiação ativa natural que se cria entre duas pessoas ou entre um indivíduo e um objeto. Essa radiação pode ser recíproca mutuamente entre eles ou pode operar apenas num sentido. Mas estou convencida de que entre eles tem de se estabelecer, através do tempo e do espaço, uma relação tão definida e tão eficaz que equivalha a um estímulo para o clarividente — pelo menos um estímulo de interesse, necessidade ou vontade suficiente para desviar a energia e a consciência do campo sensorial e as concentrar nas áreas de percepção suprassensorial. A percepção suprassensorial não é limitada, como o são as percepções sensoriais, pelo tempo e pelo espaço. Opera num campo desimpedido — um campo que, ao seu nível, nunca é interrompido nem descontínuo. E, nesse campo, encontra uma resposta ou recetividade mutualista no objeto da sua busca estimulada.

Talvez seja interessante referir, de passagem, que a hipnotismo, a telepatia, a clarividência e certas outras capacidades são, ocultamente, supostas ocorrer no “plano astral”, que fica “logo além” do nosso plano normal de vida consciente. Teoricamente, o astral é o plano da memória cósmica, onde se conservam as imagens de todos os seres e acontecimentos passados. Aí estão também presentes os protótipos de

criações futuras, aguardando o seu nascimento no mundo da forma e da ação. Terá o transe alguma relação direta com tais áreas?

Em 1934, colaborei em alguns testes realizados pelo Dr. William Brown, um conhecido psiquiatra inglês que fundou o laboratório experimental de psicologia em Oxford. Tive menos de uma dúzia de consultas com o Dr. Brown, sendo a maior parte do trabalho feita sob hipnose. Como o trabalho foi inadequado, em qualquer sentido científico, não é necessário entrar nos pormenores das experiências. Quero dizer, no entanto, que, enquanto estive sob hipnose, o Dr. Brown nunca conseguiu alcançar os co controladores, embora, na última consulta, tenha falado com Uvani enquanto eu estava em transe.

Mas, nessas sessões com o Dr. Brown, aprendi o método pelo qual ele conseguira fazer-me recordar, ao acordar do estado hipnótico, exatamente o que eu dissera sob hipnose. Senti que talvez pudesse aplicar a mim própria método semelhante de sugestão hipnótica. Se eu fora capaz de falar sob a sugestão do controlo hipnótico, não poderia afetar-me de modo definido por sugestão escrita?

Pensei que, se me desse a sugestão necessária antes de entrar em transe, talvez pudesse penetrar nos níveis de consciência que estavam abertos aos controladores rolos do transe e que a minha escrita automática provavelmente revelaria factos acerca desses níveis.

Assim aconteceu que, com o tempo e a prática, começou a surgir uma nova força ou capacidade no meu funcionamento suprasensorial. Desenvolvi a aptidão de penetrar nos níveis de consciência de onde os controladores colhiam o seu conhecimento sobrenormal. A penetração dessas áreas deu-me consciência de uma Consciência maior do que qualquer coisa que eu alguma vez concebesse, imaginasse ou experimentasse. Fiquei individualmente perdida e vibrante na própria consciência. Foi-me permitido perceber e saber a partir dos domínios de alguma fonte última que existia para além de todos os alcances do ser pessoal consciente.

Os controladores não estavam em evidência nesta experiência, mas não foram por ela deslocados nem dissipados. Continuo também a atuar como intermediária para as comunicações dos controladores. E estou igualmente convencida de que o meu transe não representa uma

faculdade estranha ou única, mas antes a extensão desenvolvida e integrada de capacidades possuídas por todos os homens, ao longo desses corredores pouco conhecidos do ser que unem o individual ao universal.

Estamos habituados a pensar em todo o processo da percepção como um efeito sobre as capacidades sensoriais vindo de fora que, por meio da sensibilidade nervosa, provoca uma impressão no cérebro, resultando na evocação de uma imagem na mente. A essa imagem o organismo reage de forma mais ou menos positiva, conforme a natureza e a qualidade de ambos e conforme a natureza da relação entre eles. Tais imagens não são de tipo fixo; não representam reflexos inequívocos e nítidos do objeto ou condição que atua, mas são a resposta de um estado de ser qualificado, sintético e em constante mudança a impressões simbólicas.

Se considerarmos os processos do pensamento reflexivo, observamos que consistem no desfile fluido, na mente, de imagens que, em vez de serem evocadas sensorialmente, se evocam umas às outras. Esta é a área mais comum da percepção não sensorial, e é a área mais óbvia da mentação do homem para além do domínio do efeito sensorial. Supondo que tal processo de pensamento vise a solução de um problema ou o desenvolvimento de uma ideia-semente, torna-se criativo na medida em que o objetivo é alcançado. Pelo caminho até ao cumprimento, tomam-se decisões seletivas de aceitação e rejeição de várias imagens. Fisicamente, emocionalmente e mentalmente, o organismo fica então unificado e concentrado nas áreas da atividade criativa suprasensorial.

Se considerarmos o organismo humano na prática da meditação, da oração, da lealdade, da devoção e do amor, vemo-lo operar em áreas ainda mais afastadas das condições do efeito sensorial e percetivo de símbolos (muitas vezes adquiridos) cujas qualidades transcendem, em significância e universalismo, as capacidades analíticas e críticas da mente treinada pelos sentidos.

É neste ponto, além da capacidade mental, que a fé substitui a compreensão, que a aspiração se eleva acima do conhecimento nascido da experiência sensorial e racional. Tanto essa fé como essa aspiração são também experiência; e, se forem suficientemente praticadas e repetidas, qualificam progressivamente a consciência —

progressivamente, porque nesta direção, como em qualquer outra direção sobre a qual a consciência humana se concentre de modo consistente, a consciencialização eventual, através da percepção suprassensorial, colore de forma definida o conteúdo psíquico do indivíduo.

Aqui, como no campo do pensamento reflexivo, as imagens que entram repetidamente no campo da percepção passam a ter valores relativos próprios. Tal como na percepção sensorial direta, nos sonhos, na ideação mental, assim também aqui, o estímulo sentido é revestido de imaginário pela capacidade qualificada da psique, e o místico sabe o que sabe.

É, pois, óbvio que tanto a percepção como a consciencialização ocorrem em campos suprassensoriais. Que a fé é um modo normal de vida também é óbvio, pois, ao iniciar qualquer nova linha de investigação ou de conhecimento, temos de confiar no simbolismo do livro ou do instrutor. Em cada começo, esses símbolos são incompreensíveis; mas, através do efeito repetido, recebido sensorialmente ou de outro modo, a consciência sintetiza criativamente o seu imaginário em significações relacionadas com os valores que jazem por detrás do simbolismo. Neste processo, pode-se acabar por se tornar altamente versado na teoria da medicina ou dos negócios ou da mecânica. Essa tradução das teorias em prática (ação) é um campo diferente.

O psíquico natural é aquele que possui uma sensibilidade natural de percepção em certas direções. Para ele, o campo da percepção suprassensorial é relativamente uma linha de menor resistência. Geralmente, pelo menos no início, toma consciência da sua sensibilidade através de alguma operação fenomenal da capacidade psíquica. A partir desse começo, ou é instruído adequadamente, ou segue o seu próprio método experimental de desenvolvimento. A maior parte do poder psíquico no mundo é desperdiçada porque, na minha opinião, a nossa cultura atual não sabe como o utilizar. Pela nossa educação e pelo nosso ambiente, somos todos, em maior ou menor grau, cerceados no lado subtil da vida; a nossa educação e o nosso ambiente afastaram-nos das áreas da percepção e da experiência psíquicas.

Penso, contudo, que os povos líderes civilizados estão agora a permanecer mesmo na orla da apreciação psíquica. O que temos de alcançar, primária e inequivocamente, é a realização e a aceitação de todo um novo conjunto de valores. Esses valores tendem a impressionar a mente racional, treinada na escola do mundo recente, como visionários e impraticáveis; mas uma breve visão desapaixorada da história mundial dos últimos cem anos indicará o quão desnaturados nos tornámos através da concentração excessiva em linhas materialistas de pensamento e ação.

Uma reação em direção a uma norma mais verdadeiramente humana parece agora estar no ar. Isto não significa que o mundo vá, em geral, “psíquico”; mas provavelmente significa que vamos começar a emergir do caos que a nossa obsessão materialista criou na vida da humanidade como um todo e a perceber que os valores da vida humana transcendem as áreas de valor representadas pelo campo sensorial. Os pensamentos são coisas. O pensar objetivo e suprapessoal é uma capacidade que não pode ser negada pela humanidade sem a disrupção, e possivelmente a perda, do seu humanismo. O humanismo, porém, é a marca distintiva e salvadora do homem social. O conflito mundial presente está a ser travado precisamente sobre estas questões de salvar o humanismo alcançado pelo homem e de o estender.

Numa publicação anterior,* registei as repetidas quebras físicas que sofri no passado. Por várias vezes estive muito próxima da morte. Mas nunca tive medo, porque, no centro interior de mim própria, jazia um germe de convicção, de realização, de conhecimento de que eu ainda não tinha completado nem cumprido o propósito da minha existência. Embora trabalhasse como médium de transe havia vários anos, estava, assim, a envolver-me numa atividade cujos significados eu não aceitava por completo na minha mente consciente. Precisava, com uma necessidade que se desenvolveu até à intensidade, de compreender claramente as bases, dentro de mim, desse conflito.

Each special line of interest on which the human mind goes out to make its discoveries in the world comes eventually to expression in its own particular type of phrasing, a kind of crystallization of language into form with particular meanings — a terminology. Meditei profundamente sobre várias destas linhas de interesse e revelação — Teosofia, Ciência Cristã, Espiritismo, fisiologia, psicologia e outras

ciências — em busca de um significado, e, em cada uma delas, apanhei vislumbres de uma luz clara que jazia por detrás de todas, uma luz com a qual, apesar de todo o meu trabalho e esforço honesto, eu não conseguia identificar-me de modo adequado.

*Op. The Way Inward

Ainda assim, no longo processo dos anos, que foi na verdade um progresso rápido, coligi do estudo e da experiência um conhecimento impressionista mas verdadeiro da realidade dessa luz básica entrevista. Concebi-a e conheci-a como uma fonte vital. E tinha também uma convicção interior de que a identificação de mim própria com essa luz era a chave para a saúde e a realização que eu ainda não alcançara, mas que procurava com uma espécie de intensidade espiritual.

Sei agora que em cada ser humano existe um núcleo ou semente de compulsão e necessidade individual. Esta é a matriz — a razão e o propósito — da vida. É aquilo a que nos referimos, compreendendo-o ou não, quando usamos a palavra “alma”. O padrão que está oculto nesta semente tem de ser cumprido e não pode ser negado; é o significado da existência do indivíduo como participante no processo cósmico. Muitas pessoas tornam-se tão incrustadas pelos impedimentos do mundo que está “demasiado connosco” que perdem o significado da sua própria existência e desgastam as suas faculdades de expressão em muitos propósitos alheios às suas naturezas. Na realidade, nunca sabem, ao longo dos anos, como ou porquê estão vivos — ou que estão vivos dentro de si mesmos. Tais pessoas vivem e movem-se principalmente nas brumas da consciência de massa e nunca alcançam a autorrealização senão mesmo antes (se tiverem sorte) ou depois da morte.

Mas, durante os anos de vida, o padrão interior exercerá continuamente a sua pressão sobre a consciência. Quando a tensão entre as duas vidas de um homem — interior e exterior, básica e superficial — atinge tensão demasiado grande, desenvolve-se doença, angústia mental ou algum outro tipo de dificuldade. A estrutura exterior de atividade e realização é destruída ou, pelo menos, interrompida por um tempo, e à consciência é dada a oportunidade, à força, de perceber e contemplar a verdadeira qualidade interior da unicidade do indivíduo.

Passei por vários desses períodos de contemplação forçada. No meu caso, sinto que as lições foram drásticas não porque o padrão da minha vida fosse “avançado” ou superior a muitos outros padrões de vida, mas porque, sob todas as atividades exteriores, eu procurava realmente encontrar e compreender a nascente secreta e o fim da minha existência. A minha consciência estava assim parcialmente “condicionada” e pronta para apanhar os impulsos da minha alma.

À medida que uma doença sucedia a outra, ao longo dos anos, e à medida que o meu trabalho suprasensorial se tornava mais significativo e factual — por simples acumulação, se não houvesse nada mais — cheguei finalmente a um clímax de angústia interior composto de insuficiência física e de um sentido de absoluta confusão psicológica. Observando-me com a maior calma e objetividade possível, percebi que, na base da minha natureza, jazia uma exigência fundamental de saúde — mas, mais importante, de uma compreensão mais clara.

Nesta situação, o meu primeiro vislumbre de clarificação surgiu na ideia de que eu devia curar-me, física e psicologicamente. “Médico, cura-te a ti mesmo.” Ninguém mais poderia conhecer-me tão bem como eu me conhecia. E dessa ideia apanhei a minha primeira pista para a saída das minhas dificuldades: percebi que eu não conhecia de todo o meu eu fundamental. Havia regiões inteiras da minha personalidade que me eram completamente misteriosas. A doença e a falta de visão mental clara eram condições alheias aos propósitos interiores da minha vida, eu sabia; mas eu não sabia quais eram os propósitos interiores positivos da minha vida.

Como base onde assentar, um ponto de apoio, fiz a mim própria — e aceitei — uma confissão de confusão. Pouco depois, procurando a direção em que deveria avançar a partir desta base, percebi que tinha de livrar a minha consciência de todos os elementos que se tinham reunido para criar a confusão — tinha de limpar todo o meu campo psíquico. Compreendi então, como não compreendia antes, que tanto a minha mente como as minhas emoções estavam congestionadas pela minha quase-fé nas ideias de filosofias antigas e de ciências modernas, e que as terminologias constituíam um dos fatores do meu mal-estar — literalmente, eu estava farta de terminologias, cuja precisão vaga refletia as percepções de outros homens, não as minhas.

Assim, na medida do melhor que pude, lavei a minha consciência de todo o passado. Quando senti que essa limpeza do campo estava adequadamente cumprida, mantive a consciência imóvel, suspensa e livre de qualquer conteúdo, e observei para ver que indicação, se alguma, surgiria nessa área agora desprovida de formas.

O que surgiu foi um sentido de mim própria. Veio muito suavemente, sem força, e tive de fitá-lo firmemente para me certificar de que não fora evocado por alguma subtil volição interior ou desejo secreto. Mas, ao contemplá-lo, cheguei a saber que era uma resposta à necessidade profunda da minha vida, e que se erguera do centro da minha natureza para a nudez preparada da minha mente consciente. Eu há muito estava familiarizada com o processo em que um símbolo ou uma impressão aparece na consciência e em que se sabe quando se captou o significado correto de tal aparecimento. Agora sabia, não apenas mentalmente, mas com todas as faculdades da minha personalidade, que o meu caminho para a saúde e a plenitude de vida — física, emocional, mental e espiritual — dependia da minha compreensão mais profunda de mim mesma.

De muitas pessoas e livros, eu recebera uma grande quantidade de conselhos; respostas a perguntas e sugestões de métodos de trabalho. Tudo isto fora parcial e difuso, levando-me para fora, para muitos campos de interesse e experiência; mas, na verdade, tudo contribuíra para a minha confusão e angústia finais. Agora comecei a sentir uma estranha nova fusão ou unidade dentro de mim, uma unicidade de propósito que tinha que ver com nada menos do que a vida — a minha vida individual e uma vida infinitamente maior na qual me cabia um papel, e na qual a minha saúde e eficiência tinham uma importância muito real, quase poderia dizer cósmica.

Esta impressão da minha estreita aliança com uma importância cósmica não era em absoluto uma expansão, mas apenas uma simplificação da minha importância pessoal. Era uma nova concepção impressionista de relações. Não continha qualquer elemento de inflação de espécie alguma, mas consistia, antes, numa profunda realização da minha responsabilidade pela plena expressão dos potenciais da minha vida e num sentimento secundário, ou responsivo, de alegria pela descoberta do caminho direto e simples pelo qual essa responsabilidade havia de ser cumprida.

Com base nestas realidades claras e fundamentais, estabeleci um novo regime de vida. Durante seis meses, dedicava uma parte de cada dia a deixar que a fantasia do subconsciente tivesse o seu jogo. À noite, deitava-me às cinco horas e permanecia num estado levemente meditativo, sem focar a consciência em quaisquer temas práticos ou produtivos, e com a porta da mente mantida aberta para perceber qualquer impulso ou atividade interior suficientemente vital e significativa para se imprimir na minha prontidão consciente.

De dia e de noite, durante esse tempo, trazia sempre comigo papel e lápis. E por vezes o lápis na minha mão movia-se, eu não sabia porquê, e marcava no papel o hieróglifo malformado ou informe de algum reflexo incompreensível. Tais marcas eram como os traços do início da escrita automática, as primeiras tentativas de um impulso interior de se exprimir em forma, livre dos propósitos supervisores da mente consciente. Como os primeiros esforços de uma criança pequena para escrever com caneta e tinta, faltava-lhes sequência e forma significativa, e apenas provavam que, algures nas profundezas do conjunto do meu eu psicológico, se moviam energias cujas potências nunca tinham sido realizadas ou expressas.

Seriam essas potências em embrião, esses potenciais, realizáveis ou exprimíveis sob quaisquer circunstâncias? Durante algum tempo não soube. Como único resultado da sua atividade, eu acumulara uma massa de escória pictórica — linhas retas, linhas curvas, um círculo ocasional, quadrado, triângulo ou cruz, traçados tortos, um possível algarismo, a sugestão de um rosto, de uma ave ou de uma flor — linhas que insinuavam formas à inteligência inquiridora, mas que não eram de facto formas.

Não obstante, consegui colher uma impressão de progressão no processo. Isto não era o “rabisco” que toda a pessoa normal supostamente pratica durante conversas ao telefone. Não havia qualquer supervisão sensorial ou crítica das linhas traçadas, nenhum voltar repetido sobre uma figura para aperfeiçoar a sua simetria e enegrecer o contorno. Qualquer tentativa de traduzir estas marcas em expressão oral teria resultado em som e fúria da espécie mais crua — gritos e gemidos e grunhidos. Eram embriões de formas ainda não desenvolvidas. Ainda assim, eu sentia que eram minhas, que eram eu. Não as compreendia — mas eu não me compreendia a mim mesma. A sua vagueza refletia a minha própria instabilidade egotista.

Estou agora certa de que a minha impressão de uma progressão a ocorrer nestas marcas automáticas de lápis sobre o papel era correta, pois desenvolveu-se um período ou etapa em que, tanto na minha visão interior como no papel, começaram a aparecer o que viria a ser uma longa série de símbolos, também informes, mas a começar a lutar por ganhar forma. Eu era como quem desenterra uma antiga cidade perdida. Tendo escavado através de camadas de depósitos superficiais tardios, estava afinal a encontrar remanescentes do passado que tinham significação própria, por muito pouco elucidativos e intrinsecamente sem valor que pudessem ser.

Mais tarde ainda, comecei a ver sugestões de flores e animais — não formas completas e perfeitas, mas secções que eram muitas vezes indicativas e por vezes inequivocamente sugestivas. Havia feras e aves e flores extravagantes, como nada que eu alguma vez tivesse visto na vida real, em histórias naturais ou na arte. Poderiam ter irrompido brevemente na era dos grandes répteis, mas eu não tinha razão para supor que alguma vez tivessem existido. Eram símbolos, puros e simples; mas o significado do seu aparecimento, tal como vinham e iam no ecrã interior da minha percepção, era-me completamente desconhecido. A minha mente consciente tinha a certeza de que tais criaturas nunca tinham vivido neste ou noutro planeta — e, no entanto, lá estavam, e eu não as estava a imaginar. Não era nos níveis da imaginação que apareciam, mas de profundos e sombrios níveis psicológicos que ainda não foram nomeados.

Não tardou que eu comesse a sentir os seus significados. E, nessa experiência, voltei a descobrir como a mente humana aprende a partir das, e através das, emoções muito mais antigas. O que eu sentia era poder, uma tremenda força da própria vida que animava esses símbolos grossos e túrgidos que eu via. As cores das flores exprimiam uma fúria selvagem, as aves eram garriadas e multialadas, as feras eram maciças congestões de energia vital voraz. A vida, de algum modo, coalhara-se freneticamente em formas, das quais estas formas amorfas que eu percebia eram reproduções pouco fidedignas feitas em reinos profundos e escuros — mais profundos do que qualquer sonho.

Eram por vezes aterradoras, muitas vezes repulsivas. Sob a energia agressiva impetuosa, que era a minha principal impressão da sua qualidade inata, eu por vezes ficava psiquicamente exausta e caía no sono.

De tal sono eu acordava sempre revigorada — não simplesmente como todos nos revigoramos com o sono normal, mas renovada vitalmente, como se, numa gruta secreta do meu ser, tivesse sido aberta uma nova nascente de energia, permitindo-me continuar e prosseguir nestas profundas investigações em que me achava empenhada. Isto parecia-me estranho, mesmo enquanto reconhecia o facto, pois o meu sono não era daquele género plácido que vulgarmente reputamos normal. As grandes feras dinâmicas e os crescimentos vegetais ocupavam-me incessantemente o subconsciente. O ímpeto de energia vital que rugia através deles subia numa espiral emocional veloz de aversão ou medo, e eu acordava de súbito, angustiada e ofegante, para as realidades calmas do mundo do consciente. Contudo, em cada renovação de tais ímpetos vindos das profundezas, sofria um tormento menos avassalador, e passei gradualmente a compreender que o subconsciente era capaz de lidar com essas formas e condições quiméricas como a minha mente moderna consciente não era.

Em certo sentido, tal acordar era uma fuga do subconsciente, assim como o adormecer era uma fuga para ele. No processo como um todo, eu estava, sem dúvida, a alcançar uma unidade de consciência dentro de mim. E não só isso: também alargava, em vasta escala, as minhas relações de consciência em áreas suprassensoriais do campo espaço-tempo.

Creio que mergulhei, profundamente, no passado racial, em tempos e condições com os quais perdemos todo o contacto racional. Não era, porém, um mundo estranho para a psique inteira, porque (como aprendi por experiência deliberada) o subconsciente viajava longe por essas regiões subliminares, suscitando consciencialização apenas quando se tornava necessário (assim parecia) que a consciência percecionasse — percecionasse, experienciasse e aceitasse — alguma nova agressão simbólica de cor, alguma encarnação mais selvagem de força estrondosa. Passei a sentir, à medida que este processo de interjogo prosseguia, que eu estava a alcançar dentro de mim fundamentos totalmente novos de saúde, capacidade e consequente segurança, para viver uma vida que, num sentido, havia de ser a minha vida, mas que, noutro, havia de transcender a minha individualidade e operar em níveis impessoais que poderiam ser pensados como

universalistas — embora limitados, naturalmente, aos campos da nossa existência humana prática.

No fim — o fim da confusão, pelo menos, porque o caos de símbolos começou a clarificar-se — soube que chegara perto dos meus primordiais começos. Durante algum tempo estive imersa numa grande escuridão cuja qualidade era totalmente negativa. Era um estado de ser que jazia mais fundo do que o mal. Era total ignorância, ignorância, e sem forma. Mas era potente — de modo impressionante, e incômoda. Era a escuridão de um caos primordial, antes da luz e das revelações da luz...

Eu estava aqui a penetrar a uma profundidade que só agora posso pensar como espiritual. Não havia nada de moralista nessa fase, nem bem nem mal; mas eu percebia, simbolicamente, as bases sombrias em mim, das quais emergiram os conceitos morais do homem. Eu não tinha, nesta etapa, sentido ou pensamento moral, mas era eu própria a grande escuridão, as profundezas dessa parvoíce ou ignorância estavam contidas em mim. Tinha, contudo, um sentido claro, livre e forte de mim mesma, que penetrava a total identidade de mim e da escuridão. Compreendi o significado da psique na sua base — o núcleo da natureza em todas as coisas — que ao mesmo tempo me une ao e me separa do universal. Por vezes sofri dolorosas realizações de exclusão, limitação e solidão demasiado profundas para explicação; noutras, fervilhava com o poder que havia em mim — eu era senhora, criadora, conquistadora no meu próprio campo, e esse campo era extenso. Os meus três eus estavam fundidos num estado de unidade para lá da análise ou definição.

Acordando de tais sonhos ou devaneios, estava intensamente consciente do meu corpo físico. A consciência parecia estar centrada no meu plexo solar, mas eu estava interiormente ciente de todo o mundo como se estendesse para fora a partir desse centro. Toda a região pélvica doía-me, como por tensão, e no entanto não havia tensão; o meu diafragma doía-me de rigidez, e contudo não havia rigidez em parte alguma do meu corpo. Parecia como se a própria consciência andasse a perscrutar o meu organismo com uma mão áspera e penetrante e a atrair para si a essência de tudo quanto tocava. Quando esse processo de busca ficava concluído, a consciência, assim vitalizada a partir de todas as fontes secretas de mim própria, avançava para o infinito. E eu sabia, dentro de mim, à medida que

tudo isto se desenvolvia, que o meu ego — o núcleo semeado da minha vida individual — estava unificado, integrado em si mesmo, e estava satisfeito e pronto para a experiência em todo o amplo campo das suas afinidades.

Seguiu-se uma série de experiências que pareciam ocorrer numa dimensão cósmica inteiramente diferente. Os símbolos que descrevi eram todos da terra, terrestres — energia primordial aglomerada em formas cuja qualidade era uma agressividade persistente. Eram força dinâmica em guerra consigo mesma — partes separadas que procuravam furiosamente reunir-se ao todo a que pertenciam. Sem intenção nem propósito, eram viciosas na sua própria natureza, impelidas pelas dores interiores da sua individualização restritiva. Mas cheguei então a uma fase nova de revelação. O dinamismo ainda pulsava, subia e lutava neste novo campo, mas os símbolos eram de caráter diferente. Sóis e luas e estrelas quebrados e correntes de energia luminosa teciam arcos interrompidos de movimento pelas dimensões do espaço que estavam por toda a parte. Brilhavam e lampejavam e colidiam dentro de mim, e ao mesmo tempo eu flutuava entre eles, como se sustentada à superfície de uma água, longe do meu centro.

Na base de todos estes lampejos silenciosos mas estupendos havia sangue. Eu sangrava. Sentia-me sangrar, em gotas únicas que se juntavam e inchavam e rebentavam; e os fragmentos rebentados, rebentando de novo, espalhavam-se em cacos de estrelas em movimento e energias brilhantes.

Houve vezes em que senti o processo de modo agudo. Sentia-me sangrar para dentro, no coração, nos rins, no fígado, nos pulmões, e via essas exsudações de mim própria juntarem-se, acumularem-se, aumentarem e romperem; e sentia-as romper, com dor, em formas estreladas fragmentárias que se moviam dentro de mim — pois eu era sem dimensão e estava em toda a parte, mesmo enquanto percebia a minha própria estrutura orgânica e a unidade que existia entre os meus órgãos e esses símbolos do infinito.

Houve outras fases em toda esta experiência quimérica cuja natureza geral tentei insinuar. Ao fim de seis meses eu sabia que viajara longe no que, para a maioria das pessoas, é território proibido. Na realidade, não é território proibido; mas, para nele entrar, é preciso

ter um fundamento inequívoco na própria psique centralizada e crítica. É preciso saber sempre, subjetivamente, no âmago da própria vida, que, em tais experiências, se está a recapitular as qualidades mais profundas inerentes ao próprio ser; e que, embora as fases da recapitulação representem ingredientes efetivos na constituição psicológica de cada um, são representações simbólicas e, portanto, objetivas, exibidas para interpretação pela mente individualizada. Não recomendo experiências como a minha. Nenhuma de tais experiências poderia ser igual, ou sequer semelhante, provavelmente. Fui conduzida ao empreendimento por pressões de necessidade vital que se moviam dentro de mim — pressões que (talvez felizmente) a maioria das pessoas não sente de modo agudo.

De qualquer modo, no meu caso, ao fim de seis meses, eu tinha um sentimento interior de repleção por tudo quanto entrara na minha consciência de modos extraordinários — ou, pelo menos, a partir de profundidades extraordinárias. Durante seis meses vivera muito largamente em níveis não sensoriais. E sabia, dentro de mim, que toda a experiência não teria valor e ficaria desperdiçada se eu não a conseguisse traduzir em outras formas que fossem aceitáveis — no sentido de serem compreensíveis — nas áreas conscientes da minha mente. Toda a tradução, toda a explicação, é um processo de informar, ou de criar forma significativa na consciência. Eu experimentara uma pletora de formas que eram significativas em si mesmas; mas, se não as conseguisse transpor para outras formas que fossem diretamente significativas para mim, constataria que, em vez de clarificar a minha confusão original, apenas lhe acrescentara novas complicações.

Nesta fase, a minha única chave para o progresso era a emoção, o sentimento. Eu tinha de pôr em ordem os elementos da minha experiência e, como base para o fazer, dispunha de um conjunto de memórias emocionais dos próprios episódios — se lhes podemos chamar episódios.

Esta transformação de símbolos velozes, bizarros e quebrados em qualquer sistema de compreensão consciente não era, em si, um empreendimento simples. Na verdade, tinha de se operar por si; eu não podia trazer os significados interiores à consciência por qualquer tipo de compulsão. Um novo nível de consciência ia agora retomar o trabalho a partir do ponto já alcançado; e entre esse novo nível de consciência e o subconsciente profundo que estivera a trabalhar tão

furiosamente, por assim dizer, as únicas pontes aparentes eram a memória e a emoção. Mas havia também a vontade. Os símbolos clarividentes que eu conhecia desde as minhas primeiras memórias moveram-se para me ajudar, mas foi, por fim, através da tenacidade da vontade — sustentando a paciência e mantendo em suspensão todas as respostas a símbolos e emoções lembrados que tinham ocorrido no voo caótico e fluido, até que cedessem os seus segredos — que os níveis da experiência se clarificaram em estratos compreensíveis.

Com o tempo, cheguei a compreender que o teixo representava a minha estrutura privada, a mim mesma. Aparecera apenas nas segundas fases da revelação subconsciente. Mas os símbolos de energia furiosa que constituíram a primeira fase haviam-se erguido de profundidades que eram, de facto, mais antigas e primordiais do que a minha individualidade alguma vez conhecera. Ainda assim, de algum modo — embora exatamente como eu não pudesse definir —, uma linha de contacto recuava desde os meus próprios começos até esse passado. Eu sabia que, a partir dessa era que precedera a individualização da minha própria consciência, eu fora evoluída — ficara “dotada de alma”, ou pelo menos encarnada, e assim representante e condutora do sangue. Na era do sangue, revi o meu passado hereditário. A serpente da separação estava então em mim, e eu estava nele; mas nenhum de nós estava confinado e separado de facto, pois as nossas relações exteriores estendiam-se largamente no tempo e no espaço, e estávamos aliados à natureza básica dos planetas e das estrelas.

Aqui, no sangue, eu tinha o símbolo da minha herança; e, em virtude dessa herança, tornara-me diferenciada na consciência de massa racial e de algum modo alienada dos níveis de vida em que as energias primordiais fluíam em poder e liberdade não incorporados. Eu passara pelo cadinho do espírito, de onde todas as identidades são moldadas em forma.

Foi um longo processo de fusão entre o subconsciente e o consciente. Muitos dos símbolos lembrados e sentidos não encontraram lugar na simplicidade deste padrão final. Mas emergi com a convicção, testada por repetidas sondagens, comparações e questionamentos, de que, na realidade, eu havia inspecionado o conteúdo básico do meu subconsciente. Captei um sentido direto e potente da incompreensível primavera, da massa racial, da minha

individualização e herança direta. Embora a experiência fosse de um tipo que nunca poderia ser adequadamente diagramado objetivamente, eu compreendia claramente na minha própria consciência (ainda que nunca claramente o suficiente) como eu surgira à existência a partir do passado intemporal, num processo de evolução natural, e que estava destinada a fazer a minha parte em levar o processo por diante até ao futuro sem fim.

Estou agora convencida de que o processo da vida é um em que a energia primordial encontra um caminho progressivo de regresso, através da forma, a uma unidade que foi perturbada mas nunca pode ser quebrada. A chave do processo é a consciência — a libertação da consciência da limitação restritiva na e pela forma. A consciência de todas as coisas criadas é, potencialmente, capaz de transcender os limites das formas que são os seus instrumentos e de encontrar campos de relação e atividade imensamente mais amplos do que aqueles que tais formas parecem impor. Este é o caminho da consciência — da vida. É porque assim é que, no mundo material, reinos superiores da natureza consomem a substância dos reinos inferiores; e é porque assim é que as aspirações da humanidade transcendem a compreensão dos homens, enquanto as capacidades inatas do homem transcendem todos os dados do mundo dos sentidos.

Na realidade, estamos livres das restrições do automatismo que prende os reinos mineral e vegetal e, no entanto, a consciência humana agarra-se a toda uma série de atividades automáticas, nem todas inescapáveis. Estamos também potencialmente livres da autorreferência do instinto que tão inevitavelmente prende o reino animal e, contudo, a consciência agarra-se tenazmente ao nível do pensamento e da ação interessados em si. Mas estes factos marcam a nossa aliança com o passado, não com o futuro. Na verdade, a consciência humana está a libertar-se rapidamente das restrições da forma. Tendo elevado a substância ao céu e tendo contornado a lei natural da gravidade — conquistando assim o último dos quatro elementos antigos: terra, água, fogo e ar —, o próximo passo do homem rumo à liberdade pareceria ser possível apenas nas áreas da consciência. Em breve, nas infinitudes do espaço-tempo, o homem poderá viajar em consciência para onde quiser — se quiser.

No longo e perturbador processo de penetração do subconsciente, segui uma linha de ação que foi, para mim — apesar das suas

dificuldades —, uma linha de menor resistência, pois estava fundada na necessidade interior imperativa do meu ser. Não tenho razão para supor que qualquer outra pessoa pudesse ou quisesse experimentar uma sequência semelhante de episódios. Os meus primeiros anos tinham sido cheios de uma fantasia natural. Eu vivia largamente — e muito felizmente — num mundo simbólico. Fui feita assim. Quando, mais tarde, mergulhei profundamente no subconsciente, foi provavelmente inevitável que a minha autorrealização ficasse clarificada por meios simbólicos.

Houve, porém, alguns fatores dessa experiência que ainda não clarifiquei por completo na minha mente consciente. Por exemplo, fiz apenas uma referência de passagem à serpente. Na realidade, em todo o processo que descrevi, a serpente foi um símbolo da maior importância. Tal como a percebi, era um emblema de luta, conflito e angústia. Sei agora que, da luta, do conflito e da angústia, se desenvolve a sabedoria; ainda assim, não tenho um senso seguro dentro de mim de que a serpente da sabedoria tenha vindo habitar comigo.

Deitada imóvel em contemplação, por vezes vejo os conflitos dos meus primeiros anos. Aparecem, simbolicamente, como tiras entrelaçadas, como um novelo de pequenas serpentes contorcendo-se dentro e à volta dos meus canais respiratórios. Vi também outros órgãos do corpo relacionados com símbolos, sendo o fígado sempre o sol, enquanto o coração surgia com o carácter plácido da lua. Vi certos músculos do corpo como relacionados com o mundo animal. A fase do sangue que descrevi — rios de sangue — tornou-se como as profundezas do leito oceânico cheio de um milhão de criaturas. A dor e o conflito corporal mostram-se, agora, em símbolos, sempre antes de uma doença. Repetidas vezes ao longo dos anos, uma doença emanando do fígado foi-me mostrada como o Sol simbólico, sarapintado ou de um amarelo enfarruscado...

O simbolismo da minha juventude e o simbolismo da minha maturidade são ambos partes de mim — meios para o meu entendimento; e, embora eu tenha a noção de diferentes fases no desenvolvimento do processo como um todo, sei que, para mim, o simbolismo é um meio de revelação. Nos tempos presentes, deparei-me muitas vezes com um símbolo cuja estrutura é sugestiva de uma

ponta de lança. Dança diante de mim quando estou prestes a ser abordada para iniciar algum novo empreendimento.

Se se achata e deixa de estar ativo, o projeto é apenas potencial e não será levado a cabo. Vi este símbolo dias, e até semanas, antes de o projeto que representava se tornar do meu conhecimento. Símbolos de estrela continuam muitas vezes a transmitir confusão de mente. Quando estou excessivamente cansada, vejo-os frequentemente; mas são também, noutras alturas, belas avenidas de luz nas quais vejo os inícios de muitas coisas tomarem forma. Nestes símbolos em forma de estrela, se as linhas de luz se rompem e estalam e não voltam a unir-se, sei que preciso de uma mudança de atividade e de descanso.

Há muitos outros símbolos na minha experiência, alguns dos quais nunca verifiquei na realidade ativa — folhas de louro, por exemplo. Quando as vi para mim própria, trouxeram uma urgência para alguma realização vigorosa. Por vezes transformam-se em formas aguçadas, lanceoladas, por cima das cabeças de outras pessoas, e então sei que elas estão em processo de conquista para si mesmas. O cheiro de louro — o odor saboreado — significa cura, realização, desenvolvimento; mas isto sei-o apenas do meu saber interior, não de experiência ou uso efetivos.

Em certo sentido, estes símbolos — todos os símbolos — são abstrações. Dizer isto não lhes retira, porém, a realidade. São estímulos que surgem à consciência a partir do ser psíquico de cada um, tal como um objeto ou um som no mundo físico pode afetar a consciência pelo sentido da visão ou da audição. Do mesmo modo, não são meras ocorrências esporádicas, mas estão diretamente relacionados com acontecimentos reais na vida do mundo. Por detrás da percepção de um símbolo, como por detrás da audição de um som, está o importante processo de compreender o que a impressão recebida significa. Tais interpretações de símbolos percebidos, sejam físicos ou psíquicos, constituem a soma e a qualidade das nossas vidas humanas.

O TRANSE E OS CONTROLADORES

Há inúmeras teorias que procuraram explicar e dar conta do fenómeno a que se chama “transe”, mas ele continua misterioso. Sonambulismo, sonho comum, certos estados hipnóticos, catalepsia, estupor e por aí fora são todos referidos de modo lato como estados de transe. Mas tais estados, na sua maioria, são alheios ao interesse deste livro; do que desejo falar é, claro, da condição conhecida como “transe mediúnico”.

O transe deste tipo é historicamente antigo e, desde tempos imemoriais, foi chamado “possessão”. Outrora, a “possessão” estava associada à ideia do mal; alguém estava “possuído por demónios”; mas é significativo que o estudo e a análise psicológicos, ao longo dos séculos, tenham clarificado a nossa compreensão da maioria destas afeções “maléficas”, de modo que hoje a ideia de possessão aplica-se principalmente ao estado de transe, e o estado de transe foi limpo dessas conotações maléficas.

O transe mediúnico ainda sofre tenuemente algumas práticas associadas ao charlatanismo e à “magia”, mas o verdadeiro transe justificou suficientemente a si mesmo como condição efetiva que ocorre na psicologia humana, sendo cientificamente classificado e reconhecido. Nestes tempos, a possessão em transe significa, em geral, o uso da personalidade de um “sensitivo”, por alguma inteligência desencarnada, para comunicar com a humanidade a partir de alguma área não humana de consciência.

Embora o transe seja assim reconhecido, não é compreendido. Os cientistas não estão prontos a concordar entre si quanto ao que ocorre exatamente na psique do indivíduo que entra em transe. Existem duas escolas principais de pensamento sobre o assunto. Uma escola enfatiza a teoria da “dissociação”, que sustenta que a consciência do sensitivo se concentra numa determinada ideia ou estado de ser, de tal maneira que as atividades normais de muitos dos seus grupos nervosos ficam inibidas, e que ele fala ou escreve a partir do seu próprio conhecimento e experiência, embora possa não ter consciência do material que assim traz à expressão.

Esta teoria pareceu, durante algum tempo, prometer mais luz sobre a natureza misteriosa do transe. Mas toda a teoria é um desafio ao mundo para a provar certa ou errada e, se não for demasiado obviamente insustentável, a nova teoria torna-se base de exatamente

esse tipo de testes experimentais. A teoria da dissociação tornou-se assim base de novos testes e o resultado geral destes foi que a teoria da “possessão”, que parecia prestes a ser descartada, foi em vez disso reavivada, já que os resultados das experiências revelaram considerável quantidade de dados que a teoria da dissociação não parecia explicar de modo adequado.

Muito resumidamente e em termos amplos, a teoria da dissociação assenta inevitavelmente na suposição de que, no transe, o sensitivo revela aquilo que de algum modo — ainda que inconscientemente — conheceu ou experienciou. Mas certas experiências, conduzidas principalmente pela Society for Psychical Research, e em grande parte com a médium americana, Sra. Piper, produziram material comunicado do qual (aceitou-se) a sensitiva não poderia, concebivelmente, ter tido qualquer conhecimento pessoal. Assim, a antiga teoria da possessão foi reavivada.

Neste ponto de indeterminação, a clarividência entra na situação, complicando-a mais. Muitos dos “dissociacionistas” não aceitam a telepatia ou a clarividência como tais, tanto quanto não aceitam a ideia de possessão por “controladores” desencarnados. No entanto, para alguns deles, a telepatia ou a clarividência parecem sugerir um possível apoio adicional à teoria da dissociação.

Como indiquei no capítulo sobre a consciência, a clarividência não é a leitura, por uma pessoa, da mente de outra pessoa, mas a percepção não sensorial de pessoas, condições e acontecimentos que existem e ocorrem no tempo e no espaço, distantes do observador. A clarividência é uma atividade direta e consciente do observador — ainda que ele não saiba como “funciona” —, ao passo que, no transe mediúnico, o sensitivo está inconsciente e não sabe o que está a transmitir. Se as capacidades por meio das quais a clarividência ocorre operam também, de algum modo misterioso, no estado de transe, é ainda uma questão hipotética e sombria. Note-se que, tecnicamente, clarividência é o poder de perceber e conhecer por meios em que nem operam os processos correntes da percepção sensorial, nem ocorre qualquer comunicação sobrenormal com outras inteligências, encarnadas ou desencarnadas. É um processo de saber direto, não sensorial e consciente. O processo pelo qual a comunicação ocorre através do transe não parece, portanto, incluir a faculdade clarividente, pelo menos no sentido em que agora entendemos a clarividência.

Com este fracasso parcial da teoria da dissociação em dar conta dos controladores que se supõe manifestarem-se através do transe de um sensitivo, desenvolveu-se uma técnica experimental de “correspondências cruzadas” no material comunicado. Os controladores da Sra. Piper comunicavam também através de outros sensitivos, e pensou-se que, se, nos escritos automáticos ou nas comunicações em transe de uma dessas pessoas, se pudessem encontrar fragmentos incompletos e incompreensíveis de declarações que pudessem ser tornados inteligíveis quando associados a fragmentos semelhantes nos escritos ou comunicações de outra dessas pessoas, se poderia construir um forte argumento para a realidade factual de uma terceira inteligência como originadora de toda a passagem assim dispersa. Conseguiu-se uma medida considerável de sucesso neste trabalho. Mas dificilmente chegou a qualquer prova direta e, embora refutasse, em certa medida, a teoria da dissociação, deixou a questão inteira da natureza da comunicação em transe ainda misteriosa, muito onde estava antes de a teoria da dissociação ser proposta.

Ainda assim, muitos observadores competentes no campo dos fenómenos psíquicos continuam a defender que a dissociação é a chave. Sugerem que fragmentos dissociados da personalidade de um sensitivo podem sintetizar-se numa espécie de segunda personalidade, capaz, por vezes, de assumir o controlo dos órgãos de expressão e também de controlar certas faculdades clarividentes ou telepáticas do organismo.

A condição a que se chama transe mediúnico, portanto, não é compreendida nem definida.

Pode supor-se que a pessoa mais intimamente interessada no processo efetivo que ocorre no transe mediúnico é o médium ou sensitivo que se submete ao estado de transe. No entanto, é ela quem mais claramente fica impedida de ajudar a nossa compreensão rumo a uma solução do mistério, porque, durante o período de transe, está inconsciente — alheia a si própria, ao meio envolvente e ao material que está a ser comunicado por seu intermédio. Ao regressar ao “normal”, interessa-se muitas vezes intensamente, até se surpreende, com o material que foi revelado. Ao entrar no estado de transe, não sabe que controlador poderá usar o seu organismo, nem o que poderá ser expresso através dele.

Para o sensitivo que é naturalmente inquisitivo, esta situação é, em certo sentido, desconcertante; e sempre que um novo controlador fala ou escreve através do seu transe, ele é levado, naturalmente, a perguntar-se o que lhe terá acontecido para que tal fenómeno surgisse.

Pessoalmente, não tenho tentado penetrar estes mistérios nos últimos anos, pois aprendi a lição da aceitação. Em relação a uma atividade em que se entrega a vontade, as volições e a consciência, a lição da aceitação não é fácil de aprender, mas, observando tanto as insuficiências como os altos valores do material comunicado, descobri que muito de ambos me era alheio ao pensamento e à expressão conscientes, e abdiquei do meu primitivo sentido de responsabilidade pelas manifestações do estado de transe. Isto tornou-se-me muito mais fácil desde que todos os meus controladores têm sido, de forma consistente, gentis, atenciosos, sábios e úteis para aqueles que a eles recorrem em busca de ajuda.

Será o transe mediúnico uma condição de possessão? Não o posso afirmar. Levantei esta mesma questão no passado e fui censurada por isso. A certeza de que os controladores são inteligências desencarnadas, ainda que individualizadas, operando de um plano de consciência diferente do nosso, assenta na própria afirmação dos controladores de que assim é, bem como no facto de que informação, conselho, cura e ensinamento de alto nível têm sido comunicados através do transe de sensitivos. Esse material comunicado, em medida volumosa, foi alheio a — e superior ao — conhecimento e capacidade normais de quaisquer dos sensitivos por cujo transe chegou.

Para quem é capaz de atividades telepáticas e clarividentes, capaz também de projeção e de précognição, as revelações que ocorrem em transe constituem um tipo de impasse desconcertante. Entregar, temporariamente, todas as fases da consciência em que essas capacidades — e a consciência delas — residem, e tornar-se, por essa entrega, o meio de comunicações dos conhecidos mortos, por exemplo, coloca a pessoa num ponto peculiar de autoconsciência. Inevitavelmente, ao princípio, deseja-se intensamente descobrir e saber o processo pelo qual a revelação “inconsciente” ocorreu. Mas não se descobre o “como” disso, e, por fim, em nome do serviço, aceitam-se simplesmente os factos como são. Submete-se à “inteligência superior”, quer esta seja uma consciência objetiva, quer algum fator, ou combinação de fatores, da própria personalidade.

Pessoalmente, não tenho determinações a anunciar quanto à natureza e identidade dos controladores que comunicam através do meu transe. Independentemente de todo o nosso questionamento e falta de entendimento, eles são o que são. Isto aceito. Não é num espírito de deslealdade, portanto, que digo, com franqueza, que deposito as mais altas esperanças no desenvolvimento evolutivo da consciência e das faculdades humanas; e se, um dia, se viesse a revelar que os controladores são fatores do meu próprio ser psíquico, eu não sentiria nem satisfação nem pesar, mas continuaria a fazer as minhas entregas ao serviço da humanidade, exatamente como agora.

De passagem, desejo assinalar três das principais divisões de faculdade que correspondem às nossas três principais divisões da consciência. São elas a anestesia (subconsciente), a estesia (consciente) e a hiperestesia (supraconsciente). A palavra “estesia” vem de duas palavras gregas que significam “sensação”, mais “perceber” — daí percepção e sensação sensoriais. Anestesia é uma condição em que há ausência de percepção e de sensação — as áreas subcientes da consciência. E a hiperestesia? Aqui enfrentamos novamente todo o problema dessas faculdades superiores da consciência humana que transcendem percepção, sensação, memória, imaginação e razão; e, a partir deste ponto, podemos olhar com fé e aspiração para o futuro desenvolvimento das potencialidades inominadas da psique humana.

Como prova adicional a apontar para o futuro desenvolvimento da consciência humana, gostaria de citar as conclusões do Professor Rhine, baseadas na sua longa e cuidadosa experimentação em clarividência na Universidade de Duke.

Colocámos a questão (O que é a mente humana?) como sendo ainda a mais fundamental na psicologia moderna, se não na própria vida. Pareceu possível encontrar uma nova abordagem a esta questão, reexaminando e investigando uma doutrina antiga e aceite da nossa ciência — a crença de que nada pode entrar na mente exceto pelas portas dos sentidos reconhecidos. Este dogma psicológico tornara-se, assinalámos, uma velha e quase indiscutida fronteira da mente, que muito contribuiu para moldar a visão geral da sua natureza que hoje sustentamos.

**New Frontiers of the Mind, Farrar & Rinehart, 1937.*

A própria investigação representa um teste crítico deste dogma da inviolabilidade da fronteira sensorial da mente. Se pudéssemos encontrar qualquer via extrassensorial para o conhecimento, não só esse conceito deixaria de ser a lei circunscritiva da mente que outrora se considerou, como uma nova fronteira, um novo horizonte ficaria estabelecido.

Essa nova fronteira foi agora estabelecida, a menos que todos nós, que a temos explorado através de anos de testes e de muitas centenas de milhares de ensaios, tenhamos estado completa e continuamente autoiludidos ou sido incompetentes, não só no laboratório de Duke, mas também noutros locais. Ou a ilusão é a explicação dos nossos resultados, ou então encontrámos prova de que a mente do homem tem efetivamente uma via extrassensorial de percepção e, por conseguinte, gostemos ou não, a velha fronteira tem de seguir o caminho da mecânica newtoniana à luz da relatividade.

Uvani foi o primeiro controlador que utilizou o meu transe para comunicar. Ao longo de vários anos, deu repetidas provas da sobrevivência da vida humana para além da morte e transmitiu mensagens da mais pessoal natureza entre pessoas vivas nesta terra e os seus “mortos” conhecidos nas condições do “além”.

Uvani deu de si, na terra, a imagem de “um árabe insolente e intolerante, que tomava os seus prazeres sem consideração por quem quer que se lhe atravessasse no caminho”. Mas, em todas as suas comunicações, sempre se mostrou gentil, bondoso e meticulosamente atencioso. A mudança na sua natureza ocorreu, diz ele, desde a morte. Na terra foi Yusuf ben Hafik ben Ali, membro de uma nobre família mercantil de Basra, ligada principalmente à exportação de fruta. Viveu há algo mais de um século e, à data da sua morte, tinha cerca de quarenta e oito anos. Foi morto enquanto combatia contra os turcos. O nome “Uvani”, que adotou, significa “O Filho da Felicidade”.

Abdul Latif (Abd-ul-Latif), que mais tarde passou a usar o meu transe como meio de comunicação, disse-se ter sido persa. Nascido em Bagdade no século XII, morreu no século XIII, aos sessenta e nove anos. Foi médico e astrónomo, viajou extensamente e esteve ligado à corte de Saladino, na época das Cruzadas. O Barão Sylvestre de Lacy coligiu e transcreveu as numerosas referências a Abdul Latif na literatura árabe, e na Bodleian Library, em Oxford, há um livro escrito

pelo próprio Abdul Latif, sobre o qual o Sr. R. M. Saunders escreveu o seguinte:

É conhecido como Al Mokhrasir (O Compêndio). É em pergaminho, com seis polegadas e meia de largura por nove e três quartos de altura, e consiste em cento e trinta e três páginas escritas em belos caracteres árabes. Está amarelecido pela idade de uns sete séculos, mas a escrita é clara, sem uma única alteração ou correção, e é do próprio punho de Abdul Latif. Trata das suas viagens no Egito, com observações sobre as suas condições no ano de 1200 d.C., e é a mina em que, durante séculos, os historiadores têm escavado informação desse período.

Dou estas breves notas sobre as histórias de dois dos meus principais controladores porque, no passado, levantei a questão da sua realidade enquanto personalidades que falaram através do meu transe. Na verdade, não tenho qualquer desejo de pôr em causa a sua integridade ou reputação, e a questão volta a ser aqui tratada porque pessoas que, no passado, souberam da minha incerteza a este respeito, continuam a escrever-me perguntando se cheguei a alguma conclusão.

Não cheguei a qualquer determinação nova ou definitiva. Mas é preciso compreender que, em certo sentido, considero o problema puramente pessoal. Não se baseia de todo em querer negar ou refutar Uvani e Abdul Latif, mas antes nasce do meu sincero desejo — bem como da minha necessidade íntima — de descobrir a realidade factual de todo o processo pelo qual os controladores presumivelmente comunicam. Tenho um sentimento definido de que estamos talvez à beira de mais revelação sobre todo o tema da comunicação controlada, e tenho uma certeza interior de que esse novo conhecimento estará relacionado com a natureza e as capacidades da consciência humana.

“Saúde e Cura por Ação do Espírito.”

Nesse capítulo, portanto, decidi tocar em vários pontos ligados a todo o problema. Confio que se entenderá que estes pontos são oferecidos simplesmente como luz refletida a partir de várias facetas da questão como um todo.

Qualquer pessoa que tenha tido uma experiência de vida de algum modo semelhante à minha terá sido confrontada, de tempos a

tempos, com problemas de natureza tão subjetiva e vital que se tornou imperativo resolvê-los no seio da própria consciência do indivíduo, independentemente de todo o ensino específico e de qualquer consenso geral de opinião sobre os temas. Tais pessoas recebem conhecimento e entendimento de duas fontes — o campo sensorial geral e certas áreas não sensoriais de experiência intuicional. E, no caso de estas duas linhas de efeito não se fundirem e integrarem prontamente com o somatório presente da consciência individual, em qualquer momento particular, surge um problema cuja solução só pode desenvolver-se a partir da natureza do próprio problema.

Em capítulos anteriores, dei algum relato, em parte factual e em parte impressionista, da minha experiência de vida e talvez seja claro como tudo isso conduziu à minha atual necessidade psicológica de alcançar uma compreensão que eu possa interiormente aceitar, acerca dos controladores e dos seus processos.

Até ao presente momento, não fui capaz, em mim própria, de aceitar plenamente os controladores como inteligências separadas. A hierarquia de todas as religiões inclui tais seres, eu sei, e a minha fé na sobrevivência humana para além da morte poderia parecer um fundamento suficiente para a sua aceitação. Contudo, ao mesmo tempo, todo o apelo da religião e da psicologia dirige-se ao desenvolvimento da consciência humana individual. O facto prático é que nem a minha fé nem a minha experiência psíquica me trouxeram a um contacto consciente e objetivo com tais entidades como os controladores, enquanto a nossa ciência bem desenvolvida, apesar de muitas tentativas, não encontrou qualquer meio de os diferenciar da minha própria individualidade.

Enquanto a psicologia moderna continua a acumular dados sobre estados anómalos de ser, e começa a alcançar a sua quota de êxito no reajustamento de casos individuais, eu preocupo-me sobretudo com o destino humano como um todo. Tenho a sensação de que, para a maioria das pessoas, religião e imortalidade são como uma letra de câmbio; mas comove-me profundamente descobrir a força e a integridade reais por detrás da assinatura simbólica do título. Se esta assinatura for, de facto, símbolo de algum nível do meu próprio ser — um lembrete que alguma porção da minha psique apresenta à consciência — então encontrarei os “controladores” dentro de mim, e também serei capaz de encontrar meios de coordenar melhor uma

aparente dualidade subjetiva e objetiva numa nova unidade na minha própria consciência.

Pode supor-se que a pessoa mais intimamente interessada no processo efetivo que ocorre no transe mediúnico é o médium ou sensitivo que se submete ao estado de transe. No entanto, é ela a pessoa mais claramente impedida de ajudar a nossa compreensão rumo a uma solução do mistério, porque, durante o período de transe, está inconsciente — alheia a si própria, ao ambiente e ao material que está a ser comunicado através dela. Ao regressar ao “normal”, interessa-se muitas vezes intensamente, até se surpreende, com o material que foi revelado. Ao entrar no estado de transe, não sabe que controlo poderá usar o seu organismo, nem o que poderá ser expresso por seu intermédio.

Para o sensitivo que é naturalmente inquisitivo, esta situação é, em certo sentido, desconcertante; e, sempre que um novo controlador fala ou escreve através do seu transe, é naturalmente levado a perguntar-se o que lhe terá acontecido para que tal fenómeno tenha ocorrido.

Colocámos a questão (O que é a mente humana?) como sendo ainda a mais fundamental na psicologia moderna, se não na própria vida. Pareceu possível encontrar uma nova abordagem a esta questão, reexaminando e investigando uma doutrina antiga e aceite da nossa ciência — a crença de que nada pode entrar na mente exceto através dos portais dos sentidos reconhecidos. Este dogma psicológico tornara-se, assinalámos, uma velha e quase indiscutida fronteira da mente, que muito contribuiu para moldar a visão geral da sua natureza que hoje sustentamos.

Mas, se os controladores são entidades separadas e individualizadas, com meios de conhecimento que eu não possuo natural e potencialmente, então a minha necessidade é ser mais útil do que já sou — mais útil para eles.

Não se suponha que eu não queira saber, encontrar a solução para este problema psicológico. No momento, porém, essa solução escapa, sem dúvida, a todas as capacidades da minha apreensão. Mas angustia-me especialmente que esta interrogação na minha própria mente não crie qualquer conflito na fé ou no entendimento de outras

peças. É por mais realidade e clareza em toda a situação — uma situação universalmente importante, a meu ver — que busco continuamente.

O meu estado presente não é de convicção absoluta. Ao longo de longos períodos digo a mim mesma que não poderia, de forma alguma, encontrar, apenas com o conhecimento da minha mente, as respostas que chegaram através de mim às pessoas que procuravam comunicar com os mortos. Aí tenho uma fé infantil, inquestionada, de que tenho ajuda externa neste trabalho e, como uma criança, fico profundamente satisfeita que assim seja. Em tais tempos de profunda paz e aceitação, permaneço num estado de reverência por me ser dado ajudar outros desta forma, e encho-me de ânimo e de otimismo.

Mas há sempre um dia em que me pergunto com que direito considero o universo tão disposto que eu deva ser benignamente assistida por aqueles cujos padrões de vida já se teceram por este mundo. Quando tais momentos chegam, fico só nessa infinita solidão de espírito em que a consciência encontra o eu em áreas de ser absoluto. O meu desejo é então estar só e observar, sem assistência, as ondas interiores de luz continuarem a moldar o meu destino.

Assim, contemplo a minha própria condição e fico frente a frente comigo mesma com padrões interiores de vontade e iniciativa para alcançar ou criar nova força. Vejo, como através de uma janela, uma longa perspectiva ao longo da estrada da minha vida, e sei quão afortunada sou por ter tido acesso ao lugar onde experienciei a irradiação do espírito para o mundo da matéria.

Disse-se que sou arrogante por questionar a validade dos controladores. Mas, à luz do meu próprio entendimento, creio simplesmente que sempre me foi difícil aceitar que tal beneficência me tivesse sido conferida.

Tem-se apontado que concedo tacitamente demasiado à consciência humana finita. Mas, por mim, tive de acreditar que encontrei um caminho para esse reservatório universal do ser no qual todos os acontecimentos ocorrem e se encontram — e dentro do qual se encontra também a chave para o caminho do nosso próprio crescimento, do crescimento dos nossos irmãos e, na verdade, para a evolução de toda a vida.

Isto também sei: se, secamente, resolvesse a minha mente quanto às formas e meios pelos quais a consciência opera, fecharia assim a porta à aventura normal presente da minha vida e a muitos significados que ainda hão de vir. O crescimento da sensibilidade é eternamente progressivo. Estou continuamente a tomar consciência de canais novos e inesperados para a exploração da consciência. Ter a certeza de que se alcançou um último grau de verdade é pôr em perigo não só a si mesmo, mas também a própria verdade. Dizer “eu sei” marcaria uma aceitação, uma conclusão que poderia fechar a porta ao mistério da luz que continua a levar-me à exploração e à aventura. Este problema da natureza dos controladores é, na verdade, a chave do campo do meu presente pioneirismo.

Quando questionados sobre a minha atitude para com eles, os controladores são sempre generosos. Afirmam e mantêm firmemente a sua própria realidade; referem-se a mim como “amada” por eles. E aqui há pureza e grandeza, pois amar implica dar, e não há dádiva que exceda o servir e o criar para o amado. Sempre tive consciência desta verdade. Ela ensinou-me a renúncia da pequenez e a glória do serviço.

Resolver a minha mente numa conclusão sem mais provas seria, portanto, admitir que terminei a aventura do espírito. Mas não terminei a aventura — a aventura da vida como um todo. Quando sou confrontada com a tarefa de ajudar outros, procuro esses níveis mais profundos do ser de onde, ao longo dos anos, retirei ajuda compassiva — as profundidades para lá do sono, a que desci e onde encontrei sabedoria infalível e altruísmo, bem como constantes lembranças das minhas responsabilidades. Por isso, aceito, com graça e boa vontade, os controladores que não consigo explicar nem compreender de forma definitiva.

Muitas pessoas acreditam que a personalidade dos controladores foi estabelecida, visto que elas próprias tiveram experiências em que os controladores se manifestaram para e através delas. Por outro lado, há muito cheguei à convicção de que, se os controladores são cisões na minha personalidade, têm direito a usar nomes para efeitos de identificação e clareza.

As afirmações dos controladores nem sempre concordam com a minha opinião pessoal consciente. Se fazem afirmações que parecem estar muito próximas do meu ponto de vista, digo que não há

diferença entre nós. Se surge uma diferença, surpreendo-me e o meu problema renova-se; mas, nesses casos, não sou responsável e, assim, nenhum conflito se produz.

Não se conseguem explicar certos dons ou faculdades, como um bom ouvido para a música, uma voz magnífica para cantar, ou alguma força ou fraqueza moral notáveis. Estão lá, partes da constituição natural do indivíduo. Do mesmo modo, os controladores podem ser partes não identificadas de mim própria ou — como muitas pessoas preferem pensar — podem ser entidades separadas. Em qualquer dos casos, o mais importante é que as funções representadas pelos controladores continuem a criar padrões de entendimento construtivo — a partir da sua própria intuição profunda ou da minha. Todas as coisas extraem o seu sustento da mesma vida e espírito infinitos. É da natureza do homem preocupar-se com processos.

Além disso, se os controladores são verdadeiramente eles mesmos, então compreenderão certamente que as minhas questões e dúvidas se baseiam apenas numa necessidade imperativa de manter a fidelidade à vida e a mim própria — e, na realidade, também a eles.

O meu fracasso inicial em aceitar os controladores no nível alto e inquestionado em que muitas pessoas os aceitaram e aceitam recebeu respaldo, em certo sentido e medida, da atitude de Hewat McKenzie, na cuja integridade e juízo eu tinha plena confiança. Cito um parágrafo de um livro anterior* sobre este ponto:

Hewat McKenzie foi o único dos líderes do movimento espírita que se recusou a tomar qualquer pronúnciação de uma personalidade de controlo como inevitavelmente a palavra de algum “Poder Superior”. Explicou-me que, a seu ver, as possibilidades do transe mediúnico tinham sido desperdiçadas e deixadas deteriorar, de modo que agora funcionava sobretudo em níveis emocionais e sentimentais. Isto deveu-se ao facto de que, quando os controladores surgiram pela primeira vez após um médium potencial entrar em transe, ninguém os considerou como personalidades limitadas que poderiam elas próprias necessitar de ajuda e treino, a fim de compreender o mais alto uso da sua própria posição e funcionamento. Explicou-me que uma personalidade de controlo é apenas um intérprete do que lhe chega de outros estados de consciência e, portanto, ele (a personalidade de controlo) tinha de ser ensinado a fazer o uso mais puro dos seus

poderes e a transmitir apenas a partir dos níveis mais elevados da verdade.

*My Life as a Search for the Meaning of Mediumship, p. 136.

Não quero insinuar que Hewat McKenzie seja, de algum modo, responsável pela minha atual falta de certeza. A sua atitude era inteiramente diferente da minha. Mas foi nesta atmosfera de profundo desejo de compreender as realidades efetivas da comunicação que tive grande parte do meu treino inicial, e continuo a esforçar-me por as compreender mais claramente.

Mais tarde, Uvani, questionado por alguns dos meus “participantes” mais objetivos acerca do processo que usa na comunicação, afirmou, mais de uma vez, que recebe mensagens por meio de impressões visuais e que tem de interpretar o significado dessas imagens para as projetar através da minha mente. Num caso, explicou como obteve a impressão do nome da irmã falecida de um consulente, Prudence.

Uvani explicou que primeiro viu uma coluna vertical. Não tinha a certeza, ao princípio, se se destinava a formar um P ou um F. Depois viu a imagem de uma purse (bolsa) e então soube que a letra era um P. Perguntou se a bolsa significava algo para o consulente. Ao receber uma resposta negativa, procurou mais associações do significado da palavra “purse”. Palavras como “cautela”, “poupança” e “prudence” ocorreram-lhe. Então, num relâmpago, disse, “algo encaixou”, e soube que o nome era “Prudence”. Anunciou-o como o nome da irmã falecida do consulente, e o inquiridor admitiu que assim era.

A maneira como o nome da irmã foi obtido por Uvani enquanto eu estava em transe é exatamente a mesma com que trabalho no meu estado desperto, clarividente. Os símbolos aparecem, têm de ser interpretados, e a interpretação dá-se através de um “estalo” ou “clique” de compreensão, por meio do qual o observador sabe.

Durante a minha última visita a Cannes, sofri uma aflição contínua que envolveu as profundezas da minha vida e do meu espírito. Era o início da primavera de 1940, um longo período de semanas de incerteza e tensão. A Europa fora mergulhada na guerra, mas, até então, Hitler atacara a França apenas psicologicamente e de

forma indireta. Na Primeira Guerra Mundial, eu passara muitos meses da minha vida em serviço de guerra em França, e agora horrorizava-me que todo o sofrimento, dor e morte que eu vira e conhecera naqueles anos anteriores nada tivessem conquistado de definitivo — tudo tinha de ser novamente suportado.

Sabia, como todos sabiam, que a França aguardava o regresso do holocausto, e um profundo receio impessoal enchia-me a mente. As formas a que nos habituáramos depois de 1918 iam de novo ser despedaçadas, o mundo ia de novo ser abalado até aos alicerces, e eu estava sensivelmente consciente, dia após dia, do desastre iminente.

Nesta condição de angústia espiritual, fui muitas vezes a uma pequena igreja do século XIII — a de S. Cassiano — que ficava num círculo de carvalhos, a dois ou três quilómetros da cidade, numa pequena colina. A propriedade confinava com o aeródromo, que ameaçara a sua remoção, mas sem sucesso. Na pequena igreja, encontrei uma atmosfera que casava com a minha disposição profunda — um silêncio e um sentimento de paz tão puros e tão sustentados que eram quase de outro mundo.

E ali S. Cassiano falou comigo, dizendo-me que a igreja atual substituíra uma capela original do quinto século, sua, e que, antes disso, o local fora o sítio de um santuário pagão. Eu própria estava sensivelmente certa de que ali fora derramado sangue humano sacrificial, e havia uma lenda sinistra de seis esqueletos femininos encontrados enterrados sob os ciprestes da avenida. Mas também me tornei interiormente consciente de que o lugar não fora apenas cenário de sacrifício; fora igualmente um lugar de milagres.

Em todo o tempo creio profundamente no poder criador da fé e, nas circunstâncias presentes, sentia o que era quase uma força compulsiva a instar-me a pôr a minha fé em penhor em nome dos meus amigos. Sucedia que, nessa altura, tinha três amigos para quem a vida estava a ser drasticamente difícil. Um estava doente, outro suportava a tensão de perdas financeiras sem precedentes e outro enfrentava uma crise social. Comovia-me profundamente ajudá-los a todos, mas não encontrava maneira de ser praticamente útil.

Por fim, sob a pressão do tempo e do lugar, pedi a S. Cassiano três milagres: que o desastre que ameaçava cada um dos meus amigos

pudesse ser resolvido e evitado por vias corretas e que os seus sofrimentos presentes se transformassem em alegria. E, à medida que as semanas passavam, tive notícias de cada um dos três. A doença de um fora curada; a ameaça financeira do segundo fora aliviada pelo aviso de um legado inesperado; o perigo fora definitivamente removido do futuro do terceiro.

Assim, voltei à pequena igreja para agradecer a S. Cassiano pelos seus três milagres. E, no silêncio intemporal do espaço vazio, disse-me ele: “Pediste três milagres. Eu peço apenas um. Farás isso por mim? Fiz erguer este santuário para que a fé dos homens pudesse ser justificada pela cura das suas aflições. Mas esse propósito foi esquecido. Sabes que aqui está o poder, não sabes? Quererás, então, restaurar este santuário à sua intenção original, pois só assim poderá ele voltar a justificar plenamente a sua existência?”

“Estou disposta em espírito e gratidão”, disse eu, “mas a carne... Que posso fazer? Não tenho dinheiro nem prestígio suficientes...”

“Reconheces o poder e tens a fé.”

“Sim, tenho”, reconheci. “E farei o que me pedes, de algum modo.”

“Está bem”, disse. “Podes também mostrar-me uma bondade. No Tanneron tenho outro pequeno santuário. É conhecido como o Santuário de S. Cassiano. Tem a gentileza de lá ir e abrir a porta, só isso, apenas abrir a porta.”

Poucos dias depois, fui de carro e encontrei a pequena capela, que estava em ruína, e abri a porta, como me fora indicado. Ao fazê-lo, três morcegos voaram para fora, e soube, estranhamente mas com clareza, que o pequeno edifício já não continha o espírito de santidade, mas estava consignado a um destino de completa ruína e desintegração.

De passagem, posso dizer que a Igreja de S. Cassiano, em Cannes, ainda aguarda a rededicação à sua missão original. Fazer algo quanto a isto é o meu empreendimento por completar. Não possuo a facilidade de S. Cassiano em milagres; ainda assim, estou muito certa, dentro de mim, de que, quando esta guerra terminar e a França estiver

a recuperar das suas feridas, a igreja de S. Cassiano, em Cannes, se tornará um centro importante para a manifestação de nova fé e cura no mundo.

Afirmar que S. Cassiano me falou, contando-me a história da fundação da sua igreja e sugerindo maneiras pelas quais eu poderia servi-lo. Ao narrar a experiência a amigos, perguntaram-me: “Mas como é que ele te falou? Estavas em transe?” Eu não estava em transe. Ouvi-o falar-me diretamente, como alguém pode ouvir outra pessoa falar distintamente numa sala adjacente. Foi uma experiência invulgar para mim, na sonolenta tarde ensolarada — uma experiência auricular, direta e puramente sensorial.

Historicamente, S. Cassiano pertenceu à Igreja primitiva do século V. Nascido na Provença, ao que se supõe, tornou-se célebre como recluso e foi um dos primeiros fundadores de instituições monásticas na Europa ocidental. Diz-se que as suas afinidades religiosas estiveram sempre com o Oriente; visitou o Egito e habitou durante vários anos entre os ascetas que viviam no deserto por trás das margens do Nilo. Foi ordenado por Crisóstomo em 403, em Constantinopla.

Ao longo de toda a minha vida, estive consciente do facto de que cada pessoa possui um segundo corpo, por assim dizer, um duplo. Este duplo não deve ser confundido com o “surround” a que me referi. O duplo é um facto distinto no ensino oriental e teosófico e, como tal, diz-se ser um corpo de energia, uma área magnética associada ao corpo físico humano, uma área em que as forças imateriais do cosmos, do sistema solar, do planeta e do meio mais imediato são normalmente transformadas na vida e no ser do indivíduo. Os teosofistas falam desta área como o duplo etérico ou o corpo astral. Eu própria não conheço a natureza e a constituição do duplo; ainda assim, não tenho objecção válida a oferecer à teoria. Tomo o “surround” como uma fase no funcionamento do duplo.

Percebo o duplo associado a cada corpo humano e descobri, na minha própria experiência, alguns dos meios pelos quais ele pode ser conscientemente usado para a expansão da vida e da consciência individuais.

O duplo é o meio da projeção telepática e clarividente. Projeção consiste na transferência da centralização da própria consciência — a concentração propositada da atenção e da percepção — para além do círculo das capacidades puramente individuais. Envolve um reajustamento em relação ao “normal” de todas as partes e faculdades da vida. O metabolismo do organismo físico altera-se. Para mim, a projeção “ocorre” a partir de um ponto no peito, ao nível dos seios, e é acompanhada por uma sensação de “tracção” nesse ponto, por um tremelicar nessa zona, por palpitações do coração e por uma aceleração da respiração. Se a projeção se prolonga por muito tempo, desenvolve-se uma ligeira sensação de aperto na laringe e tomo consciência de uma sensação “cabeça-leve” no lobo frontal. Talvez deva deixar bem claro que, durante a projeção, estou consciente, de modo subsidiário, desses efeitos como sensações.

O que é que é projetado? Não posso dar uma resposta científica a esta pergunta. Mas sei, por mim, que a projeção é um acontecimento no campo das energias. A vontade, as capacidades perceptoras não sensoriais e a faculdade de consciência são os fatores mais óbvios envolvidos. Focada neles, uma larga medida da força vital é retirada da sua rotina normal de operações. As forças do corpo de energia ou duplo são mobilizadas em grau elevado e fundem-se no propósito imediato, que é ao mesmo tempo subjetivo e objetivo para quem projeta.

Noutras palavras, sob o comando da vontade, todas as energias da vida pessoal estão temporariamente focadas de modo intenso num ponto de propósito que se situa fora das relações “normais” da vida individual. Ou, ainda, todas as faculdades da vida individual se fundem em identificação com uma condição completamente objetiva para a vida e a consciência do indivíduo.

As limitações do tempo e do espaço são transcendidas, e a pessoa percebe, está ciente, sabe, ouve, vê, sente, participa nos dados de condições e eventos distantes. O processo e os possíveis resultados de tal projeção foram descritos no livro *Thoughts Through Space* e no “Experimento de Newfoundland”, em *My Life as a Search for the Meaning of Mediumship*.

Ler uma mente distante, estar presente em consciência num acontecimento distante — tais experiências transcendem as nossas

conceções do campo de operação da mente humana. Ainda assim, ocorrem; e o que me parece implícito nesse facto é a prova inequívoca de que a mente do homem é capaz de transcender o campo que agora comumente concebemos como sendo o seu.

Até onde vai essa transcendência? A que alturas ou profundidades da vida universal é capaz de chegar? Na minha opinião, ninguém conhece estas medidas sem espaço e sem tempo. Tudo o que sabemos da capacidade, de todo, no entanto, foi alcançado através das operações da própria mente humana. Em todos os casos autênticos, tal projecção evidencia a descoberta, pela mente do homem, de factos que existem no espaço-tempo para além de todos os possíveis alcances das capacidades sensoriais. Mesmo esses factos descobertos nem sempre são substanciais, a não ser no sentido de que os pensamentos são coisas. Teremos, mais cedo ou mais tarde, de alterar as nossas concepções de pensamento, consciência e mente humana. E, ao fazê-lo, onde iremos situar os controladores?

Como por vezes concebo o problema, coloca-se a sugestão alternativa de que os vários controladores, em vez de serem entidades individualizadas existentes noutra plano de inteligência que o nosso, representam e indicam um desenvolvimento de capacidades psíquicas que é normal à consciência dos sensitivos por cujo intermédio os controladores presumivelmente comunicam.

Uvani, Abdul Latif e muitos outros controladores comunicaram através de numerosos outros além de mim. Nestes volumosos comunicados, registados ao longo de um período considerável de tempo, creio que reside um valioso campo para estudo e avaliação psicológicos, com a possível recompensa de uma nova iluminação de enorme importância para todo o processo da compreensão que o homem tem de si mesmo.

Creio que possivelmente há uma sequência de desenvolvimento descobrível, desde a fase de um controlo para a seguinte, com uma mudança correspondente na natureza do material comunicado, e que ambas poderiam revelar paralelos nas vidas dos sensitivos. Mesmo que tal estudo sugerido não comprovasse este ponto, aprenderíamos, sem dúvida, algo cientificamente factual acerca dos processos psicológicos da comunicação e da mediunidade. É, sem dúvida, na psicologia do indivíduo humano que as várias capacidades de

sensibilidade são desenvolvidas e este é, claro, o ponto do nosso interesse mais imediato e prático.

Estou a tentar dar, aqui, indicações sobre a natureza do meu problema atual, sem forçar quaisquer conclusões. Para mim, o problema é absolutamente realista e vitalmente importante. Todo o meu passado de experiência e todas as minhas intuições do futuro estão focados nele. Na humildade da simples honestidade, portanto, permita-se-me sugerir que, sem desejar de modo algum deslocar Uvani, por vezes pergunto a mim mesma se não terei eu própria desenvolvido para uma fase de capacidade telepática e clarividente que se aproxima da sua capacidade de encontrar os materiais que ele comunica. Sinto que posso oferecer esta sugestão sem deslealdade e sem fazer violência a qualquer realidade. Fundamental e bastante impessoalmente, a sugestão aponta a possibilidade de que o homem não tem de morrer para descobrir e revelar estados distantes de ser — distantes no tempo, no espaço, ou em ambos. Para mim, Divani significa, de algum modo subtil, o passado.

E, do mesmo modo subtil e impressionista, Abdul Latif significa o futuro. Será que esta impressão de uma diferença entre eles denota alguma intuição interior das minhas próprias potencialidades de desenvolvimento futuro? Há que lembrar que, para mim, o problema não é apenas pessoal; diz respeito à própria natureza do homem, ao sentido inteiro da vida humana. Abdul Latif é objetivo para a minha apreensão interior num sentido em que Uvand não é. Em Abdul Latif experimento um sentido de poder que desperta o meu profundo respeito, ao modo como usualmente respondemos ao poder com o qual ainda não estamos familiarizados.

Creio que poderá lançar uma luz sumária sobre este aspeto do assunto se eu citar brevemente o Comentário do Dr. C. G. Jung ao T'ai I Chin Hua Tsung Chih, em O Segredo da Flor de Ouro.

Trabalhei sempre com a convicção temperamental de que, em última análise, não há problemas insolúveis, e a experiência tem-me justificado até aqui, pois vi frequentemente indivíduos que simplesmente “ultrapassaram” um problema que destruíra outros. Esse “ultrapassar”, como lhe chamei antes, revelou-se, com mais experiência, ser a elevação do nível de consciência. Surgiu no horizonte da pessoa algum interesse mais alto ou mais amplo e, por

essa ampliação da sua visão, o problema insolúvel perdeu a sua urgência. Não foi resolvido logicamente nos seus próprios termos, mas desvaneceu-se em contraste com uma tendência de vida nova e mais forte. Não foi reprimido nem tornado inconsciente, mas simplesmente apareceu sob outra luz e, assim, tornou-se diferente.

O que, no nível inferior, conduzia aos conflitos mais selvagens e a emoções cheias de pânico, visto do nível mais alto da personalidade, agora parecia como uma tempestade no vale vista do topo de uma alta montanha. Isto não significa que a trovada seja despojada da sua realidade; significa que, em vez de se estar dentro dela, está-se agora acima dela. Mas uma vez que, no que respeita à psique, somos tanto vale como montanha, parece uma vã ilusão sentir-se alguém acima do que é humano. O indivíduo certamente sente o efeito e é convulsionado e atormentado por ele e, ao mesmo tempo, tem consciência de uma consciência mais elevada que o impede de se identificar com o efeito, uma consciência que toma o efeito objetivamente e pode dizer: “Sei que sofro.”

Aqui e ali aconteceu, na minha prática, que um paciente cresceu para além das possibilidades sombrias dentro de si, e a observação desse facto foi para mim uma experiência de importância primordial. Entretanto, aprendi a ver que os maiores e mais importantes problemas da vida são todos fundamentalmente insolúveis. Têm de o ser, porque exprimem a polaridade necessária inerente a todo o sistema autorregulador. Nunca podem ser resolvidos, apenas ultrapassados. Perguntei-me, portanto, se esta possibilidade de ultrapassar, ou de desenvolvimento psíquico ulterior, não seria o normal, enquanto ficar preso a um conflito seria algo patológico. Toda a gente deve possuir esse nível mais alto, pelo menos em forma embrionária, e, em circunstâncias favoráveis, deve poder desenvolver essa possibilidade.

O meu propósito ao citar Jung é insinuar o meu apreço pelo facto de, embora tenha falado do meu problema mental e psíquico como puramente pessoal, ele ter ao mesmo tempo relações mais amplas no campo da psicologia. Experimentei repetidamente o “ultrapassar” a que me referi e, por vários métodos que descrevi neste livro e noutros lugares, experimentei repetidamente a elevação do nível da minha consciência.

Por meio de exercícios e experiências psíquicas curei-me, em grande medida, nos vários domínios do meu ser físico, emocional e mental; e progredi na unificação do que Jung chama a dualidade do consciente e do inconsciente, mas que me sinto impelida a pensar como uma unidade tripla — subconsciente, consciente e supraconsciente. Sei que os “problemas” psíquicos individuais são problemas do nosso entendimento da psique racial, condicionada de vários modos, e das suas relações com a consciência universal no seu todo.

Serão, então, os chamados “controladores” fatores misteriosos da minha própria psique? Não sei.

Sei que, apesar de profundas determinações internas minhas, a minha vida tem sido basicamente delineada para mim a partir de fontes que parecem existir fora de mim, e, em vários casos, os controladores, consultados pelos meus amigos, souberam que as minhas próprias determinações nunca se concretizariam. Uma vez mais, eu estava determinada a romper com o passado e a fazer um novo começo num ambiente fresco — possivelmente a Austrália. Não obstante, continuei a trabalhar em Inglaterra. Decidi abandonar o meu trabalho como médium de transe; no entanto, Abdul Latif, quando interrogado sobre isso, riu-se suavemente e disse: “Isto é apenas uma fase do seu desenvolvimento. Ela não o vai abandonar.” E por um tempo não abandonei. Hewat McKenzie advertiu-me repetidamente sobre como eu devia viver — não fumar, não beber álcool, um controlo geral e abstinência de todos os apetites possíveis; e eu disse-lhe, em substância: “No dia em que, por causa da mediunidade, tiver de deixar de viver de formas que são normais para mim, nesse dia abandonarei a mediunidade em vez disso.” Contudo, a abstinência desenvolveu-se naturalmente e sem esforço, e a sensibilidade não se perdeu...

(Poderá ser de interesse que reproduza nas páginas seguintes um conjunto de três gráficos comparativos de um teste de metabolismo, com as respetivas indicações de (1) o meu estado normal; (2) um primeiro estado de transe — Uvani — e (3) um segundo estado de transe — Abdul Latif. Estes gráficos foram feitos há seis ou sete anos e não têm valor científico, uma vez que são extratos de um estudo experimental que nunca foi concluído. Dão, no entanto, indicações de diferenças — ainda que apenas por sugestão — diferenças no estado

de consciência em que foram feitos. Reproduzo-os pelo seu valor gráfico e pelo interesse que possam ter como indicadores incidentais.)

Há pessoas em Inglaterra, França e noutros países, bem como na América, que se interessaram em seguir para onde quer que a minha curiosidade me pudesse levar. Estas passagens são uma resposta às suas cartas de inquérito. Muitos deles perguntaram-me o que procuro. Creio que a verdadeira resposta é: um modo de viver num estado de felicidade o mais completo possível, de acordo com a minha natureza. Para o alcançar, deixei o cérebro em paz. Não estou de todo certa de que o cérebro seja a sede da mente, como fomos ensinados a acreditar; possivelmente a mente perpassa todo o corpo.

Não concebo a mente como composta por um vasto número de ideias, memórias e reflexões, reunidas por acaso. Penso nela como um eu altamente treinado e sagaz, que ativa, usa e controla cada órgão do corpo, as suas relações internas e as relações externas do organismo como um todo. Cada ideia singular é cuidadosamente construída de partes, criando pensamento e ação, que por sua vez afetam a substância do nosso mundo. O que é a substância do nosso mundo não sabemos. Sabemos apenas como ela nos aparece, de acordo com o nosso estado mental presente. Pela instrução, sabemos muitas coisas sobre o mundo, e aceitamos esses dados científicos; mas continuamos na ignorância quanto aos atributos essenciais, à essência, à verdadeira natureza da matéria. Continuamos ignorantes do que nós próprios somos e das nossas reais relações com o universo.

Sendo assim, como poderia eu empreender explicar a felicidade? Só os que já a experimentaram entenderiam o que quero dizer. Basicamente, a felicidade vem de dar. Não quero dizer simplesmente dar as matérias-primas do mundo substancial sob a forma de posses, mas dar também — e livremente — louvor, serviço, amor, simpatia; dar-se à cena natural e dar sincera gratidão à vida por cada dia. Quero dizer dar da essência do próprio ser, uma luz nos olhos, o toque de uma mão, simpatia em palavras; dar-se à magia do momento e aos elementos; dar quer o caminho seja duro quer agradável, mas dar sempre o que se tem e o que se é — dar vida à vida. Só isto cria felicidade e torna possível a adequada gratidão com que se recebe o que quer que a vida nos traga em retorno.

Esta é uma filosofia simples mas básica. Levo no coração um sonho do mundo — a derradeira perfeição e integridade do homem. Adotar “uma atitude” perante essa visão seria maculá-la. A perfeição não pode ser alcançada com facilidade, pois a facilidade é um interregno entre uma tarefa a cumprir e a próxima. Assim, preocupo-me primariamente com os métodos do meu próprio viver; se estes forem corretos nas circunstâncias do presente, daqui a um milhão de anos o meu sonho de perfeição última continuará autêntico, criativo e verdadeiro.

Perguntaram-me o que penso ser a verdade pela qual se deve viver. Dei a minha resposta acima — estar uno com o todo. O mundo continua à procura de um conceito de verdade, como estavam os gregos e os que vieram antes deles. Verdade, no que me diz pessoalmente respeito, é o princípio segundo o qual expresso a experiência e as energias da minha vida. O coração de cada um deve conduzi-lo a perceber a sua verdade. Cada vida tem a sua própria razão. Mas, para o homem, o verdadeiro idealismo e o materialismo prático não podem ser separados, tal como o espírito e o corpo não podem ser divididos na vida. Estou contente por deixar a dogmática aos dogmáticos; para mim, retenho a filosofia responsável de unidade com o Absoluto.

Concebo a individualidade como sendo preservada para sempre dentro dos mais altos princípios de ordem. Concebo o corpo como sendo o vaso da mente. As minhas reflexões, sensações e até as minhas ações, creio, são governadas a partir da mente exterior, a mente universal.

Conceber assim é, então, conceder que os controladores, sendo partes desse estímulo eterno, podem muito bem ser o que afirmam ser. De facto, neste ponto do meu desenvolvimento, é muito mais simples aceitá-los do que defini-los e explicá-los; e, por falta de mais provas, o seu caso fica em repouso. Mantenho uma compreensão aberta e clara das suas funções. Acima de tudo, não os intelectualizo, para que, ao fazê-lo, não exclua as percepções que provêm das misteriosas áreas universais de conhecimento que jazem para além de mim e para além de todas as capacidades presentes do entendimento humano.

CONCLUSÃO

Nos capítulos deste livro discuti vários aspetos das relações que existem e operam entre vários tipos de percepção e consciência humanas e o mundo envolvente em que vivemos — um mundo no qual nos revelamos e expressamos apenas de maneiras toscas e parciais. Enfatizei o facto de grandes fases da nossa vida diária ocorrerem em áreas que não dependem de qualquer atuação direta da percepção sensorial, mas que, pelo contrário, ocorrem por meios que terão de permanecer simplesmente misteriosos para quem os examine a partir de uma base sensorial rígida.

Todavia, estas percepções não sensoriais ocorrem de facto e são completamente realistas, e têm estado mais ou menos em evidência em todos os tempos, ao longo das idades conhecidas do passado do homem. Não são uma fase fresca ou nova na psicologia humana, mas estiveram presentes como capacidades da psique humana desde tempos imemoriais. Mas o homem sempre temeu o seu ambiente; e, embora tenha agora conquistado inúmeros aspetos dos elementos físicos, fê-lo aceitando e seguindo sucessivamente as descobertas e revelações de uns poucos pioneiros.

Através dos pioneiros, o homem nunca esteve sem um sentido do seu horizonte criativo, e não está sem ele hoje. Uma vez que tem agora nas mãos as ferramentas para alcançar soluções para todos os problemas que o seu meio físico possa apresentar, enfrenta a necessidade evolutiva de finalmente se descobrir a si mesmo.

As capacidades no homem que operam independentemente das suas faculdades sensoriais são vulgarmente chamadas “psíquicas”, para indicar a sua qualidade não física e não sensorial. Mas o verdadeiro significado da palavra “psique” leva-nos para além desta

diferenciação superficial de termos e sonda as profundezas da nossa natureza humana. “Psique” é a palavra grega para alma, e o dicionário diz que psicologia é “a ciência da alma humana; especificamente, o conhecimento sistemático ou científico dos poderes e funções da alma humana, na medida em que são conhecidos pela consciência”. A alma é definida como “a parte espiritual, racional e imortal no homem; aquela parte do homem que lhe permite pensar e que o torna sujeito de governo moral”.

Nos nossos empreendimentos psíquicos, portanto, estamos evidentemente a exercitar as capacidades e qualidades da alma. Mas não nos devemos tornar dogmáticos aqui, porque as áreas da consciência da alma são, sem dúvida, muito mais livres e ilimitadas do que aquelas áreas de consciência a que as nossas mentes racionais podem aceder. O que provavelmente estamos agora a descobrir — ou redescobrir — são as primeiras franjas de um campo evolutivo existente desde a Antiguidade que a humanidade pode, ou não, estar pronta para explorar. Para mim, parece que chegou o tempo desta exploração; mas o desfecho depende, claro está, da qualidade efetiva da consciência do mundo como um todo.

Podemos notar, em qualquer caso, que um dos factos mais notáveis acerca dos estados de consciência suprasensórios é que eles transcendem os preconceitos e predileções pessoais habituais. Entra-se numa atmosfera de completa impessoalidade, para lá da necessidade usual de criticar, analisar e avaliar. Em equilíbrio, alerta e concentrado acima do nível da personalidade, apreendem-se as linhas de luz, os símbolos e formas, os sons e os aromas que despontam, fulguram e se desvanecem nesse lugar sem nome.

E, quanto a mim, sei que entre essas sequências de “acontecimentos” psíquicos e as fases superpessoais de consciência em que são percebidos existe alguma afinidade natural e correspondência de qualidades. À medida que nos vamos apercebendo, página a página, do conteúdo do romance que lemos, e passamos a conhecer, a partir dos símbolos das suas palavras impressas, as suas pessoas, lugares e acontecimentos (que nunca chegaram a existir em substância ou tempo físicos), assim, em estados suprasensórios, percebe-se, através de um conjunto diferente de símbolos, as verdades de outro estado de ser. Em vez de usar os meus olhos e um telescópio para examinar um planeta distante, uso a

respiração para transpor as minhas capacidades de percepção de um nível de consciência para outro.

Há uma tendência geral para fazer deste processo um mistério, quando me parece ser uma operação humana perfeitamente natural, que não requer mais talento ou treino do que muitas outras atividades humanas. Esta tendência deve-se, estou certa, ao facto de a maioria das pessoas recusar ou falhar em experimentar tipos de experiência suprasensória. No entanto, estas não são senão o reverso da prática constante da nossa vida diária, na qual transformamos ideias suprasensórias em forma e ação físicas...

Dentro de mim — mental, emocional e imaginativamente — decido ir a Washington. Não existe nenhuma razão positiva para eu ir a Washington, exceto o meu próprio desejo interior e inclinação para o fazer. Mas eu decido ir a Washington; e essa decisão imaterial é a raiz, o modelo, a causa, em relação à qual inúmeras coisas no mundo físico terão de entrar em ação — horários e comboios, quartos de hotel, restaurantes, o pessoal de vários estabelecimentos e os mecanismos de numerosas organizações. Este é o processo pelo qual todos os acontecimentos factuais no nosso mundo entram em existência e atividade.

Será uma ideia monstruosa que, desviando-me do tempo e dos comboios, dos hotéis e do pessoal das organizações — de todo o mundo físico — eu possa centrar a minha consciência em si mesma e descobrir esse outro lado da vida, no qual a minha decisão de ir a Washington se originou? Para mim, a ideia de ser movida por forças que não pudesse descobrir, conhecer e experimentar seria uma ideia monstruosa, porque — por um lado — aceitar tal conceito e tal atitude seria supor e conceder que existe uma clivagem, uma rutura, no jogo circular de energia do universo, e eu sei que não há tal rutura. A ciência sabe que a natureza abomina o vácuo e não acredita, ela própria, num vácuo. Nem eu. O universo é contínuo com a substância da vida, e onde há vida há consciência.

Sabe-se também — tanto pela ciência como pela religião — que o processo da continuidade do universo assenta num padrão trinitário do um, do outro e da relação entre ambos — repetido indefinidamente. Nada vive só para si, e tudo o que existe está unido, da periferia ao centro deste universo global. O ensinamento cristão da Trindade —

três Pessoas num só Deus — tem as suas correspondências orientais e teosóficas num padrão causal trinitário semelhante, cujas partes podem ser pensadas como energia, qualidade e manifestação; e estes modelos primários refletem-se na força vital, na natureza e na forma de toda a coisa criada.

Como tudo o resto, o homem é construído segundo este modelo trinitário — espírito, alma e corpo. A ciência moderna, apesar de a psicologia se ter instituído como ciência, pouco ou nada quer ter que ver com ideias de alma e espírito, confinando-se ao campo do físico. Pode, no entanto, ir ao ponto de conceder que a constituição humana poderia ser dividida em três fases amplas, se assim se quisesse — os aspetos mentais, emocionais e físicos óbvios do ser humano. Tal conceção da natureza do homem limita injustificadamente a humanidade, como crê a religião, pois a esperança da salvação humana não reside nas faculdades físicas, emocionais e mentais do homem enquanto tais, mas precisamente nas capacidades superiores da alma e do espírito que nele existem.

Se pusermos de lado, por um momento, os nossos preconceitos — sejam eles religiosos ou científicos — e considerarmos este problema de novo e com total objetividade, lembrando entretanto que, em psicologia como em física, ação e reação são iguais, teremos de reconhecer que não é nas nossas capacidades físicas nem sensoriais que se tomam as decisões da nossa vida, mas nas fases qualitativas misteriosas da nossa “natureza” ou “caráter” imateriais. É nas áreas sintéticas da vida humana que, por agora, estão para lá da análise, que as nossas afinidades e aversões são determinadas e reconhecidas.

Somos “elétricos” de ponta a ponta com o magnetismo da vida e das relações que, ao nível físico, dão ao átomo forma insubstancial como um campo magnético de energias elétricas inter-relacionadas, positivas e negativas, em equilíbrio e em movimento. Tudo no mundo participa deste dualismo atómico. Mas por detrás da dupla natureza do átomo jazem aquele estado e momento de criação em que a essência do universal se difunde em individualidades e em que, por sua vez, as essências das individualidades são novamente transmutadas na unidade indiferenciada do todo.

Começar a dar-se conta deste processo é começar a ser de mentalidade universal, consciente da alma; e o seu efeito psicológico

mais notável é que se começa, através da compreensão, a perder o medo de ambas as fases do ser a que chamamos vida e morte.

Esta excursão algo metafísica tem decididamente a ver com o nosso tema, pois a alma humana pode ser pensada como o princípio na natureza humana que, ao mesmo tempo, divide e une a parte e o todo, o indivíduo e o universo. Por via da alma, o espírito universal anima continuamente o homem individual; e, por via da alma, o indivíduo, na prática da aspiração, devoção, amor e adoração — atividades nas quais transcende a sua separação individualizada — reúne-se de novo, em graus variados, com o todo.

A percepção suprassensória é, então, de carácter religioso?

Em certo sentido, creio que é. Se religião significa “ligar de volta à fonte”, a capacidade de percepção para além do alcance físico dos sentidos é uma fase no processo desse retorno. Note-se que tais exercícios “psíquicos” são, em si mesmos, isentos de dogma ou qualquer sectarismo. Pertencem ao grande corpo da religião natural, na qual todos os processos sustentados mas mutáveis da natureza estão continuamente envolvidos. Quer acreditemos ou não que, no seu conjunto, o nosso universo está a evoluir, sabemos sem margem para dúvida que há vastas áreas abertas à evolução da vida individual.

Na verdade, isto é tudo o que qualquer um de nós precisa de compreender. A partir desse ponto de compreensão, podemos prosseguir o nosso próprio desenvolvimento, se quisermos. E não tenho dúvida de que, em alguma fase do nosso progresso, experimentaremos capacidades de percepção que transcendem o campo sensorial — do mesmo modo que estou perfeitamente certa de que a capacidade geral da mente humana para a inteligência, o conhecimento e a compreensão foi definitivamente ampliada e desenvolvida nos últimos trezentos anos.

Atrevo-me a escrever em termos de alma e espírito porque estou profundamente impressionada pela convicção de que a vida humana moderna sofre de um ignorar habitual dos horizontes. Os horizontes estão lá, mas não queremos olhá-los. Todavia, é nas áreas que jazem entre nós e os horizontes que o homem pode — está destinado a — encontrar o seu desenvolvimento futuro e a sua liberdade mais plena. Não sem simpatia e compreensão se exorta os nossos semelhantes a

levantar os olhos e a consciência do círculo imediato das percepções da personalidade; a nossa educação no minucioso foi longa, e as condições que inibem a nossa liberdade mais plena são tensas. No entanto, o Espírito nunca esteve sem as suas testemunhas entre os homens; e, como já disse, acredito que chegou o tempo de uma expansão definida da consciência humana, através de uma renovada percepção dos horizontes espirituais.

Talvez deva enfatizar-se que, ao considerar o tema da percepção suprasensória, se está a lidar com algo que não é mais misterioso do que os outros processos metabólicos e de pensamento do nosso viver quotidiano. Poucos de nós sabem como o alimento que comemos é secretamente transformado nas atividades de uma guerra mundial, numa empresa filantrópica ou numa composição musical. Vivemos estes processos secretos diariamente sem deles termos consciência, e todavia podemos tornar-nos conscientes deles em certa medida, dirigindo para eles a atenção da nossa consciência.

Do mesmo modo, as energias da alma e do espírito no homem estão continuamente a ser transmutadas, pelos processos internos da nossa vida, na aceitação consciente ou negação da moral e das condições da vida boa. Do nosso ponto de vista presente, a alma é o sinete da aliança do homem com o universal, e o movimento nesta direção é atividade positiva e expansiva.

Para a aceitação da ideia do universal, não é preciso negar nada — exceto as próprias limitações autoimpostas. Por exemplo, podemos continuar tão firmemente assentes no materialismo quanto quisermos; ainda assim temos de encontrar o segredo da substância que jaz oculto para lá do átomo, seja esse átomo o da substância física, seja o ser humano considerado como um átomo no universo; e é digno de nota que, nos tempos atuais, muitos cientistas exprimem os seus próprios conceitos da unidade da vida, as suas próprias intuições e inspirações superpessoais, em termos puramente filosóficos e em termos de simbolismo matemático. Entretanto, a liderança política do mundo está a pressionar a consciência geral da humanidade no sentido de uma moralidade mais ampla. E, embora estas atividades da ciência e da política se baseiem firmemente em fundamentos materialistas, podemos ver nelas, com toda a clareza, como a consciência humana se está a deslocar para o campo universalista.

Embora a substância deste capítulo se ocupe do retorno da consciência individualizada à sua fonte no universal, o capítulo não pretende ser uma prédica religiosa. É “santo” apenas no sentido em que fala da nossa afinidade inata com o todo, a Unidade universal. É “sagrado” apenas no sentido em que, num mundo decididamente profano e confuso, enfatiza a natureza livre da vida e da consciência que há em nós.

Estou convencida de que a libertação da humanidade de muitas das suas angústias presentes será alcançada através de uma compreensão mais clara, mais realista, da unidade existente entre os aspetos subjetivos e objetivos da vida humana. Esta convicção, como procurei mostrar delineando as minhas próprias dificuldades e desenvolvimentos, não é uma teoria, mas o resultado de experimentação direta com a vida. Naturalmente, não pretendo instar ninguém a empreender o desenvolvimento dos seus poderes “psíquicos”, mas insto muitos a uma consideração séria daquelas faculdades internas que operam para lá dos domínios da percepção sensorial e para lá das áreas restritas dos seus próprios interesses pessoais.

Especificamente, quero enfatizar o facto de que aquilo a que agora chamamos as fases “psíquicas” da nossa experiência humana não são anormais, mas sim normais. Nunca antes a vida civilizada foi tão anormal como agora, nunca antes a relação do homem com a natureza foi tão ténue e remota. Enamorados da nossa própria forma, refletida no lago do nosso mundo civilizado, feito pelo homem, estamos nostálgicos de auto-admiração e, como Narciso, estamos a afundar-nos nesse lago de materialismo que nos sufocará o sopro da vida e deixará apenas a triste memória de uma excelência potencial que poderia realmente ter sido.

Qualquer bom psiquiatra pode explicar-vos os efeitos anormais e limitadores do narcisismo. O egotismo, voltado sobre si mesmo, cria uma ilusão psicológica, e as realidades da vida no mundo em geral despontam e desvanecem com tanta significância quanto miragens. A ação e o motivo passam a centrar-se no eu, e as verdadeiras potencialidades da relação exterior são ignoradas. Não são estes os sintomas do mal-estar presente da humanidade? Oriente e Ocidente, estamos a assistir ao egotismo racial a separar-se da vida humana e a elevar as suas próprias obsessões à dignidade do tudo-o-que-importa.

Oriente e Ocidente, vimos as nações às apalpadelas para preservarem a sua segurança ilusória em meio a um caos que era a única realidade. Nestes tempos em particular, não é a inclusividade expansiva da psique que é anormal, mas sim o nosso ignorar de todo um mundo de realidades que jaz fora das nossas concentrações obsessivas imediatas.

Não é sem justa razão que a humanidade carrega uma constante, trémula, esperança e medo interiores relativamente à sua própria imortalidade. Firmar a convicção de imortalidade na nossa consciência é todo o objetivo e tarefa da religião e a fonte da juventude perpétua que a ciência procura. Buscando a esquiva companheira da sua mortalidade, o homem penteou os céus e a terra, sem sucesso. Mas há uma lenda antiga que conta que, num conselho dos deuses, quando consideravam onde esconder a chave dourada do destino do homem, para que ele não a encontrasse demasiado facilmente — e assim se tornasse divino — tiveram a ideia engenhosa de a esconder onde o homem menos provavelmente a procuraria — bem no fundo de si mesmo. E lá tem permanecido oculta ao longo das eras e até aos nossos dias.

Mas agora chegou o tempo da sua descoberta. Desiludido com a sua longa busca nos domínios objetivos da existência, e angustiado com o fracasso repetido das suas próprias criações em satisfazer a necessidade da sua vida, o homem está a voltar-se sobre si mesmo e a colher vislumbres da sua própria natureza interior. Colheu um lampejo intuitivo de insight que revela que este é o caminho. E, embora seja lento a virar-se de todas as maravilhosas conquistas do passado, nunca poderá escapar aos efeitos desse momento místico de percepção psíquica.

Na realidade, não temos de nos afastar de nada que seja real. Estamos enraizados no mundo físico e não o poderíamos abandonar, mesmo que quiséssemos. Mesmo para além da morte, a forma existe, implicando algum tipo de substancialidade. Do que temos de nos afastar é da nossa obsessão pelas minúcias, da nossa ilusão sobre a importância das partes. Temos de focar a consciência numa percepção, sempre em evolução, de totalidades sintéticas e libertar progressivamente as nossas naturezas através do jogo exteriormente expansivo da experiência, da simpatia e da compreensão. Para os pioneiros da vida este foi, em tempos, um país bravio, rude, desconhecido; mas deixaram-nos mapas e memorandos (símbolos)

que — se os usarmos — nos conduzirão suavemente a um novo pico psicológico em Darien.